



Leitura da Arte & Arte da Leitura





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares

Reitor

Eliane Lucia Colussi

Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Adil de Oliveira Pacheco

Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Simone Meredith Scheffer Basso

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow

Altair Alberto Fávero

Ana Carolina B. de Marchi

Andrea Poletto Oltramari

Angelo Vitório Cenci

Cláudio Almir Dalbosco

Cleiton Chiamonti Bona

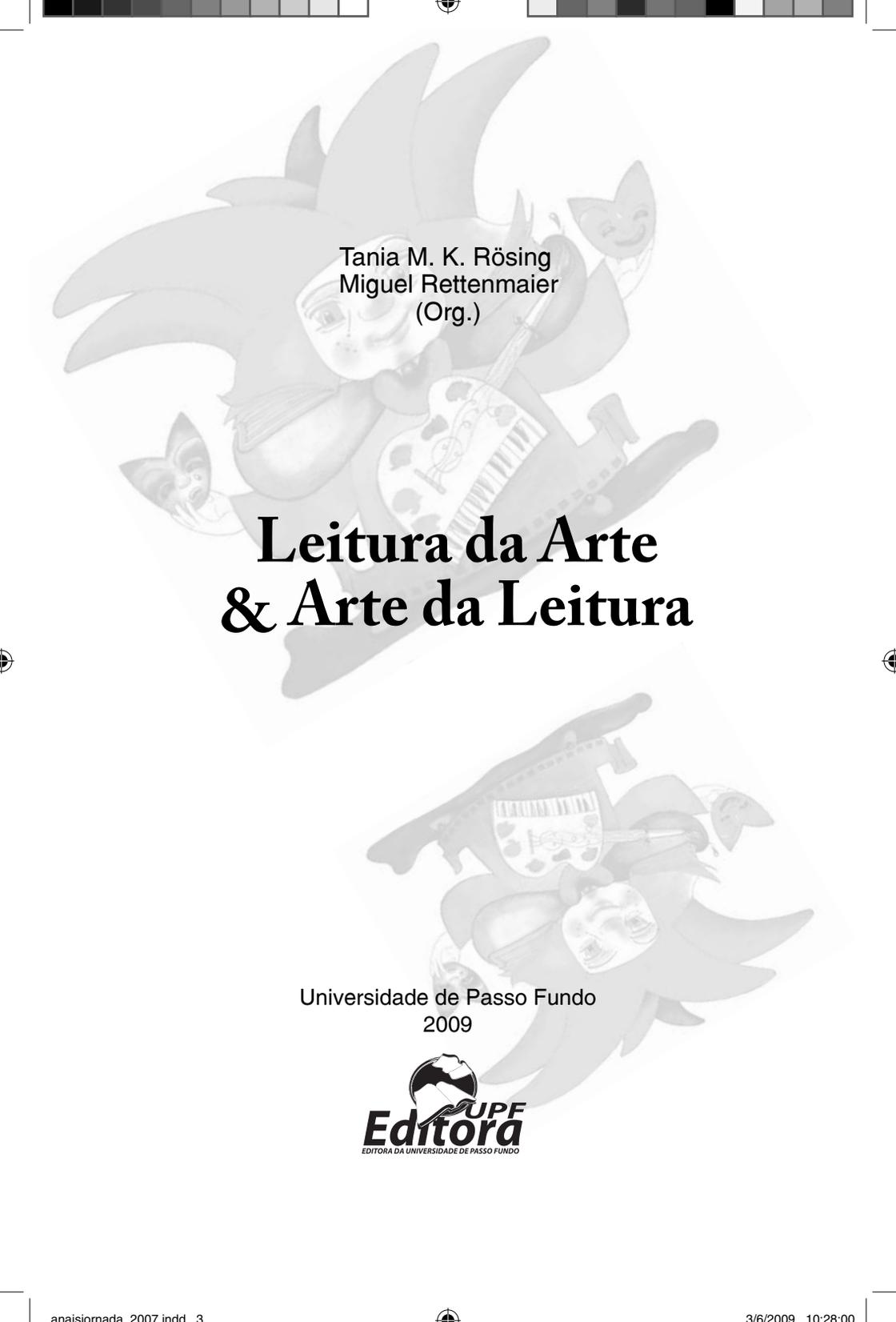
Edson Machado Cechin

Graciela René Ormezzano

Luis Felipe Jochins Schneider

Renata H. Tagliari

Zacarias M. Chamberlain Pravia



Tania M. K. Rösing
Miguel Rettenmaier
(Org.)

Leitura da Arte & Arte da Leitura

Universidade de Passo Fundo
2009



Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli

Editoria de Texto

Sabino Gallon

Revisão de Emendas

Alisson Gampert Spannenberg

Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva

Editoração e Composição Eletrônica

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Catalogação na Publicação

L533 Leitura da arte & arte da leitura / Tania M.K. Rösing, Miguel Rettenmaier (org.). – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
408 p. : il. ; 21 cm.

1. Literatura. I. Rösing, Tania M.K., coord. II. Rettenmaier, Miguel, coord. III. Jornada Nacional de Literatura.

CDU: 82:061.3

Biblioteca da Daiane Citadin Raupp CRB 10/1637

ISBN – 978-85-7515-682-7

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Leitura, arte e cultura: tríplice complexidade	9
--	---

Parte I – Abertura

Tania Rösing	17
Jeferson Assunção	22
Roseli Boschini	23
Marcos Vinicius Vilaça	25
Rui Getúlio Soares.....	27
Airton Langaro Dipp	29
Luciano Azevedo	31
Beto Albuquerque.....	33
10ª Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.....	35
5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura	37
Mia Couto.....	37
Autor-surpresa	42
Gabriel Chalita.....	42
Homenagem a Rui de Oliveira	55

Parte II – Palco de debates

Arte da Leitura	59
Reinaldo Montero	59
José Castilho Marques Neto.....	66

Arte e entretenimento	98
Marina Colasanti.....	98
Flávio Carneiro.....	100
Lúcia Araújo.....	103
Nelson Motta.....	105
Maurício Melo Junior.....	108
Arte, moral e erotismo	136
Mia Couto.....	136
Miroslaw Bujko.....	144
André de Leones.....	146
Elisa Lucinda	148
Milton Hatoum	151
Arte e transcendência.....	169
Affonso Romano de Sant’Ana	169
Lya Luft.....	176
Lúcia Bettencourt	179
Mariana Ianelli.....	181
Mario Sabino	187
Arte, mídia e hipermídia	201
Luiz Ruffato	201
Inimá Simões	203
João Alegria.....	206
José Luiz Jobim.....	210
Grande conferência – Arte e política: David, Marat	236
Carlo Ginzburg	236
Concessão do título de Doutor <i>Honoris Causa</i>	257
Biografia de José Ephim Mindlin.....	261
José Ephim Mindlin	265
Arte de rua.....	272
Ferréz.....	272
Coordenadores dos debates	299

Parte III – Cursos

Curso 1 – O que é cultura surda	305	
Karin Lílian Strobel		
Curso 2 – Curso para portadores de necessidades especiais (deficientes visuais)	306	
Elisete Lisboa		
Curso 3 – Histórias em quadrinhos	307	
Mark Badger		
Curso 4 – Como formar o leitor do texto teatral	308	
Reinaldo Montero		
Patrícia F. de Mendonça		
Curso 5 – O Brasil de Tarso de Castro: a arte da leitura & feitura de <i>O Pasquim</i>	310	
Francisco Carlos dos Santos Filho		
Mauro Gaglietti		
Curso 6 – A ficção brasileira do início do século XXI	311	
Flávio Carneiro		
Curso 7 – Introdução à história e técnica do cartaz e introdução à história e técnica da ilustração de livros	312	
Rui de Oliveira		
Curso 8 – A formação do leitor: mídia e seis questões contemporâneas..	313	
Bethânia Sampaio Marianira		313
Curso 9 – Tópicos de estilística discursiva: a descrição do estilo como <i>éthos</i> , voz, tom de voz e caráter	314	
Norma Discini		
Curso 10 – Curso avançado de <i>marketing</i> cultural	315	
Manoel Marcondes Neto		

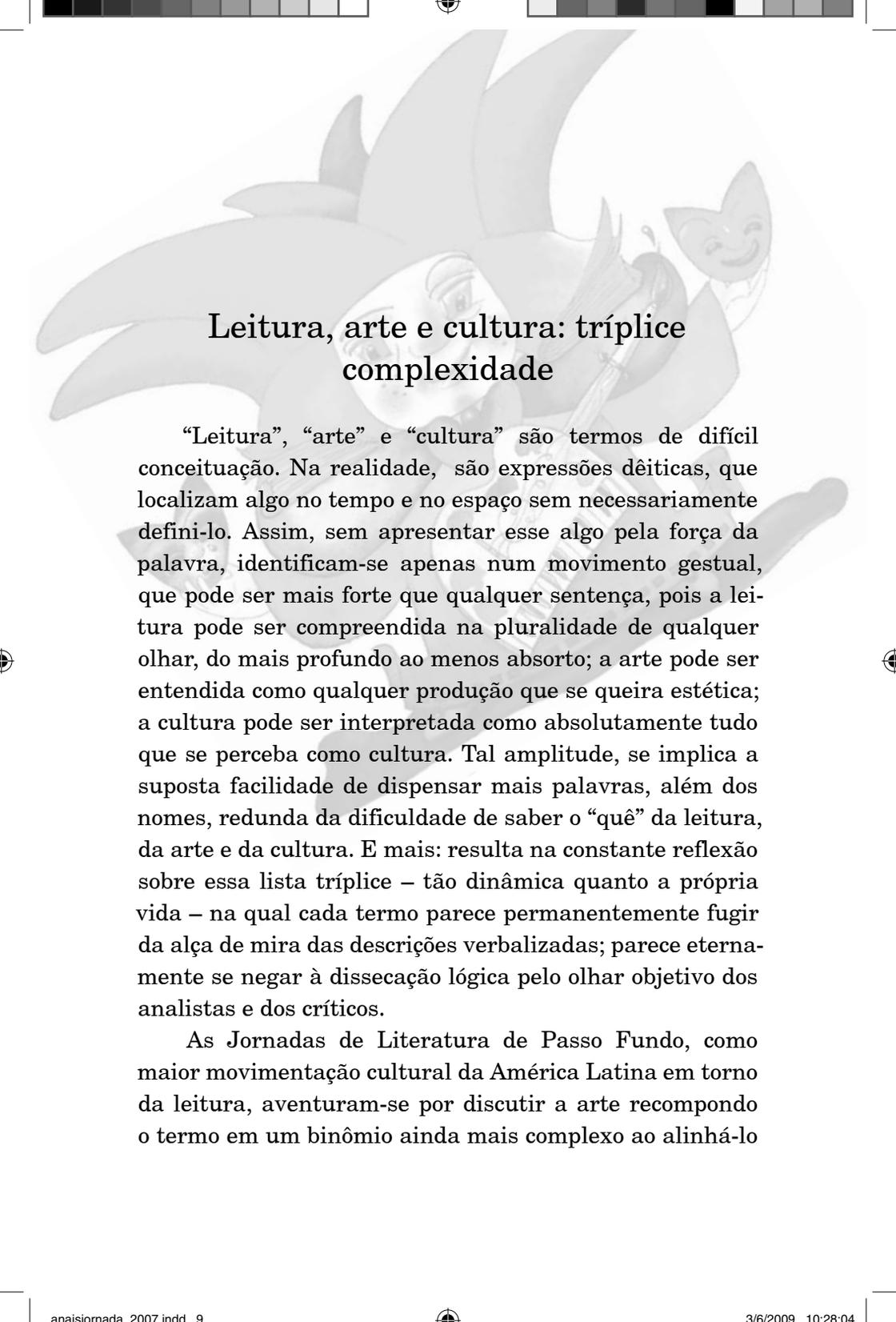
Parte IV – Encerramento

Elisa Lucinda	319
Mário Pirata.....	329
Rui Getúlio Soares.....	332
Airton Langaro Dipp	334
Júlio César Diniz.....	335
Tania Rösing.....	336

Parte V – Registro fotográfico

A Pré-Jornada	341
Festerê Literário.....	344
Sessões de autógrafos.....	347
Projeto Arte no Muro.....	352
Conferências	354
Conversas paralelas	356
Espectáculos.....	357
Exposições	365
Patrocinadores.....	374
Área externa.....	375

Parte VI – Registros da imprensa.....	377
---------------------------------------	-----



Leitura, arte e cultura: tríplice complexidade

“Leitura”, “arte” e “cultura” são termos de difícil conceituação. Na realidade, são expressões dêiticas, que localizam algo no tempo e no espaço sem necessariamente defini-lo. Assim, sem apresentar esse algo pela força da palavra, identificam-se apenas num movimento gestual, que pode ser mais forte que qualquer sentença, pois a leitura pode ser compreendida na pluralidade de qualquer olhar, do mais profundo ao menos absorto; a arte pode ser entendida como qualquer produção que se queira estética; a cultura pode ser interpretada como absolutamente tudo que se perceba como cultura. Tal amplitude, se implica a suposta facilidade de dispensar mais palavras, além dos nomes, redonda da dificuldade de saber o “quê” da leitura, da arte e da cultura. E mais: resulta na constante reflexão sobre essa lista tríplice – tão dinâmica quanto a própria vida – na qual cada termo parece permanentemente fugir da alça de mira das descrições verbalizadas; parece eternamente se negar à dissecação lógica pelo olhar objetivo dos analistas e dos críticos.

As Jornadas de Literatura de Passo Fundo, como maior movimentação cultural da América Latina em torno da leitura, aventuram-se por discutir a arte recompondo o termo em um binômio ainda mais complexo ao alinhá-lo

– problematicamente – à leitura. Tal desafio foi a natural manifestação de uma tendência de Passo Fundo de enveredar por caminhos difíceis, entre eles o primordial, que fundamentou um trabalho de mais de vinte e cinco anos de existência: formar leitores.

Assim, “Leitura da arte & arte da leitura” foi a temática de 12ª Jornada Nacional de Literatura, um encontro que fez atuantes e equivalentes todos os sujeitos leitores envolvidos na interação pela via do objeto estético. Nesse sentido, a arte, como coisa significativa, passou a ser mais do que é em si, essencialmente bela, pois sua beleza, mais do que das técnicas, das ferramentas, dos códigos, dos materiais e da magia criativa do artista, depende do olhar de quem a “vê”. Só é belo o que pode ser visto, só existe o que pode ser lido. Durante cinco dias, entre 27 e 31 de agosto de 2007, encontraram-se escritores, artistas, intelectuais e leitores do Brasil e de outras partes do mundo para discutir as incontáveis possibilidades que podem surgir no encontro das duas múltiplas faces da leitura e da arte.

A arte da leitura, na abertura do Placo de Debates, foi debatida por José Castilho Marques Neto do PNLL (Plano Nacional do Livro e da Leitura) e pelo dramaturgo cubano Reinaldo Montero, para quem ler é “um estado de graça”, é “degustar”. As relações entre a arte e o entretenimento foram debatidas pelos escritores Marina Colasanti, Flávio Carneiro, pelo jornalista (e escritor) Maurício Melo Junior, pelo compositor (e escritor) Nelson Motta e pela jornalista Lúcia Araújo. Em um mundo que afastou as manifestações artísticas dos objetos industriais de consumo, Marina Colasanti provocou o debate invocando um princípio capital: a arte é entretenimento.

As relações entre arte, moral e erotismo foram tratadas pelos autores brasileiros André de Leones, Elisa Lucinda (também atriz), Milton Hatoum e pelos escritores Miroslaw Bujko, da Polônia, e Mia Couto, de Moçambique, segundo o qual a leitura envolve uma doença: a de sonhar e a de querer ser um sonho. A discussão sobre arte e transcendência, antecipada pelo “Momento do poeta”, com a declamação de Afonso Romano de Sant’Ana, além da participação deste poeta, contou com os escritores Lúcia Betencourt, Mariana Ianelli, Mário Sabino e Lya Luft, para quem o transcendente é um elemento de união do humano, independentemente de religião.

A tecnologia na constituição do artístico foi o centro dos debates no tema “Arte, mídia e hipermídia”, os quais envolveram o crítico José Luiz Jobim, os jornalistas Inimá Simões e João Alegria e o escritor Luiz Ruffato, que mobilizou as reflexões iniciais do encontro com o seguinte repto: “Uma coisa que me chama sempre a atenção é o fato de que, quando uma nova tecnologia aparece, muitos dizem que o que já existia vai desaparecer [...]. Então, essa é a primeira questão que eu queria colocar para vocês. O livro, como nós o conhecemos, não desaparece.”

A 12ª Jornada Nacional de Literatura contou ainda com dois momentos singulares: a conferência do historiador Carlo Ginzburg, autor do fascinante *O queijo e os vermes*, e a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* ao leitor e bibliófilo José Ephim Mindlin. Na conferência, a temática “Leitura da arte & arte da leitura” realizou-se na fala de Ginzburg ao ser analisada a obra de arte *A morte de Marat*, de Jaques-Louis David, em entrelaço com o contexto de sua produção, na modernidade burguesa nascente. Na fala de Mindlin, leitor obsessivo, há a expressão

comovente de um símbolo vivo de amor aos livros, alguém que, transformando a leitura em arte, não faz nada “sem alegria”. A ampliação das compreensões de arte e de literatura ao universo estético das ruas permitiu que grafiteiros e o *rapper* Ferréz tivessem voz nos palcos de debates. Aqui, a realidade das dificuldades de sobrevivência em uma sociedade desigual e violenta – na qual quem lê é bicha, professor ou crente – transcriou-se em uma produção artística indignada e, por isso, impactante.

Na programação da 12ª Jornada Nacional de Literatura houve o oferecimento de dez cursos sobre diferentes assuntos, relacionados, direta ou indiretamente, ao tema “Leitura da arte & arte da leitura”. Entre eles estão os cursos sobre a ficção brasileira do século XXI, ministrado por Flávio Carneiro; sobre a leitura do texto teatral, por Reinaldo Montero e Patrícia Furtado; sobre a leitura para deficientes visuais, pela escritora Elisete Lisboa, e sobre as técnicas de ilustração de livros, ministrado por Rui de Oliveira. O ilustrador, a propósito, desenvolveu o bufão da 12ª Jornada Nacional de Literatura, sintetizando a ideia da leitura da arte e da arte da leitura, e também foi homenageado nessa edição de 2007.

Ficam aqui registradas também as falas de abertura e de encerramento da Jornada que ocorreu entre 27 e 31 de agosto de 2007. O pano caiu e a plateia vibrou, no último dia, com a expressão poética de Elisa Lucinda e de Mário Pirata. Mas todo o ocorrido perdura na memória de quem viveu esses dias com intensidade semelhante às imagens fotográfica que recordam desde o início todos os trabalhos, com a Pré-Jornada e com o Festerê Literário, até os momentos mais pungentes daquela semana, nas sessões de autógrafos, nos espetáculos, nas exposições. Esses anais,

ambiciosos a ponto de quererem registrar tudo o que aconteceu, mesmo o que se escreveu imprensa afora pelo país, são, contudo, insuficientes (é bom que se alerte já aqui, caro leitor!). Da mesma forma como as palavras são quase sempre inúteis para dar conceitos à leitura, à arte, à cultura, da mesma forma como não conseguem explicar o que é amor, paixão, dor, o que se firma nas páginas deste livro é apenas a mínima parte do que se viveu antes e durante a 12ª Jornada Nacional de Literatura. Vale, porém, nossa tentativa (vã, sabemos) de reter a emoção daqueles dias; vale também ao leitor destas páginas a proposta de tentar construir, artisticamente, em sua alma o que se viveu na Capital Nacional da Literatura nesses tempos.

Os organizadores





Parte I

Abertura





Tania Rösing*



Estavam todos vivendo
E não se sentiam vivos
Até chegar à cidade
A caravana de artistas

Em nome dos integrantes da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva interinstitucional desejamos saudar as distintas autoridades nacionais e internacionais que prestigiam esta sessão solene de abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura.

De forma especial, saudamos o deputado federal Beto Albuquerque e o deputado estadual Luciano Azevedo, que não mediram esforços, há vários meses, para serem via-

* Coordenadora geral das Jornadas Literárias.

bilizados os recursos para a realização desta Jornada. Tiveram o apoio dos deputados da região no mesmo sentido, formando a frente de defesa das Jornadas Literárias. Sentimos em cada um o desejo de ajudar, de sensibilizar autoridades e empresários para que esta festa fosse – e já está sendo – um acontecimento inesquecível.

Saudamos os estimados escritores, editores, livreiros, pesquisadores, artistas, músicos, atores que aceitaram o convite da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal para participarem efetivamente da 12ª Jornada Nacional de Literatura; os amigos leitores a quem dedicamos esta festa num lugar sagrado, no templo de celebração da literatura, das artes, da cultura como um todo, o nosso Circo da Cultura; nossos patrocinadores, nossos apoiadores, com quem desenvolvemos parcerias inteligentes que viabilizaram financeiramente a realização desta grande festa literária e das artes em geral, através do uso da Lei de Incentivo Federal – Mecenato e da LIC/Rio Grande do Sul.

Agradecemos, carinhosamente, a todas as pessoas que trabalharam anônima e incessantemente para preparar este momento – dias e noites foram gastos nesse trabalho. Mãos habilidosas, mentes criativas, sujeitos engajados, comprometidos, permitiram que pudéssemos estar neste espaço tão digno. Muitos desses trabalhadores não estão entre nós, mas a eles dedicamos o nosso reconhecimento. A todos esses incansáveis trabalhadores solicitamos um grande e entusiasta aplauso.

Estamos vivendo uma atmosfera diferente: é a interconexão entre diferentes manifestações culturais, artísticas, com ênfase na literatura. Continuamos a trilhar caminhos, a vencer obstáculos, para alcançar nosso maior

objetivo desde 1981: formar leitores, leitores críticos, leitores cidadãos. Nosso compromisso é com cada criança, com cada jovem, com os professores, com os bibliotecários, com os agentes culturais. Continuamos desejando mudar nosso país pela via da leitura e da formação dos leitores, de forma a tratar o ato de ler em toda a sua complexidade, não restrito apenas a materiais impressos.

A seleção do tema norteador pela Comissão Organizadora – “Leitura da arte & arte da leitura” – permitiu que déssemos mais um passo seguro em direção à consolidação das Jornadas Literárias de Passo Fundo como movimentação cultural. A Jornada, em sua história, tematizou tanto as questões sociopolíticas, discutindo a censura, a inclusão social e as diferenças culturais, quanto as inovações tecnológicas alicerçadas na globalização informatizadas do hipertexto.

Com o tema “Leitura da arte & arte da leitura” tenta incorporar as várias manifestações artísticas e perceber o sujeito leitor como um atuante artífice de múltiplas interpretações perante os produtos da cultura. A leitura, nessa concepção, ultrapassa a letra e o impresso e amplia-se nos múltiplos signos da arte. O leitor, mais do que mero receptor, passa a ser um ativo (re)construtor de sentidos.

A liberação de professores, bibliotecários e agentes culturais por autoridades de diferentes estados brasileiros contribuiu para a construção do grande debate que tem sua continuidade após a Pré-Jornada, pela conscientização da leitura das diferentes manifestações artístico-culturais como o viés atual do ato de ler. Esse importante tema inspirou o poeta Paulo Becker a criar a letra da canção oficial deste evento, “Caravana da ilusão”, musicada por Pedro Almeida:

Os palhaços vêm à frente
Abre-alas da alegria
E entre papos e sopapos
Fazem toda a gente rir.

Vêm os músicos em bando...
A tirar nos instrumentos
Melodias impossíveis
E todos vibram por dentro.

Vêm pintores retratistas...
A pintar em suas telas
A alma por trás das faces
E a alma sempre é mais bela.

Vêm poetas a ensinar
O idioma das estrelas
E noite adentro à janela
Todos conversam com elas

Vêm escultores armados
Com seus cinzéis e martelos...
A esculpir sonhos na pedra
E todos sonham-se eternos.

E vêm modernos cineastas
A fixar em celulóide
A vida de toda gente
E todos sentem-se heróis...

Vocês já se perguntaram? Vocês já imaginaram?

O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a ilusão que revela
As mais secretas verdades?
O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a beleza que empresta
Asas pra felicidade?

Certamente todos sairemos mais vivos depois de conviver com escritores, poetas, pesquisadores, artistas, contadores de histórias. Temos o dever de criar espaços e momentos para reproduzir em nossas comunidades as ideias inovadoras e promotoras de vida que aqui debateremos. Temos o dever de lutar pela ampliação de materiais de leitura a serem disponibilizados a toda a população dos lugares em que vivemos, democratizando a leitura, retirando o livro e as manifestações da cultura letrada dos círculos restritos da intelectualidade e colocando-os nas mãos de milhares de leitores.

Temos o dever de viabilizar o acesso a diferentes manifestações de arte a essas pessoas que ainda não tiveram a oportunidade de apreciar obras de arte, de se envolver com elas e ampliar sua sensibilidade.

Estamos felizes com a honrosa presença de todos nos diferentes momentos que constituem a complexidade da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Nessas vivências compartilharemos, mais uma vez, o desejo de transformar nosso país, e conseqüentemente o mundo, para melhor, a partir de atitudes pessoais e profissionais numa dimensão propositiva, inovadora, em busca da excelência de seus resultados.

Respeitável público, o Circo da Cultura se abre e o espetáculo das letras e das artes vai começar!

Jeferson Assunção



Eu vim trazer um abraço do ministro da Cultura, Gilberto Gil, do secretário executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, e desejar a todos uma excelente Jornada. A cultura brasileira é rica na sua oralidade, na sua diversidade, na sua espontaneidade e, agora, também está se tornando rica na sua dimensão escrita. Muito disso por causa de eventos que já são, na verdade, evento-processo, como a Jornada nos seus 25 anos. Eventos como este, que o Plano Nacional do Livro e Leitura tem mapeado e contabilizado, já chegam a milhares e estão fazendo do Brasil um país que lê. Muito obrigado e boa Jornada.

Roseli Boschini



Na condição de presidente da Câmara Brasileira do Livro, é com alegria que participo da abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, uma festa que a cada ano se consolida como divisora de águas no cenário brasileiro, pois a iniciativa promove não só a leitura, mas também uma discussão aprofundada em torno das reflexões e transformações que provoca. A Câmara Brasileira do Livro reconhece a importância da Jornada e valoriza sua capacidade de ir além, na medida em que também se destaca na formação de uma nova geração de leitores, com a bem-sucedida Jornadinha Nacional de Literatura, já na quarta edição. É com orgulho que a Câmara Brasileira do Livro apoia esse empreendimento e suas diversas atividades, que envolvem autores jovens e consagrados, acadêmi-

cos, professores e um público apaixonado pela leitura. Da nossa parte estamos trabalhando para disseminar o hábito de leitura pelo país. Quem sabe o Brasil possa chegar aos impressionantes índices do Rio Grande do Sul, pois as pesquisas mostram que os gaúchos leem cinco livros e meio em média por ano, número três vezes maior que a média nacional. A Câmara Brasileira do Livro sabe que a competente professora e Doutora Tania Rösing e toda a sua equipe que fizeram a Jornada Literária de Passo Fundo contribuem muito para esses ótimos resultados do estado. Por isso, são exemplos a serem conservados em nossa jornada nacional, com o aumento do número de brasileiros leitores. Boa Jornada a todos e que aproveitem ao máximo estes próximos dias.

Marcos Vinícius Vilaça



Em nome da Academia Brasileira de Letras venho aplaudir esta iniciativa e declarar o nosso compromisso de integral apoio às Jornadas, tal como fizemos em vezes anteriores, estimando que este ano obtenha o resultado que nós todos conhecemos. A Academia Brasileira de Letras é uma instituição nada absenteísta: é uma instituição hoje situada no seu tempo e no seu espaço, comprometida não exclusivamente com letras literárias – este o grande e principal objetivo que herdamos de Machado de Assis e dos demais fundadores –, mas com o crescimento econômico e o desenvolvimento social. Não há educação, não há cultura, sem um adequado desenvolvimento social e um progressivo crescimento econômico. A ABL está preocupada com es-

ses aspectos e procurará contribuir sempre para que esses objetivos nacionais sejam alcançados. Quero saudar Passo Fundo pelo exemplo notável de compromisso com a cultura, com seus índices, que estimulam nacionalmente a leitura. E quero abraçar a professora Tania Rösing, que não é simplesmente uma cidadã, mas é um fenômeno da natureza. A Academia Brasileira de Letras quer pedir emprestada a professora Tania para sair conosco Brasil afora contando as suas experiências e multiplicando leitores pelo Brasil todo, ajudando no trabalho que a ABL tem a obrigação de fazer. Muito obrigado, boa sorte.

Rui Getúlio Soares



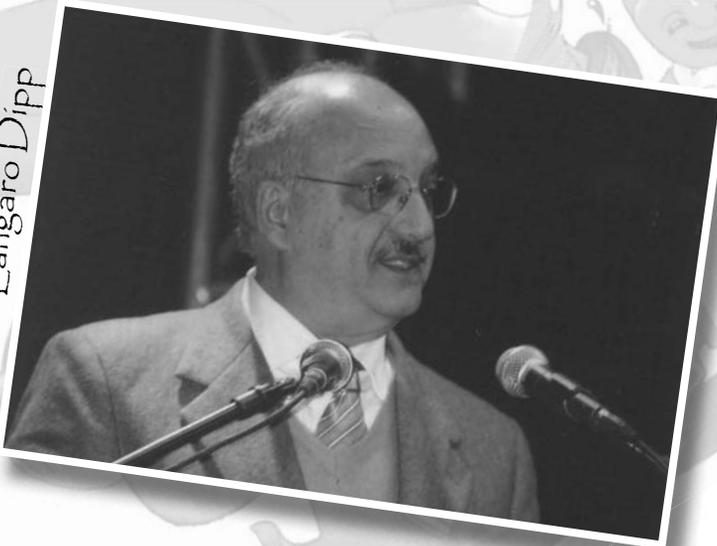
Desejo, inicialmente, saudar o sr. prefeito municipal, engenheiro Airton Langaro Dipp; deputado Beto Albuquerque, nosso deputado federal e representando a presidência da Câmara dos Deputados; deputado Luciano Azevedo, nosso deputado estadual, representando o presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande Sul. Desejo saudar os nossos vice-reitores aqui presentes, demais autoridades citadas no protocolo, especialmente a nossa coordenadora da 12ª Jornada Nacional de Literatura, professora Tania Rösing; senhoras e senhores, escritores, poetas, pesquisadores diferentes países, senhores músicos, atores de teatro e de televisão, editores, livreiros, cuja sensibilidade pela cultura tem difundido os programas e projetos que enaltecem o Brasil. Senhores e senhoras participantes da 12ª edição das Jornadas Literárias, promovida pelos integran-

tes da valorosa Comissão Organizadora interinstitucional e multicampi, responsáveis pela viabilização dessa festa literária.

Honra-nos a presença de todos no Circo da Cultura, exatamente quando a Universidade de Passo Fundo completa 39 anos e as Jornadas Literárias, 26, continuando a buscar através de diferentes estratégias a magnitude de seu objetivo: formar leitores críticos entendedores de linguagens as mais distintas e cidadãos. Desejamos manifestar nosso reconhecimento a todos que se empenharam em viabilizar os recursos necessários para a realização de mais uma edição dessa festa cultural, artística e literária. Estamos todos aqui no Circo da Cultura para aprendermos mais com a literatura, com o teatro, com a dança, com a pintura, com a música, com a fotografia, com a importância das ilustrações dos livros. Por isso, convidamos Rui de Oliveira para ser o grande homenageado desta edição da Jornada. Agradecemos por ter aceito o nosso convite e a nossa homenagem por trinta anos de ilustração de livros.

Temos a certeza dos resultados concretos que as Jornadas Literárias têm provocado na comunidade regional e do quanto o seu modelo e sua metodologia têm sido reproduzidos pelos mais diferentes recantos brasileiros. A inovação que representam constitui função básica de uma universidade comunitária como a UPF, cujo propósito transformador tem sido buscado em diferentes áreas do conhecimento. Em nome da Reitoria da Universidade de Passo Fundo, desejamos a todos que se sintam bem em nosso meio e que promovam debates importantes, levando um novo ânimo para as suas atividades profissionais, ajudando o nosso país a crescer e a se desenvolver. Que esta semana possa ser singular em suas vidas, contribuindo para o seu aperfeiçoamento pessoal. Sejam todos bem-vindos e obrigado pela suas simpáticas presenças.

Airton Langaro Dipp



Saudando o reitor da nossa universidade, professor Rui Getúlio Soares, juntamente com o presidente da Câmara Municipal, vereador Luiz Miguel, e a coordenadora da 12ª Jornada Nacional de Literatura, professora Tania Rösing, eu quero cumprimentar a todas as autoridades convidadas, aos professores, alunos, escritores, autores, editores. Uma saudação muito especial ao deputado Beto Albuquerque, representando a presidência da Câmara Federal, e ao deputado Luciano Azevedo, representando a Assembleia Legislativa. A Jornada Nacional de Literatura, ao longo dos 26 anos de existência, tornou Passo Fundo, a Universidade de Passo Fundo e o próprio estado do Rio Grande do Sul uma referência nacional na cultura, na arte e, especialment, na literatura, formando leitores por todo o Brasil. Quando comemoramos o sesquicentenário de Passo

Fundo, é muito importante que, em nome da comunidade dessa cidade, possamos agradecer e parabenizar a todos aqueles que construíram essa Jornada. Aos escritores, a Luiz Coronel, aos editores, aos artistas, enfim, a todos aqueles que participam da arte, da cultura e da literatura; aos nossos professores e alunos, que são os leitores que levam o conhecimento a toda a comunidade e, de forma muito especial, à Universidade de Passo Fundo.

A Universidade de Passo Fundo distingue-se de outras universidades comunitárias, de outras universidades privadas, pela Jornada Nacional de Literatura, esta excelência na área da cultura. E especialmente à professora Tania Rösing, que é uma lutadora, idealizadora da Jornada e que realmente briga muito para que isto possa acontecer a cada dois anos. Parabéns Tania e a toda a sua equipe. Parabéns à Universidade de Passo Fundo e que esta Jornada possa ser ainda melhor do que as anteriores, porque nós estamos comemorando os nossos 150 anos de existência. Obrigado.

Luciano Azevedo



Prezado prefeito municipal, engenheiro Airton Dipp; prezado deputado federal Beto Albuquerque, nosso conterrâneo, que representa Passo Fundo no Congresso Nacional; deputado estadual Marcio Biolchi; vereador Luiz Miguel, presidente da Câmara; professor Rui Soares, reitor da nossa Universidade de Passo Fundo, permitam-me em seus nomes saudar e cumprimentar a todas as autoridades já nominadas, fazendo, no entanto, uma saudação primeira e muito especial aos estudantes e, muito especialmente, às professoras ou professores que fazem a grandeza desta Jornada.

Quero aqui rapidamente dividir com todos algo que tive a oportunidade de testemunhar nesses últimos meses. Passei o primeiro semestre todo assistindo, acompanhando

do, tentando ajudar, torcendo o tempo inteiro, mas absolutamente impressionado com a comovente dedicação, com um esforço sem igual, com a luta sem precedentes, com a tenacidade e com a garra desta mulher que orgulha Passo Fundo, a professora Tania, que consegue hoje, graças a isso tudo, colocar de pé o Circo da Cultura. Foram, meus irmãos e minhas irmãs de Passo Fundo, intermináveis as viagens a Porto Alegre e a Brasília. Horas e horas dentro de ônibus e de aviões, semanas longe da família e das pessoas de que a Tania mais gosta. Quero aqui dizer – e tenho certeza de que todos querem dizer – que começamos mais uma Jornada graças a ti, com algumas certezas.

A primeira que reafirmamos aqui: a convicção de que é possível fazer cultura no interior do Brasil; é possível trazer a cultura, a arte, a literatura e o conhecimento para longe das grandes capitais. E nós passo-fundenses, eu e o prefeito dizíamos, nos orgulhamos disso. Quem vem hoje à Jornada pela primeira vez se surpreenderá; quem vem de regresso se surpreenderá muito mais, porque não há no Brasil e na América outro evento com tal capacidade de renovação e de compreensão das novidades que todo o dia o mundo nos oferece. Estamos todos, por isso, de parabéns.

Quero aqui, em nome da Assembleia Legislativa, dizer com muita clareza, Tania, que nós devemos isso a ti e a tua extraordinária equipe. A região está conosco, o Brasil olha para nós, mas Passo Fundo está extraordinariamente orgulhosa dos feitos que mais uma vez conseguimos e que se iniciam hoje. Se eu pudesse aqui fazer um só pedido, ou trazer um só desejo, tenho certeza de que seria coletivo e representaria aqui o que pensam os filhos da Jornada espalhados pelo mundo. O desejo é o seguinte: longa vida as nossas Jornadas de Literatura!

Beto Albuquerque

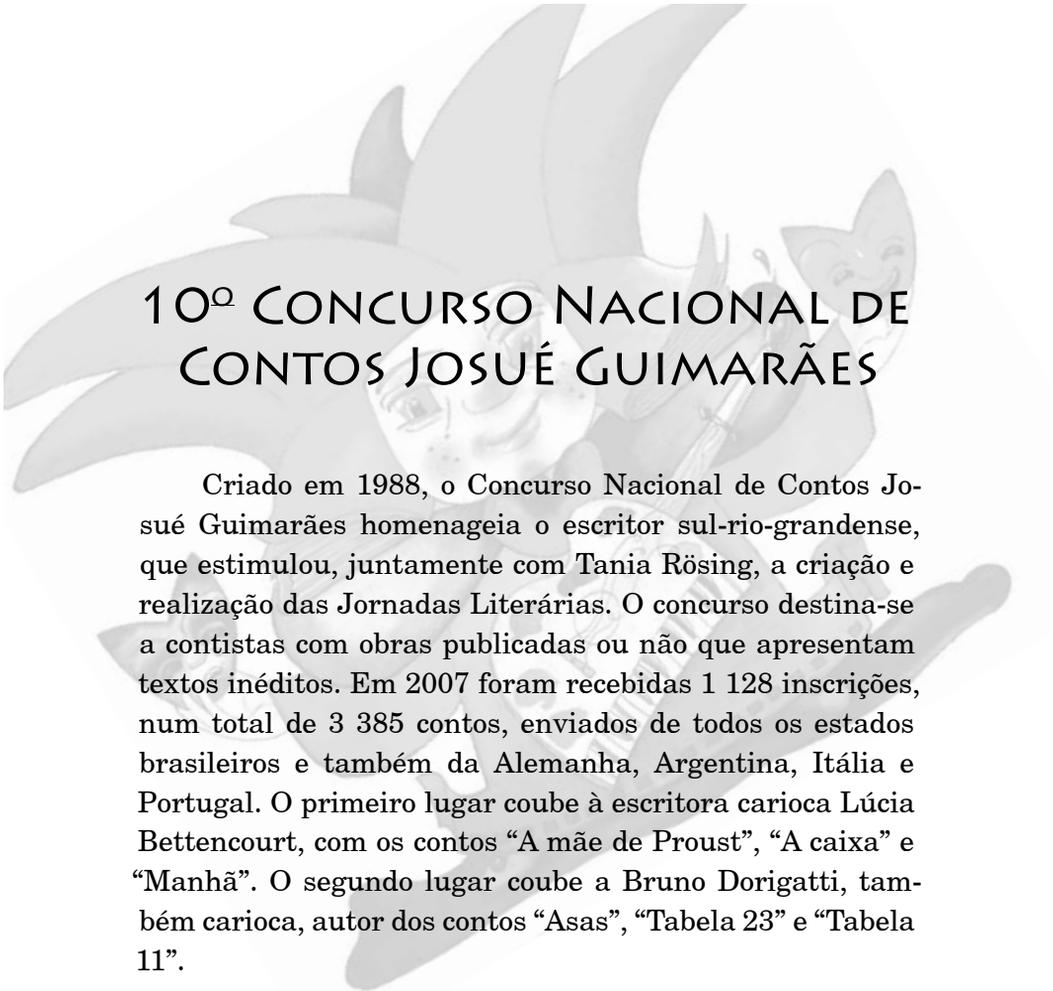


Às autoridades já referidas permito-me saudá-las em nome do reitor e do nosso estimado prefeito, nosso presidente da Câmara e nossa inestimável amiga de todos nós, a, heroicamente construtora de todas as Jornadas, a minha amiga querida Tania Rösing. Talvez devêssemos mais ouvir do que falar, porque num momento desses escutar o coração de cada uma, de cada um de vocês transmite a certeza de que este país pode ser muito melhor, porque todos que estamos aqui transpiramos a certeza de que a cultura é caminho de emancipação e de soberania insubstituível. É por isso, Tania, que me somo às homenagens que o meu amigo deputado Luciano Azevedo fez a ti apropriadamente.

Eu não vivo este momento apenas agora, eu vivo há um ano contigo o desafio de construir esta Jornada. Você

não têm a menor ideia da dificuldade de mostrar muitas vezes a este país e ao Rio Grande que nós aqui somos a Capital Nacional da Literatura, gostem ou não. Bem-vindos à Capital Nacional da Literatura! E este título não alcançamos de graça, nem porque nos arvoramos a exhibir que somos melhores, mas porque aqui não se realizam eventos literários; aqui se realiza um movimento literário que envolve o país, a região, educadores, professores, estudantes, trabalhadores. É um movimento do leitor com o escritor. Aqui não estamos só para vender livros; aqui estamos para aprender a amar os livros, as letras, as coisas. Então, Tania, continue nessa caminhada, estaremos juntos.

Lamento, como gaúcho, profundamente, a insensibilidade do Conselho Estadual de Cultura, que deveria estar aqui para ver o que representa esta Jornada. Se este evento não merece a Lei de Incentivo à Cultura, qual outro mereceria? Então, meu protesto e minha tristeza contra a cegueira irreparável do conselho de não permitir à Jornada ter acesso neste ano à Lei de Incentivo à Cultura. Viva cada um de vocês nesta Jornada, viva cada um dos escritores de outras partes do mundo, do país, que nos honram com suas presenças. Viva o esforço da Tania, da sua equipe, que pulsa a cada instante, a cada dia, daqui para frente para a próxima Jornada. Viva aos 150 anos de Passo Fundo, a Dipp, a cada passo-fundense; viva à Universidade, viva à vida e ao coração de cada um de vocês.



10^o CONCURSO NACIONAL DE CONTOS JOSUÉ GUIMARÃES

Criado em 1988, o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães homenageia o escritor sul-rio-grandense, que estimulou, juntamente com Tania Rösing, a criação e realização das Jornadas Literárias. O concurso destina-se a contistas com obras publicadas ou não que apresentam textos inéditos. Em 2007 foram recebidas 1 128 inscrições, num total de 3 385 contos, enviados de todos os estados brasileiros e também da Alemanha, Argentina, Itália e Portugal. O primeiro lugar coube à escritora carioca Lúcia Bettencourt, com os contos “A mãe de Proust”, “A caixa” e “Manhã”. O segundo lugar coube a Bruno Dorigatti, também carioca, autor dos contos “Asas”, “Tabela 23” e “Tabela 11”.



Lúcia Bettencourt – 1ª lugar



Bruno Durigatti – 2º lugar

5º PRÊMIO PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA

Mia Couto



O prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura firma-se como uma parceria bem-sucedida entre o poder público e a iniciativa privada no âmbito da promoção da cultura. Instituído pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo em 1998, o prêmio é patrocinado pela Companhia Zaffari Comércio e Indústria - RS, que viabiliza o pagamento de cem mil reais ao autor do melhor romance em língua portuguesa publicado nos dois anos imediatamente anteriores à realização de cada Jornada de Literatura.

Entre os objetivos do prêmio deseja-se homenagear os melhores romancistas contemporâneos de língua portuguesa e, simultaneamente, estimular a leitura e o debate crítico de suas obras. Em sua quinta edição, o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura recebeu a inscrição de 215 romances, publicados entre junho de 2005 e 31 de maio de 2007. A Comissão Julgadora realizou a seleção de 11 obras finalistas, dentre as quais foi vencedora *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, autor natural de Beira e residente em Maputo – Moçambique.

Luiz Coronel

Esta é uma noite em que nos curvamos diante a majestade do livro, um parceiro de cem asas. Só poderá existir democracia, cidadania, com uma cidade de debate, com uma cidade de consciência. A civilização da imagem é uma civilização de entretenimento. Sem que se acenda a luz da cabeceira, sem que se colha a magnífica herança da cultura dos livros, não haverá uma cultura consciente. A Cia. Zaffari, ao prestar homenagem à Jornada de Literatura, presta homenagem a todos os escritores. Cada livro é um depositário de horas, meses, anos de longos trabalhos, de paciente pesquisa nesta civilização do rápido, imediato. Talvez olhar um romance, com sua densidade de palavras, de páginas, não pareça um convite dos mais sedutores. Mas é preciso dizer que, ao conferirmos o prêmio ao romance, estamos valorizando um dos mais densos, profundos e definitivos depoimentos sobre a experiência humana. O Rio Grande do Sul se diz através de *O tempo e o vento*; o Brasil, de Guimarães Rosa; a França, de *Madame Bovary*; a Rússia, de *Guerra e paz*. Viva o romance, viva a literatura, viva a jornada de cultura.

José Luiz Jobim

Em 9 de agosto de 2007, reuniu-se em Porto Alegre, às 9 horas, nas dependências do restaurante Dado Tambor, localizado no Shopping Bourbon Country, a Comissão Julgadora do 5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, constituída por Benjamin Abdala Júnior, Ignácio de Loyola Brandão, José Luiz Jobim, Paulo Ricardo Becker, Regina Zilbermann, sob a presidência desta. Estiveram presentes, igualmente, as auditoras Mariana Ledesma Trindade e Michel G. dos Santos Hanecker, da empresa HLB Audi Linck Auditores e Consultores. A presente ata historiou o processo como se chegou aos 11 finalistas, após consultas feitas por carta e *e-mails* a professores, escritores e intelectuais de todo o Brasil, na primeira etapa do prêmio. Computados os dados da consulta e cotejados os títulos das inscrições feitas, chegou-se a 22 semifinalistas. Os semifinalistas foram avaliados pelos jurados, que conferiram notas individuais a cada uma das obras, facultando a seleção de 11 finalistas: Adriana Lunardi, *Corpo estranho*; Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*; Antonio Torres, *Pelo fundo da agulha*; Daniel Galera, *Mãos de cavalo*; Flávio Carneiro, *A confissão*; Helder Macedo, *Sem nome*; José Saramago, *As intermitências da morte*; Luiz Ruffato, *Vista parcial da noite*; Maria Valéria Resende, *O vôo da guará vermelha*; Mia Couto, *O outro pé da sereia*; Milton Hatoum, *Cinzas do norte*. O cheque de cem mil reais será entregue pelo prefeito municipal de Passo Fundo, Airton Langaro Dipp, e pelo representante da Cia. Zaffari & Bourbon, Luiz Coronel, a Mia Couto.

Mia Couto

Eu estava na 7ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, em 1997, quando foi anunciada a criação deste prêmio. Estar aqui, hoje, dez anos depois, para receber este mesmo prêmio é realmente uma enorme alegria e honra. Eu sou um homem recatado e, principalmente, sou recatado em relação àquilo que são as cerimônias da vida literária. Estaria agora em Moçambique, nos meus trabalhos de biólogo, se não fosse uma certa pessoa ter telefonado, convidando para que estivesse presente nesta cerimônia... Eu ainda esbocei uma tentativa de evocar um motivo, uma dificuldade, mas do outro lado da linha havia alguém que não sabe lidar com isso. E ainda bem que existe essa persistência e que essa persistência conduz a obra. Ainda bem que existem pessoas como você, Tania. Eu mantenho, além dessa função que me atravessa neste momento, um certo sentimento de estranheza, que – devo confessar – vem do fato de acreditar que o Brasil já me deu mais do que eu mereceria receber. As minhas grandes influências, os meus grandes mestres, vêm dessa terra, desde Guimarães Rosa, Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Adélia Prado e tantos outros. Todos esses escritores me instigaram a imprimir na língua portuguesa, que é a língua de Moçambique, a marca de uma outra cultura, no meu caso, uma cultura africana. Tudo isso me faz sentir profundamente devedor para com o Brasil. Na realidade, pensando bem, eu é que deveria trazer um prêmio de Moçambique e entregá-lo aos brasileiros. A questão, meus amigos, seria: A quem entregaria este prêmio? Pois hoje não tenho dúvida ne-

nhuma: entregaria este conhecimento às Jornadas Literárias de Passo Fundo. Estas Jornadas incorporam, de modo singular, aquilo que todo escritor ambiciona ser, que é o convívio íntimo com seus leitores. Pelas Jornadas de Passo Fundo passaram vários escritores africanos de língua portuguesa e neste espaço encontraram um lugar perfeito para divulgação de seu trabalho e de suas obras. Nós sabemos dar valor a essas pontes e a esses caminhos que se fazem para vencer o desconhecimento e a solidão. Por tudo isso, por esse percurso já antigo e por todo caminho que haveremos de caminhar juntos, eu agradeço do fundo do meu coração.



AUTOR-SURPRESA

Gabriel Chalita



Gabriel Chalita é o mais novo acadêmico da Academia Paulista de Letras, aos 38 anos. Tem 42 livros escritos, com nove milhões de exemplares vendidos. É mestre em Direito, Doutor em Filosofia do Direito, Doutor em Comunicação e Semiótica, mestre em Ciências Sociais, professor em graduação e pós-graduação da PUC e do Mackenzie. Entre alguns dos seus livros estão *A ética do rei menino*, *Os dez mandamentos da ética*, *Pedagogia do amor*. O último livro é de contos, intitulado *Mulheres da água*.

É uma alegria enorme estar aqui com vocês. Quero agradecer as palavras do meu querido amigo, mestre, Ignácio de Loyola Brandão, cumprimentar o Alcione e o Julinho; a Tania, essa pessoa extraordinária, apaixonada; o querido Marcos Vilaça, todos os escritores aqui presentes e todos vocês, pessoas apaixonadas pela cultura, pelo livro, pela educação. Eu queria começar este bate-papo com uma reflexão antiga, de um pensador grego, da trilogia clássica dos gregos, o terceiro deles, Aristóteles. Ele escreveu uma obra para o seu filho Nicômaco, *Ética a Nicomaco*, em que trabalha os caminhos que seu filho deveria percorrer para encontrar a felicidade. São dez livros em que Aristóteles reflete sobre vários temas ligados à alma e à felicidade humana.

É interessante que, ao tratar sobre a grandeza da pessoa humana, Aristóteles escreve sobre a justiça, o amor, a amizade, a educação, o respeito. Ele trata de duas questões fundamentais ligadas ao tema desta Jornada, que eram as duas grandes habilidades que o ser humano deveria desenvolver: uma é a habilidade cognitiva, que vem através da capacidade que tem o ser humano de ler, de aprender, de se desenvolver; a outra é a habilidade moral, que vem pelos hábitos, pela educação, pela capacidade que deve ter a pessoa humana de repetir aquilo que é correto. E é interessante que, quando trata da cultura, da habilidade cognitiva, Aristóteles diz que o papel do conhecimento precisa ser absolutamente transformador, porque senão se decoram versos de Empédocles, que são versos de amor, mas não sabe viver o amor; decoram-se tratados de justiça, mas não se sabe ser justo; decoram-se tratados de ética, mas não se sabe ser ético, ser correto. Então, é preciso que as duas coisas aconteçam com o ser humano: a sua capacidade de

apreensão intelectual e a sua capacidade de transformação do mundo; o conhecimento e a moral. E onde é que entra a arte nisso?

Para Aristóteles a arte é o elemento que faz com que o ser humano conheça a si mesmo. As pessoas erram muito mais por ignorância do que pela vontade de errar. Na visão aristotélica, as pessoas são boas em essência, porém acabam não desenvolvendo essa bondade por não conhecerem a si mesmas. Toda pessoa busca a felicidade, porém realiza muitas coisas não tão boas, porque dentro dela existe alguma coisa de extraordinário, porém ela não sabe que essa coisa existe. Então, Aristóteles aí ele faz um grande elogio àquilo que é o elemento essencial de qualquer cultura e que entra em todos os discursos: a educação.

Portanto, Aristóteles, já naquela época – 300 a.C. – pensava não haver outra forma de desenvolver o ser humano a não ser pela educação. É a educação que faz com que a pessoa desenvolva algo que há dentro dela, que transforme a potência em ato, que seja profundamente virtuosa. No entanto, se é profundamente transformadora, a educação precisa utilizar o livro de uma forma mais sedutora, mais envolvente. Por isso é tão difícil hoje um professor conseguir educar. Por mais lindas e nobres que sejam a missão, a função e a profissão do educador, tocar na alma do aluno não é tão simples. Aluno é uma pedra bruta que precisa ser lapidada, e o professor é esse lapidador de diamantes, que, com cuidado, precisa ajudar o aluno a colocar para fora algo que há dentro dele. E é interessante como, no universo da cultura e da leitura, nós, educadores, temos esse poder de transformar nossos alunos, de fazer com que eles se apaixonem pelo livro.

Interessante que, às vezes, os autores, que poderiam ser muito mais próximos dos alunos, se transformam em

pensadores chatos; assim, não conseguimos convidar os alunos a caminhar por essa jornada de cada autor. Tem um conto de Machado de Assis que se chama “Pai contra mãe”, muito interessante, que fala da história de uma senhora que resolveu criar sua sobrinha. Ela tinha uma vontade muito grande de que ela desse certo na vida, que tivesse um bom casamento, arrumasse um bom marido. É uma costureira, que cria a sobrinha com todas as dificuldades do mundo, porém a menina se apaixona exatamente por um caçador de escravos, um capitão-do-mato. Então, a tia fica indignada, porque criara a menina para que fosse uma princesa, não para que se casasse com um capitão-do-mato, caçador de escravos, que não tinha dinheiro, pois nessa época não havia muito escravo fugido, logo, não havia como ganhar dinheiro. Ele não tinha muito o hábito de trabalhar; até tentava arrumar emprego aqui ou ali, mas não gostava mesmo de trabalhar.

Então, a tia aceitou a contragosto aquele casamento, mas disse o seguinte: “Que vocês não tenham filhos, porque não vou sustentar uma boca a mais além de vocês. Então vocês se casem e não tenham filhos.” Aí os dois se casaram. Passado um tempo, ele procurava emprego, mas não encontrava. Então, ele viu no jornal a foto de uma mulata de nome Arminda, deslumbrante, para cuja captura a recompensa era muito alta – alta justamente porque ninguém conseguia encontrá-la. Passou a procurá-la, contudo não a encontrou, ou seja, não encontrou emprego nem conseguiu dinheiro. Passando o tempo, a menina ficou grávida. A tia, indignada, disse o seguinte: “Quando nascer essa criança, vocês vão levar essa criança para a roda dos enjeitados, porque eu não vou criar filho nenhum de vocês” (“roda dos enjeitados” era o orfanato do Rio de Janeiro).

Então, o pai começou a procurar emprego com mais tenacidade ainda, mas não encontrava. Nasceu a criança, e a tia pediu que a levassem para a roda dos enjeitados. Eles não queriam levar, pois amavam muito o seu filho. Passa o tempo, vai aumentando a dificuldade e eles são despejados. Aí a tia os convence com o seguinte argumento: “É melhor levar para a roda dos enjeitados, porque pelo menos lá essa criança não vai morrer de fome. Entreguem essa criança, senão eu levo.” Aí, convencido, com muita tristeza, o pai pega a criança, abraça-a com dor e resolve fazer o caminho mais distante para chegar à roda dos enjeitados, triste, perguntando a Deus por que ele, pai, não podia ter o direito de criar o seu filho.

No caminho, andando bem lentamente, ele vê numa esquina uma mulata deslumbrante e se lembra da mulata do jornal. Chega a uma farmácia, deixa ali a criança, pega uma corda, chega perto daquela mulher e diz: “Arminda”. Ela dá um sorriso lindo e fala: “Pois não, senhor.” Nessa hora ele joga a corda nela, ela cai no chão e implora que ele não a entregue para o seu dono. Diz assim: “Meu senhor, eu não sei se o senhor é pai. Se o senhor for pai, o senhor deve saber o que significa amor de pai. Eu estou grávida. Meu maior sonho é ser mãe. Se o senhor me entregar para o meu dono, ele vai tirar o meu filho. Me deixa ser mãe, me dá esse direito. Eu posso servir o senhor para o resto de minha vida, só não me entregue para o meu dono.” Ele nem ouve o que a mulher fala, pensa só na recompensa e começa a arrastar aquela mulher... nem presta mais atenção no resto.

Quando falamos de Machado de Assis – e eu fiz essa experiência muitas vezes em várias escolas que dirigi como secretário da Educação, lá em São Paulo –

um escritor genial, muitas vezes traumatizamos um aluno, porque começamos lendo uma obra com a qual o aluno nunca teve familiaridade, apenas porque cai no vestibular. Assim, ele lê uma coisa obrigado e não é seduzido a entender um escritor como Machado de Assis. Isso vale para qualquer escritor, para qualquer obra de arte: o aluno deve ser convidado a perceber a beleza dessa arte, e o professor tem um poder impressionante: o poder de construir e de traumatizar.

Fui aluno de escola pública até a 4ª série; depois fui estudar numa escola de padres salesianos lá em Lorena, no interior de São Paulo. Eu era um aluno que participava muito da escola até a 4ª série. Os salesianos têm uma prática que se chama “bom-dia”: todos os dias eles se reúnem os alunos no pátio e fazem uma oração, dão os avisos e tal. Eu entrei na escola no meio do ano, em agosto. O padre, depois da oração, me falou assim: “Eu vou dar um prêmio para o aluno que souber responder à pergunta que eu fizer. Quem souber a resposta levanta a mão e vem aqui, responde e ganha o prêmio.” Então perguntou: “Quem sabe o seguinte: agosto é o mês do quê?” Eu levantei a mão na hora, sabia a resposta. Ele me chamou: “Como é que você chama?” “Gabriel.” “Gabriel, vamos lá, agosto é o mês de quê?” “Cachorro louco.” Então o padre falou assim: “Espera na minha sala.” O povo riu, e eu falei: “Bobo deles, eles riram e eu que ganho o prêmio.”

Fui para a sala dele animado, e o padre: “Agosto é o mês de que mesmo?” Eu falei: “Cachorro louco, padre.” “Uma semana de suspensão.” Então falei: “Uma semana de suspensão? Esse é o prêmio?” “Duas semanas de suspensão.” O padre achou que eu estava tirando sarro dele. Em casa, falei para a minha mãe a história e ela não credi-

tu. Minha irmã mais velha já tinha dado trabalho nesta escola. Então minha mãe resolveu ir lá para falar com o padre, junto comigo. Ele falou: “Pode ser genético, minha senhora. Não é possível, no primeiro dia de aula...” “Mas o que ele fez?” “Eu perguntei, no meio do bom-dia, à escola inteira: ‘Agosto é mês de quê?’ Sabe o que ele me respondeu?” Minha mãe: “O quê?” “Cachorro louco.” Minha mãe falou: “E não é? Agosto não é mês de cachorro louco?” E o padre falou: “Minha senhora, agosto é mês de dom Bosco, o fundador.” “Mas como é que ele vai saber que agosto é mês de dom Bosco?”

O interessante é que até hoje eu tenho trauma de responder a perguntas assim. Se alguém pergunta alguma coisa, para levantar a mão e responder, imagina se eu solto um outro “cachorro louco” assim sem querer! Como é que o professor tem o poder de traumatizar? Professor que passa perto de um aluno que está fazendo a terceira redação, a quarta..., olha e fala: “Não adianta, né? Você tenta, tenta e não vai. É dom, tem dom para escrever.” O professor esquece isso que falou, mas aquilo na cabeça do aluno fica marcado para sempre. Também o contrário, pois somos o resultado de coisas incríveis que os nossos professores plantaram em nós.

Eu tive uma professora chamada Helena Porto de Barros Gomes, que usava um salto enorme, tinha aquele cabelo de laquê, grande. Ela fazia uma coisa linda para mim: naquela época, ela colocava os alunos sentados no chão uma vez por semana e lia histórias. Foi isso que eu fiz com Machado de Assis. Ela lia até o momento mais legal da história, fechava o livro e na semana seguinte continuava. Os alunos eram apaixonados por aquela mulher. Eu lembro que ela morava numa praça, e eu ficava perto da

casa dela. Quando ela saía de casa, eu ia do outro lado. Ela dobrava: “Oi, professora, a senhora está indo aonde?” “Supermercado.” “Eu também vou ao supermercado, minha avó pediu para eu comprar umas coisas.” Tudo para ficar perto daquela mulher.

É interessante que, se cada um de nós pensar um pouco nos professores que teve, verá que alguns nos marcaram profundamente; outros, não. Que diferença eles tinham? Adélia Prado dizia: “Quem não teve um professor com quem se emocionar nunca teve um professor.” Professor é uma emoção, é quem toca na alma. E no processo da arte isso acontece o tempo todo. O ser humano é um fluxo de vivências. Nós somos o resultado de um monte de coisas: de encontros familiares, encontros estudantis, de mídia, de relação com outras pessoas.

Eu me lembro do meu pai, uma pessoa muito simples, que foi servente de escola, depois feirante, teve uma loja; nunca estudou, foi se alfabetizando, desenhando à sua maneira e dava um valor enorme para o estudo. Eu tive um irmão, mais velho, que morreu em acidente de carro e que não quisera estudar; meu terceiro irmão também não estudou. Eu, o caçula, fui o primeiro a me formar. Então, na minha formatura de filosofia meu pai, que já tinha sessenta anos quando nasci, chorava muito. Preocupado com o choro dele, fui dar-lhe um beijo e falei: “Pai, o diploma é seu, obrigado por tudo.” Minha mãe falou assim: “Mas que bobagem! Você está chorando sem parar e o menino fez uma faculdade que a gente nem sabe para que serve: filosofia.” Aí meu pai falou assim: “Meu amor, não diga isso. Para falar a verdade, eu também não sei para que serve, mas não deve ser coisa ruim não, senão ele não teria feito.”

Ele era tão carinhoso, tinha gestos de educador, embora sem entender muito de livros.

Tem uma cena que marcou muito minha vida: meu irmão foi a uma loja de um conhecido nosso da frente, comprou um *short* e enganou o dono. Se a moeda fosse hoje, sei lá, o *short* custava oito reais; ele deu dez reais, o homem deu-lhe o *short* e dois reais de troco. Contudo, meu irmão falou: “Não, não, eu dei cinquenta.” Aí o homem deu-lhe 42, acreditou nele. Quando ele voltou e começou a contar para meu outro irmão que enganara o tio João, meu pai ouviu. Meu pai não batia em filho nenhum, então falou: “Filho, vem aqui comigo.” Eu era pequenino, fui atrás. Eles foram à loja, e meu pai disse: “João, meu filho estava muito preocupado porque você deu um dinheiro a mais, um troco errado e veio devolver.” Quando meu irmão devolveu o dinheiro, meu pai se abaixou, deu um beijo nele e falou: “Filho, tem valores que ficam para a vida toda.”

Lembro outras coisas lindas dele. Quando meu pai casou com minha mãe, já tinha 44 anos. Ele sempre dizia que não ia se casar porque minha avó era muito enjoada, era contra toda mulher que meu pai arrumava. Como ele queria satisfazer à mãe, nunca casava. Um dia, numa cidade no interior de São Paulo, Taubaté, meu pai, que era corintiano, foi assistir a um jogo do Corinthians. No caminho viu duas moças, minha mãe e mais uma amiga dela, e ficou apaixonado pela minha mãe. Começou a andar atrás dela e ela, a andar rapidamente, achando que era assaltante. Ele continuou até que parou e perguntou para ela: “Você é filha de quem?” A moça: “Por que eu tenho que dizer de quem eu sou filha?” “Porque eu estou apaixonado por você.” Então, minha mãe fugiu dele. Ele foi falar com o meu avô. Seis meses depois estavam casados.

Meu pai foi profundamente apaixonado por minha mãe. Eu me lembro de uma cena: meu pai morreu com oitenta e poucos anos, com quarenta anos de casados. Quando eles estavam em casa jantando, meu pai chamava minha mãe de “princesa”, sempre calmo, e minha mãe sempre brava. Ele falava assim: “Você brava é ainda mais linda.” Então, era um romantismo constante. À vezes minha mãe perguntava: “Oh, Zé, o que você quer para o jantar?” E meu pai falava assim: “Oh, meu amor, quem tem o principal não discute o acessório. Quero você.”

Essas coisas ficam, é aquilo da *Ética da Nicômaco* de Aristóteles: o exemplo. É o exemplo que faz com que contáguemos as outras pessoas por educação. Talvez Machado de Assis só tivesse conseguido desenvolver a sua obra pelos exemplos que teve. Autodidata, frágil, gago, manco, epilético, com muitos problemas, perdeu a mãe logo cedo, vendia doces, quer dizer, aquele menino ouviu todas as formas, que foram povoando a sua mente e ali fazendo germinar a grandeza desse escritor e de tantos outros. Mário Quintana dizia que os grandes poetas não liam os grandes poetas; os grandes poetas liam os pequenos anúncios no jornal. Por que os grandes poetas liam anúncios no jornal? Porque conseguem ver poesia na vida, na percepção do outro.

Aristóteles, no livro VI da *Ética da Nicômaco*, diz que o último degrau da sabedoria é a simplicidade. Ninguém consegue atingir patamares de conhecimento se não tiver simplicidade. É a humildade que faz com que eu esteja aberto ao aprendizado, ao novo; que eu tire um pouco essa carranca de achar que só eu sei e me faça perceber a beleza que cada pessoa tem para me apresentar. Isto é educação: essa humildade que faz com que eu me engrandeça. Eu dizia em São Paulo, quando era secretário, que diretor de

escola que maltrata servente de escola está na profissão errada, porque ali ele não vai pregar o discurso de diretor, mas a prática dele, que é a prática do respeito, da educação, da ternura, da gentileza. São esses elementos que contam e que nos ajudam a compreender é o papel da arte.

Há pouco vimos uma apresentação teatral extraordinária aqui, brincando sobre um mundo mágico da utopia, em que se descobrem as cores, os sons, as palavras. O interessante é que a riqueza da arte faz com que o ser humano mostre aquilo que ele tem de melhor, desenvolva a sua sensibilidade. Hoje, um dos grandes desafios do educador é fazer com que a escola seja um centro, o celeiro de formação de artistas. No teatro, por exemplo, várias artes se somam para que o orador, o aluno, o professor possam desenvolver a sua capacidade histórica, a sua capacidade de construção, de pesquisa, de dança, de música, de dizer coisas, de tocar nas pessoas. Talvez os poemas que um aluno venha a decorar para utilizar num teatro ele nunca mais vá se esquecer; ao contrário, se tem de decorar um poema porque cairá na prova, ele pegará um trauma daquilo para sempre e não vai se desenvolver da forma como poderia ter se desenvolvido.

Eu sei que há muitos educadores aqui. O papel do educador é muito importante para a formação dos novos leitores, porque a leitura faz com que viajemos por muitos universos. O repertório muda, o preconceito cai. Precisamos construir uma sociedade menos preconceituosa, com mais autonomia, por meio dessa capacidade que temos de ler e entender o que lemos, de perceber o que lemos, de acreditar nesse talento de construir o tempo todo. O próprio Mário Quintana dizia sobre esses jovens felinos que precisavam sair da gruta, da paixão por essas pessoas, por

essa juventude de todas as idades. O Ignácio falou da Academia Paulista. Encontramos em tantos lugares pessoas de noventa, oitenta anos querendo mudar o mundo e, às vezes, pessoas com 19, 20, 21 anos são velhas, tristes, sem sabor.

Pierre de Chardin dividia o ser humano em três categorias. A primeira categoria era a dos desanimados. Quem eram os desanimados? Aqueles que acordam de mau humor, com raiva da vida. A pessoa acorda e diz assim: “Mais um dia.” Tem raiva de ter acordado: “Não fala comigo antes das 11 horas, que eu não funciono. Não gosto da manhã; não gosto da noite também; não gosto da tarde, porque não é manhã nem noite.” Não gosta de frio, não gosta de sol. Qualquer coisa que você fale com ela é um desânimo. Tinha uma senhora que ia visitar a gente lá em Cachoeira, chamada dona Iaiá. Nós perguntávamos para ela assim: “Tudo bem tia? A senhora vai bem?” E ela: “Péssima.” “A senhora não dormiu bem?” “Há nove anos que eu não durmo.” Perguntávamos do marido dela: “E o tio Quinzinho?” “Coitado, vazou a noite inteira.” E a gente queria saber até hoje o que é um homem vazando. Enfim, esses são os desanimados.

A segunda categoria eram os boas-vidas. Quem é o boa-vida? É aquele que topa tudo e não faz nada. “Vamos fazer isso?” “Vamos, claro.” E aí: “Mas você não foi?” “É, não fui.” Está sempre animado, mas não conte com ele. E o terceiro tipo, que são vocês aqui de Passo Fundo, os entusiastas. A palavra “entusiasta” significa “cheia de Deus”. São pessoas que se transformam porque têm luz, porque iluminam outras pessoas, porque acreditam no próprio poder. É essa luz que pode nos fazer vir a uma Jornada destas e sair daqui com mais vontade de produzir, de contagiar outras

peças e de ser melhor. Às vezes, ficamos olhando um pouco os problemas e defeitos do outro e não olhamos para nós mesmos. Reinventar a própria vida é o grande desafio.

Quero agradecer muito a oportunidade de estar aqui com vocês e terminar com um poema de um poeta de São Paulo chamado Menotti Del Picchia, que fala um pouco sobre a grandeza do voo, pois cada um de nós é vocacionado a dar o próprio voo. Diz o poeta:

Goza a euforia do vôo do anjo perdido em ti.
Não indagues se nossas estradas, tempo e vento
desabam no abismo.
Que sabes tu do fim?
Se temes que teu mistério seja uma noite, encha-o de estrelas.
Conserve a ilusão de que teu vôo te leva sempre
para o mais alto.
No deslumbramento da ascensão.
Se pressentires que amanhã estarás mudo,
esgota como um pássaro as canções que tens
na garganta.
Canta, canta para conservar a ilusão de festa
e de vitória.
Talvez, as canções adormeçam as feras
que esperam devorar o pássaro.
Desde que nasceste não és mais do que um vôo no tempo.
Rumo do céu?
Que importa a rota.
Voa e canta enquanto resistirem as asas.

Um belo voo e um belo canto para vocês!

HOMENAGEM A RUI DE OLIVEIRA

Rui de Oliveira



São palavras de Rui de Oliveira: “Tenho sempre em minha bolsa ou pasta, um bloco onde anoto e desenho o que no momento me ocorre. Cada página é uma página, cada desenho é só um desenho, só e coletivo ao mesmo tempo. O que sempre quis é que eles expressassem unicamente o prazer de desenhar algo, compulsivo em minha vida.” Doutor em Comunicação e Estética do Audiovisual, estudou cinema de animação no estúdio húngaro Pannónia Film. Trabalhou na rede Globo e TV Educativa do Rio de

Janeiro; conquistou 16 prêmios como ilustrador no Brasil e no exterior, entre eles o prêmio Jabuti de Ilustração, com o livro *A bela e a fera*, e o prêmio Noma-Unesco-Japão, com o livro *Manu, a menina que sabia ouvir*, de Michel End. Em 2006 foi indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil ao prêmio Hans Christian Andersen, patrocinado pela International Board for Young People. Também em 2006 conquistou o prêmio de Literatura Infanto-Juvenil da Academia Brasileira de letras, com o livro *Cartas lunares*, de sua autoria.

Nós já havíamos convidado o Rui de Oliveira para ser o grande homenageado e para nos conceder o privilégio de podermos ter aqui suas obras. Ele foi tão gentil que não mandou cópias; o que está aí são originais que estavam na Itália e vieram para o Brasil em março e, dessa exposição na Itália, para as Jornadas Nacionais de Literatura na sua 12ª edição. Nós tentamos várias pessoas que pudessem fazer o cartaz da Jornada sobre o tema “Leitura da arte e arte da leitura”. A Comissão Organizadora, juntamente com seus consultores – Alcione, Julio e Loyola – inventa as ideias e depois haja quem possa colocar em prática e sistematizar isso. Foram várias as tentativas. Aí eu liguei para o Rui e disse: “Rui você precisa nos salvar dessa. Você tem três dias para criar o cartaz da Jornada.” “Tania, mas eu? Três dias?” E eu: “Três dias, é o tempo que entendemos suficiente para essa criação.” “Mas eu não estou com minha assistente.” “Três dias, Rui.” E ele, de uma forma muito feliz por poder fazer em três dias, disse: “É uma oportunidade inédita que eu tenho de fazer essa criação.” Então, ele nos mandou a sua proposta de síntese, esse bufão que sintetiza a leitura da arte e a arte da leitura. E nós queremos, na presença de todo esse público, entregar a você, Rui, o troféu Vasco Prado com a maior alegria e com a homenagem do público da 12ª Jornada Nacional de Literatura.



Parte II

Palco de debates





ARTE DA LEITURA

Reinaldo Montero



Cubano, é autor de numerosas obras de teatro, roteiros de cinema, livros de narrativa e de poesia. Participou como jurado em certames nacionais e internacionais, incluindo o Casa de Las Américas. Também ministra palestras e é convidado para seminários em vários países, como Alemanha, Argentina, Brasil, Bulgária, Canadá, Colômbia, Espanha, Cuba, França e outros. Entre as suas obras publicadas destacam-se *Donjuanes* (1986) – prêmio Casa de Las Américas; *Trabajos de amor perdidos* – prêmio Juan Rulfo (1997); *Misiones* – Prêmio de La Crítica (2001); *Los equívocos morales* – prêmio Castilla-La Mancha (1992); *Medea* – prêmio Ítalo Calvino (1996) e prêmio de La Crítica (1997) e *Fausto* (2003). No Brasil publicou *Mulheres* e *As afinidades*. Em junho de 2007 conquistou o prêmio Fray Luis de Leon por sua obra teatral *Liz*, concedido anualmente pelo governo da região de Castilla e Leon com o objetivo de promover a criação literária.

A propósito desta conferência, tratei de chegar a uma definição do que é ler. É seguro que linguistas, psicólogos, sociólogos, pedagogos, culturólogos, teóricos da literatura, *experts* em comunicação de massas, semióticos, políticos, taxistas têm sua própria definição. Assim é que me atrevo com a minha definição de ler. Partirei de algo simples, como que ler é perceber e compreender signos gráficos que se convertem em som, os quais vão reconstruindo, de maneira sucessiva e acumulativa, o escrito.

Até aqui não há diferença entre ler estas linhas, por exemplo, e ler um pentagrama onde se registrou uma melodia. Porém, a leitura não é só compreender o sentido literal. Ler é inferir, captar intenções, atitudes e, em consequência, associar conceber, reajustar expectativas, o que é assim em razão do caráter linear da linguagem e da experiência acumulada. Portanto, a leitura é um estímulo que nos põe em relação com os outros ao nosso redor e nos faz construir imagens e significados. A consequência é portentosa, porque nossa leitura, não o texto lido, pode chegar a interferir de maneira direta em nossa maneira de pensar e também em nossa conduta. Até aqui estamos assediando a definição, porém não a alcançamos.

Não consigo definir numa frase o que é ler, talvez por culpa de um fato evidente: há várias maneiras de ler. Uma dessas maneiras apenas busca a captação da literalidade. Desse modo, se lê quando se quer saber como se maneja um artefato elétrico ou estudar como contestar com êxito à pergunta escolar “Em que ano disse dom Pedro ‘eu fico?’”, por exemplo. Outra maneira de ler é reverenciar, que ocorre quando o escrito se supõe verdadeiro, o transcendente, e o leitor mantém a distância, não toma, nem crê que deva

tomar posição diante do que lhe revelam esses signos. Desse modo se leem os vedas, a Bíblia e Paulo Coelho.

Há outra maneira de ler, pela qual se abraçam o legível e o leitor. É onde ocorre a emoção de definir, de avaliar, de buscar, de identificar-se ou não, de chegar em definitivo a uma total atualização do lido. Deste modo se lê a maioria da literatura. E há ainda, ao meu ver, uma quarta maneira de ler, que é como uma singular maneira de viver, porque o texto nos desacomoda; faz com que duvidemos do que acreditávamos saber; refunda nossos gostos, valores, até recordações; nos põe diante de uma linguagem nova. Esses tipos de livros não têm de ser alegóricos nem de estar carregados de símbolos. Trata-se de obras nada moralistas ou moralizadoras, menos ainda miméticas de determinada realidade. No dizer de Julia Kristeva, nestes textos únicos prima “a tensão entre o inteligível e o problemático”. Obras como *Grande sertão: veredas* nos colocam nessa situação, nesse estado de graça.

Ler chega a ser um estado de graça, porque passar os olhos por linhas que valem a pena é, entre outras coisas, degustar. Sim, comer é um rito que tem muito em comum com a leitura. E graças ao Eclesiástico, sabemos que nada tem o homem “se não come, bebe e se alegra”. A degustação, além disso, é trabalho complexo. Não só se atém ao momento íntimo em que os olhos bebem os *renglones*; ocorre que em segredo esses *renglones* nos fazem associar, pensar, inclusive muitos dias depois de haver lido. Sim, comer, beber, alegrar-se é ler. Sigamos acoçando a besta que resiste.

Falávamos de degustar, eu gosto da palavra. Dizem que Balzac tinha sempre os punhos da camisa sem nenhuma mancha de tinta. Segundo o biógrafo Teófilo Gautier,

Balzac dizia que o “verdadeiro literato deve ser pulcro em seu trabalho”, como pulcro foram os frades beneditinos a fazer licores. Cabe pensar que o leitor também deva ser de vários modos pulcro ao passar os olhos pelas linhas que tenta ler, degustar, ser pulcro. Não sei qual a diferença entre essas palavras; só com a pureza do relojoeiro, com a vontade de someliê, se consegue perceber a linguagem de modo agudíssimo. Indo-se mais além do que mostra a simples associação de letras, chega-se ao que se disse, o dito e o não-dito. Estou convencido, a leitura de uma obra de arte exige o exercício da arte de ler.

Afirma-se que a leitura é a arte em extinção, que não se leem poetas. Quisera que isso fosse uma calúnia, fruto de uma pertinaz ignorância. Porém, sinto que todos conhecemos estatísticas de livros abandonados nas cada vez mais escassas livrarias. Contarei algo a propósito. Uma editora cubana publicou há alguns anos um tomo contendo várias peças dessa modalidade única que ocorre no teatro japonês e que se conhece como teatro Noh – *Teatro Noh* se chamava o livro. Algum livreiro, conhecedor de seu ofício, disse ao vê-lo: “Teatro não, poesia tampouco.” Tenho um fraco consolo para esses tempos que correm sem saber para onde. O consolo se sintetiza numa frase: sempre se leu pouco. Nossos amigos Ésquilo, Shakespeare e Molière viveram rodeados de analfabetos, o que não os impedia de dispor pessoas ansiosas para assistir ao privilégio do que diziam, não como imagens visuais ou palavras escutadas. As imagens pessoais, mais que todas as imagens visuais em movimento, por mais que pareçam evidências, são por natureza enganosas. Não me sinto na obrigação de demonstrá-lo, só apontarei expressões como o cine.

O cinema é, na verdade, 24 vezes por segundo. Pode-se trocar-se por cine, é a mentira 24 vezes por segundo, ou o cine é a bobeira 24 vezes por segundo, etc. Falo de cine, não de televisão, nem de Paris Hilton. Diante da avalanche audiovisual de toda mídia, onde incluo obras de evidente estupidez e de provada desinteligência, a linguagem verbal pareceria um anacronismo. Pelo contrário, a sucessão de palavras em sucessivo *renglones* pode conter a força de sempre. Essa força que vai se incrementando na mesma medida em que se acrescenta nossa compreensão do lido. Vejamos este poema de Mariana Esvetaliva: “Pensando em outra coisa / sem encontrá-la, como um tesouro, / amapola traz amapola, / é decapitado todo o jardim. / Assim algum dia no seco estio / ao filo desembrado, a morte, como por distração, segará minha cabeça.”

Diz-se que uma imagem equivale a mil palavras. Este poema são 36 oscars. Por suposto, o que se trata é discorrer sobre o que se vê, ou melhor, o que não irás ver, o que se lê e o que não lerás ao que te põem diante de seus olhos. Também se diz: “Dize-me o que escutas e te direi quem és.” Se a arte de ler, entre muitas outras coisas, é preferir um tipo de leitura a outro, trata-se de preferir um tipo de companhia a outra; uma maneira de sentir a outra; um modo de viver a outro. Portanto, a arte de ler se aparenta com a amizade e com o amor. Voltando a meu desejo de tomar a besta pelos cornos, voltando à minha pretendida definição, digo com soberba que ler, pelo menos, é definir, e é se definir em vários graus.

Sempre um texto submetido a exame é contemporâneo, não importa se se trata da *Las analetas*, de Confúcio. Quando é lido por nós hoje, vive nosso presente. Outra coisa é a superposição de planos de significação. Por exemplo,

ler uma grotesca tradução ao espanhol de Homero converte a *Iliada* em farsa. E é assim graças aos nossos olhos de hoje. Claro, isso supõe um verdadeiro encontro com o texto e em muito depende da experiência acumulada de cada um e da malícia aprendida. Há momentos de verdadeiro encontro com o texto, em que as frases nos falam com clareza e esta clareza não tem a ver com o material. O que lemos pode ser obscuro, ou melhor, claro na sua maneira intrincada. De outro lado, a linguagem, a engrenagem do ato de ler, tem mil mecanismos, e essa máquina nos ativa uma recordação muito nossa, talvez esquecida, mas bem escondida. O texto nos convoca, mas somos nós definitivamente que o fazemos saber. O melhor de um livro, o esplêndido, é que está carregado de novos sentidos, coisa que pode ocorrer também diante de uma singular situação que ocorre na vida. Porém, a intimidade pela leitura, a claridade que propicia, privilegia o ato de ler acima de qualquer outro.

Pode-se pensar que a claridade de que falo, em última instância, é aquela de que o texto se alimenta; não uma coisa alimentar, o comer, o degustar. A claridade é um estado complexo de alma; é fácil denunciar, porém difícil vivê-lo. Nem todo texto, por suposto, incendeia, alimenta, pode ser degustado; a leitura, entre outros milagres, derrota o tempo, como faz a amizade, e o espaço circundante, como faz o amor. De novo a arte como um ato de amizade e de amor.

Para concluir, notamos que tem passado o tempo sem nos darmos conta disso. Temos viajado sem governos, como ocorre com a amizade e com o amor. E tal fato, por ser muito repetido, não nos assombra mais, como sucede com a amizade e o amor, e nos faz viver até o assombroso de nos havermos assombrado. Tampouco é coisa de pô-los como emprestado de graça antes de arrancar a leitura. É

sabido que isso na amizade é ridículo e, no amor, é fatal. Impossível, então, que sirvam em qualquer outra circunstância humana. Nossa arma tem de ser conquistada, trate-se da amizade, ou do amor, ou de um livro. A única coisa que podemos fazer a favor da leitura, da amizade ou do amor é prestar muita atenção, permitir que entre, nada mais. Devo também dizer que todo texto tem pequenas ou grandes zonas de silêncio, grandíssimas às vezes. Um livro completo pode ser um completo silêncio. De certas novelas não recorro nada e gosto de afirmar que essa mudez absoluta não é culpa só da novela, mas, de algum modo, culpa minha também.

José Castilho Marques Neto



Doutor em Filosofia, especializou-se em história política da esquerda no Brasil. Ingressou no mundo editorial como proprietário da Kayrós Livraria e Editora, tornando-se um especialista no assunto, principalmente no segmento das editoras universitárias latino-americanas. Durante sua carreira, colaborou como diretor executivo e, posteriormente, como diretor da Editora Unesp, da Universidade Estadual Paulista, da qual se tornou professor. Como diretor da Biblioteca Pública Municipal, efetuou a sua recuperação no âmbito físico e institucional. Exerceu outras funções e cargos em entidades do livro e acadêmicas, tais como a presidência da Associação Brasileira de Editoras Universitárias; exerceu, ainda, a presidência da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe (Eulac). Também atua como consultor proferindo palestras no Brasil e no exterior. Coordenou a parte executiva do VivaLeitura em 2005 e, desde 2006, é o secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Com artigos e entrevistas publicados, José Castilho organizou e coapresentou livros, sendo autor de, entre outros, *Solidão revolucionária - Mario Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*.

O convite para participar desta mesa com o tema “Arte da Leitura” trouxe-me antigas reflexões e antigos encantamentos, recordando-me os primeiros passos no aprendizado e na vivência da filosofia, iniciados nos antigos barracos da USP, edificações projetadas, inicialmente, para serem o estábulo da Faculdade de Veterinária e que se tornaram, após a desocupação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP da sua sede na rua Barão Antonino, as salas de aulas que abrigariam professores e estudantes do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Em salas adaptadas, com professores mais experientes e titulados, cassados pelo regime, ou ausentes do país, tivemos um curso sustentado pelas fibras da resistência. Nesse contexto, eu e mais algumas dezenas de colegas começamos a compreender o que era estudar e estar numa universidade pública sob uma ditadura militar.

O ano era 1972 e ainda estava longe o dia em que o país poderia começar a respirar os ares da democracia, da tolerância, da liberdade de ação e de pensamento. A prudência no falar dos docentes, cuidadosos com os exemplos e as colocações, mesmo quando tratavam dos pré-socráticos ou de Decartes, ou dos princípios da idade moderna, só tinha equivalência de medo ou insubmissão involuntária nas capas simuladas de pardo, do papel *craft*, dos livros considerados menos perigosos, chegando até a sofisticação em dissimular os livros mais perigosos – já estou falando de Marx e sua turma – com capa e páginas iniciais de aquarelados romances de Madame Dely. No ambiente destinado à cavalaria, vivenciávamos a mais torpe das censuras: a tentativa de limitar o pensamento livre.

O que ainda não sabíamos, e o que a ditadura não conseguiu cercear, foi a profunda subversão dos raciocínios

lógicos mais antigos e dos cogitos modernos que martelavam nossos cérebros e corações, inseguros com o mundo a nossa volta. Sorrateira, audaciosa, pertinaz, constante, a palavra dos mestres da Antiguidade e da modernidade tocava cada um dos nossos nervos, neurônios e sensibilidade. As letras que saltavam das lições de *República* e da questão de método pareciam construir uma nova possibilidade de entender melhor o mundo a nossa volta e compreender que algo de construção que demandasse grande habilidade deveria vir para o Brasil recuperar a sua trajetória interrompida pela força das armas, do constrangimento intelectual, da irracionalidade, do desespero das torturas, dos desaparecimentos, dos assassinatos políticos. Meu apreço pelas antigas formulações conceituais sobre a arte talvez tenha suas origens nesse contexto problemático, ao mesmo tempo castrador e desafiador.

As primeiras lições de estética vieram pelas lições de filosofia antiga, sempre com o contraponto de sua inserção e leitura peculiar ditada pelos filósofos medievais. Aos poucos íamos compreendendo os significados da arte como um conjunto de ações que buscam e provocam resultados, conforme o conceito aceito na escolástica. Descobri e lembro bem até hoje desta conquista: a diferença entre as potências humanas e as potências da natureza. Esta última produzindo sem reflexão, diferentemente do artífice, o homem que produz e referencia uma ideia, que produz um ser que a natureza não fornece; um *artificiatum*, como diziam os escolásticos. Embora todos esses conceitos tenham se sofisticado em minha formação acadêmica posterior, essa ideia de arte como expressão do homem que se contrapõe à natureza pela produção consciente da beleza, do belo, fabricando algo que a própria natureza não produz, afirmou-

se positivamente como a possibilidade de construções de ordem prática.

A arte da retórica, da compreensão dos conceitos, da diferença de matérias, de matéria-espírito, da lógica aristotélica, entre tantos outros saberes e pensares, começou a se dimensionar para mim como verdadeira lição de ordem prática, entendendo como artistas esses mestres-autores; fazendo-me entender que era possível um mundo diferente daquele brutal cerceamento que parecia eterno, imutável, verdadeira força da natureza. Contra o mundo, inexoravelmente autoritário, que vivenciávamos e que nos queriam imputar como o único possível, comecei a exercer as delícias do pensar diferente. E a própria arte dos autores antigos e modernos que estudava oferecia-me essas novas oportunidades até então impensadas. E cada livro, cada leitura, produto de artistas, faziam-me também artista, artífice, ser consciente e produtor de outros mundos possíveis.

Estabeleceu-se aí um longo e duradouro casamento entre mim e os livros-autores. Chamo-os assim porque, é claro, não existem livros sem os autores: eles, os artistas. Construir com a leitura, ser artista com a leitura, produzir livros com arte. Naquele tempo a arte da leitura deixou de ser para mim um conceito abstrato e longínquo, tornando-se um instrumento de vida, uma razão para viver e participar da vida; baseada na ideia do trabalho e construção de um mundo valorado pela escrita, pela criação autoral de homens que se contrapõem ao estabelecido e projetam melhores mundos possíveis. É a isso que hoje atribuo a minha primeira profissão profissional: ser editor, processar a arte da escrita e proporcionar a arte da leitura. Minha fruição do mundo era contribuir para que o outro também

se tornasse um leitor, potencializando sua fruição própria, incentivando o encontro daquele momento íntimo entre o homem e a sua consciência, sua subjetividade, seus mais internos sentimentos, provocados pela leitura prazerosa, provocadora, excitante, integradora.

Com esses atributos e desígnios fui ganhar o mundo e, passados muitos anos desse caminho, sobra-me algo para refletir e compartilhar. O primeiro embate profissional e as primeiras lições de ordem prática vieram com uma pequena editora e livraria, aberta com muito pouco dinheiro, mas também com muita garra, por três jovens recém-formados, eu entre eles. Essa editora, que nascia em 1978, a Kairós Livraria e Editora, no final da avenida Paulista, num lugar em que já não mais se identifica como a poderosa “avenida dos bancos” e das grandes instituições do empresariado paulista e nacional. Lá no canto da avenida, no início das ladeiras que levam no fundo do vale do Pacaembu, comecei a perceber que a arte de buscar leitores, de promover autores, tinha os seus custos, alguns altos demais para a nossa frágil estrutura pessoal e profissional.

A Kairós, em seu arrastar por cinco anos, correspondeu ao período em que a ditadura militar dava mostras de cansaço e mostrou claramente que os livros e a leitura têm na ignorância o seu maior opositor. E a ignorância se expressava de diversas formas e caras, desde o autoritarismo dos estertores do regime, que praticou atentados a bala na madrugada, até o cotidiano de uma livraria libertária, frequentada por autores que não conseguiam editar ou comercializar os seus livros. Aos autores somávamos os pedidos constantes dos bibliotecários, pedindo gratuitamente livros para os seus acervos abandonados, sem verbas, tornando bibliotecas depósitos de livros sem leitores.

A ignorância bruta e sem arte vicejava para nós jovens livreiros e editores como sintoma de uma sociedade castigada pelo embrutecimento das pessoas, pela alienação das possíveis consciências, pela degradação dos valores sociais, frutos bem acabados de uma sociedade privada do oxigênio da democracia e pela espoliação do trabalho produzido, ampliando exércitos de reserva para um modelo de desenvolvimento injusto, desigual, arbitrário e degradante. Toda essa produção de uma máquina de Estado voltada para a opressão e para o desregramento dos valores de uma convivência humana digna acabou por produzir uma nação que carregava, e de certa maneira ainda carrega, o drama da ignorância, a dureza bruta das massas, que só veem a obscuridade como cenário e possibilidade.

Mas a *Kairós* também me ensinou naquele princípio de vida profissional que, como hoje argumenta o brilhante homem de leitura argentina Giardinelli ao comentar Cervantes e *Dom Quixote*, “na condição de contraparte intelectual que é o Sancho Pança está não mais a condenação da Espanha igualmente enaltecida, mas a sua esperança”. Intuí que, naquelas épocas difíceis, na massa de não leitores, dos que preferiam a alienada TV aos livros, poderia surgir a possibilidade da construção de leitores. Não apenas intuía, mas sabia e compartilhava que havia os resistentes, muitos que lutavam contra este estado de coisas. Contribuiu para essa intuição e entendimento a constante presença dos autores na livraria. Todos eles, sinceramente, escrevendo para alguém que estaria perdido nessa multidão, autores buscando seus leitores. O mesmo Giardinelli reflete bem sobre esta questão em seu livro mais recente: “Queremos saber ou poder criar um leitor idôneo para os livros que escrevemos. O leitor nasce com o texto, como se

a criação mesmo o convocara. Isso nos permite imaginar ou saber que, quando escrevemos, o fazemos para alguém.”

A compreensão do autor, do artífice, construtor habilidoso de mundo possível, aparecia não tão nitidamente, mas acompanhava os meus pensamentos. Segui com a Kairós até 1982, ano em que abandonei a vida de editor. Cansara-me de equilibrar contas, de orçamentos sempre pobres, de atender às demandas de um mercado livreiro cada vez mais pressionado por técnicas de *marketing* e disputa de espaços que meus conhecimentos não alcançavam, nem estavam dispostos a alcançar. Mal sabia eu que nesse movimento de continuidade, de embrutecimento da nação, novas armas e métodos estavam apenas começando. Sua-
vizado o regime ditatorial, impunham-se novas e pequenas ditaduras, início de um perverso ciclo que teria seu auge nos anos 1990 e que a escritora Viviane Forrester chamou de “uma estranha ditadura”. De volta à USP, iniciando a minha experiência como docente, primeiro no Colégio Equipe e a partir de 1984 na Unesp, voltei as minhas energias para uma vocação precocemente despertada e ainda não trilhada: ser professor. Mas aquele professor que dava os seus primeiros passos em sala de aula já carregava um dever adquirido anteriormente: formar leitores, obrigação e prazer de elite e militância contra o embrutecimento e a ignorância.

Juntava-me naquele momento a milhares de professores, que, como eu, embora com percursos diferentes, lutavam pela leitura, percebendo-a como uma ação inteligente, promotora e emancipadora. Queria participar dessa legião de artistas e com eles continuaria a minha militância política e intelectual. Essa possibilidade se ampliou enormemente quando vi que os limites de minha sala de aula am-

pliavam-se com a possibilidade de trabalhar e contribuir para o projeto iniciado em agosto de 1987 pela minha universidade, a Editora Unesp. Menos de um ano depois de sua criação, eu já estava cerrando fileira com outros colegas para esse projeto e levava convicto a firme ideia de que deveríamos editar para os leitores, o que felizmente coincidia com o pensamento da universidade naquele momento, a sua legitimação e constituição de ensino e pesquisa pública pela sociedade paulista e brasileira. Amplificado, o pequeno mundo construído na Kairós contribuiu, nos últimos 19 anos, para erigir uma editora, que, universitária e acadêmica, dialoga com um vasto público leitor.

Meu prazer e orgulho também se expressam pelo compromisso da Unesp, assim como também vejo na Universidade de Passo Fundo, de ser uma universidade comprometida umbilicalmente com a sociedade na sua verdadeira missão, que é formação da cidadania e pessoas humanas integrais. A conquista de leitores, a arte de publicar, de fazer a difícil ponte entre autores e seus leitores, ainda hoje me fascina e me desafia. Com mais de mil títulos publicados, com alcance nacional e internacional, com participação ativa na vida cultural do país, a Editora Unesp ainda está em transformação, procurando fazer a sua parte na formação de leitores, buscando formas gráficas impressas nas estantes, tomadas pelas novidades, que duram poucas semanas e logo são esquecidas nos depósitos abarrotados das editoras.

O trabalho da Unesp me conduziu nos últimos anos a outras tarefas públicas e a uma interferência no campo da leitura mais ampla. Dirigi o início da recuperação da Mário de Andrade, detentora de um grande acervo e transmissão cultural. Nos últimos 12 meses tenho me entregado à co-

ordenação executiva do PNLL, estratégico e fundamental encontro entre governo e sociedade pelo desenvolvimento de um país leitor, onde a democratização do acesso, por intermédio de bibliotecas e formação de mediadores, é a prioridade máxima e o propósito maior. Esses envolvimento e a impulsão que me leva a querer ser um arquiteto da leitura, em vários níveis, se constituem para mim num dever ético e político.

Como assinala a grande especialista colombiana em leitura Silvia Castijon, muitas posições se interpõem a essa opção de intervir no mundo. Uma delas é o menosprezo pela política; outra é a posição elitista, que assume o intelectual como um ser que paira sobre o bem e o mal e que não deve comprometer-se, pois nisto consistem sua liberdade e autonomia; um terceiro proclama que não é profissional assumir uma posição contra ou a favor de algo; e a última é a posição fatalista, para a qual já não existe nenhuma possibilidade de mudança, não é possível fazer nada contra o determinismo neoliberal. Esta é, seguramente, contra a arte, contra a produção do belo, que é o leitor encontrando-se com seu autor; que é o professor buscando com o seu aluno o verdadeiro significado de um texto; que é a avó lendo para o seu neto ou contando-lhe histórias; que é a fruição leitora das imagens, dos quadros, em outros termos, da fruição estética representada por aquelas leituras, que, como anuncia esta 12ª Jornada, permite que se mantenham como valores a subjetividade, a metafísica, a transcendência, a emoção.

E com esses pontos vou encerrando minha fala, feliz por estar aqui compartilhando com vocês, professores, bibliotecários, estudantes, mediadores. Esta Jornada de construir leitores não são apenas esses cinco dias, mas a

festa da leitura em Passo Fundo resume à perfeição. Encontro aqui a energia para entender que a luta pela leitura é também a luta por uma sociedade mais justa e socialmente mais igualitária; que devemos continuar a fazer a nossa parte como autores, professores, mediadores, bibliotecários, mas que somente a luta pela leitura não emancipará a maioria ainda entorpecida pela ignorância e pela brutalidade dos nossos tempos. Encontro aqui que essa consciência sobre o mundo contemporâneo não arrefecerá em nenhum momento o nosso dever de formar leitores e cidadãos. Jornadas como essa, que o Plano Nacional do Livro e Leitura quer ver multiplicada mil vezes pelo Brasil, certamente recuperarão o prazer pela leitura, a arte da leitura, como reflete Giardinelli, um ler para nada, um ler por ler; o ler para transportar-se a outros mundos, gerar e estimular a própria fantasia; desenvolver o sentido comum e ter senso crítico, ou seja, ler para sermos pessoas melhores, que é o legítimo motivo para que serve a cultura.

Comentários

Ignácio

Eu não seria escritor se não tivesse sido leitor. E se não tivesse lido muito e muito, se eu não tivesse sido obrigado a reescrever alguns livros na escola primária. Antes da escola eu tinha um pai que admiro cada vez mais. Ele já morreu, mas, à medida que esta morte se distancia, percebo de que maneira ele incutiu em mim essa paixão pela palavra. Meu pai, nos anos 1940, em Araraquara, uma cidade do interior de São Paulo, sem livrarias, era ferroviário, quase operário, mas tinha uma biblioteca de novecentos exemplares, que existe até hoje, pois me

aposses dela. Lia muito e, à medida que comecei a ler, ele foi me dando livros e foi me ensinando a ler. Eu me lembro até hoje a primeira lição. Ele dizia: “Entenda primeiro o valor de cada palavra, depois você vai entender a frase e depois vai entender a história.” Ele tinha uma enciclopédia. Um dia perguntei o que era uma determinada palavra: “crossedura”. Ele disse, abre esse livro, que explica o significado das palavras. Eu abri e descobri o que era “crossedura”, uma espécie de rato do norte da Europa, um rato de trinta dentes. Meu pai disse assim: “Continue a olhar.” Eu continuei a olhar e descobri coisas muito curiosas, como que várias palavras têm o mesmo significado. Aí ele disse: “Isso é o sinônimo. Você, se for escrever, descubra a melhor palavra para a sua frase.” Foi a primeira lição de escritura que tive na vida, ou de escrita. Então, comecei a ver aquilo e descobrir. Num determinado momento eu sabia muitas palavras e anotava, e chegou o momento na escola em que tínhamos aula de sinônimos. A professora dava uma lista para os alunos, e todos tinham que ir ou ao dicionário, ou perguntar para os pais. Só que o pessoal sabia que eu tinha um dicionário, uma enciclopédia, a *Enciclopédia Jackson*, uma coisa muito bonita, de vinte volumes, que também está comigo. Então, vinham e me pediam que eu fizesse o trabalho para eles. E eu fazia, cobrava e vendia o significado das palavras. Por isso eu já fui profissional desde os nove anos de idade: trocava por um sorvete, por uma bolinha de gude, por uma gravura de revista, etc. Aliás, isso eu transformei num conto, o qual foi transformado em um livro que acabou de ser editado pela Editora Objetiva do Rio de Janeiro: *O menino que vendia palavras*. Claro que esse menino

que vendia palavras começou a gostar das palavras e a gostar da escrita. Aí eu tive uma professora, a Lurdes, viva até hoje. São poucas as pessoas na minha idade, aos 71 anos, que ainda podem dialogar com a sua primeira professora. Esse é um privilégio que tenho. Ela estava presente na minha posse na Academia Paulista de Letras, o que me emocionou muito. Lá comecei a ler o discurso apontando para ela: “Se eu estou aqui, é por causa dessa mulher.” A Lurdes, uma vez por semana, nos dava uma redação com um tema. Na outra semana nos mandava reescrever uma história infantil. Num determinado dia ela mandou reescrever *Branca de Neve e os sete anões*. Eu adorei, porque a Branca de Neve foi a primeira grande paixão da minha vida. Eu era apaixonado pela Branca de Neve, porque tinha visto o filme e no livro que eu tinha a gravura era linda: aquela moça com aquele vestidinho branco, com um cinto vermelho; aquele sapatinho cafona, mas lindo para mim. Adorava Branca de Neve e odiava os sete anões.

A Branca de Neve era uma escrava dos sete anões: lavava, passava, cozinhava, arrumava a casa, fazia tudo. Eles eram muito ricos, trabalhavam em minas de diamante, para aonde iam as picaretinhas: “Eu vou, eu vou, pra a mina agora eu vou.” E iam embora. Não davam nem um microondas para ela melhorar a vida. Então, reescrevi a Branca de Neve. Na minha visão, num determinado dia os anões saem e pedem à Branca de Neve que faça um sopa, um creme de cogumelos ou champignon, que sempre tinha lá no bosque. Então, a Branca de Neve saiu com a sua cestinha no bosque, colheu-os, escolheu-os cuidadosamente, fez a sopa e colocou na mesa. Os anões vieram, comeram e caíram todos mortos

sobre as suas tigelinhas. Ela tinha escolhido cogumelos envenenados. A Branca de Neve se vingou e eu também. A literatura é feita de vingança. Nós fazemos literatura para nos vingarmos das condições de vida em que vivemos, dos nossos complexos, dos nossos problemas, das nossas rejeições, dos nossos conflitos interiores, dos nossos sonhos não alcançados, dos nossos desejos. Os personagens somos nós encarnados lá. Quando Cervantes escreveu *Dom Quixote*, queria ser um grande senhor da cavalaria, mas, ao mesmo tempo, tinha uma noção um pouco do ridículo que era aquilo. Então construiu *Dom Quixote*, que foi um dos primeiros romances do mundo. A Lurdes tinha um costume: ela sempre lia a melhor composição. No dia de dar as notas, ela disse: “Eu vou ler a do Ignácio, e vocês vão dar as notas.” Lembrem-se que nos anos 40, quando a escola ainda tinha palmatória, essa mulher já pegava o aluno e dizia: “Vocês são parte de uma classe, nós todos vamos trabalhar em conjunto.” Não tinha quem manda, quem desmanda, quem diz, quem desdiz. Todo o mundo estava dentro do processo. Acho que isso é muito importante dentro de uma classe e vocês, grande parte aqui professores, sabem disso: quando se envolve aquela pequena comunidade, se tem outro tipo de resultado. Então a Lurdes leu meu texto. Quando acabou de ler “os anões caíram mortos”, ela me olhou. Claro, criança adora uma sacanagem, matei os anões e fiquei conhecido na escola como o “Ignácio que matou os anões”. Eu me sentia, por isso, muito realizado, porque não era o mais bonito, não era o mais bem vestido, não era o mais engraçado, mas com a minha cabeça eu tinha feito alguma coisa que provocava os outros. E a Lurdes deu uma outra lição, talvez de

leitura, talvez de escrita. Ela disse: “Vocês perceberam que o final dessa história provocou uma surpresa, pois ninguém esperava a morte dos sete anões. Então, esse espanto, esse assombro, ficou. Sempre que uma história nos intriga, que o final de uma história nos surpreende, vamos ficar com ela na cabeça.”

Até hoje eu tenho isso como um princípio para cada coisa que eu escrevo, seja um conto, seja uma crônica, seja um romance. Eu trabalho em função, às vezes, do final; olho e reolho o final várias vezes. Em *Não verás país nenhum*, este livro sobre o qual vou falar daqui a pouco, refiz o final 18 vezes até conseguir o tom que ele tem hoje, que é um tom ambíguo, ou seja, tem dois finais na cabeça das pessoas. Para escrever tem de ler muito e tem de aprender a ler. O que significa ler muito? Todas as vezes que eu lia um livro, lia primeiro pelo prazer da leitura; segundo, começava a ler para saber quantas páginas tem cada capítulo, até eu descobrir que tem quantas você quiser, tantas quantas forem necessárias; terceiro, eu ficava vendo como é que era construído o personagem: o bom, o mau; como é que era o conflito entre eles, como se estendia a narrativa, como falavam os personagens. Isso foi um outro professor que eu tive, o Jurandir, de português, que dizia: “Cada personagem precisa falar de uma maneira, senão eles ficam todos iguais. Cada personagem se comporta de um modo, senão eles ficam todos os iguais.” Então, eu lia o livro dez, vinte vezes, até desmontar o motor do livro, como uma tentativa de aprender a ler. Eu diria que isso é um pouco a arte da leitura: desmontar o livro de maneira a entender tudo o que ele diz e se deixar possuir por esse significado dele. Tenho um livro que até hoje leio e releio porque me im-

pressionou profundamente. Esse livro tem duzentos anos e é também um dos primeiros romances da literatura inglesa, *Robinson Crusóé*. Nunca me esqueço do terror que se apossou de mim no momento em que o navio do Robinson naufragou e ele se viu sozinho naquela ilha. E aí tem toda aquela construção ou reconstrução do Robinson: sozinho, ele teve de criar uma vida, uma casa, um meio de sobrevivência; teve de aprender, fundamentalmente, e isso é que foi importante para mim, conviver com a sua própria solidão. Tenho a impressão de que a lição de Robinson, dentro dessa solidão, me ensinou que eu consigo viver só em algum momento de minha vida. Já vivi só vários momentos e consigo manobrar, articular, desarticular a provável depressão que a solidão possa causar. O Robinson é, fundamentalmente, a luta contra a solidão e como desmontar esta solidão. Acho que para mim é um dos grandes livros de todos os tempos da humanidade, ao lado de muitos outros.

Lembro um outro professor, Machadinho, para quem eu disse: “Olha, eu li o *Vidas secas* de Graciliano, mas é muito seco. Ele não diz tudo, parece que está faltando frase, entende. Ele podia contar mais, explicar”. Ele disse: “Mas aí é que está a arte da leitura: é ler onde ele não escreveu, mas quis escrever. Esse espaço em branco é que você preenche com as indicações que ele te deu e com as informações que te passou. Isso é saber ler: é saber ler o espaço vazio, construído propositalmente pelo autor.” Portanto, até hoje eu leio, continuo a ser um leitor voraz e costumaz. Viajando muito, aproveito o trem, aproveito o ônibus, aproveito muito as horas intermináveis em aeroportos e vou aproveitar enquanto

eu tiver vida. Para mim a arte da leitura é também a arte da escritura.

Júlio Diniz

Curiosamente, comecei a ler a partir de uma experiência ligada à oralidade, não à escrita. A minha bisavó, avó do meu pai, era uma índia guarani raptada pelo meu bisavô e trazida para o Brasil, oficial da Marinha brasileira, filho de prussianos. Aqui ela teve 19 filhos e viveu os últimos dias dos seus 94 na casa da minha avó. Era uma índia guarani que não falava espanhol, que se recusava a falar castelhano; ela nunca aprendeu o português e, obviamente, quanto mais velha, mais sábia ficava, mais louca e só falava em guarani. Eu até não sei quantos anos entendia perfeitamente o guarani. Ela usava uns óculos verdes que me lembravam muito um herói que eu via na televisão, na época em preto-e-branco, chamado Nacional Kid. Era um herói japonês, da proto-história dos grandes heróis. Então, a minha bisavó tinha uns óculos do Nacional Kid, cabelos brancos com um coque atrás, fumava cachimbo – quando eu não me comportava, me queimava, inclusive, com o cachimbo – e adorava Brahma Chopp. Brahma era sinônimo de cerveja. Não havia cerveja, havia Brahma, quente. Ela guardava miolo de pão dentro do armário, porque achava que um dia poderia faltar comida. Enquanto isso o neto, que era meu pai, comprava para mim e para meu irmão a coleção completa de Monteiro Lobato.

É óbvio que eu, como milhões de leitores brasileiros, iniciei lendo, em termos de suporte, livros de literatura e me tornei leitor ouvindo as lindas histórias da minha bisavó, a Carolina. Ela cantava maravilhosamente bem, porém não cantava as guarânias, nem música de tradi-

ção paraguaia; ela cantava cantos indígenas. Por isso, minha formação acabou se tornando extremamente plural, porque me formei no ouvido, me tornei um leitor a partir do ouvido, da oralidade, o que foi fundamental quando estudei música, que foi a minha primeira graduação. Assim, a palavra que vinha da escrita e a sonoridade da palavra para mim foram fundamentais. Vocês têm a oportunidade, inclusive, de ver o último filme do Nelson Pereira dos Santos, o grande cineasta brasileiro, que será exibido aqui na Jornada, sobre essa maravilha que se chama a língua portuguesa, a língua em si. Como diz o Mia, mui justamente Prêmio Passo Fundo de Literatura, “minha pátria é a minha língua portuguesa”. Não é nem “minha pátria é a língua portuguesa”, como na frase do Pessoa, nem “minha pátria é a minha língua”, como o verso do Caetano; “é minha pátria é minha língua portuguesa”. Por isso o meu encanto com a sonoridade, com a musicalidade, com a nossa música popular, que é uma das coisas mais refinadas que o hibridismo e a mestiçagem desse país nos deram, e, ao mesmo tempo, com a literatura, com a coisa escrita. Essas experiências me formaram definitivamente um leitor.

Na semana passada, eu estive com o Jason Prado do *Leia Brasil*, que estava presente também no Seminário Internacional de Contadores de Histórias, realizado no Rio, no Sesc Copacabana. Ali, uma coisa muito curiosa que se falou sobre oralidade escrita é que os contos de que os contadores se utilizam são todos tirados do livro. Então, a oralidade, que foi fonte para a tradição escrita, acaba bebendo na tradição escrita para se transformar numa outra coisa. Eu tenho dois projetos, um dos quais é um documentário dirigido para uma mulher extraor-

dinária chamada Helena Solberg, que dirigiu *Vida de menina*, superganhador dos Kiquitos em Gramado alguns anos atrás. Chama-se *Palavra encantada*, que é a relação entre oralidade e literatura, palavra cantada e palavra escrita no Brasil. Todos lembram a presença do Chico na Jornada há dois anos, do Arnaldo Antunes, do Lobão. Vocês vão ver aqui uma pessoa extraordinária, que é o meu Guimarães Rosa na música popular; não a música de entretenimento, a música pop, mas música popular. É o Elomar Figueira de Melo, que estará em Passo Fundo e que é uma experiência tão radical quanto a experiência que eu tive lendo *Grande sertão: veredas*. O outro projeto é um livro, que deve sair no ano que vem, que faz um perfil da cultura brasileira através da música e de uma de suas protagonistas, com quem eu trabalho muito: a Maria Bethânia. Então, na verdade, eu sou um leitor formado por um pai que era funcionário público, que trabalhava enlouquecidamente e, como todo funcionário público, ganhou sempre muito mal, por isso projetava filmes no circuito Luiz Severiano Ribeiro. Ele saía de casa às 7h e chegava às 23h30min para poder comprar a coleção de Monteiro Lobato para os dois filhos lerem. De outro lado, sou formado por uma bisavó absolutamente bruxa, enlouquecida, delirante, matriarca, personagem de Garcia Lorca, de Gabriel Garcia Marques, que com aquela oralidade de uma língua de que hoje não me lembro mais me contaminou. Depois tive uma professora, dentre várias, que foi fundamental, porque era uma professora que lia. Uma professora que não é leitora não seduz os alunos; pelo contrário, afasta os alunos. Essa professora me ajudou a mergulhar criticamente na literatura. Eu era discípulo

dela, fiz mestrado e doutorado, pós-doutorado, etc. É a professora que nos leva para o mundo do letramento, que ensina as primeiras letras, que nos mostra o primeiro livro. Esta professora, é a matria, não a pátria; é a matria transformadora da nossa língua. Ela, para mim, também tem de ser uma grande homenageada, como existem várias de vocês aqui, que são professoras primárias, como é chamado no capitalismo. Mas foi esse primário radicalmente levado como raiz que me ajudou a me transformar não em leitor só de texto, mas em leitor de sensibilidade e leitor do mundo, e Passo Fundo para mim é a confirmação dessa festa.

Alcione

Eu sou filho de classe média, sem nenhuma novidade, portanto. Porém, a minha família tinha uma característica especial, pois tinha a cultura, a educação, como um valor. Era uma família numerosa, onde eu era o caçula e o hábito de ler era muito grande. Os livros eram repassados dos irmãos mais velhos para os mais novos e tínhamos um costume – impossível de pensar hoje em dia – de, aos sábados, a família se reunir para discutir o que estava lendo, ou seja, “eu estou lendo isso”, “estou achando isso”, “estou achando aquilo”, etc. Portanto, foi uma prática de altíssimo privilégio para mim, e era quase natural que eu me tornasse um leitor, um escritor; logo, não há muita novidade nessa trajetória.

Contudo, deu-se comigo também uma coisa curiosa. Quando eu era pré-adolescente, era um garoto muito feio, usava aparelho de dentes, óculos. Eu gostava de futebol, mas era meio difícil jogar. A minha mãe arranhou um elástico para prender os óculos por trás, mas de

qualquer forma eu tinha dificuldade de ver objetos em movimento. Também não fazia sucesso com as garotas, de jeito nenhum. Eu tinha um amigo inseparável, meu vizinho e também colega de escola, que era lindo. Então, em todos os lugares aonde íamos as moças tinham interesse nele, não em mim. Quando íamos a festas, eu era daqueles com quem os pais gostavam de conversar, porque era ajuizado, etc. e tal; era levado para o quarto dos fundos para ensinar aquela menina de óculos igual ao meu e de aparelho nos dentes a jogar xadrez, e ele lá na sala uau, uau, mandando ver. O que se deu comigo? No espaço da escola eu tinha maior desenvoltura, os professores me acolhiam, me reforçavam. Então, o espaço da escola virou o meu espaço e fui me afirmando nele; a escola me acolheu, e eu fui um aluno acariciado, estimulado, etc. Portanto, é uma trajetória quase corriqueira. Mas não é disso que eu quero falar.

Eis que o tempo passou, e um dia uma garota se interessou por mim, eu me casei e ela ficou grávida. Eu já era escritor, evidentemente, e comecei a contar histórias para um bebê que ainda não sabia quem era, ainda na barriga da mãe. Eu conto esta história em homenagem a Marina Colasanti, que vive contando isso que aconteceu comigo. Eu contava história para minha filha, um bebezinho ainda no ventre; às vezes, a minha mulher dormia e eu continuava contando histórias, histórias intermináveis, porque não precisavam ter muito nexos, pois ela não estava presente e eu sequer podia acompanhar – mais tarde ela dava chutes, então eu podia ver alguma reação. Foi assim até que ela nasceu. Então, depois que ela nasceu, quando chorava à noite e não era para mamar, bastava eu pegá-la e começar a contar

“era uma vez...” que ela parava de chorar. Ela reconhecia a minha voz, que é essa voz tão comum, e parava de chorar. E continuamos assim, ela crescendo e eu contando histórias. Depois nós começamos a trazer livrinhos de plástico para ler, ou melhor, para brincar na banheira. Ela brincava com o livrinho de plástico. Rapidamente ela se alfabetizou antes de entrar na escola, pois numa casa que onde havia muitos livros, onde o pai era escritor, é natural que ela tivesse essa convivência. Portanto, ela passou a ler muito cedo e foi espontaneamente leitora a vida inteira, tanto que escolheu estudar filosofia e aos 26 anos concluiu o doutorado em filosofia. Está aqui o Jason, para cuja ONG ela fez a pesquisa de um trabalho que vai ser apresentado aqui. Então, com 26 anos ela é uma leitora extraordinária, em cinco línguas diferentes, uma das quais é o grego uma língua muito difícil, mas fundamental para filósofos, e o alemão. E eu estou seguro de que isso se deve às histórias que eu contava quando ela estava na barriga da mãe dela.

“Ler é uma arte, e tu és um artista, pois na releitura da tua vida, letras e arte não se separam em nenhum momento. Pergunto: como formar leitores num país onde até mesmo os professores leem pouco e são analfabetos políticos?” “O governo federal é o maior comprador de livros didáticos, livros que em muitas escolas nem chegam às mãos dos alunos e, quando chegam, perdem o sentido, pois os alunos não foram sequer alfabetizados, então não sabem ler. O tempo de vida desses livros é de três anos. Pergunto: por que o governo federal não investe em livros de literatura para as bibliotecas ou não procura meios de baratear os livros, a fim de que as pessoas possam adquirir mais livros?” “Castilhos, entre

a alienada TV e a poderosa internet atual, qual afugenta mais o prazer pela leitura?” “O que fazer para que os pesquisadores, mestres e doutores em literatura possam ser conhecidos por todos, deixando, assim, de ser títulos em estantes de bibliotecas?”

José Castilho

Sobre a primeira pergunta, acredito que é muito difícil e não é uma tarefa para poucos nem para pouco tempo. Quando começamos a falar no Plano Nacional do Livro e Leitura, desde 2004, propondo isso a dois ministérios que há muitos anos não conversavam sobre o tema entre si – o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura –, sabíamos que seria muito difícil. Sabíamos que era muito difícil porque do nosso grupo faziam parte professores que estavam em sala de aula, muitas vezes desanimados com suas próprias condições de trabalho; bibliotecários, que muitas vezes passavam o dia enxugando o vazamento de canos para não molhar os livros; mediadores de leitura, especialistas de leitura, muitas vezes desanimados com a perspectiva de mais um plano. Então, o nosso próprio exército, digamos, para formar esse novo momento da leitura e do livro no Brasil era um exército que já estava combalido pela própria vida e pela situação vivida. Mas, ao mesmo tempo em que havia algumas evidências de quanto era difícil, nós encontramos também uma energia fundamental para fazer com que aquele grupo pensasse no livro e na leitura como uma possibilidade de uma política de Estado de longo prazo. E eu posso assegurar a vocês que essa energia não veio de nenhum estudo intelectualmente apriorado, ou de algum cérebro privilegiado. Essa energia

veio justamente das centenas e centenas de ações que representam milhares de pessoas por todo o país, envolvidas em ações concretas no cotidiano, no dia-a-dia pelo livro e pela leitura.

Estou falando de movimentos como o ProLer, abandonado durante anos e que persistiu graças à perseverança e à garra dos voluntários pela leitura; de movimentos do norte, do sul, do leste, do oeste, muitas vezes superlocalizados, mas que traziam na força da missão de fazer ler a missão de compartilhar a leitura, algo que não apenas nos movia enquanto um grupo de representantes, de professores, de editores, livreiros, bibliotecários, governo, a trabalhar para a construção desse Plano Nacional do Livro e da Leitura.

Então, realmente não é fácil. Se pensarmos que não é uma tarefa fácil, nós poderemos tomar atitude dos loucos, porque trabalham com missões difíceis, justamente porque são loucos. Uma nação que quer ter grandes projetos precisa trabalhar nos projetos difíceis, porque são grandes projetos; assim, os cidadãos que querem cooperar para fazer desta nação um país de leitores têm que trabalhar com um grande projeto de longo prazo. É fundamental entendermos isso porque esse diálogo, que foi um diálogo desses últimos anos nas instâncias do governo federal, nós conseguimos estabelecer nas instâncias do Ministério da Cultura e no Ministério da Educação. Há hoje uma disponibilidade para se pensar no assunto, para agir sobre o assunto, para trabalhar com ele mais fortemente. Acredito que teremos nas próximas semanas anúncios que prometem fazer cumprir, pelo menos em parte e de maneira imediata, algumas situações vividas pelas bibliotecas, pelos bibliotecários, pelos professores, porque nós estamos chegando ao momento em

que o Plano Nacional do Livro e da Leitura não apenas está conhecendo o país. São mais de seiscentas ações já registradas, as quais já começam a trabalhar entre si. Mas é hora também de o governo federal começar a trabalhar na priorização dos projetos, e dentre os quais estão justamente a biblioteca e a formação de mediadores. Nós temos que deixar isto como uma força para a sociedade: não basta apenas o país comprar livros, temos de formar mediadores para que esses livros cheguem aos leitores. Se tivéssemos uma política, se a política de compra de livros e sua simples distribuição resolvessem, já teríamos um país de leitores, não conforme as estatísticas. Temos uma política de distribuição de livros que vem desde 1930-1940. Então, temos de trabalhar nisso que o plano está focando: na formação de recursos humanos, de pessoas. Se tivermos um centavo, esse centavo tem de ser dirigido à formação daqueles que se apaixonam pelo livro, pela leitura e transmitem essa paixão para o outro. Conceitos arraigados têm de ser modificados. Não podemos ter uma bibliotecária escolar, por exemplo, que tranca os livros.

Eu tive essa experiência em Ibitinga, onde todos os livros trancados eram exatamente aqueles que nós queríamos ler. Esse trancamento dos livros significa trancar também a inteligência, o diálogo, a percepção. Nós precisamos mudar culturas – cultura de biblioteca, cultura de escola –, o que é muito difícil, porém não impossível. Em cada momento em que passo por governos estaduais, governos municipais, associações, organizações governamentais, há sempre pessoas e instituições que aderem a essa ideia. Nós precisamos criar uma política de Estado de longo prazo, e o Plano Nacional do Livro e da Leitura tem essa possibilidade; não é um plano apenas

do governo, mas um plano iniciado por um governo e que está contando hoje com a participação de praticamente a maioria dos estados deste país, seja qual for o seu partido político, seja qual for a sua crença religiosa ou ideológica. A abertura une e nós temos de aproveitar esta maré.

A professora Tania Rösing, que tem colaborado firmemente para isso, com sua imparcialidade, com sua autoridade de quem lidera uma Jornada como esta, e nós todos temos grandes possibilidades de inverter um pouco o que se faz no país. Acho que, a partir do momento em que ocorrerem grandes inversões, haverá também, por consequência, os outros benefícios. Os livros, por exemplo, poderão circular melhor quando tivermos bibliotecas atualizadas; poderemos tirar, portanto, as grandes teses dos descaminhos para colocá-las em circulação. Nós temos de, antes de tudo – e isso é eixo do Plano Nacional de Leitura –, democratizar o acesso, e a democratização do acesso num país pobre como o nosso se faz pela biblioteca das escolas. Os problemas do acesso se dão também com a colaboração do setor privado e da circulação comercial, mas não podemos nos submeter apenas à lógica do mercado. Temos de trabalhar com essa lógica, conviver com ela. Estamos num país com um determinado regime sociopolítico e devemos colaborar para que a indústria editorial também floresça. Uma das coisas que estão sendo mais elogiadas no Plano Nacional do Livro e Leitura, com muitos retornos internacionais importantes de especialistas, principalmente da América Latina, é justamente essa preocupação com o livro e a leitura. Sabendo das absolutas diferenças que há entre o livro, a indústria editorial, as suas peculiaridades e a leitura e todas as suas particularidades, o

Plano Nacional do Livro e da Leitura não deixa nenhum ao relento. É importante termos no país uma grande indústria editorial, que possa fazer circular nossos autores, que possa profissionalizar esses autores; ao mesmo tempo, é importante termos a leitura. No ano passado, na Biblioteca Nacional, num seminário sobre o Plano Nacional do Livro e da Leitura do Mercosul, havia um escritor angolano que assistia a tudo um pouco calado. Quando nós começamos a discutir um pouco mais, houve várias reclamações sobre a indústria editorial. Então, ele se levantou e disse o seguinte: “O que mais falta no nosso país é justamente editoras para nós brigarmos enquanto escritores e autores.”

Então, essa junção, essa percepção de que Estado e sociedade, setor privado e setor público têm de construir essa política de longo prazo poderá começar a quebrar essas outras cadeias circulares que temos, que vêm desde os tempos do colonialismo, esses grilhões da herança do escravismo, que colocam a leitura como uma arte para poucos, por não sabermos absolutamente que a leitura é uma arte de todos.

Alcione

“Você falou que o ato de ler pode ser comparado com o ato da amizade e do amor e que pode levá-los a uma viagem no tempo e no espaço e o tipo de companhia que nós elegemos. E a que se pode comparar então o ato de escrever, que é tão solitário?” “Fale sobre os leitores ou a leitura em Cuba. Como se trata dessa questão na escola? Quantos livros leem os cubanos por ano? Quais os principais autores que você aconselharia? Parabéns a você pela sua obra tão premiada mundo afora.” “Reinal-

do, como pode um autor tão premiado viver num país tão cerceado de liberdades, que vive sob o autoritarismo de Fidel? Isso parece ser possível devido à criatividade ou capacidade de criação individual de cada ser humano. Como você faz para sair de Cuba? Você necessita de autorização especial para isso? Como ficará a situação dos dois boxeadores que participaram do Pan 2007 no Rio de Janeiro e que tentaram ir para a Europa? Pelo que se ouviu falar por aqui, os dois nunca mais poderão praticar o seu esporte no exterior. Se esse regime é entendido como tão bom, por que não há liberdade de ir e vir? Como você vê tudo isso?” “Você vive em Cuba?” “Essa quantidade de prêmios internacionais são fruto de obras produzidas em Cuba?” “Qual dos seus livros fala da realidade cubana?” “Gostaria muito de saber se podes declamar uma poesia em espanhol.” “É possível exercer a arte da leitura e da escrita e da sua verdadeira essência num país de regime ditatorial como é o de Cuba?” “Há liberdade de expressão num país com um socialismo centralizado como Cuba?” “Para mim arte é beleza. Tendo eu ouvido tudo o que você falou sobre leitura, falou de beleza da leitura e falou tudo com muita beleza. Fale por favor, da experiência de beleza em sua leitura de obras em geral e, se possível, das tuas obras.” “Gostaria de saber como é a questão da leitura, dos livros e do ato de escrever, se é livre ou não no seu país?” “No Brasil, durante a ditadura militar diversos artistas sofreram com as barreiras da censura. No caso de Cuba, o regime influencia ou reprime produções literárias?” “Como o escritor cubano lida com este ponto?”

Reinaldo Montero

Como sempre acontece, na circunstância de que sou cubano, há uma espécie de fato político por trás disso. Porém, creio que nós todos somos animais políticos, e isso não digo eu, que sou um ignorante, já dizia Aristóteles. Todos temos preocupações políticas pessoais e preocupações políticas pelo próximo. Há um princípio de que parto que é o seguinte: com relação a Cuba, há muitos equívocos e muitas paixões. Há, por exemplo, pessoas a quem eu chamo “cubaadictos”, porque veem Cuba como um paraíso sobre a terra e, de outro lado, há aquelas que demonizam Cuba e creem que é um inferno total. Como toda a realidade é complexa, nem toda realidade é inferno, nem paraíso, nem purgatório. Assim, por exemplo, Juan Gutierrez, um escritor cubano muito vendido, vive em Cuba, e eu também vivo em Cuba, assim como há milhões de cubanos que vivem em Cuba, o que não quer dizer que vão nem bem, nem mal, nem regular. Isso porque creio que, até onde alcança a vista, sempre há em cada um de vocês, como em mim, uma zona de descontentamento, um não conciliamento, e isso, por suposição, se passa em Cuba, se passa em vocês, em mim. Existe algo muito exato: viver e criar, por um lado, e o autoritarismo de Fidel Castro, por outro. Creio que são duas coisas que não podem se conjugar. Primeiro, o autoritarismo de Castro já qualifica de uma só parte o lugar de Fidel Castro em Cuba; quanto ao sentido de viver e de criar é que não há outra maneira. Dizer que um escritor vive e crê é igual se se está embaixo de uma pedra ou se se está no melhor do mundo possível.

Quanto aos boxeadores, não entendo realmente o que passou. O certo é que eles chegaram a Cuba e o jornal *Granma*, que é o diário oficial do Partido Comunista Cubano, fez uma entrevista na qual eles explicaram muitas coisas, para mim assombrosas. A história que contaram está na internet, porque coincide com publicações feitas pelo *O Globo*. Eu conheço algo que saiu na *Folha*; do *Estadão*, não recordo haver lido nada, e coincidiram, de alguma maneira, as histórias com a entrevista que eles deram ao *Granma*. Remeto a essa entrevista, que se pode encontrar na internet, porém vou resumir primeiramente o assunto. Dizem eles que saíram a comprar e se encontraram com alguma pessoa, a qual lhes disse que podia ajudá-los nas lojas, nas feiras, onde podiam comprar melhor. Ocorre que essa pessoa depois os convidou para comer e beber e, após, a terem relações com moças “alegres”. Então, eles estiveram comendo, bebendo e alegrando-se por dois dias. No segundo dia quiseram voltar. Assim, deixaram de assistir à pesagem, algo muito importante no box, e desapareceram; depois reapareceram. Há um testemunho muito interessante, que, creio, saiu na *Folha* ou no *Globo*, de um pescador, que disse que eles se acercaram e lhe disseram que praticamente estavam sequestrados. É uma história de enredos, contradições, do que não entendo nada. O certo é que estão em Cuba e que trabalham, oficialmente inclusive. Fidel Castro tem um artigo que se pode ler também na internet, onde fala deste problema lamentável.

Sobre a realidade de Cuba, posso dizer que, se minha pátria é minha língua portuguesa, minha realidade é duas vezes minha realidade. Quem leu *As afinidades*, publicado pela Companhia das Letras, verá que sou

muito crítico com a realidade cubana, porém não publico nenhum livro fora de Cuba que não publiquei primeiro lá. Esse é um princípio, porque meu verdadeiro leitor é o leitor cubano. Isso não significa que eu tenha escondido livros que não possa publicar, porque me parece que alguém pode ser extremamente crítico, agudo, mas seguir fazendo arte. E aí estão minhas obras como uma ideia, como *Liz*, que faz indagação sobre poder, *As afinidades* e *Visita da infanta*, que é também uma obra muito crítica em relação à realidade. Eu sou crítico da realidade, não porque seja uma realidade criticável, mas porque não posso fazer outras coisas. Tenho olhos para olhar o que anda mal.

Quanto à liberdade de expressão, é certo que em Cuba Fidel Castro é, do ponto de vista crítico, pouco menos que intocável, quer dizer, pode-se jogar com a jaula, mas não com o macaco. Não sei se isso fica claro. Por que vivo em Cuba? Eu mesmo não sei. Eu queria ter uma resposta. De verdade, há coisas que eu queria responder, mas não sei por quê. Se eu perguntar a vocês “por que estão em Passo Fundo”, muitos me dirão: “Sei lá por que estou em Passo Fundo. Eu queria estar agora no Alaska, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, que está tão próximo.” O certo é que toda a minha obra trata sobre Cuba. É claro que posso escrever sobre outra coisa, porém sempre escreverei com olhos cubanos, ou seja, posso aprender todos os idiomas da terra, incluindo o português, porém sempre vou pensar em cubano. Isso é algo que não creio que seja uma virtude, pode até ser uma profunda desgraça, porém cada um tem sua cruz, e essa é a minha cruz. E eu seguirei vivendo em Cuba até que um dia me dê uma patada, possibilidade que está aberta. Não sou complacente, não sou do partido, não sou nenhum pio-

neiro. A única coisa que faço é escrever, e não mentiras; minha posição política está em meus livros, não numa tribuna a favor, nem contra. A mim parece que, com relação à escrita, passa-se o mesmo com a leitura, porém com uma singularidade. Por exemplo, minha experiência pessoal é esta: não comecei a escrever por haver lido antes. Quero dizer, por suposto, li algumas coisas, sabia ler. Uma vez tive uma namorada e nós nos distanciamos, porque ela fez uma viagem ao interior do país e eu fiquei em Havana. Eu a amava muito, e ela me fez prometer que ia me escrever todos os dias e que em cada carta copiaria um poema. Como eu estava enamorado, ela podia me pedir os *Trabalhos de Hércules*, mas não era isso que ela queria. E assim fiz, escrevia-lhe todos os dias e revisava livros de poemas para encontrar um. Porém, o que ocorre com os poemas que foram escritos por outros? Havia neles alguma palavra que não era exatamente o que eu queria dizer. Então, eu modificava uma palavra, modificava alguns versos e copiava o poema sempre, o poeta; porém, modificava o poema segundo a intenção que eu tinha, o que realmente queria dizer-lhe e que o poeta não dizia exatamente. Depois de uma semana, vi que essa coisa de escrever todos os dias não era muito fácil, porque a gente tinha blog em internet, e eu estou falando de escrever num papel, pôr num envelope e pôr um selo e mandar pelo correio. Isso era escrever no tempo de que eu estou falando. Em algum momento me era quase impossível encontrar um poema para copiar. Então, o que fiz? Passei eu a escrever os poemas e assinava como Pablo Neruda, porque eu não era poeta; quem era poeta era essa gente.

Assim, essa moça recebeu poemas inéditos de Neruda e de muitíssimos outros poetas. E quando me dei con-

ta, eu estava escrevendo; inclusive, escrevi um poema muito musical assinado por Nicolas Viven, pois eu podia fazer essa espécie de falsificação com relativa facilidade, criar poemas à maneira de outras pessoas. Assim é que realmente comecei a escrever, não por haver lido tanto; ao contrário, por não querer ler. Portanto, eu creio que, quando se escreve, se está mais perto da terra do que nunca. Conviver não basta; se bastasse conviver, nada se escreveria. Quando falo em escrever, penso numa conexão muito exata com aquilo que quero dizer na realidade, o ponto de vista que tenho, coisa assim.



Da esquerda para a direita: Fabiane Verardi Burlamaque, Ignácio de Loyola Brandão, Reinaldo Montero, Alcione Araújo, José Castilho, Júlio Diniz

ARTE E ENTRETENIMENTO

Marina Colasanti

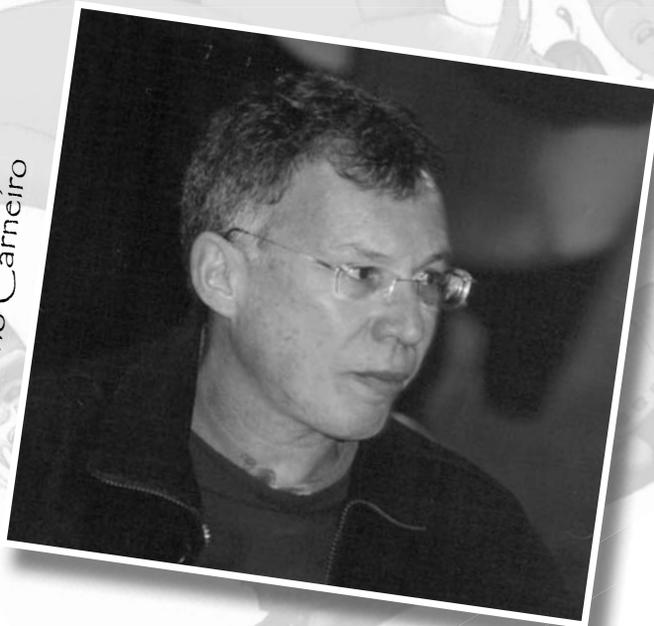


Uma das mais premiadas e reconhecidas escritoras do Brasil, com livros de contos, poesia, literatura infantil e juvenil, é também artista plástica altamente conceituada e ilustra várias das suas obras. Conquistou numerosos prêmios como contista e é poeta respeitada, convidada para participar de encontros de poesia em muitos países. Sempre ligada a temas que tumultuam nossos pensamentos, Marina escreve sobre o avesso da vontade, tema frequente em sua obra. “Contrariar o próprio desejo é uma forma de intuição, o desejo pode não ser o caminho do destino, apenas hábito.” Em seus livros mostra que é possível fazer o pensamento e a emoção caminharem juntos, provocando os leitores o tempo todo, de diferentes formas. Da sua produção mais recente, citam-se *Fragatas para terras distantes* (2004), *A morada do ser* (2004) e obras para crianças e jovens – *Uma idéia toda azul*, *Doze reis e a moça no labirinto do vento* e *23 histórias de um viajante* (2005).

Do meu ponto de vista, quero trocar o título, ou seja, não “Arte e entretenimento”, mas “Arte é entretenimento”. Que é entretenimento? É o que nos distrai, o que seduz nossa atenção, o que nos tira do espaço do cotidiano e nos leva para um espaço de prazer e de fruição. Exatamente o que a arte faz. Na verdade, os dois se encontram no princípio dessa conversa toda, ou seja, se encontram no espaço do jogo. O jogo é sempre o primeiro para cada um, pois começamos a brincar antes de saber falar, antes de ter as faculdades cognitivas já operando, funcionando. Qualquer neném sabe brincar, e não só neném, mas também bicho brinca. O brincar está na origem da espécie, porque todos os povos primitivos têm jogos e brincadeiras.

É por isso que arte e entretenimento são uma coisa só, porque nascem juntos, nos ritos, nos mitos, nas celebrações de cunho religioso, no diálogo com o divino ou no que for. Ali nasce a dança, a pintura, a poesia, tudo junto, arte/entretenimento. Isso ocorreu até se avançar no tempo e o mercado se meter entre esses dois que eram um só: com uma espada, cortou ao meio, ficando uma metade para cá, uma metade para lá, as duas chorando, se procurando, sem conseguir se abraçar novamente para reafirmar a unidade.

Flávio Carneiro



Com pós-doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais, é professor de literatura, crítico literário e escritor. Escreve textos para crianças e jovens, bem como roteiros para cinema. Sua obra *Lalande* (2000), com ilustrações de Rui de Oliveira, conquistou o “Altamente Recomendável para o Jovem”, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O prêmio Octavio de Farias de Melhor Livro de Contos, pela União Brasileira de Escritores, deve-se à obra *Da matriz ao beco e depois* (1994). Dentre as suas publicações mais recentes citam-se *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI* (2005), sobre a literatura brasileira no século XXI, e a novela policial *A confissão* (2006).

Eu estava me lembrando aqui de uma crônica do Veríssimo, não sei exatamente qual é, onde ele diz que, quando criança, a professora colocou uma questão como tema para redação que dizia o seguinte: “Imagina que você está num navio em alto-mar e o navio está afundando. Você está ali no meio da água e está a sua mãe se afogando e a bandeira do Brasil afundando. Daí a pergunta era: Quem você salva? A sua mãe ou a bandeira do Brasil?” Era um grande dilema. Ele cresceu com essa grande preocupação: Quem eu salvo, a minha mãe ou a bandeira do Brasil? Até que percebeu que era uma questão falsa na verdade.

É isso que eu acho interessante, que há questões falsas, as quais só admitem só duas respostas, como aquele programa da Globo *Você decide*. Na verdade, não é questão nenhuma, pois só se pode falar sim ou não. Então, pode-se responder “sua mãe” ou “a bandeira do Brasil”. Você fala assim: “Minha mãe ia ficar muito puta da vida se ouvisse um ‘depende’.” “Depende, como depende?” É, mas faz parte. Acho, então, que é possível um ajuste.

Também acho que, no caso específico da ficção brasileira, esse distanciamento entre literatura e entretenimento, por incrível que pareça, foi muito reforçado pela ficção modernista, como a do Mário de Andrade, Osvaldo de Andrade, essa segunda geração toda do Nordeste, que estabelecia que literatura era coisa séria. A ideia de que o romance pode ser um romance de folhetim, por exemplo, com o qual o cara se emociona, ri, chora ao acompanhar a história, está lá no século XIX e é importante resgatar isso. Existe muita obra de ficção policial hoje em dia, por exemplo do fantástico, que é uma marca dessa ficção atual. É importante resgatar aquele prazer de contar história, de ler história, que foi esquecido lá no folhetim romântico

e agora é resgatado com o sinal de mais. É possível fazer uma ficção agradável, que possa agradar ao leitor comum, ao leitor mais amplo, o leitor do jornal, e ser também sofisticada. A ideia que se tinha é que ou é uma coisa ou outra: ou você salva a bandeira ou salva a mãe, como a dizer que literatura é coisa séria, logo não se pode pensar em fazer literatura engraçada.

O Verissimo, que eu acabei de citar, é um grande exemplo disso: é alguém que faz uma ficção que é entretenimento, é uma literatura altamente sofisticada. O Rubem Fonseca fez isso. Acho que todos os autores que estão aqui trabalham isso, cada um da sua forma, do seu modo, mas trabalham esse diálogo aí. Então, do meu ponto de vista, em razão de uma pesquisa que tenho feito, a ficção atual, felizmente, está redescobrendo que a questão “arte ou entretenimento” é uma questão falsa, pois é possível atravessar com um “depende” essa história toda.

Lúcia Araújo



Jornalista, é gerente geral do Canal Futura. Foi editora do jornal local da TV Bandeirante, fez parte da equipe da Abril Vídeo e editora do *Jornal da Globo*, da TV Globo. Em 1985 e 1986 esteve na TV Cultura para trabalhar no programa *Palavra de Mulher* e chefiar os programas jornalísticos da emissora. Morou nos Estados Unidos, onde trocou o trabalho na tevê pelo jornal, como *stringer* da *Folha de São Paulo*, cobrindo as áreas de cultura, comportamento e *business* em capital Washington. De volta ao Brasil, assumiu o departamento de documentação da TV Cultura e desenvolveu uma série de programas. Integrou a equipe do programa *Gente que Faz* em sua primeira fase, como profissional da produtora TV1. Em 1992 voltou à TV Bandeirante para reformar o *Jornal da Band* e, em seguida, assumiu o cargo de chefia de todos os programas jornalísticos da emissora. Em 1996 e 1997 coordenou as séries de documentários *3Xleila* e *50 anos de Brasil: a história de todos nós* para o canal GNT, da Globosat, e o projeto Tom da Mata, para a Fundação Roberto Marinho e o Canal Futura. Em 1998 trabalhou na CNBC, o canal financeiro da rede NBC, e em 1999 assumiu a direção do Canal Futura no Rio de Janeiro.

Falando do meu ponto de vista, que me acho o viralata no meio de pessoas com tanto *pedigree*, achei interessante a abordagem da Marina e do Flávio, porque o que me incomodou quando li o tema da mesa foi exatamente a sensação de compartimentação de duas atividades, de duas áreas que estão imbricadas o tempo todo. Vim inspirada até por uma frase do Drummond com o objetivo firme de combater essa fronteira da arte com o entretenimento, a qual diz: “Os senhores me desculpem, mas devido ao adiantado da hora eu me considero anterior às fronteiras.” Acho que é isso que o Flávio estava falando sobre como a ficção se enriquece, quer dizer, como é que se separa a literatura de um Noel Rosa da diversão oferecida por um Verissimo. Essas coisas têm fronteiras, em geral, muito artificiais, que só nos atrapalham. Pode-se até facilitar às vezes o exercício de análise compartimentando cientificamente, mas na vida e na arte é tudo uma coisa só.

Curiosamente, eu estava vindo para cá lendo a revista *Bravo*, onde há quatro ou cinco páginas de discussão sobre se os Simpson são arte ou não, por filósofos, artistas, educadores, psicólogos. E a conclusão é de que os Simpsons são uma forma de arte, sim. Acho que não precisamos nos estender muito, pois temos as experiências todas que a própria história da humanidade nos traz, com os tropicalistas, o tempo todo transgredindo as fronteiras. Eu não vim aqui para falar especificamente do Canal Futura, mas é um pouco o que a gente faz o tempo todo no Futura: tentar sair da biologia para a história, da literatura para a comida, da comida para a ciência. Então, o nosso exercício diário como produtores de televisão é tentar desafiar as fronteiras como Drummond nos ensinou.

Nelson Motta



Escritor, letrista, jornalista, historiador da MPB, produtor musical e revelador de talentos. Nelson Motta talvez seja hoje a maior referência no país quando o assunto é a história e a importância da música popular na formação da sociedade brasileira nos últimos quarenta anos. Foi um ativo participante dos principais movimentos e acontecimentos que fizeram a história da MPB. Seu livro *Noites tropicais* é um *best-seller* com mais de oitenta mil exemplares vendidos. Em 2000, retornando ao Brasil depois de nove anos morando em Nova York, Nelson Motta passou a ser constantemente convidado para ministrar palestras sobre a história da MPB. De lá para cá foram incontáveis as palestras em eventos realizados em centros culturais, universidades, auditórios no Brasil e no exterior. Autor de sucessos musicais como *Dancing days*, *Como uma onda*, dirigiu shows e produziu discos de cantores famosos. Foi diretor artístico da Warner Music Brasil e integrou por oito anos a mesa do programa *Manhattan Connection*. São de sua autoria as obras *O canto da sereia*, *Nova York é aqui*, *Confissões de um torcedor*, *Ao som do mar e à luz do céu profundo* e *O rei da folia - o som e a fúria de Tim Maia*, 2007.

Eu sempre fui *pop*. Na minha vida, comecei a minha formação, a minha ligação com música, com literatura. O primeiro escritor adulto que li, com 12-13 anos, foi *Gabriela, cravo e canela*, do Jorge Amado, que se tornou um paradigma de literatura. Li muitas coisas, clássicos, muitas coisas ruins, vagabundas, como todo mundo, mas a minha questão é o que busco num livro, como leitor, que me tire do mundo, que me leve para outro mundo, que me ensine coisas, que me faça ter emoção, que tenha suspense, que tenha sexo, que tenha mistério. Isto é do que gosto: pegar um livro. Eu sou uma pessoa ligada à música. Se me perguntarem hoje sobre o que prefiro, um bom disco ou um bom livro, prefiro um bom livro. O disco, ficamos ouvindo, pensando em outra coisa, conversando, qualquer coisa, mas um livro, se estamos grudados nele, não há nada que nos tire, nosso pensamento não se desvia daquilo. Então, aquilo nos alegra, nos entretém e tem quase o efeito de uma meditação no sentido de esvaziar a cabeça, porque não estamos pensando em outras coisas, em besteira, fofocando conosco mesmos, mas grudados na história.

Então, quando escrevo os meus livros, rezo, literalmente, para que o meu trabalho possa alegrar, divertir as pessoas, esclarecer e emocionar um pouco. Se eu conseguir isso tudo, já está de bom tamanho. Não tenho pretensão de fazer arte; se conseguir fazer um bom entretenimento, para mim é tudo o que posso dar com o meu trabalho. Então, o que é melhor: uma arte chata ou um entretenimento empolgante, que te enriquece, que te emociona? É outra questão, mas podemos ter as duas coisas. No campo da música, fazendo um paralelo, se eu fosse músico, as minhas músicas não seriam as de um Edu Lobo, do Tom Jobim, por quem tenho imensa admiração; minha música

seria mais um Tim Maia, um Lulu Santos, uma questão de temperamento. Acho que isso é uma questão de sinceridade conosco mesmo, com as pessoas que nos leem. O que queremos fazer? Queremos divertir, alegrar as pessoas, fazer pensar, emocionar, fazer chorar, mexer com a emoção, isso é maravilhoso. Acho que tenho bastante influência com o que escrevo.

Eu estava falando antes de novelas de televisão que eu vi a vida inteira: novelas geniais do Dias Gomes, adaptações do Jorge Amado, até o Gilberto Braga. Na primeira matéria assinada em jornal que fiz quando estava começando, fui entrevistar o Gil e já havia aquela discussão de música brasileira, porque nessa época dizia-se que a Jovem Guarda fazia música jovem e a MPB, música brasileira. Eu não entendia por que não se podia fazer uma música jovem e brasileira ao mesmo tempo, como acabou sendo feita. Então, essas questões se encontram no momento em que vivemos, em que há essa interação do cinema, da televisão, da internet, dos jornais, de tudo o que se vê, se olha. Temos de ter a coragem de dizer: “O que eu faço é arte.” Só queria acrescentar uma coisa: às vezes há aqueles que tentam fazer arte, mas não conseguem sequer fazer um bom entretenimento.

Maurício Melo Junior



É escritor, jornalista, crítico literário, professor universitário e, na TV Senado, é titular do programa *Leituras*, espaço dedicado à análise e à divulgação da literatura brasileira. É assessor de imprensa do Ministério da Justiça e escreveu resenhas literárias para o *Jornal do Brasil* e revistas brasileiras. É autor de livros infanto-juvenis e de contos publicados em diversas antologias. Sua mais recente obra, *Andarilhos* (2007), é um mergulho em dois universos caros à história e à mitologia brasileiras: a pátria quilombola de Palmares e as ressonâncias do canção justiceiro de Lampião.

Eu sempre fui um apaixonado pela leitura e sempre fui um leitor compulsivo. Li de tudo na minha vida e chegava ao fim dos livros quase como uma obrigação. Quando tinha 12 anos, no interior de Pernambuco, fui obrigado a ler *O sertanejo*, de José de Alencar, que foi uma “pedreira” para mim, um menino de 12 anos, tanto que quase desisti de ler ali. Mas não desisti, e só vim a entender isso certo tempo depois. Fiquei lendo *O sertanejo* de José de Alencar até o fim, que era um livro para iniciados. De qualquer forma, havia uma coisa ali que me fascinava. Entrevistando, em *Leituras*, o cordelista J. Borges, um dos grandes poetas populares brasileiros, ele me dizia o seguinte: “Eu só me dou por satisfeito com os romances, o que eles chamam os romances de cordel, quando consigo prender o meu leitor; quando consigo que o meu leitor chegue até o fim do meu romance.”

Pouco tempo depois, entrevistando Lygia Fagundes Telles, ela me dizia uma coisa interessante: “O meu trabalho é uma coisa de sedução. Eu tenho que seduzir o meu leitor para que ele chegue até o final do meu romance, para que ele chegue até o final do meu conto, porque só aí o meu conto vai ter sentido.” Acho que foi exatamente isso que aconteceu quando li *O sertanejo*, pois, de qualquer forma, havia alguma coisa ali; esqueci um pouco a linguagem passadista e tentei me envolver com a aventura.

O que aprendi nesses anos de leitura, se é que aprendi alguma coisa, é exatamente isto: não há incompatibilidade entre a boa leitura e o entretenimento mesmo – o entretenimento no sentido de que se estamos buscando ler alguma coisa que nos emocione, que nos toque de alguma forma como leitor e que, de certa forma, nos dê um alen-

to de vida. Eu vejo todas as formas de análise do *Grande sertão: veredas*, porém poucas vezes se fala do enredo do *Grande sertões: veredas*, que é um grande enredo de amor, uma discussão tão moderna que Hollywood copiou recentemente: é a paixão de um jagunço por outro jagunço. E isso é todo o drama de Riobaldo, é uma coisa que prende durante todo o romance. Mesmo que a Globo tenha matado um pouco desse suspense quando botou a Bruna Lombardi para fazer a Diadorim, continuamos aí na ilusão daquela trama de Guimarães Rosa.

Também penso que não há incompatibilidade entre uma coisa e outra. *Angústia*, do Graciliano Ramos, é outro exemplo; *São Bernardo* também é um grande exemplo disso. Até aonde vai a loucura do Paulo Honório? Nós queremos saber até aonde vai, e ele nos prende com uma linguagem requintada, um argumento forte, mas ao mesmo tempo envolvente. Portanto, Graciliano também sabia seduzir, apesar de muita gente achar que não. Acho que no universo da palavra temos de nos ligar mais às emoções. É isso que uso como material de análise dos livros.

Comentários

Alcione

Eu vou problematizar mais a questão tomando por um outro lado, talvez pelo lado que o Loyola tenha sugerido. Passamos a falar de entretenimento e de arte como se houvesse, necessariamente, um afastamento obrigatório. A questão é, quando aparece a sociedade de massa, o entretenimento de alguma forma é apropriado dentro de uma escala industrial. Essa escala industrial passou

a operar com a busca do desejo do que se quer; portanto, começa a se operar o que seria a arte como produto, que precisa atender a uma determinada demanda que foi confirmada por pesquisa. Assim, passa-se a responder a uma expectativa, que já foi constatada por pesquisas numéricas, quantitativas e, às vezes, qualitativas também. Portanto, a arte, essa produção, ou este produto, começa a perder uma característica fundamental, que é a criação individual, radicalmente pessoal, sobre o mundo e sobre o homem; então, perde-se a liberdade do espontâneo e do gratuito. Passa-se a ter uma intencionalidade que busca na plateia, na audiência, o que ela quer; assim, elabora-se como produto industrial e devolve-se. Isso sugere uma questão complexa, que é o fato de, respondida a expectativa dessa plateia, ela não avançar no sentido de procurar interpretações possíveis, que é o que a arte sempre oferece, ou seja, a pluralidade de interpretações e a leitura individual de cada indivíduo, de cada contexto. Assim, acaba-se oferecendo um produto que é indiferenciado do ponto de vista da sua percepção e industrializado do ponto de vista da sua produção. Ao invés de ser um objeto suscetível, de múltipla interpretação, é um objeto unívoco, direcionado a uma vontade, a uma expectativa, objetivada em pesquisa. Acho que isso diferencia muito e acaba se subtraindo nessa ideia de entretenimento, porque é um entretenimento legítimo das brincadeiras do Picasso com o cubismo, ou do Miró, que quer brincar com as formas e as cores. Trata-se de um entretenimento que está ligado ao discurso que alguém faz sobre as relações pessoais com alguma alegria frívola, que é muito atraente e

muito sedutora. Acontece que o que vai desaparecendo no nosso mundo é o conceito de arte, porque se impõe o conceito de entretenimento, ou seja, a produção industrial de entretenimento tem de produzir alegria, tem de produzir felicidade e, às vezes, tira o senso crítico de quem a recebe. Então, a vida passa a ser uma coisa leve, agradável, etc., porém, na verdade, estamos escondendo de nós a diversão trágica do existir.

Marina

Justamente voltamos àquilo de que falei, de que chegou o mercado e fendeu ao meio. O Nelson falou “eu sou *pop*, eu quero ser *pop*”. A arte era *pop*. Na Renascença, por exemplo, para que servia a arte? Pintava-se nas igrejas, embora por uma elite, porque é preciso ter um preparo mínimo para produzir arte. Qual era a função dessas pinturas nas igrejas? Dialogar com pessoas analfabetas, que não tinham acesso ao livro, o povo que as frequentava e que precisava aprender aquilo que a Igreja queria lhe ensinar, ou seja, as histórias da religião, os preceitos da religião. A pintura servia para isso: ela tinha uma função e era *pop*.

A arte era popular, só deixou de ser popular progressivamente. Por quê? Nós falamos em entretenimento e arte. Esses termos não são abstratos; estão ligados ao seu tempo, ao momento histórico, político. Como exemplo, quando eu era criança, durante a guerra na Itália, no regime fascista, na rua era proibido conversarem mais de três pessoas, porque configurava um ajuntamento. À noite ficava tudo escuro, por causa dos bombardeamentos. Então, não poderia haver um conceito de entrete-

nimento de massa público, ao ar livre, como temos hoje. Em São Petersburgo, há três semanas, onde eu estava, atrás do palácio do Museu Ermitage estava sendo armado o espaço para um concerto dos Rolling Stones. Isso há trinta, quarenta anos seria uma coisa absolutamente impensável, como é hoje, por exemplo, no Irã, onde ainda não se pode. Então, os conceitos de entretenimento e de arte vão mudando. O que aconteceu a partir da pós-modernidade é que a arte foi sendo afastada, o conceito de arte foi sendo detonado, ou seja, aberto, com tudo passando a ser arte. Se tudo é arte, nada é arte, a qual foi se afastando do *pop*. Então, o Nelsinho tem razão quando diz: “Ah, dizer que eu faço arte é muita pretensão.” Está certo, porém não é pretensão a pessoa ter um projeto: “Eu quero fazer arte.” É uma proposta, como a do sujeito que quer ser pianista e tocar Bach e do outro que quer tocar em banda. São propostas da mesma validade e deveriam ser igualmente ligadas ao todo, porque sem o todo nada funciona. Hoje temos os grandes questionamentos sobre a arte contemporânea porque ela se afastou do todo; está nas galerias de arte, não dialoga com as pessoas. E a beleza e intensidade da arte é dialogar com as pessoas, porque a arte e o entretenimento saíram ambos de um inconsciente que nos era comum; não quero usar inconsciente coletivo porque eu estaria usando erradamente, mas era um sentimento que nos era comum, pois emanava das pessoas para ser consumido pelas pessoas. Hoje em dia emana das agências de publicidade, das estatísticas; nós temos de dar a eles o que eles querem para vender mais e temos de nos convencer de que eles querem isso mesmo: o *fast food*

da arte e da cultura. Desse modo, estamos detonando também o entretenimento. Nós não percebemos, mas o entretenimento vai ficando cada vez mais empobrecido, porque perde a pluralidade, a possibilidade de escolha, a coisa múltipla; aquilo de cada um gostar de um negócio diferente, de acordo consigo, com seu momento, com sua posição, com tudo. Há um empobrecimento de ambas as coisas.

Flávio

Quando vão para algum lugar, as pessoas acham que estão pensando todas a mesma coisa, mas, na verdade, não ocorre assim. Quando estamos falando de entretenimento, de arte, a primeira coisa que pensamos é conceituar essas questões. Penso que teríamos de, talvez, pensar que haveria uma diferença minimamente conceitual entre prazer e entretenimento, porque há prazer em tudo; até torcer para o Botafogo pode ser um prazer, uma glória, que é o meu caso. Então, podemos sentir prazer vendo Picasso, ou lendo Joyce, por exemplo, por que não? É uma forma de prazer. Acho que talvez estejamos entendendo por entretenimento um prazer desinteressado, como aquilo que não tem peso, que é um prazer leve. Na verdade, o prazer de admirar uma obra de arte modernista, uma ficção modernista, é um prazer de outra espécie; é, de alguma forma, interessado. Fico pensando, por exemplo, em termos de ficção, como *Macunaíma*, uma obra importantíssima do Mario de Andrade, e *Memórias sentimentais de João Miramar*, do Oswald de Andrade, que ainda hoje não entretêm o público. É porque é um prazer mais pesado, que exige um

repertório diferente. O grande autor do século 21 é o Machado de Assis. Quando lemos *O alienista*, por exemplo, ou outros contos, ou o Veríssimo ou Rubem Fonseca, não paramos para pensar: “Que estratégia genial o cara colocou! Que coisa sofisticada!” Nós lemos a história, mas, se quisermos, podemos entrar nessa análise. Então, no campo específico da literatura, grande parte da ficção do século XIX procura provocar um prazer mais pesado, não exatamente esse do entretenimento, seja por meio dos exemplos que citei – do *Macunaíma* e do *Memórias sentimentais* –, seja na segunda geração mais envolvida politicamente. O Jorge Amado, que é um grande criador de entretenimento, dizia lá nos anos 30: “Eu não estou preocupado com a forma de contar; minha preocupação é a mensagem de revolução, mensagem ideológica...” Revolução, a princípio, não combina com entretenimento, é coisa bem distante. Mesmo depois, Guimarães Rosa e Clarice produziram uma ficção que não é exatamente esta que poderíamos dizer de entretenimento, mas que provoca um prazer; sem dúvida, é um prazer específico, restrito, que exige uma certa bagagem intelectual. O que estou querendo dizer é que há uma ficção brasileira “pós-moderna”, digamos, pós-ditadura militar, dos anos 80-90, que busca ser sofisticada, mas, ao mesmo tempo, busca este conceito de entretenimento, quer dizer, busca um público duplo. Então, se vamos ler um romance do Rubem Fonseca, podemos lê-lo com esse prazer mais sofisticado do especialista, ou podemos lê-lo com prazer leve. Revendo a minha experiência, não me lembro de muitos contos do Rubem Fonseca, embora tenha lido toda a obra dele. Assim, cada vez que tenho de dar aula,

tenho de reler, porque li desinteressadamente, li como acho que temos de ler um romance policial, como li o *O canto da sereia*. No caso, vamos lendo sem aquela preocupação de achar ali um prazer muito sofisticado. Penso que talvez seja esta a diferença: ambos são formas de prazer, mas talvez entretenimento seja um prazer mais desinteressado.

Nelson

Eu acho que há esses dois níveis, principalmente no Rubem Fonseca. O que diz o Jorge Amado, de que não liga para a forma, é conversa dele, pois ele sempre deu um bom polimento aos seus textos, porque sabia que, se a história não tiver uma boa forma, a mensagem não passa. No caso do Rubem Fonseca, lemos e depois nos encantamos também com a qualidade da leitura, das palavras, do ritmo e de tudo. O nosso querido Gabriel Garcia Marques, que é um artista, um *entertainer*, falou numa entrevista que sabia das regras de escrever bem, de usar substantivo, ter poucos adjetivos, não ter excesso, mas que a sua luta era para a literatura hipnotizar o leitor. Por isso, constantemente nele há palavras desnecessárias, mas que dão um ritmo irresistível à frase e levam o leitor para o parágrafo seguinte. Através daquele ritmo, daquela cadência das palavras, da linguagem, o leitor vai absorvendo as ideias, a história e, ao mesmo tempo, fruindo aquela forma literária; ainda, aprende a se expressar lendo coisa bem escrita, aprende a falar melhor de si mesmo, a se ver melhor até, por causa dessa escrita boa de forma.

Júlio

Para continuar nessa linha, fica muito claro que na ideia de entretenimento não vai haver consenso, até porque há leitores, comunidades de leitores, que filtram de maneiras completamente distintas. Quanto à ideia de entretenimento e prazer, penso que a diferença é uma fruição muito individual. O entretenimento está muito ligado a uma ideia adorniana de cultura de massa, mas que não precisa ter uma marca de negatividade, como já vimos. Isso é uma ideia preconceituosa. Então, toda essa discussão remete também a algo muito contemporânea, que é a valoração. Os valores eram, antigamente, resultado de um julgamento crítico polarizado, como ruim/bom, presta/não presta, erudito/popular, nacional/estrangeiro, esquerda/direita, tradição/ruptura. Foi essa certa tradição dicotômica que nos formou. Contudo, diante da flexibilidade pós-moderna contemporânea, onde fica a questão da valoração? Quer dizer, quais são os valores que utilizamos para dizer isso é definitivo, isso é inventivo, ou isso é passageiro? Na música, por exemplo, ninguém discute a popularidade de Caetano Veloso, Gilberto Gil ou Tom Jobim, mas todo mundo sabe que houve o ciclo do axé, o ciclo do pagode, o ciclo de não-sei-o-quê. Então, como fica a questão da permanência, ou seja, não estaria também ligada a essa dificuldade hoje de valor, quer dizer, o que é bom, o que é ruim, para não cair numa dicotomia?

Marina

Uma primeira observação é que não só na literatura temos de ter níveis diferentes, porque na música também há um outro tipo de apreciação. Como exemplo, quem entende de música tem uma fruição do *jazz* cinquenta vezes maior do que a minha, que não a conheço e a acompanho só de uma maneira muito superficial. Então, mesmo na música popular, mesmo a *pop* mais *pop*, um Piazzolla da vida, se tivermos conhecimentos apreciaremos muito melhor. O mesmo ocorre com a literatura, com a pintura, ou seja, os livros de fruição, mesmo do entretenimento, mesmo da arte mais *pop*, são diferentes, exigem livros diferentes. Uma segunda observação é a seguinte: ninguém começa a escrever um livro para ser chato. Todo mundo quer ter leitores, porque é a função da literatura, é a junção entre o autor e o leitor. Então, todos partem para um exercício de sedução; o que varia são os níveis, pois depende de quanto se quer sacrificar para seduzir o outro, de qual é o projeto. Há variantes, não é algo estático: “Eu quero seduzir, eu não quero seduzir.” Todos querem seduzir, porque o ser humano só quer isso; logo, não há possibilidade de qualquer criador não partir para a sedução, para a conquista do outro. Outra coisa acerca do que eu dizia da coisa popular e do diálogo intenso que há na arte é que, por exemplo, *Grande sertão: veredas*, uma obra magna da nossa modernidade, é tido como de fruição difícil por causa da linguagem, etc. Mas o Guimarães também queria seduzir, tanto que escolheu uma história de um homem apaixonado por outro homem que não é homem, é mulher. Isso se chama “donzela guerreira”, isso é um mito, é um toque na literatura que vem sendo repetido desde antes da

escrita, porque vem na oralidade. Isso está em *Orlando furioso*, que influenciou metade da literatura universal e já não era novo em nesta obra; está em Shakespeare, que também trabalha com a donzela guerreira. Então, o Guimarães escolheu uma forma muito sofisticada, cujas raízes estão lá embaixo, na cultura popular, na fala popular; ele pega a palavra popular e recozinha, mas a raiz está lá embaixo, no sentimento coletivo muito amplo. Ele se garantiu na sedução do seu livro. Por isso, às vezes podemos trabalhar com formas muito complicadas, ou muito rebuscadas, ou muito ricas, que podem parecer difícil, mas jogamos por baixo dessa forma um conteúdo, um apelo que está em toda a alma leitora, ou em toda a pessoa que se aproxime da narrativa. A arte é feita disso: de vários elementos combinados que dão um produto mais rico ou menos rico. Também quero fazer outra observação: o sofrimento também é prazer; ver o sofrimento é prazer, porque é identificação, é reconhecimento. Uma vez que a vida para ninguém é só prazer, é toda entretida com o sofrimento, observar, estudar, receber o sofrimento alheio através da arte é uma forma de inclusão no todo. Não sou só eu que estou sofrendo; todo mundo sofre, eu sou parte do todo. Isso é um sentimento de prazer, de afeto, de inclusão. E a arte faz isto, essa é a força da arte.

Nelson

Quero acrescentar também que nesta época moderna de comunicação de massa o sofrimento real que se vê nos telejornais, nos jornais, na revista, na internet é em quantidade imensa no Brasil e no mundo. No século XIX ninguém sabia que se estava sofrendo na China, na

Bulgária ou no Canadá; hoje, a matéria-prima dos telejornais é o sofrimento humano, em níveis que poucos ficcionistas ousariam conceber. Então, isso muda bastante essa questão. Não digo que a arte deva ser só de prazer e leve, ou que eu posso fazer da minha parte só isso. Por exemplo, *Ensaio sobre a cegueira* é duro, é cruel, mas não podemos parar de ler; o que nos move ali não é a crueldade, mas é a história, é o que vai acontecer. Por isso, acho que tem de ser esse ponto da reflexão sobre o sofrimento humano, sobre a dor; temos de ver também à luz dessas doses cavалares de sofrimento que são servidas todos os dias, querendo-se ou não, no mundo inteiro.

Maurício

Voltando um pouco aqui ao tema sobre que seria ou não uma obra de arte, questiono sobre quem poderia julgar isso. Em Paulo Freire, como exemplo, eu não vejo absolutamente nada de magia, não sei daquele mundo dele. Eu sou leitor e, como leitor, acho que ele escreve muito ruim; a literatura dele não consegue me empolgar em absolutamente nada. Então, acho que tenho um discernimento crítico para dizer que ele não é um bom escritor. Um dos mais recentes romances do Ignácio de Loyola Brandão, *O anônimo célebre*, traz uma história extremamente eletrizante de um cara que vai se confundindo com outro, numa proporção meio maluca, e, pelo que li nas resenhas sobre o livro, sempre o destaque é esse assédio de ser o outro. O Loyola discute muito neste livro exatamente essa conceituação sobre a mitologia moderna, quer dizer, as pessoas sentem essa necessidade de serem mitos, mas mito a toda hora custa. É o que leva

a participar de *Big Brother*, o que leva a posar para a *Playboy*, quer dizer, é o que leva as pessoas à exposição extrema como forma de buscar a sua celebridade, mesmo que seja vazia. Então, essa é a grande discussão do livro do Loyola, pelo menos do meu ponto de vista de leitor. O que é que fica dessa permanência? Humberto de Campos criticou Augusto dos Anjos. Quem ficou? Na década de 60 se lia muito José Mauro de Vasconcelos. Na minha época de adolescência apareceu um poeta, que depois até disseram que era ligado ao SNI, chamado Neimar de Barros. Acho que só eu lembro desse cara hoje. Quer dizer, o que é que fica? Fica exatamente a arte construída com competência e que busca sensibilizar o seu leitor. E Augusto dos Anjos fez isso usando uma linguagem cientificista. Por sua vez, o João Cabral de Mello Neto usa uma aparente dureza de pedra, mas que, na verdade, é de um lirismo profundo, porque um homem que escreve um verso que diz assim: “Belo como a outra onda, que o fim do mar sempre adia / ou como um caderno novo quando a gente principia”, é um lírico, mesmo que ele diga que não. E é com esse lirismo que ele nos encanta, pelo menos na minha leitura, na minha visão de leitor.

Lúcia

Eu só queria lembrar um pouco que talvez estejamos esquecendo uma outra dimensão, superimportante, nesta discussão, que é a dimensão das outras instituições e das outras pessoas envolvidas nesse diálogo com o entretenimento, com a arte. A Marina falou uma coisa importantíssima: os diferentes níveis de fruição que o repertório que cada um carrega consigo traz. Eu queria

falar rapidamente da minha própria experiência. Passei a vida vendo televisão, deitada, vendo seriado de TV, os Simpson da época, e, à medida que fui me escolarizando, estudando, fui sendo levada através dessas outras influências para os livros, para o cinema, para as artes plásticas. Assim, fui sendo capaz de diferenciar o que estava acontecendo comigo e o prazer que o conhecimento é capaz de proporcionar. Vejo alguns tipos de condenação aos meios de comunicação de massa, ao público de massa, que, aliás, é um conceito em que não acredito, porque cada pessoa interage com aquilo que está vendo de uma forma diferente. Acho que precisamos estimular aquelas experiências que estão entretendo, que podem estar levando a pessoa a buscar outras fontes, a crescer, a procurar outras referências para enriquecer sua própria vida, porque nada substitui a experiência humana. Portanto, quem trabalha num canal de televisão, que tem o objetivo de estar se educando em primeiro lugar, está ajudando a construir uma sociedade melhor, uma sociedade de pessoas que se sintam mais realizadas. Tudo isso é superimportante, como o programa que se faz aqui na Universidade de Passo Fundo, chamado o *Mundo da Leitura*, o qual, através do entretenimento, dos recursos do entretenimento, estimula as crianças para o hábito da leitura. Contudo, não adianta só a televisão, por mais meritória que seja, fazer o esforço se a família não está fazendo esforço, se a escola não está fazendo esforço. Sempre tentamos apontar no outro aquilo que não conseguimos resolver, às vezes mesmo na nossa casa. Como acompanho muito o assunto criança em televisão, vejo que criança gosta de assistir à televisão com os pais. Por isso, se o pai está vendo um programa que não é dos mais qualificados, vamos

dizer assim, a criança está vendo também. Então, acho que temos de pensar tudo isso de uma forma muito holística, porque tudo está interferindo em tudo. Eu não condenaria o meio de comunicação de massa em bloco, porque podemos ter dentro de uma mesma televisão ou rádio diferentes iniciativas, que não se caracterizam uma ausência do sujeito. Sempre há a interferência de artistas, que têm todas as credenciais que o mundo artístico exige, que estão lá, ombro a ombro, trabalhando com os profissionais de televisão. Assim, acho que não podemos também condenar sem pensar que, primeiro, o público é feito de pessoas individuais que se relacionam de formas diferentes; o público interfere, sim, através das pesquisas e da própria leitura de mundo que cada um dos profissionais de televisão faz. O Gilberto Gil tem uma frase de que gosto muito: “O povo sabe o que quer, mas também o povo quer o que não sabe.” Cabe a nós, que estamos nos meios de comunicação, conseguir ler esse mundo e identificar espaços, nichos, lugares em que possamos fazer algo que não sirva para a pessoa ficar o dia inteiro na frente da TV, mas que a estimule a ir em busca de livros, a frequentar galerias, museus, curtir música, a vida, sobretudo buscar enriquecimento pessoal.

Flávio

Gostaria de completar aqui uma pergunta do Julio que ficou no ar, a respeito dos valores, uma questão muito delicada principalmente para o crítico. O crítico é aquele cara que tem de responder a perguntas muito chatas. Exemplo: “Por que eu gosto desse e não gosto daquele?” Eu queria falar rapidamente sobre isso, porque é importante, às vezes, se perguntar por que não se gosta de

determinado sujeito. Escrevi um artigo chamado “Por que não gosto de Paulo Coelho” porque achava que era importante responder a essa pergunta, por ser um autor execrado, tido como subliteratura. Particularmente, não gosto também de Paulo Coelho, mas quis responder à “Por que não gosto?” Então, na resposta a essa pergunta respondo também à questão: “Do que eu gosto no texto literário?” É onde Paulo Coelho entra na história. Eu acho que o Paulo Coelho faz uma ficção – se é que podemos chamar de “ficção” – extremamente perversa, que chamamos de “ficção de autoajuda”. Acredito que, quando se quer ensinar alguma coisa a alguém, alguma coisa séria, um recado ideológico, de modo geral, o outro que vai ouvir já se arma para não receber de uma forma muito evasiva aquilo que se quer ensinar. Por exemplo, pela experiência que temos, quando a mãe diz à filha “olha, tenho uma conversa séria para ter com você”, a menina pode nem saber o que é, mas já começa a negar. Contudo, se a mãe diz “olha, quero te contar uma história”, a menina – ou qualquer outro sujeito – se abre, ou seja, todo mundo relaxa na cadeira e se pode falar o que se quer que se vai estar sendo ouvido. Por quê? Porque nesse momento você está preocupado em ouvir uma história; não é alguém que vai te ensinar alguma coisa. Por isso, onde está a perversão desse tipo de ficção praticada pelo Paulo Coelho? Ele diz “vou te contar uma história”, você se abre e lá dentro ele joga a ideologia. É um tiro direto no coração do leitor. Essa forma de transmitir a ideologia é extremamente perversa, desrespeitosa, perigosa, porque se apropria de um discurso da pluralidade para inserir de uma forma eficaz no coração do leitor o que interessa, seja uma ideologia do bem, seja do mal. Então, a ficção do Paulo Coelho, como

outras ficções de fundo ideológico, é perversa, o que eu chamaria de “ficção falsa”. Em contrapartida, um valor que julgo fundamental na ficção é perceber que o texto está respeitando o direito do leitor de ser artista da leitura. Porém, como vai ser artista se o texto já vem com a resposta pronta? Portanto, o que é um bom texto literário? É aquele que pede que você pratique junto com ele algum tipo de arte; aí, sim, ele é mais sofisticado ou não. Particularmente, valorizo isso. Quando percebo que o texto está me chamando de burro, de idiota e diz “olha, como você não sabe pensar, está aí a resposta pronta”, desse texto eu quero distância.

Nelson

Querida acrescentar uma coisa que talvez seja curiosa sobre o Paulo Coelho. Também não li quase nada, apenas os dois ou três primeiros. Um foi *O alquimista*, que li numa tarde, uma historinha infanto-juvenil, interessante. Dois anos depois, eu estava no Japão, numa estação de trem, e não tinha nada para ler. Então, vi uns livros em inglês, entre eles *The alchemist*. Pensei: “Vou dar uma olhada.” Era cem vezes melhor que o original que eu tinha lido, porque era muito mais bem escrito; a historinha continuava razoável, mas era muito bem escrita ali. Nesse ponto me intriga uma questão: no Brasil o Paulo Coelho faz toda essa enganação, vende livros e tal e coisa. Mas como é que ele vende quatro, cinco milhões de livros na França, na Itália, lugares com um nível de cultura de massa, de exigência, de tradição e tudo? São países onde ele mais vende, muito mais do que nos Estados Unidos, onde, supostamente, o Coelho não se deu tão bem. Depois analisei a tradução italiana de *O alquimista* e verifiquei que é maravilhosamente

bem escrita. Então, se a historinha é boa, a forma como é contada faz uma diferença enorme. Portanto, não se pode pensar que esses dez milhões de franceses e italianos são idiotas completos e nós somos o suprassumo da inteligência, pois não é bem assim.

Marina

Vou ler a minha pergunta aqui: “Em *Fragatas para terras distantes*, a escritora defende a ideia de que existe, sim, uma literatura feminina. Como é possível definir isso?” Esta é uma pergunta muito boa, mas que exigiria uma resposta muito complexa, a qual eu dei no artigo que está sendo citado aqui do livro *Fragatas para terras distantes*. Vou tentar resumir isso ao máximo. Primeiro, se não existe uma literatura feminina, só existe literatura masculina; se não existe literatura feminina, só existe uma, e é a outra. Essas coisas são excludentes. Infelizmente, não temos ainda um patamar em que a literatura seja de todo mundo. Houve uma discussão teórica, uma discussão perversa, com vários matizes, sobre se existe uma literatura feminina. Posteriormente, a crítica feminista, as escritoras do segmento feminista, que foram a maioria, sobretudo fora do Brasil, deram suas respostas: a pergunta teria de mudar de patamar ou de formulação, passar para um outro estágio. Mas a pergunta se manteve idêntica, porque o seu interesse não era a resposta, mas a própria pergunta. Enquanto se põe uma coisa em suspensão, ela não existe plenamente, está num limbo. Era essa a função da pergunta. A questão é que palavra é poder, isso já foi analisado. Já se viu que as mulheres nunca foram dadas às palavras fundamentais das religiões; as mulheres podem ser freiras, mas não podem dar os sacramentos, em todas

as religiões acontece isso. Essa mudança é progressiva, porque palavra é poder. Ora, se reconhecermos que as mulheres devem ter uma literatura, que é feminina, significa que elas têm uma palavra; então, elas adquirem um poder. Outra questão é: “Por que literatura é contestação?” Literatura é questionamento do *status quo*, é crítica. Se dermos às mulheres o direito de termos uma literatura sua, estamos lhes dando o direito da contestação, o que há vinte ou dez anos atrás ainda era um coisa bastante conturbada, um terreno bastante conturbado. Tanto que essa pergunta já não estamos ouvindo mais com a fúria com que se via, até mesmo porque o mercado de agora está interessado na literatura das mulheres. E aí entra um terceiro ponto: as estatísticas mostram que as mulheres leem mais do que os homens, compram mais livros do que os homens no mundo inteiro e, sobretudo, são as maiores leitoras de ficção e de poesia, enquanto os homens são os maiores consumidores de livros teóricos. Então, interessa hoje ao mercado o olhar feminino, que está ligado no produto feminino. Já não se fala tanto “não existe uma literatura feminina”, porque isso é um interesse de mercado, o mesmo que fazia com que antes a literatura feminina fosse temida, porque viam invadir o território da literatura masculina. Isso tudo foi muito analisado; existem grandes análises melhores que a minha. Assim, se a ciência nos prova, porque nos prova, que as mulheres usam o cérebro de forma diferente para falar, usam o cérebro diferente nas relações interpessoais, que as mulheres falam mais cedo do que os homens, têm mais facilidade para falar do que eles e que o cérebro das mulheres lhes facilita o discurso abstrato, falar do abstrato, enquanto o cérebro masculino é mais apto a falar do concreto; se

nós temos tantas diferenças cerebrais nessas áreas, por que não podemos ter uma escrita diferente, apoiada no olhar diferente? Eu vejo o mundo como mulher, não tenho a menor dúvida e nunca refutei isso; eu só posso ver o mundo a partir do meu corpo, da minha condição feminina. E por que ao escrever sobre o mundo não usarei essa condição e esse olhar? Só se eu for um boneco de ventríloquo, se eu fizer pastiche da literatura masculina, que era o cânone vigente. Portanto, acredito, sim, que as mulheres têm uma fala como têm um olhar, uma fala, assim correspondente ao olhar e, se não têm, não há literatura nenhuma, pois a literatura ou é autêntica ou não é literatura, e para ser autêntica e emitida por mulheres tem de ser feminina.

Lúcia

“As telenovelas estão deixando os vilões sem punição, porque nas pesquisas feitas em torno dos personagens o público não quer punição, como aconteceu recentemente. Sabemos que a mídia educa, pois para muitos brasileiros é a única forma de entretenimento. Que reflexão você faz em torno disso? Sobre que formação estamos oferecendo a milhões de brasileiros que não leem e que só têm a mídia como referência?” Não estou desculpando a novela, mas o Brasil não pune os seus criminosos. Acho que é muito difícil tirar conclusões sobre o impacto efetivo que a televisão tem sobre a vida das pessoas. Estou falando isso porque na TV Futura acabamos de fazer uma pesquisa econométrica para entender o valor social da Futura, coisa de economista. Então, vimos como é difícil tentar quantificar aquilo que é intangível. Cada um recebe a mensagem do vilão impune de uma forma. O que sabemos é que o que se vê na televisão é

material de discussão no dia seguinte no escritório, na escola, na fábrica e que tudo isso acaba sendo um ponto de partida para uma reflexão. Acho que a televisão educa, assim como deseduca, isso falando de TV comercial e TV educativa juntas. Outra distorção nossa é essa classificação “TV educativa” para um lado “TV comercial para o outro”, porque só há uma diferença, que é do ponto de vista do mercado, mas, do ponto de vista de programação, vemos coisas educativas e deseducativas nos dois casos. Penso que a televisão, o rádio, qualquer que seja a mídia, não deve fazer nada sozinho; tem de ter uma aliança com outros fatores da sociedade e eu insisto na escola. Eu lembro que, quando meu filho era pequeno, a professora proibia as crianças de comentar sobre o *Cavalheiros do Zodíaco*. Por que, ao invés de condenar, de banir, de exilar e de tornar, portanto, um objeto de desejo, ela não fez dos *Cavalheiros do Zodíaco* o ponto de partida para que as crianças fossem capazes de ir com ela, acompanhadas, para além daquilo, saíssem daquele patamar. Então, defendo que façamos as coisas de uma forma combinada; que a escola se aproprie dos produtos da televisão ainda que seja para desconstruí-los – o ideal é que os desconstrua, inclusive. Assim, ajudará as pessoas a fazerem a leitura das imagens, a fazerem o exercício cotidiano de, ao ver televisão, ler as imagens. Eu adoro novela, assisto a novela todo o dia, inclusive durmo na frente de novela. Acho que a novela é matéria-prima da sociedade. Para nós é a novela; talvez para a Inglaterra seja a dramaturgia da BBC; na França, os debates acalorados da televisão. Enfim, o importante é o que fazemos para transformar isso num ativo na vida de cada um de nós, não simplesmente aquela condenação que não ajuda em nada, como

lavando as mãos quanto ao que está acontecendo na sociedade, assim como estamos lavando as mãos em relação à grande corrupção.

Maurício

Recebi uma pergunta aqui que é mais uma provocação: “Sugiro um programa especial na TV Senado, comparando o momento político em Brasília com a obra *A revolução dos bichos*, de George Orwell. Afinal, se somos todos iguais, uns parecem ser mais iguais que os outros.” Ele escreve aqui no *post script*: “Companheiro, estou convencido de que nunca na história desse país ler foi tão fundamental para sair da solidão.” O poeta Jorge de Lima foi sempre muito questionado sobre a questão da violência em Alagoas. Então, ele dava uma resposta que eu acho genial: “As minhas Alagoas são outras.” No caso da TV Senado, a minha TV Senado é outra. O que eu faço lá é cultura e acho que é um dos poucos espaços abertos para o escritor brasileiro na televisão, um programa que seria impossível fazer na TV aberta, por exemplo. Eu acho que a TV Record deve discutir literatura agora, em cima da biografia do Edir Macedo, que está saindo por aí. Portanto, entendo que é um espaço fundamental. Quanto à questão de se discutir a questão política dentro de um programa de cultura, essas televisões são muito importantes. A TV Senado vai passar nos dias 1º e 2 de novembro um filme que foi feito sobre a Lygia Fagundes Telles, pelo filho dela, que ficou vinte anos na cadeia, não passou sequer nos cinemas. É um livro sobre a posse da Lygia Fagundes Telles na Academia Brasileira de Letras, onde ela discute toda a sua obra literária a partir da própria relação com o pai. Portanto, é algo fundamental que se faz. Também vamos

passar um programa sobre a obra de Hermínio Bello de Carvalho, que é um belíssimo compositor, sobre cuja obra pouco se discute, mesmo ele tendo composto “Alvorada”, com Cartola, e “Timoneiro”, com Paulinho da Viola. Então, é um espaço importante. Claro que não posso discutir a *Revolução dos bichos*, não porque haja alguma censura dentro da TV Senado. O problema é que o espaço é dedicado exclusivamente à literatura brasileira ou à literatura de língua portuguesa. Nesse aspecto eu tenho levado, por exemplo, o Rui Fabiano, um autor de Brasília que escreveu um livro chamado *Profanação*, no qual discute os aspectos da corrupção no poder. Também levei o Luiz Gutemberg, que escreveu outro livro belíssimo sobre este aspecto, *Rendez-Vous no Itamarati*, cuja trama é muito bem construída e bem escrita. Vejo que a literatura brasileira está discutindo esse momento político brasileiro; por isso, não preciso recorrer à literatura inglesa, caso do George Orwell. Quando o Luiz Ruffato está fazendo uma pentalogia sobre o operário brasileiro, discutindo a situação do operário brasileiro nos últimos cinquenta anos, isso é um aspecto bom de se ver, pois é literatura, arte de qualidade, que produz uma discussão moderna dos nossos problemas. Portanto, os autores brasileiros estão botando o dedo na ferida. Assim, se tiverem espaço para discutir isso, tanto melhor para eles.

Flávio

A pergunta é: “Nesse processo pós-crítico, pós-utópico, onde ainda são cânones Clarice, Guimarães Rosa, como você vê Osmam Lins?” Eu não sou um grande leitor de Osmam Lins, mas vou tentar responder à pergunta de uma forma mais geral para que possa interessar ao pú-

blico mais amplo. Acho que é possível fazer uma discussão sobre um tipo de invenção que eu chamo de “ruidosa”, “invenção barulhenta”, uma originalidade ruidosa, que é aquela que chama muita atenção para si mesma, como a dizer “eu sou uma invenção”. Esta é a invenção onde colocaríamos as vanguardas. Quando surgiu o *Macunaíma*, por exemplo, o Mario de Andrade teve uma dificuldade danada, porque ninguém conseguia entender o livro dele. Então, saiu uma nota no jornal falando um pouco do livro; depois, o Tristão de Athaíde escreveu um ensaio, que, segundo Silviano Santiago, foi escrito pelo próprio Mario. Ele teria escrito este texto e o Tristão de Athaíde o assinou, para as pessoas poderem entender. É muito estranho. Essa é a invenção chamada de “ruidosa”. Contudo, há um outro tipo de invenção, a invenção silenciosa, que é aquela que vai transgredindo por dentro, que vai roendo por dentro, que não chama atenção para si mesma. Quando se lê aquela história, se acha bonitinha, certinha. Pegando um conto do Drummond ou um conto da Marina, às vezes se pensa assim: “Ah, até eu faço isso.” Contudo, vai tentar fazer... Não faz nunca! É uma invenção que não chama a atenção para a própria forma. Outra coisa: Clarice e Guimarães Rosa são cânones, são canonizados, mas não são, talvez, hoje influências tão marcantes como eram, por exemplo, nos anos 80 ou no início dos anos 90. Quando lancei o livro de contos *Da matriz ao beco*, participei de uma mesa sobre a obra. Então, o Ítalo Moriconi, o crítico, disse na época que via a ficção jovem, os novos autores dos anos 80-90, como herdeiros de três grandes famílias: Guimarães Rosa, Clarice e Rubem Fonseca. Ele me colocou na família do Rubem Fonseca, e eu achei bom. Mas hoje

essa marca, essa invenção ruidosa, não é marcante na ficção atual. É disso que eu tenho tentado falar desde o início. Vivemos hoje uma ficção que se pauta, sobretudo, por uma invenção silenciosa. Então, o Osman Lins entraria mais ou menos no bojo das invenções de vanguarda que eu chamaria de “ruidosas”.

Loyola

Os irmãos Green eletizaram os contos populares ao excluir deles o humor, entre outros aspectos; o cinema contemporâneo redescobriu o humor nos contos de fada. Isto é arte? Os irmãos Green fizeram arte, deram um aspecto literário aos contos populares. Quando fizeram isso, eles lançaram esses contos para o futuro. Contudo, eu já li muitos desses contos populares feitos pelos irmãos Green que eram simplesmente tenebrosos e não tinham humor. A “Branca de Neve” não é exatamente um conto deles, mas eu me lembro que numa versão desta história que li a madrasta entregava a Branca de Neve ao caçador e pedia que ele trouxesse como prova de que a tinha matado o sangue dela dentro de uma garrafa, tampada com o polegar da moça. Isso era humor. João e Maria são largados na floresta para se perderem. E se perdem, vão para a casa da bruxa, ou daquela mulher má, que os encerra numa jaula, engordando-os para comê-los depois. Isso é humor? Os contos de fada eram horrorosos e despertavam o maior prazer na leitura. Quanto ao cinema contemporâneo recuperar o humor, não lembro de que filmes e contos de fadas foi recuperado o humor. Mas, se foi feito e foi bem feito, é arte, assim como os irmãos Green também fizeram arte.

Marina

Olhe, vocês me desculpem, mas os contos de fadas são meus, ou seja, esse papo de conto de fada mora no meu coração. A proposta dos irmãos Green inicial era a transcrição, escrever os contos como eram contados, da maneira o mais fiel possível, numa época em que não havia processo de gravação mecânica. Esse desejo estava ancorado num período em que se buscava reforçar a identidade cultural dos países que haviam sido destruídos pela guerra napoleônica. Então, em toda a Europa vimos um ressurgir dessa busca dos irmãos Green. Em todos os países apareceram coletâneas desse tipo, porque se considerava que a voz do povo era a identidade nacional, e a voz do povo estava na literatura oral. Então, os irmãos Green partem para fazer esse registro, inicialmente, absolutamente fidedigno. Mas um dos dois foi sendo tomado de paixão pelos contos e foi introduzindo modificações de forma. Não houve o menor desejo de elitizar os contos; pelo contrário, o objetivo era popularizá-los outra vez, trazê-los para um outro tipo de convívio, que era o das famílias. Nas subseqüentes edições da coletânea dos irmãos Green, eles foram melhorando o estilo; tiraram descrições por vezes muito longas, por acharem que ficariam pesadas para as crianças, mas mantiveram as histórias originais. Eu devo dizer que, quando as pessoas falam dos contos dos irmãos Green, leram cinco, seis, dez. Todavia, se pegarem a coletânea dos Green para ler, a verdadeira, vão ver que tem muito humor, fora o fato de que, em geral, lemos adaptações. Logicamente, por uma questão editorial, toda vez que se vai fazer uma nova edição, procura-se alguém conhecido para fazer uma reescritura dos Green, ou de alguns

dos seus contos, para fazer uma edição de sucesso. Mas se lerem um original, ou seja, uma tradução do original, verão que a forma é deliciosa e que há muitíssimo humor, ao mesmo tempo em que há muita crueldade. Peguemos, por exemplo, os causos brasileiros, que são nossa versão da oralidade, os quais têm muito terror, muito crime, muito sangue, mas têm muita graça, muito humor também. Os contos de fada são maravilhosos porque, além de serem a voz do povo, são anteriores a qualquer povo, recuam tanto, tanto, que ficam fora das identidades nacionais. Felizmente, as identidades nacionais podem ser muito perigosas; ideologia é fogo Os contos são muito anteriores a identidades nacionais e estão ligados aos mitos e aos ritos, ou seja, são de fundo mítico muito intenso e muito ligados ao inconsciente.



Da esquerda para a direita: Flávio Carneiro, Lúcia Araújo, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Maurício Melo Junior, Miguel Rettenmaier, Nelson Motta, Júlio Diniz e Aldrian Ramires

ARTE, MORAL E EROTISMO

Mia Couto



Natural da Beira, Moçambique, é considerado um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos de língua portuguesa. A sua obra tem como tema principal a vida do povo moçambicano, um dos mais pobres e martirizados do mundo, que passou por uma guerra civil de trinta anos e onde persiste uma forte tradição de transmissão da literatura e dos saberes essencialmente por via oral. Numa cultura na qual se diz que “cada velho que morre é uma biblioteca que arde”, Mia empreende uma escrita que liga a tradição oral africana à tradição literária ocidental. Vencedor de vários prêmios, entre os quais prêmio de Literatura, da Associação de Escritores Moçambicanos, prêmio da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo e prêmio Mario Antonio, da Fundação Calouste Gulbenkian, Mia Couto foi eleito como sócio correspondente para a Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro escritor africano de língua portuguesa a ingressar na instituição, tendo a sua admissão decidida por unanimidade. Da sua obra citam-se, entre outros, *Terra sonâmbula* (1992), *Estórias abensonhadas* (1994), *Mar me quer* (2000) e *Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra* (2002).

Quando eu cheguei de Moçambique, onde eu esperava encontrar apenas alegria e riso, encontrei alguma lágrima, alguma mágoa. Então, coloquei-me em campo e falei com os escritores africanos que estiveram aqui neste mesmo evento, e o resultado disso foi uma mensagem que nós redigimos e que vou ler aqui, uma mensagem para o ministro da Cultura do Brasil: “Os escritores africanos de língua portuguesa abaixo-assinados desejam expressar o seu profundo reconhecimento e solidariedade para com as Jornadas Literárias de Passo Fundo. Todos nós vivemos nas Jornadas uma experiência única e inesquecível. Em poucos eventos em todo o mundo se alcança em simultâneo à festa literária um encontro tão sólido entre autores e leitores. Estivemos nas Jornadas e as Jornadas passaram a estar em nós, do mesmo modo que a cidade recebeu seu nome, como um passo profundo na viagem que aproxima nossos povos. Estamos certos de que sua excelência, senhor Ministro, saberá dar acolhimento e incentivo à continuação de um evento que tanto dignifica o Brasil e que é hoje uma ponte de ligação efetiva entre as nações que escrevem e falam a mesma língua portuguesa.” Assinam esta mensagem, eu mesmo, Mia Couto, José Eduardo Angalusa, Ana Paula Tavares...

Esta minha fala vai tentar ser uma pequena explicação para alguma coisa que não se pode explicar de fato, pois, como já disse, sou devedor para com a literatura brasileira, em primeiro lugar com o mineiro João Guimarães Rosa. É a pergunta que tenho me colocado várias vezes e quero compartilhar convosco agora é: Por que esta influência foi tão profunda em Moçambique e Angola? Por que motivo autores brasileiros tiveram tanta influência na literatura moçambicana e por que razão, em particular, Rosa marcou tanto a mim e a outros escritores em Angola e Moçambique?

Acredito que não se trata apenas de razões pessoais, que há razões que ultrapassam a esfera da literatura. O que me parece provável era que existia uma predisposição orgânica em Moçambique e Angola para receber essa influência. Algo estava ocorrendo no Brasil nas décadas de 40 e 60 que tem semelhanças com o que depois viria a ocorrer em Moçambique. Essa condição histórica comum era a construção de um Estado centralizador e de uma ordem que ameaçava uniformizar aquilo que era tido como local e pitoresco.

Grande parte da obra rosiana é escrita quando os brasileiros fazem nascer do “nada” uma capital no interior do sertão (Brasília acabava de ser construída). O que estava ocorrendo era a consumação do controle centralizado sobre uma realidade múltipla e fugidia. De fato, o sertão de Rosa é erguido em mito para contrariar uma ideia uniformizante e modernizante de um Brasil em ascensão. O lugar distante e marginal que é o Planalto no interior do Brasil converte-se num labirinto artificialmente desordenado e desordenador.

Também Moçambique viveu, e ainda vive, a criação de um Estado central e de processos de uniformização linguística e cultural. No nosso caso, a negação dessa globalização doméstica é muitas vezes feita por via de sacralização daquilo que se chama “tradição”. África tradicional, África profunda e outras entidades folclorizadas têm sido erguidas como fatores de resistência. A tradição surge como uma espécie de lugar congelado da identidade de uma nação, que só vive estando morta.

O que a escrita de Rosa sugeria era uma espécie de inversão deste processo de recusa. Tratava-se não de erguer uma nação mistificada, mas da construção do mito como nação. E nós? Precisávamos contrabandear esse processo

de mistificação. Essa pode ser uma razão que ajuda a explicar o modo como o texto rosiano migrou e foi assimilado tão facilmente nos territórios do outro lado do Atlântico. Mas existem outras. E para invocar essas outras razões, gostaria de desenhar para vocês três imagens, relatando três episódios dispersos para depois recolher uma lógica séria nesses fragmentos.

Primeiro episódio

Comoveu-me o fato de um menino que atravessou a cidade para me devolver algo que, no entender dele, me pertencia. Mas o que ele me entregava era mais do que um objeto; ele me entregava a inquietação profunda, a interrogação: A quem pertence realmente um livro?

Segundo episódio

Mandavam-me fazer os deveres escolares no local de trabalho do meu pai, que era um armazém escuro dos caminhos de ferro, na pequena cidade colonial da Beira. Meu pai era um poeta e me doía muito vê-lo ali naquele recanto poeirento a cumprir, em triste ironia, aquilo que se chamava “ganhar a vida”.

Meu pai, para meu espanto, instigava-me a que eu desse despacho nos TPC. “Demoras?” perguntava ele, inquieto. Eu esperava que ele, severo, visse e revisse demoradamente o caderno garatujado. Mas não. Mal eu pousava a caneta, meu pai me pegava pela mão e me conduzia para a luz, para o descampado. Caminhávamos horas por entre os carris ferrugentos. Meu pai seguia à frente, garimpando pelo chão. Andava à cata de quê? O que farejava ele entre sujidades e poeiras? O que ele procurava eram pedrinhas de cores e brilhos, dessas que tombavam dos vagões. Depois, trazia-as na concha das mãos como se tivessem vida e

carecessem de aquecimento. Em nosso redor estrondeava a guerra colonial e o mundo inteiro se rasgava. Mas ali, no meio de trens que suspiravam, exaustos, meu pai surpreendia brilhos entre ferrugentos carris. Minha mãe recebia em casa aqueles pequenos lixos e se queixava da tanta insistente inutilidade. As pedras voavam pela janela, e meu pai se internava pelo corredor num desmaio de penumbra.

Eu hoje agradeço ao meu pai ter-me ofertado essa cumplicidade, ter-me revelado esse outro pai que nascia dele quando se aceitava cúmplice nas artes de desobediência. Essas foram as minhas primeiras aulas de poesia. Naquelas tardes, ao longo dos trilhos de ferro, meu pai se convertia num outro menino, meu irmão, meu companheiro. Ainda hoje encontro inspiração nessa habilidade de desencantar brilhos entre a terra suja. Ainda hoje signo pela linha férrea a descobrir encantamento onde parece haver só lixo e poeira.

Terceiro episódio

Sucedeu há poucos meses em Maputo.

Ao regressar a casa, em Maputo, deparei com dois jovens sentados no muro de minha casa e perguntei o que eles faziam ali.

O primeiro respondeu:

– Não estou fazendo nada.

E o segundo acrescentou:

– Pois eu estou aqui a ajudar o meu amigo.

Falarei mais tarde desta habilidade metafísica de se ajudar alguém a não fazer nada e de como isso me remete para a abertura de *Grande sertão: veredas*.

Enunciei os episódios. Falo agora de possíveis ilações de cada um deles.

Trouxe-vos o primeiro episódio – o do menino que me trouxe um livro – para vos falar dessa condição comum de Moçambique e Brasil, que encerram dentro de si contrastes humanos (ou serão desumanos?) profundos. Não se trata apenas de distanciamento de níveis de riqueza, mas de culturas, de universos, de discursos tão diversos que não parecem caber numa mesma racionalidade, numa mesma identidade nacional. A escrita de João Guimarães Rosa é uma espécie de viagem em cima dessa linha de costura. O que ele busca na escrita: um retrato do Brasil? Não. O que oferece é um modo de inventar o Brasil.

O jagunço Riobaldo instaura a figura do narrador como mediador de mundos, uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana, letrada e a cultura oral e sertaneja. Esse mesmo desafio enfrenta também Moçambique. Mais que um ponto de charneira, necessita-se hoje de um médium, que estabeleça a ligação com aquilo que João Guimarães Rosa chama de “os do lado de lá”. Esse lado de lá é, numa palavra, o mundo da oralidade.

Trouxe-vos o segundo episódio – o meu pai colecionando pedrinhas – para vos dizer dessa procura da transcendência na coisa banal. Essa procura está presente no texto de Guimarães Rosa. Na realidade, está ainda mais presente em Manoel de Barros, que incita à descoberta de brilhos entre os lixos. Mais do que isso, porém, aquela linha de trem instituiu dentro de mim uma nação fabulosa, inaugurou um tempo localizado fora do tempo.

Ao ler João Guimarães Rosa, revisitei esses passeios na estação do trem; entendi que ali se processava a criação de um lugar sem território. Rosa criou esse lugar fantástico – o sertão – e fez dele uma espécie de lugar de todos os lugares. O sertão e as veredas de que ele fala não são da

ordem da geografia. O sertão é um mundo construído na linguagem.

Em Moçambique nós vivíamos e vivemos ainda o momento épico de criar um espaço que seja nosso não por tomada de posse, mas porque nele podemos encenar a ficção de nós mesmos, enquanto criaturas portadoras de história e fazedores de futuro. Era isso a independência nacional; era isso a utopia de um mundo sonhado que tivesse tudo de sonho e pouco de mundo.

Sobre o terceiro episódio, como eu disse, a resposta dos meninos que se entreajudavam para fazer nada podia ser encontrada num texto de João Guimarães Rosa. Elaboração metafísica muito própria do brasileiro, próxima dessa intraduzível expressão no nada com que ele abre o *Grande sertão: veredas*.

Mas há algo mais do que isso. Quando se percorrem as cidades de Moçambique, não se pode deixar de notar essas muitas pessoas que esperam sentadas que alguma coisa suceda. O que está no final dessa espera? Eu me recordo que perguntei a um velho camponês se acreditava em milagres. Ele respondeu: “Milagres? Milagres é o que aqui mais há, senhor doutor. Só que são tão pequeninos que nós nem nos damos conta.”

Estamos em Moçambique perante uma outra visão do tempo: a de um tempo circular. E de novo repenso. Nós já vimos que o sertão é o não-território. Veremos que o seu tempo não é o vivido, mas o sonhado. O narrador do *Grande sertão: veredas* diz: “Estas coisas de que me lembro se passaram mas foi tempos depois.” E ele poderia dizer de outro modo: as coisas importantes ocorrem sempre para além da esfera.

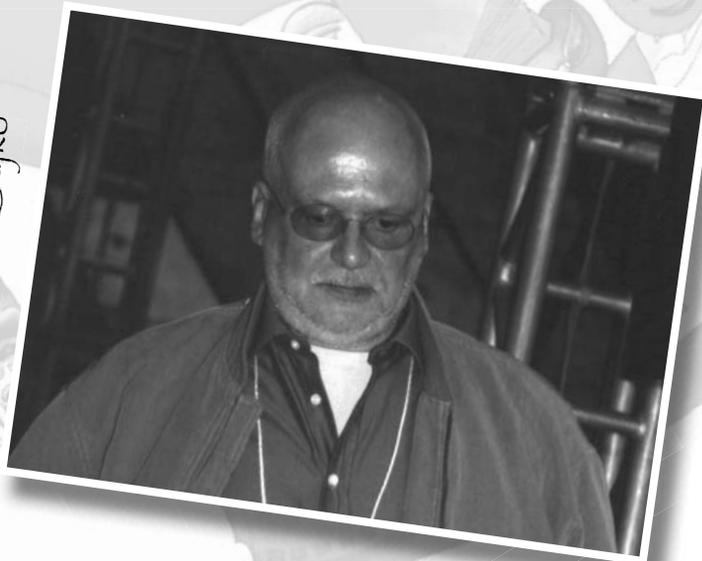
Mas este episódio sugere ainda o seguinte: nós não falamos apenas uma mesma língua. Nós sentimos de modo

semelhante aquilo que não pode ser dito em língua nenhuma: o peso do tempo, o sentido da existência, uma certa ideia da eternidade. O vazio do nada é algo que, em português, se preenche do mesmo modo em qualquer indolente muro de Passo Fundo ou de Maputo. É esse muro em que nos sentamos para nos dedicarmos a esse desporto, que, na nossa família linguística, é mais popular que o futebol: a saudade do que aconteceu, a lamentação do que podia ter acontecido e o lançar de culpas sobre o que não chegou a suceder.

Os contadores de histórias do meu país têm de proceder a um ritual quando terminam a narração: têm de “fechar” a história. “Fechar” a história é um ritual em que o narrador fala com a própria história. Pensa-se que as histórias são retiradas de uma caixa deixada por Guambe e Dzavane, o primeiro homem e a primeira mulher. No final, o narrador volta-se para a história – como se a história fosse um personagem – e diz: “Volta para a casa de Guambe e Dzavane”. É assim que a história volta a ser encerrada nesse baú primordial.

O que acontece quando não se “fecha” a história? A multidão que assiste a ela fica doente, contaminada por uma enfermidade que se chama “doença de sonhar”. João Guimarães Rosa é um contador que não fechou a história. Ficamos doentes nós que o escutamos, e amamos essa doença, essa aptidão para o encantamento, porque a nenhum de nós basta ter um sonho. Queremos todos mais, queremos ser um sonho. Muito obrigado a vocês por me ajudarem a ser esse sonho.

Mirosław Bujko



Nascido na Polónia, é Doutor em Ciências Humanas, escritor, jornalista, musicólogo e publicitário. É docente de Wyzsza Szkola Komunikowania im Jerzego Giedroycia (Escola Superior de Comunicação e Mídias Jerzy Giedroyc) em Varsóvia. É autor de três romances, dois deles em fase de tradução para a língua portuguesa e lançamento no Brasil. *Złoty Pociąg (O trem de ouro)* foi lançado em Varsóvia em 2006 e narra o destino do tesouro do czar da Rússia após a Revolução de Outubro de 1917. O lançamento no Brasil foi previsto para coincidir com a participação do autor na 12ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo, agosto de 2007.

Quando criança, eu fui muitas vezes para o circo e vi homens engolindo espadas e lançando chamas, macacos subindo e descendo galhos, elefantes equilibrando-se em uma só perna, mas confesso que nunca vi um circo igual a este. Eu fico muito feliz em saber que o tema é erotismo e que me considero um especialista no assunto. Embora veja aqui que tem muitos homens e até crianças, prometo que direi com toda honestidade tudo o que tenho a dizer.

André de Leones



Formado em cinema, começou escrevendo poesia quando uma professora do ginásio lhe passou como trabalho a elaboração de um caderno de poemas. Seu livro de contos *Desde pequenos nós comemos silêncio* foi premiado em 2005 com a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, da Secretaria de Cultura de Goiânia. Seu livro *Hoje está um dia morto* conquistou o prêmio Sesc de Literatura na categoria de Melhor Romance em 2005. Em 2007 foi convidado para participar do projeto Amores Expressos, do produtor Rodrigo Teixeira e do escritor João Paulo Cuenca. Mantém o *blog* Canis Sapiens, também é colunista da revista eletrônica *Ruído Branco* e publica resenhas no jornal *Diário de Cuiabá*.

Sobre a questão em debate, moral e erotismo, entendo que a minha literatura é um pouco amoral, não no sentido de ser imoral, perversão, nem ser moralista, por assim dizer. Manoel de Barros, um poeta mato-grossense genial, disse numa entrevista que ninguém foge do erro que é. Então, mesmo que eu tenha essa pretensão, ou talvez até pretensão, de que o que escrevo seja algo amoral – não abaixo ou acima, à direita ou esquerda, mas fora –, que tente ver a realidade, a história que eu quero contar de uma maneira, não ausente, mas pelo menos um tanto distanciada, querendo ou não sempre, felizmente, tropeço nesse caminho e acabo colocando isso ali, inconscientemente, porque tem toda uma formação religiosa, acadêmica, ou seja, uma formação humana mesmo.

Eu fui educado em colégio salesiano. Não por acaso, o colégio que frequentei, no interior de Goiás, centenário, chamado Instituto *Auxiliadora*, foi um personagem do meu romance publicado: *Auxiliadora*. Então, embora se pretenda assumir essa amoralidade enquanto romancista e contador de histórias, no bojo do trabalho, querendo ou não, felizmente nos traímos, porque isso é muito mais revelador, na medida em que percebemos que há ali toda aquela carga emocional, acadêmica ou não, religiosa. Está tudo ali presente. O meu romance tem mesmo uma carga grande de erotismo, tanto que causou até “problemas” no Sesc depois de publicado, pois houve uma discussão construtiva em torno dele: “Para aí, esse cara a cada cinco páginas tem alguém transando. Isso é literatura ou não é literatura, afinal de contas? Será que isso não é pornografia?” Para finalizar essa fala, lembro o David Lean, cineasta norte-americano que disse ser muito mais bacana do que transformar a pornografia em arte transformar a arte em pornografia.

Elisa Lucinda



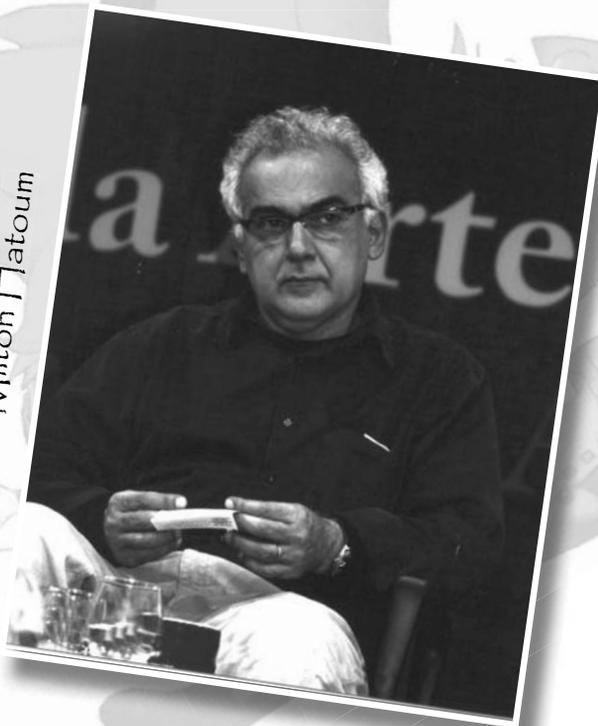
Sempre atuando em teatro, cinema e televisão, publicou seu primeiro livro de poesia, *O semelhante*, em 1994. É reconhecida pela sua literatura poética – *Eu te amo e suas estréias*, os infantis *A menina transparente* (prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), *Lili, a rainha das escolhas*, *O menino inesperado* e seus livros mais recentes *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*, *A fúria da beleza* e *Contos de vista* – por seus espetáculos, recitais e *workshops* apresentados no Brasil e exterior. Também trabalha na área de recursos humanos junto a diversas empresas e instituições. A experiência nos palcos levou-a a criar a Escola Lucinda de Poesia Viva, onde ensina interpretação teatral da poesia seguindo o lema: “Falando poesia sem ser chato.” Elisa é considerada um dos maiores fenômenos da poesia brasileira.

Primeiro, quero dizer que é muito delicioso estar aqui nesta Jornada, maravilhosa, única no mundo, muito rara. A cidade toda respira a obra da gente, é muito lindo. Eu vou copiar a fala do André numa coisa, quando diz que usa o nome das coisas, fala o nome das coisas. Eu também gosto disso. Em se tratando de erotismo, gosto que as palavras tenham os seus nomes populares e gosto de botar as palavras mais suaves, às quais ninguém dedica respeito ou *glamour*, excluídas do bom vocabulário, ao lado de palavras mais raras, porque fixa. Mamãe dizia: “Tudo são as companhias, tudo são as companhias da pessoa.” Então a palavra mais glamorosa ganha popularidade, porque está do lado de uma que não é. Como exemplo, “requinte” do lado de “buceta”. Isso faz desta palavra que não é tão rara uma palavra fina, como mesmo o nome diz; essa palavra mais coitada, mais excluída, menos respeitada, como se fosse só para os desiluminados, ganha, então, um pouco de *glamour*.

Mas o que quero dizer sobre moral, arte e erotismo é que sou tudo isso. Minha relação com o mundo tem esses tratados muito misturados; minha relação com a natureza, com as minhas amizades, com o meu país passa sempre por um tratado de uma estrada da arte, do erotismo e da moral. Eu também briguei muito com a moral, com a palavra “moral”, até entender que ética era desse departamento. Eu entendia moral como se fosse só aquelas freiras da minha escola mandando eu ser virgem; como se fosse aquilo que eu achava hipócrita na Igreja Católica. Isso para mim era moral: o conservadorismo. Depois passei a entender que o que rege a minha relação com o humano, com o meu semelhante, a minha confiança e minha expectativa do mundo é o meu tratado moral. Todo o tempo eu me relaciono com tudo, no livro todo, não dá para deixar ninguém em casa. Para ser mais explícita, vou dizer meu poema chamado “Ele”.

Já começa a beijar o meu pescoço
com sua boca meio gelada, meio doce.
Já começa a abrir os seus braços
como se meu namorado fosse.
Já começa a beijar minha mão,
a morder-me devagar os dedos.
Já começa a afugentar-me os medos
e a dar cetim de pijama aos meus segredos.
Todo o ano é assim:
vem ele com os seus cajás, seus quaresmeiras
vem ele disposto a quebrar meus galhos
e a varrer minhas folhas secas.
Já começa a soprar minha nuca,
com sua temperatura de macho,
já começa a acender-me o facho
e dar frescor às minhas clareiras.
Já vem ele chegando com sua luz sem fronteira,
seu discurso sedutor de renovação,
suas palavras coloridas
e eu estou na sua mão.
Mancomunado com o vento, seu moleque de recado,
esse meu amante sedento alvoroça meus cabelos,
levanta-me a saia, beija os meus pés,
lábios frios e língua quente,
calça minhas meias delicadamente
e muda a seu gosto, a moda das minhas gavetas.
É ele agora dono dos meus cadernos, dos meus versos, da
minha tela,
do meu jogo e das minhas varetas.
Parece Deus, posto que está no céu, na terra,
nas inúmeras paisagens,
na nitidez dos dias,
no arcabouço da poesia,
dentro e fora dos meus vestidos,
na minha cama, nos meus sentidos.
Todo o ano é assim.
Já começa a me amar esse atrevido,
meu charmoso cavalheiro.
O belo Outono, o meu preferido.

Milton Hatoum



Morou em Brasília, na Espanha, na França e nos Estados Unidos. Reside desde 1999 em São Paulo, cidade onde se graduou arquiteto. É professor de literatura, tradutor e colunista da *Entre Livros* e da *Terra Magazine*. Participou de antologias de contos brasileiros no México e na Alemanha. Colabora para revistas e suplementos literários brasileiros. *Retrato de um certo Oriente* (1990) conquistou o prêmio Jabuti de Melhor Romance e foi publicado na França, Estados Unidos, Alemanha, Itália e Espanha. *Dois irmãos* (2001) e *Cinzas do norte* (2000) também conquistaram o prêmio Jabuti de Melhor Romance. *Cinzas do norte* foi vencedor do prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira.

A questão da moral e do erotismo é um tema que está no centro da literatura. O Borges não tem muita coisa erótica na sua obra, não explorou esse lado do erotismo, da sensualidade, da sexualidade; foi uma figura mais amoral. A literatura tenta exatamente questionar a moral enquanto norma social, convenção social, enquanto progressão dessas normas e convenções que regem a vida. Acho que em muitos livros não há nada de erotismo, mas em todos os livros há uma questão de moral, que acaba sendo também uma questão ética, social.

Lembro, por exemplo, Joseph Conrad e os personagens de *Coração das trevas* de Lord Tim: são personagens que enfrentam uma questão moral muito clara, que passam o tempo todo nas narrativas de Conrad tentando reparar uma falha moral que aconteceu na sua vida. É como se fosse uma espécie de penitência, de arrependimento, ou de reparação que deve ser feita em algum momento da vida depois dessa falha moral. O Lord Tim abandona o navio Patna com oitocentos peregrinos e depois se arrepende, mas se arrepende tarde demais, porque vai ter de reparar esse erro. Essa é uma questão moral, uma questão profundamente filosófica e ética, que está no centro da obra de Conrad.

O Mia Couto falou do Guimarães Rosa belamente. Rosa tem um conto de duas páginas, nada mais do que isso, chamado “Desenredo”, no livro *Tutaméia*, no qual a questão do erotismo e da moralidade já começa no título. É um título que soa estranho, porque estamos mais familiarizados com enredo: enredo de corpos, enredo de palavras, enredo de histórias. E “Desenredo” é a história desse enredo às avessas, porque trata de uma história de amor, de erotismo, muito forte, tendo como pano de fundo uma questão moral mais forte ainda.

É a história de uma moça que, no começo do conto, tem três nomes: Livíria, Rivília e Irlívia, bem rosiano. A moça é casada com um cara, mas o João Joaquim se apaixonou loucamente por ela. Então, ela trai o marido, o qual, um dia, encontra os dois e atira no amante, porém não o mata. Passado um tempo, o marido morre e ela se casa com o João Joaquim, mas também o trai com outro. Então, ele a manda embora, e ela é deserdada da cidade.

Entretanto, o João Joaquim é uma pessoa paciente, que acredita nesse amor e que essa moça de três nomes é pura. Assim, ele começa a pensar platonicamente nessa figura amada que foi embora, e ela sabe que ele está a sua espera. Então, ao final, de fato, ela volta e fala uma frase linda: “Haja o absoluto amor e qualquer causa se refuta.” E fica com ele. Quando ela fica com ele, seu nome é outro, Vilíria, que é o verdadeiro nome dela, significando a visão do lírio, da pureza, da flor, do amor.

Comentários

Mirosław

Quando estava traduzindo a segunda parte da trilogia que estou escrevendo, que vai se chamar *Touro vermelho* já está traduzida para o grego, Thomas me enviou um *e-mail* com o seguinte texto: “A passagem em questão é composta de dois fragmentos misturados entre si. O primeiro se passa na cama, onde, obviamente, entre um homem e uma mulher, e a mulher vai descendo, vai descendo, para aquelas partes mais baixas, com as suas partes mais altas, e até o ponto do homem explodir. Ao mesmo tempo, assim que termina um parágrafo, começa outro descrevendo os procedimentos feitos pe-

los pilotos no avião que jogou a bomba atômica sobre Hiroshima e, à medida que o homem vai explodindo, a bomba vai descendo e explode também.” Então, ele me perguntava se poderia usar outro tipo de letra entre um parágrafo e outro, ou fazer umas estrelinhas para separar o parágrafo, porque na opinião dele as coisas não combinavam muito bem. E eu respondi para ele que na realidade a vida é assim, que no mesmo instante em que há pessoas que se amam outras se matam e que Eros, o amor, corresponde, de uma certa forma, a Tanatus. A reflexão básica sobre isso e o efeito disso é a razão pela qual afirmo que se pode escrever qualquer coisa e sobre qualquer coisa, mas tem-se de saber muito bem a razão pela qual se escreve isso. Essa troca de *e-mail* foi fantástica, e poucos tradutores tiveram o privilégio de uma convivência, embora internética, com o autor como eu. E eu insisti muito em alguns pontos, a ponto de perder a paciência e mandar um *e-mail*, dizendo: “Senhor Thomas, faz o que o senhor bem entender e não me enche o saco.” Neste caso específico, ele me mandou um *e-mail* dizendo: “Senhor Miroslaw, eu sei que o senhor me deu a permissão de traduzir como eu quero e introduzir variações que eu achar ser as mais indicadas para o público brasileiro, mas, nesse caso específico, eu preciso de uma autorização específica do senhor, porque eu estou mudando o seu estilo.” E eu respondi: “Olha, eu já lhe dei autorização. Como já dei, não posso voltar atrás, mas gostaria que ouvisse meu argumento.” Então, ele me mandou uma longa carta e acabou no livro exatamente como escrevi.

Alcione

Coloco uma questão: o limite da moralidade como construção de cultura e o erotismo. Há um limite inabalável em todas as culturas, que é o incesto. Há uma interdição do incesto em todas as culturas. Eu perguntaria aos que querem falar: Que limite é este, por que foi posto, por que todas as culturas o recebem, o acolhem e punem aqueles que transgridem?

Lucinda

Eu acho que isso tem a ver alguma coisa com a construção da cultura, a evolução. Todo mundo fica amarrado em seus próprios umbigos, e o negócio não se solta. Se cada um ficar na sua, na esterilidade de seu gueto, não se produz o que poderíamos chamar de “cultura”, por efeito de ruptura, de busca, de distanciamento para que se forme uma identidade. Parece que a psicanálise ajuda a estabelecer um pouco isso, a dar um pouco de luz para o que tenho tentado teoricamente afirmar. Quando uma pessoa que não consegue sair debaixo da saia da mãe, que está sequestrado por ela, está impedido de ser ele, de ter essa construção como indivíduo, todas as civilizações, sentindo o perigo, interditam: “Vai para o mundo, que o mundo precisa de você.”

André

Eu também não sei por que existe este preconceito bobo, mas é uma coisa que muito me interessa. Inclusive eu tenho um conto, intitulado “Pornografia”, que é o relato de uma boa transa, onde trato deste tema. Escrevi este conto há uns cinco anos e nele não investigo as causas

culturais, civilizacionais, o que quer que seja. O que faço é simplesmente narrar o amor entre um irmão, cinco anos mais velho, e uma irmã, procurando fugir de dar um desfecho moralista, punindo os dois ou tendo uma morte trágica. Fugindo disso, conto como se fosse uma “história de amor normal”. Recentemente, quando fui trabalhar o romance do projeto Amores Expressos, que obrigatoriamente tem de ser uma “história de amor”, seja lá o que cada autor entenda como história de amor, cogitei abordar esse tema, porém, em razão do tempo curto que teria para escrever o romance – eram apenas noventa dias, contando com a viagem –, achei que não era o caso, pois teria de pesquisar bastante para poder estruturar o romance sobre isso. Saindo um pouco do tema incesto, eu sempre entendi o processo de escrever, de criar uma história, como algo estupidamente sensual, por assim dizer, porque, se eu transar com alguém, vou ser experimental, pois significa compartilhar da autoridade do outro. Eu gosto de fazer uma analogia com o processo de criar porque, à medida que apresento um pequeno romance e crio os personagens, tenho de dar toda aquela empatia para estes personagens, a fim de que a história se desenvolva. Assim, estou vivendo, por assim dizer, aquelas vidas que estou criando ali. Isso, para mim, é extremamente sensual, porque, assim como experimentamos o outro fazendo amor, transando, experimentamos o outro também criando. Então, há esse componente sensual, que é extremamente poderoso, pelo menos na minha maneira de criar.

Mirosław

Na minha opinião, nenhuma das artes, nem a pintura nem o cinema, tem a possibilidade de penetrar tão profundamente em assuntos tabus como a literatura. Acredito que o fato de a literatura tocar nesses assuntos proibidos, assuntos-tabu, serve para modificar um pouco, para tornar mais liberal a sociedade, porque, se o livro tem sucesso se transformará em filme mais tarde, o qual vai abordar o mesmo assunto-tabu. E os filmes fazem com que a sociedade moderna declare que o que foi mostrado em filme pode ser feito. Por isso, eu gostaria de repetir que é muita responsabilidade tocar nesses assuntos num livro, exatamente pelo fato de que possa ter esse efeito multiplicador e fundamental. Isso exige que o autor saiba exatamente o motivo pelo qual está escrevendo isso, porque ele é responsável por aquilo.

Loyola

Voltando ao incesto, uma das maiores tragédias gregas clássica não é erótica, nem pornográfica, nem moral, nem amoral – *Édipo* – e que viria, inclusive, influenciar depois uma teoria psicanalítica. Como é que fica?

Alcione

A questão do Édipo não tem nada a ver com a questão freudiana. Freud cinco séculos depois se debruçou sobre aquilo. Trata-se de uma punição cultural, de uma interdição que a própria cultura grega estabelecia; portanto, ele é punido por razões deles. Entretanto, o moralismo colocado aí é uma questão de ordem moral. Quando a ordem moral se transforma numa obsessão deformadora,

a moral vira moralismo, porque passa a ser uma espécie de valor edificante artificial, que é a forma de imposição do poder que cria costumes e valores deformando o que é da natureza do homem. O desejo não necessariamente precisa ser satisfeito para existir como desejo, pois existe latente. A questão freudiana é exatamente essa interpretação do latente, da potencialidade disso, e é uma interpretação da questão literária, não em si. O que eu queria chamar atenção é o fato de que a tragédia grega trata de todos os assuntos, da violência, da questão da sexualidade, sem que nenhum corpo toque num outro corpo, nem haja violência física, nem sangue. Portanto, trata-se de uma construção altamente estetizante, porque se trata da construção da palavra; a imaginação do leitor é que constrói isto, não há ato; portanto, trata-se de um valor estético que coloca as questões mais graves do homem. Outra ideia muito forte, muito próxima, que o Vladimir Nabokov transformou em literatura, é a existência das lolitas e, no caso das mulheres, a existência dos apolos, que são objetos de desejos na infância ou ainda muito jovens. O desejo existe; pode ou não ser consumado, mas existe e leva a situações de repressões em relação a um respeito moral, não à interdição do desejo. A cultura se impõe *a posteriori* do desejo; logo, a questão que se discute é a estetização desse desejo, como os gregos fizeram. Portanto, a moral se introduz dentro da criação da obra artística, porque é difícil escapar de uma moral em razão da cultura em que o próprio autor está inserido.

Milton

Completando o que o Alcione falou, basta pensar no *Grande sertão: veredas*, que é o amor platônico entre Riobaldo e Diadorim, e na interdição que existe em todas as suas páginas. Há algumas pistas, aliás, uma única pista, para que o leitor pense que o Riobaldo é uma mulher. No momento em que o Diadorim apresenta o Riobaldo para a futura esposa, há um ciúme, um olhar, entre esse suposto homem e aquela mulher; na verdade, é um olhar entre duas mulheres rivalizando. Então, o incesto é uma história numa interdição num momento e é, de fato, um dos grandes tabus, inclusive em sociedades indígenas. No *Dois irmãos* há um incesto, do narrador com a tia dele; aliás, há incesto por todo lado, porque é uma família de fato um pouco fechada, aut centrada, em que até os agregados fazem parte dessa tribo libidinosa. Isso tem a ver comigo, com a minha família? Não, eu nunca pratiquei incesto: eu aqui, minha mãe lá, minhas irmãs longe de mim. Saí de casa muito cedo. O incesto tem muito a ver com o poder também. Isso está na tragédia grega, porque, se houver uma quebra dos limites da sexualidade, isso significa também uma queda do poder, dos limites do poder. Então, o incesto está nessa fronteira, que às vezes é um pouco fluida, entre pertencer ou não pertencer a determinado mundo. No *Dois irmãos* há uma cena em que o narrador tem uma relação, que não se explicita, mas que está insinuada no romance, com a tia dele, na loja daqueles turcos. Ele tem aquele suador, tem aquela relação; então, não precisa dizer muito, não precisa falar até o fim.

Alguém lembrou “Uns braços”, de Machado de Assis, que é um dos contos mais eróticos da literatura brasileira. Neste conto, pelas insinuações do autor, aquele braço pode se transformar em muitas coisas; não é só um braço, e isso até o fim, até aquele beijo da mulher do advogado no menino naquele domingo. Ele diz: “Esse não foi um domingo qualquer. Esse foi um domingo universal.”

Júlio

Na segunda-feira, o Gabriel Chalita falou aqui que uma das grandes marcas dele é de ter sido aluno de colégio salesiano, ter sido educado pelos salesianos. O André citou exatamente o mesmo percurso dentro da ordem salesiana. Eu também fui aluno dos salesianos. Encaminharam uma pesquisa, que depois foi abortada, sobre escritores que foram alunos dos salesianos. E nós temos dois principalmente: Paulo Mendes Campos e Murilo Mendes. O Murilo Mendes estudou no colégio salesiano em Niterói, que é o primeiro salesiano no Brasil, e foi expulso da escola porque fugiu para ver o Nijinski. No colégio eles têm um arquivo, que não consegui convencê-los a publicar, de todas as redações escritas e das cartas e punições da direção a esses escritores. O Paulo Mendes Campos tem uma frase em que diz o seguinte: “Eu aprendi a deixar de ser católico no exato momento em que eu fui educado pelos salesianos.” Não estou fazendo julgamento aqui da educação salesiana; só estou colocando um fato que é importante para refletirmos. No caso do Murilo Mendes, a justificativa de sua expulsão é que ele era obcecado por coisas pornográficas, que seus textos eram explicitamente pornográficos.

Eu estou falando do Murilo Mendes antes da conversão, antes da ida para a Itália, etc.; depois, lendo algumas coisas, ele fazia uma clara diferença entre erotismo e pornografia. Eu fiz esse percurso para introduzir uma questão: Que limites hoje podem ser estabelecidos para separar erotismo de pornografia numa arte dentro da cultura de massa?

Loyola

Eu já vi todos os filmes pornográficos que vocês possam imaginar e mesmo quando ainda eram muito proibidos no Brasil; vi nos Estados Unidos e na Europa. Vi filme pornográfico na minha adolescência, quando eram exibidos nos porões das casas, ou na farmácia local. O farmacêutico tinha uma coleção desses filmes, em que tinha sempre mulheres com máscaras, padres e Papai Noel. Aqueles filmes não ficaram na minha cabeça; o que ficou na minha cabeça foi uma cena de um filme chamado *Gilda*, exibido em Araraquara em 1948 e que sofreu uma feroz crítica dos padres, os quais, inclusive, ameaçaram excomungar todos os católicos que fossem assistir a ele. Eles não tinham esse poder, mas em Araraquara, naquele cafundó do mundo, ninguém sabia se eles podiam ou não, e a Igreja era poderosa. Minha mãe era muito católica e disse: “Se passar na frente do cinema, vai se haver comigo.” Não fui ver *Gilda*, mas sempre ficava na porta do cinema dizendo assim: “O que que esse filme tem?” E o pessoal dizia assim: “Um *strep tease* da Rita Hayword sensacional.” “Mas como é que é esse *strep tease*?” “É um *strep tease*.” E esse *strep tease* me perseguiu por trinta anos. Então, fui ver *Gilda* aos 42 anos, quando foi reexibido em São Paulo, em cópia

nova. Eu estava na primeira sessão da tarde e fiquei esperando o *strip tease* da Rita Hayword. Suava, inquieto, esperando a cena em que a Rita Hayword entraria para fazer o *strep tease*, que deveria ser uma coisa maravilhosa. E aí ela entra no palco e canta, inclusive, uma canção que ficou clássica, “amado mio...”, e faz o *strep tease*. E tudo o que ela tira é uma luva, nada mais do que uma luva. No entanto, eu nunca vi uma coisa mais sensual do que a atmosfera que aquela mulher imprimiu à cena. Claro que Hollywood sabia fazer filmes, e aqueles diretores de Hollywood, inclusive, eram obrigados a mistificar, a mascarar as coisas, porque tinham leis e códigos de moral, porém eles sabiam também sacanear os autores desses códigos. Então, essa cena de *Gilda* é a coisa mais erótica que conheço, mais sensual, sem ter nada, nada, de pornografia, sem mostrar um seio, uma coxa, um milímetro de pele. Erotismo ou pornografia? Erotismo puro.

André

Nessa distinção, que acho saudável fazer, entre erotismo e pornografia, uma pessoa pergunta para mim: “Em que momento um texto deixa de ser amoral e se torna imoral?” Acho que tem a ver com essa zona fronteira aí que o Loyola especificou. Num livro o texto se torna imoral quando o autor é desonesto. E quando é desonesto? Entendo que o autor tem de ter consciência de por que está colocando cada palavra no seu texto, por que está colocando cada vírgula. Logo, se ele descreve uma relação sexual, por assim dizer, que não teria por que estar ali, não acrescenta nada à história, não tem uma função dentro do que ele está narrando. Então, nesse momento,

esse pobre escritor está sendo imoral, desonesto, está sendo pornográfico, por assim dizer. Se, por outro lado, tem a função narrativa específica, ele está sendo, vamos dizer, amoral, ou talvez mais talentoso. Outra questão é em relação ao meu livro *Hoje está um dia morto*, porque nele há várias passagens sexualmente ativas, vamos dizer assim, porque os personagens – para quem não conhece o livro – são um casal de jovens que vivem uma história no interior de Goiás, que estudou num colégio salesiano, e assim por diante. Então, o que pretendi fazer foi o seguinte: quando Jean e Fabiana, que são os protagonistas do livro, não estiverem fazendo nada, eles estarão fazendo sexo, porque há um esvaziamento ali da própria relação sexual. Porque não há amor, não há paixão, não há nada, não há nenhuma transcendência; há apenas uma maneira mecânica através da qual eles tentam se comunicar, mas nem isso é possível no contexto do livro. Nesse sentido, no meu livro, pelo menos, eu não tive a intenção de ser imoral ou pornográfico. Em relação à sugestão de que nele descrevi na cena do magnífico filme *Gilda*, posso dizer que em plenos anos 90 o *grunge* já existia, já havia toda essa liberalidade, não havia mais tantos tabus. Lembro que a pessoa pela qual eu tive mais tesão na minha vida foi uma noviça do Instituto Auxiliadora, que era tão recatada que o nirvana para mim foi o dia em que ela – nunca vou esquecer disso, eu tinha 13 anos – decidiu jogar vôlei no pátio e tirou o agasalho. Ela estava de calça jeans, dobrou a calça e eu via ali a batata da perna daquela mulher. Para mim foi mais fundamental para a minha educação sexual do que todo e qualquer filme pornográfico que eu tenha visto em toda a minha longa adolescência, que foram muitos, diga-se de passagem.

Alcione

Tanto as normas para o escritor responsável, que sabe dizer com cada palavra, quanto a avaliação sobre a sensualidade, implicam ambos uma moral. Há uma moralidade num e noutro, porque o código da sensualidade e o código literário respeitaram algum tipo de moralidade. Portanto, quando nos manifestamos, de alguma forma há uma moral subjacente inescapável.

Elisa

Concordo com o Alcione, porque até na cama o homem está sendo um homem político a todo tempo, um animal político. Então, não há nada que se faça que seja órfão de sua construção. Sobre o pornográfico e o erótico posso dizer sempre que o pornográfico raramente me excita, ou melhor, nunca. Por exemplo, um filme pornográfico não me captura, porque imagino que a pornografia precise de maior cárcere, de mais pecados, mais impedimentos, para se estabelecer. O erotismo é mais livre, por isso me atrai mais. Acho erótico uma pessoa original, um bom pensamento, tema muito mais amplo do que o sexo. Perguntaram sobre essas cenas de TV, de novela, esse erotismo das crianças e tal. Acho precoce crianças de cinco anos ficarem assistindo a novelas com cenas para 14-16 anos, mas também indecentes, às 19 horas, aquelas notícias de tiros e corrupção. Acho aquilo tão violento que fico querendo que pelo menos meu filho assista uma boa trepada na novela das 8 do que fique vendo aquela construção da guerra. Perguntaram também sobre como falar do erotismo, como mulher, sem expor essa mulher de maneira vulgar e tal. Eu não sei. Uma coisa eu faço: quando escrevo, não me censuro, ninguém

pode me atrapalhar, eu largo do meu pé. Não fico pensando assim: “Isso não está bonito, não.” Primeiro sai, depois vamos ver o que fazer para esse neném sair de casa, depende do tempo, depende de muita coisa. Pode ser que ele saia como nasceu, mas pode ser que ponha uma gravata. Por exemplo, “Notícias do feminino” eu nem ia publicar, mas publiquei. O poema é pequeninho:

Rola na cama a mulher.
Pensamentos do masculino assanham seus orifícios de dama.
Rola na cama já úmida,
a mulher cujos seios pulsam e se dilatam, cujos bicos seguem
duros para o alto, mirando o teto do quarto.
Rola na cama, isso se sabe, rola e clama.
Mas não serve qualquer um, só serve quem ela ama.

Eu acho que isso é o erotismo, ser gentil e amoroso com amor; o erotismo é filho do Eros mesmo, quer dizer, a sexualidade com amor fica mais aceitável, encontra menos barreiras.

Milton

Uma questão central do tema é a linguagem. Eu acho que se pode tratar do erotismo de uma maneira mais ou menos explícita ou ostensiva, tudo depende da linguagem. Assim, a construção da linguagem, o estilo, é que vai dar força e sentido a essa imagem. Citei aqui o conto de Machado de Assis, a obra do Guimarães Rosa, enfim, 550 páginas numa única relação sexual, mas poderia citar os poemas eróticos do Drummond, os poemas de *Laura*, que vocês conhecem, do *Amar Amaro* – “O que são dois amantes, são dois inimigos...”, este verso lindo,

em que os amantes são colocados no confronto erótico, de jogo e até mesmo de poder. Alguém me perguntou se esses personagens em torno da Zana de *Dois irmãos* são todos doentes. Certamente, são doentes à maneira deles. Não se escreve um romance sobre pessoas normais. Há até um ditado francês: “Uma boa família não dá uma boa história”. Portanto, é preciso algum tipo de perversão, talvez de tara. São meio tarados esses personagens: a Zana no meio desses filhos, uma relação totalmente incestuosa entre ela e o filho, um dos gêmeos. De fato, é uma relação doentia, mas em quase todas as relações na família há um pouco de doença. Uma família totalmente perfeita só na televisão, nos anúncios, naquele momento do café da manhã em que as pessoas pensam que existe esse mundo perfeito, a família perfeita. Quanto ao vestibular, só posso dizer que me tornei um gaúcho honorário. Fico muito honrado de ser lido pelos jovens gaúchos, pelo fato de *Dois irmãos* estar no vestibular da Universidade Federal.

Mirosław

A pergunta é: “Como o senhor, sendo publicitário e escritor, percebe a diferença de tratamento entre a publicidade visual e erotismo e a literatura mais verbal e erotismo?” É uma excelente pergunta e responderei com outra pergunta muito curta: Por que hoje em dia, que temos acesso a coisas visuais e ilimitadas, podendo simplesmente mudar de canal na televisão ou num DVD qualquer, procuramos às escondidas um livro e debaixo dos cobertores procuramos um trecho que nos excita?

Elisa

Vou concluir declamando um poema.

Só de sacanagem

Meu coração está aos pulos.
Quantas vezes minha esperança será posta à prova,
por quantas provas terá ela ainda que passar.
Tudo isso que está aí no ar, cuecas, malas
que voam entupidas de dinheiro,
do meu dinheiro, do dinheiro que reservo duramente
para educar os meninos mais pobres do que eu
e para cuidar da saúde deles e de seus pais,
esse dinheiro viaja na bagagem da
impunidade eu não posso mais.
Quantas vezes meu amigo, meu rapaz, minha
confiança vai ser posta à prova.
Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais.
É certo que tempos difíceis existem,
para aperfeiçoar o aprendiz,
mas não é certo que a mentira de maus
brasileiros venha quebrar o nosso nariz.
Meu coração está no escuro, a luz é simples,
regada ao conselho simples do meu pai, minha
mãe, meus avós e os justos que os precederam.
Não roubarás. Devolva o lápis do coleguinha,
esse apontador não é seu minha filhinha.
Ao invés disso, tanta coisa cínica e torpe tenho que escutar.
Até hábeas corpus preventivo,
coisa da qual eu nunca tinha ouvido falar e
sobre a qual a minha pobre lógica insiste.
Esse é o tipo do benefício que só ao culpado interessará.
Pois bem se mexeram comigo, mexeram com a velha e
fiel fé do meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear.
Mais honesta ainda eu vou ficar, só de sacanagem.
Dirão, deixa de ser boba, desde Cabral
que aqui todo mundo rouba.
Eu direi, não admito, não importa, será esse o meu carnaval,
vou confiar mais e mais, e outra vez, eu, meu irmão,
meu filho, meus amigos vamos pagar limpo a quem
a gente deve e receber limpo do nosso freguês.

Com o tempo a gente consegue ser
livre, ético e o escambau dirão,
é inútil, todo mundo aqui é corrupto,
desde o primeiro homem que veio de Portugal,
e eu direi, não admito, minha esperança é
imortal, eu repito ouviram, imortal.
Sei que não dá para mudar o começo,
mas se a gente quiser, vai dar para mudar o final.



Da esquerda para a direita: Amarildo Cenci (Simpro), Tomaz Barzinoki (Tradutor), Neusa Maria Henriques Rocha, Mirosław Bujko, Milton Hatoum, Alcione Araújo, Júlio Diniz, Elisa Lucinda, Renata Cerutti (Simpro), André de Leones e Ignácio de Loyola Brandão

ARTE E TRANSCENDÊNCIA

Afonso Romano de Sant'Anna



Poeta, ensaísta, cronista e professor, Afonso Romano de Sant'Anna é um poeta do nosso tempo, engajado aos problemas e perplexidades atuais. Lançou seu primeiro livro de poesias, *Canto e palavra*, em 1971. Já lecionou literatura brasileira na Califórnia, na Alemanha, na França e no Rio de Janeiro. Em 1980 publicou o livro de poesias *Que país é este*, cujo poema com o mesmo título foi publicado com destaque pelo *Jornal do Brasil*, que, numa iniciativa pioneira, continuou publicando seus poemas na página política, não no suplemento literário. Em 1986 lançou seu primeiro livro de crônica, *A mulher madura*. Cronista do jornal *O Globo*, teve também participação em programas na TV Globo, que lhe encomendou textos sobre acontecimentos que marcaram o Brasil nessa época. Foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional de 1990 a 1996, conquistando o prêmio Especial de Marketing, concedido pela Associação Brasileira de Marketing. Conquistou também o prêmio Mario de Andrade, prêmio União Brasileira de Escritores, prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo conjunto de sua obra, e o mais recente é o prêmio Jabuti, 2006, na categoria Poesia, com a obra *Vestígios*. Dentre suas obras mais recentes citam-se *A cegueira e o saber*, *Melhores poemas de Afonso Romano* e *Poemas reunidos*. Suas poesias foram publicadas em diversos países, como Polônia, China, Chile, Alemanha, Portugal, França, entre outros. Tem vários poemas musicados e CD de poemas e crônicas na voz de artistas renomados.

Primeiro, a minha alegria de estar nesta loucura que é a Jornada, uma loucura gloriosa. Como todos sabem, os poetas mentem muito, e a mentira da poesia pode servir para enfrentar e desmascarar a mentira social. Então, vamos à poesia.

A implosão da mentira

Mentiram-me, mentiram-me ontem e hoje
Mentem novamente
Mentem de corpo e alma completamente
E mentem de maneira tão pungente
Que acham que mentem sinceramente
Mentem sobretudo impunemente
Não mentem tristes
Alegremente, mentem
Mentem, então, nacionalmente
Que acham que mentindo história afora
Vão enganar a morte eternamente
Mentem, mentem e calam
Mas suas frases falam
E desfilam de tal modo nuas
Que mesmo um cego
Pode ver a verdade em trapos pelas ruas
Sei que a verdade é difícil
E para alguns é cara e escura
Mas não se chega a verdade pela mentida
Nem a democracia pela ditadura
Evidentemente, a crer nos que me mentem
Uma flor nasceu em Hiroxima
Em Auschwitz havia um circo permanente
Mentem, mentem caricaturalmente
Mentem como a careca mente ao pente
Mentem como a dentadura mente ao dente
Mentem como a carroça a besta em frente
Mentem como a doença ao doente
Mentem claramente como espelho transparente
Mentem deslavadamente
Como nenhuma lavadeira mente
Ao ver a nódoa sobre o linho

Mentem com a cara limpa e nas mãos o sangue quente
Mentem ardentemente nos seus instantes de febre
Mentem fabulosamente
como o caçador que quer passar gato por lebre
E nessa trilha de mentiras
A caça é que caça o caçador com armadilha
E assim cada qual mente industrialmente
Mente partidariamente
Mente religiosamente
Mente incivilmente
Mente tropicalmente
Mente incontinentemente
Mente hereditariamente
Mente, mente, mente
E de tanto mentir tão bravamente
Constrói um país de mentiras diariamente

Silêncio amoroso

Deixe que eu te ame em silêncio
Não pergunte, não se explique
Deixe que nossas línguas se toquem
E as bocas e as peles se falem seus líquidos desejos
Deixe que eu te ame sem palavras
A não ser aquelas que na lembrança ficarão
Pulsando para sempre
Como se o amor e a vida fossem um discurso
De impronunciáveis emoções

Pequenos assassinatos

Vegetariano,
não dispense chorar sobre os legumes
esquartejados no meu prato
Tomates sangram em minha boca
Alfices desmaiam ao molho de limão, mostarda e azeite
Cebolas soluçam sobre a pia
E eu ouço o grito das batatas fritas
Como, como selvagem como
Como tapando ouvido, fechando os olhos
Distraindo na paisagem o paladar
Com a displicente volúpia de quem mata para viver

Na sobremesa, continua o verde desespero
Pêras degoladas, figos desventrados
E eu chupando o cérebro amarelo das bandas
Isto cá fora, pois lá dentro
Sobre a pele uma intestina disputa me alimenta
Ouço lamento de milhões de bactérias
Que o lança a chama dos antibióticos exaspera
Por onde vou, é luto e luta

Eu falo, tu ouves, ele cala
Eu procuro, tu indagas, ele esconde
Eu planto, tu adubas, ele colhe
Eu ajunto, tu conservas, ele rouba
Eu defendo, tu combates, ele entrega
Eu canto, tu calas, ele vaia
Eu escrevo, tu me lês, ele apaga

Um poeta de São Paulo, o Álvaro Álvares Faria, contou-me que, ao entrar na sua casa certa noite, apareceu-lhe um ladrão, que o assaltou e deu-lhe um tiro na cabeça. Então, ele foi para o hospital e o médico lhe disse que não poderia extrair a bala, que estava perto do cerebelo e estava em movimento; logo, ele poderia morrer em alguma circunstância. Então, com aquela narrativa na cabeça, compus o seguinte poema:

O poeta e a bala

Pessoas carregam afrontas, remorsos
Outros dívidas, projetos
Conheço um poeta que carrega na cabeça
Uma bala viva
Bala nada metafísica, não metáfora, espelho
Bala mesmo, explosiva
O estopim do cerebelo
Meteu-a lá um ladrão afoito
Um de repente furtivo
Meteu-a lá por nada
Por hábito agressivo

Num estúpido estampido
Colocou-a não como se coloca um livro na estante
Um verso no poema
Na próclise o pronome
Atirou-se como se no homem engatilhasse
A bala do sobrenome
Atirou-a como a granada que se recusa a explodir
E fica não no ar parada
Mas no corpo agasalhada
O poeta toma seu carro, viaja
Mas nele a bala anda estacionada
O poeta ama, troca de cama e de mulheres
Mas nele a bala passeia
Como se na praça passeasse enamorada
Ele vai ao médico, tira radiografias
Vive perseguindo antes que ela como míssil impaciente
O alcance internamente
De dia vigilante
Acompanha da bala a metálica sanha
Mas é de noite que a cabeça na fronha
O poeta embalado sonha
Desde que me contou sua sina
Que abalado leva uma cabeça cativa
A imagem dessa bala progressiva
Alojou-se no cérebro a atrevida
E persegue, exige que a desfile num poema
Como se fosse uma palavra viva
Nele é fatal a ferida
Em mim metáfora alusiva
Nele é ameaça constante
Em mim imagem corrosiva
Essa bala se parece e é diversa
Da bala de Cabral, o outro poeta
Passa raspando o seu texto
Com tudo é mais real
Muitos anos se passaram
Penetrei cabeças
Assaltei afetos
E atirei a esmo os meus poemas
Em gavetas de mulheres
Mas a palavra do poeta
Em mim ara inquieta

Só me resta um recurso
Alojá-la na escritura
Atirá-la no leitor
Na espera que essa bala
Na leitura que o outro faça
Prossiga a sua aventura.

O lado esquerdo do meu peito

As utopias são facas de dois gumes
Num dia dão flores, noutra são estrume
Na travessia do deserto, as utopias são miragem
Mas como se alimentar de paisagens
As utopias mobilizam
E a longo prazo paralizam
Utopias são ambíguas
Podem aliviar no presente as fadigas
Mas no futuro levam a um muro sem saída
Mais do que dilema
Begume, estrela e negrume
Trampolim e tapume
Ou Fênix implume
Nenhuma imagem as utopias resumem
As utopias são facas de três gumes.

Poema reflexivo

O que não escrevi, calou-me
O que não fiz, partiu-me
O que não senti, doeu-se
O que não vivi, morreu-se
O que adiei, adeu-se

Ponto final

Eu, ponto de observação
Eu, ponto de interrogação
Eu, ponto
Discurso sem conclusão

Comentário

Alcione

E para encerrar a programação de entretenimento dessa noite, o samba “Falta educação” ou “Falta de educação”.

Tchac, tchac – todo mundo
Ele disse que vinha,
Ele disse que vinha
Veio ou não veio
Mandou um e-mail
Um e-mail?
Que feio
Ele veio ou não veio
Companheiro, azar de você, vai lá, é longe a beça
E cheio de livro
Que horror
Adad não veio, mas ele prometeu
Ele não cumpriu, não fez o dever de casa
Não estudou a lição
Fugiu do provão, fugiu do provão
Onde está Adad
Onde está o ministro Adad?

Lya Luft



Escritora gaúcha, faz cada vez mais o que desde os três ou quatro desejava fazer: jogar com as palavras e com personagens, criar, inventar, cismar, tramar, sondar o insondável. “Tento entender a vida, o mundo e o mistério e para isso escrevo.” Tradutora de literaturas em alemão e inglês, traduziu para o português mais de cem livros. Em 1980 publicou *As parceiras* e não parou mais. Família, comunicação, relacionamento e infância são temas presentes em sua obra, e para falar deles Lya se vale de romance, poesia, ensaio, crônica e literatura infantil. Em 1984 lançou *O quarto fechado*, traduzido nos Estados Unidos com o título *The island of the dead*. De sua produção mais atual, citam-se *Em outras palavras*, *Perdas e ganhos*, *Pensar é transgredir* e *Para não dizer adeus*. Mantém também uma coluna semanal na revista *Veja*

Há aqui muitas pessoas queridas, dessas que encontro de vez em quando e que me dão testemunho de uma realidade que tem também algo de transcendental. Todos os artistas são gente de uma mesma raça. E aí incluo também artistas de outro ramo, por exemplo, Maria Bethânia, que considero minha irmã, e vários outros atores, atrizes, etc. Nós nos encontramos, às vezes, depois de longos períodos, mas parece que foi ontem, que está tudo em paz e não se tem de cobrar nada, e continuamos alguma conversa começada há dez-vinte anos. Esse é um dos frutos que eventos como a Jornada Literária de Passo Fundo trazem. Todo mundo pergunta o óbvio: claro que fomenta o livro, forma novos leitores e torna, enfim, mais entusiasmados os leitores que já existem. Mas eu não posso deixar de prestar a minha homenagem à mais louca das mulheres que conheço, que é a Tania Rösing.

Acho que participei da segunda ou terceira Jornada, há 24-25 anos. Éramos um grupo muito pequeno; ninguém tinha dinheiro para nada, nós comíamos na casa da Tania, e era uma coisa maravilhosa. Éramos eu, o Fernando Sabino, o Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles, o nosso amadíssimo Josué Guimarães, Moacyr, Luiz Fernando Veríssimo, enfim. Na época, achávamos que ia acontecer um encontro, dois, depois ia acabar, mas hoje, vindo para cá, eu estava comentando que é impressionante como a comunidade de Passo Fundo, a universidade, a prefeitura, os escritores, os leitores de todo este país e do exterior também entenderam e seguiram a magia que esta moça tem e consegue partilhar com todos nós aqui presentes. Então, eu quero agradecer e dizer que fiquei muito honrada com este convite, porque realmente tudo isso é verdade, promove o livro, mas também promove e reanima esse amor,

esse afeto entre os amigos, como a minha querida Marina Colasanti, esse pessoal da mesma raça, que somos todos nós escritores.

O que nos une é um elemento transcendental. O ser humano é mergulhado no transcendente, e talvez eu escreva por causa disso. De fato, tudo o que escrevo, desde a mais concreta coluna na *Veja* até o mais misterioso dos contos, tem alguma coisa de transcendental, que faz com que não seja só o que escrevi num livro de memórias da minha infância, *Mar de dentro*. O ser humano não é só aquela salsicha grande com tufo de pelos, duas coisinhas brilhantes que são os olhos, um buraco que se abre, faz barulhinho ou bota comida para dentro. Nós temos algo a mais, que é a transcendência. É um assunto maravilhoso, inesgotável. A arte é a presença do transcendente num mundo, independentemente de religião, de crença, de qualquer outra coisa, pois está muito além disso. A arte tem um pé, ou os dois pés, no transcendente. E porque não entendemos, a escrevemos, que também é uma função do artista: promover perguntas, questionar e ficar botando o dedinho naquela fresta escura para ver o que tem lá dentro. A arte é a presença, enfim, do transcendente, também aqui em Passo Fundo.

Lúcia Bettencourt



A literatura entrou muito cedo na vida de Lúcia Bettencourt, que cresceu entre obras dos mais diversos autores. Leitura para ela nunca foi uma obrigação. “Com os livros, eu viajei pelo mundo, conheci o amor, enveredei pelos caminhos da política, assustei-me com a miséria e a crueldade e também me diverti muito.” Antes de concorrer ao Prêmio Sesc de Literatura, já havia sido premiada por dois contos. Um deles, “A cicatriz de Olímpia”, foi publicado em 2005 no primeiro volume da coletânea que leva o mesmo nome do concurso: Osman Lins de Contos. *A secretária de Borges* foi vencedora do Prêmio Sesc 2006, na categoria Contos. Lúcia reluta em ser chamada de professora, pois na sua área – português e literatura –, como diz, “estou sempre aprendendo”. Ministra aulas para grupos de pessoas interessadas em literatura. Marcel Proust, José Luis Borges, Dante e João Guimarães Rosa são alguns dos autores com os quais trabalha. Tem também vários textos acadêmicos publicados em revistas especializadas.

O escritor, o artista, o intelectual, as pessoas que gostam de estudar, que vivem uma vida acadêmica, são pessoas divertidas, que gosta de brincar, de se divertir. Então a arte nos traz esta possibilidade de sair do nosso mundo tão estreito e de nos divertimos, de nos libertarmos da nossa condição de ser agora e podermos ser para sempre. No momento em que pego um poema de Homero e começo a lê-lo, e começo a entendê-lo, estou vivendo no século XVIII, no século XX e no século XXI. Acho que isso é a transcendência.

Mariana Janelli



É jornalista e mestra em Literatura e Crítica Literária, autora dos livros *Trajectoria de antes* (1999), *Duas chagas* (2001), *Passagens* (2003), *Fazer silêncio* (2005) e *Almádena* (2007), lançado na 12ª Jornada de Literatura. Assim escreve Ignácio de Loyola Brandão sobre a autora: “Mariana conhece o valor de cada palavra, a síntese, ela sabe como transformar a palavra em estilete, cortando fundo.” Mariana vem participando de debates literários, dentre os quais se destaca o evento *Le Printemps des Poètes*, no qual esteve presente em 2001, junto a escritores franceses contemporâneos, em Rennes, França. Também colabora com alguns textos eventuais para as revistas *Caros Amigos*, *Bravo* e *Aplauso*.

Eu queria começar dizendo do meu entusiasmo, que chega a ser quase um assombro, por estar aqui. Quando entrei aqui ontem pela primeira vez, comecei a pensar nessa relação que o leitor tem com o livro, que é uma relação que se dá muitas vezes entre quatro paredes e na convivência solitária do escritor com o seu texto, nas afinidades entre os escritores, entre os leitores. Todos esses encontros, que são possíveis e particulares, convergem para esse momento maravilhoso de celebração da literatura aqui hoje, que é uma celebração do afeto e também uma celebração do pensamento.

Conversando com uma moça antes de entrar aqui, ela me perguntava sobre quanto tempo duraria a Jornada. Ora, esta Jornada durará enquanto durar a paixão pela leitura, enquanto durar o desejo de sonhar, ou seja, sempre, para toda a vida. O tema desta mesa me parece absolutamente pertinente, porque a transcendência acontece aqui, agora, neste momento, com vocês; é essa relação que se fecha, esse círculo que se fecha: os leitores, os livros e o escritor. Essa multiplicidade de encontros é que torna o livro uma realidade viva; assim, ele transcende o nível da linguagem, o limite do verbal, torna-se uma realidade viva. Nunca me esqueço do que dizia Henry Müller, que escreveu um livro sobre as afinidades eletivas dele, os livros, que foram importantes na sua vida. Ele dizia que o leitor sabe que jamais seria capaz de participar na experiência privada do autor, se não fosse todo ele composto da mesma substância.

Então, aqui nós tocamos no ponto da transcendência, num dos pontos possíveis, porque são vários, a começar pela transcendência da palavra, da linguagem, da não linguagem. Já dizia Marleau-Ponti que o exprimido nunca é

totalmente exprimido; é essa zona de mistério que torna a literatura tão mágica, porque não existe uma leitura possível. O livro, quando publicado, não é um, mas muitos, porque existem tantos livros quantos forem os leitores. Então, essa é uma das transcendências possíveis no nível da linguagem. Há também a transcendência do tempo, do tempo comezinho, do tempo corriqueiro, para essa duração do pensamento, que é imensurável. É aquilo que diz William Blake, com o termo infinito na palma da mão e sentir a eternidade numa hora. É a transcendência da subjetividade, tanto do autor como do escritor, para o universal da natureza humana, no que ela tem de mais sórdido e mais sublime.

Estamos aqui falando em transcendência, mas podemos falar também em termos de metamorfose, o dom da metamorfose, como disse Elias Canetti num discurso que proferiu em Munich em 1976. Ele falava que o ofício do poeta deveria exercitar o dom da metamorfose. A metamorfose em que sentido? No sentido de o poeta se transformar em todos os homens, principalmente naquele homem que é mais impotente e, justamente, para saber o que é um homem por trás de suas palavras. Essa condição de anonimato do escritor permite que um outro fale no seu lugar. Esse outro pode ser qualquer homem que o poeta possa ser; aquele que o poema, que o texto procura e que venha a encontrar no leitor. Por isso, podemos começar falando da transcendência nesse nível humano mesmo, porque não é, de forma alguma, menor se nós pensarmos na dimensão do sagrado, ao contrário. A partir dessa congregação humana nós conseguimos uma ascensão, ou melhor dizendo, um resgate de nossa unidade primordial, num sentido mais sagrado.

Comentário

Affonso

Eu gostaria de tomar esse assunto pelo avesso, ou seja, enfrentar a questão da transcendência pelo seu contrário, como tentativa de entender algumas dobras que estão aí ocultas e que dizem respeito ao nosso tempo. Poderíamos perfeitamente começar a falar do tempo da Grécia, quando o conceito de arte juntava verdade, beleza, justiça. A ideia de equilíbrio, de harmonia, prevaleceu durante muito tempo. Mas eu quero enfrentar a questão por esta porta estreita, pelo seu avesso. Quando assistimos ao *Jornal Nacional*, temos alguma transcendência? Quando lemos os jornais diariamente, temos alguma transcendência? Quando vemos filmes sobre violência no Brasil, filmes americanos, ou qualquer outro filme estrangeiro, filmes atuais, com estética bastante atual, temos alguma transcendência? Quando vamos a uma Bienal e olhamos certas peças que ali estão, temos transcendência? Eu costumo dizer que na sociedade em que estamos, que alguns chamam de “pós-moderna”, temos nas artes, sobretudo nas artes plásticas, um sintoma da nossa enfermidade, ou seja, da nossa antitranscendência. Depois de séculos e séculos, quando o universo esteve organizado – era Ptolomeu, era a física de Newton, havia causa e efeito –, a modernidade trouxe uma forma de pensamento da incerteza, da insegurança, do abalo, do feio, do marginal, que se estabeleceu como estética e como epistemologia por mais de cem anos, talvez quase duzentos anos. Hoje o paradigma é a incerteza, a insegurança, o feio, o horror,

que passaram a ser o nosso prato cotidiano. Então, não adianta falar da Grécia. Quero falar sobre um artista plástico, uma figura emblemática do princípio do século, o Marcel Duchamp, que usou um urinol como um emblema da arte do seu tempo; não apenas usou um urinol, mas se masturbou, ejaculou e o esperma se transformou numa obra de arte que está exposta no Museu de Tóquio. Também falar de Manzoli, nos anos 60, que pegou uma latinha e escreveu do lado de fora “merda do artista”, e essa latinha foi comprada pela Take Gallery por um milhão de dólares – há quatro ou cinco anos ele produziu trinta latinhas; portanto, estamos todos sentados sobre a nossa riqueza e não sabemos. Falar, ainda, de um artista como Orland, que é uma senhora que inventou um pseudônimo junto a uma companhia de publicidade, porque o pseudo, o *fake*, o falso é uma ideologia dominante e hegemônica na nossa cultura, que faz de sua obra de arte nada transcendente a obra de arte dela, que é operar-se, fazer operações plásticas no seu corpo; assim, já se operou mais de trezentas vezes, e cada operação é uma obra de arte que ela vende em vídeo para as galerias e museus. Quando vemos um artista americano chamado Chris Burden dar um tiro de espingarda no próprio braço e filmar isso para ver a bala deixando os seus estilhaços, isso está sendo a sua obra de arte. Quando um artista francês chamado Armand resolve que vai fazer uma exposição em uma galeria em Paris, e a exposição dele é pegar dois ou três caminhões de lixo e jogar dentro das salas da galeria para a sociedade ver o lixo, isso é arte. Quando eu vejo tudo isso, e o cinema e a literatura, o *Jornal Nacional*, os jornais e as revistas, Brasília e o nosso cotidiano, estou procurando

a transcendência que havia na arte de outros tempos. Então, eu queria colocar como ponto de discussão inicial que, se as preocupações não pulsarem em mim, possivelmente não pulsarão em ninguém. Nós hoje estamos num labirinto. O paradigma antigo da modernidade e pós-modernidade faleceu e nós estamos procurando saídas. Há três tipos de pessoas nesse labirinto: primeiro, os artistas, que estão totalmente perdidos no labirinto; segundo os que estão se rejubilando com esse labirinto; terceiro, os que estão procurando entender os meandros desse labirinto, já que começar a entendê-lo é começar já a sair dele de alguma maneira. Portanto, a discussão hoje em dia, do meu ponto de vista, seria reverter a transcendência, aquilo que o maior crítico francês de arte plástica, Jean Clair, apontou em seu livro, sobre a imundice em que se transformou a manifestação artística na contemporaneidade. Analisar essa imundice para ver o que há de transcendente no oculto que pode nos incitar a uma ultrapassagem desse quadro, que, para mim, é muito incômodo e desagradável. Há quem ache muito bonito uma frase do Freud, que é mal interpretada, sobre o “mal-estar da civilização”. As pessoas acham que ficar no mal-estar é muito bom, uma coisa masoquista. Eu não gosto do mal-estar, não estou feliz nem contente com o que está aí na maioria dos níveis. Portanto, a questão da transcendência, do meu ponto de vista, só pode começar a ser estudada pelo seu avesso.

Mario Sabino



Jornalista e editor executivo da revista *Veja*, foi editor de coleções juvenis da literatura brasileira e tradutor do livro *Arte e beleza na estética medieval*, de Umberto Eco. Sua estréia como ficcionista deu-se com o romance *O dia em que matei meu pai* (2004). Sua obra mais recente é a coletânea de contos *O antinarciso* (2005), que conquistou o prêmio Clarice Lispector, no mesmo ano, conferido pela Biblioteca Nacional. *O antinarciso* foi publicado em Portugal, na Itália, na Argentina e na França.

Até esse momento ouvi o elogio da transcendência, mas gostaria de fazer, na verdade, uma crítica à transcendência, pois acho que transcendemos demais. Aproveitando a citação que o Affonso fez, um texto de que eu gosto muito do Freud é *Totem e tabu*. Neste texto, que, se não me engano, de 1913, ao analisar as sociedades polinésias, as tribos polinésias australianas, ele disse que para ele eram um campo de observação perfeito, porque eram proto-sociedades, ou seja, mostravam como nós havíamos sido, nós sociedades civilizadas. Ele fala de um dado que é muito interessante, a onipotência das ideias, que foi o que permitiu ao homem transcender, sair de si próprio, situar-se além de si próprio e transformar o mundo na projeção dele próprio. Freud identifica na arte ocidental, na arte civilizada, ainda um resquício dessa onipotência das ideias que moveram os selvagens, os nossos antepassados, a criar deuses, a criar sistemas filosóficos, que saíam do próprio homem e que apreendiam o mundo à sua própria imagem e semelhança. Isso acabou resultando no que se costuma chamar de “antropocentrismo”, ou seja, o homem como centro do universo, como a espécie dominante, como o senhor de todas as espécies.

No final do século XIX, começou a surgir na ciência, a filosofia e a própria psicanálise, que se constituiu mais ou menos nessa época, justamente como um enfrentamento a esse antropocentrismo. O primeiro a enfrentar o antropocentrismo foi Charles Darwin, com a teoria da origem das espécies, que situou o homem não como uma espécie melhor ou superior a quaisquer outras, mas semelhante a outras. Depois veio Freud e nos colocou dentro de nós mesmos, ao tirar, inclusive, a nossa capacidade de dominar as nossas emoções, os nossos sentimentos, os nossos atos,

porque descobriu que havia o inconsciente, que nos movia na maior parte do tempo. Com o decorrer do tempo, a biologia começou também a descobrir que talvez nós não sejamos tão simplesmente portadores de genes que querem se reproduzir: nós somos os seres complexos multicelulares, porque esse gen egoísta descobriu nessa forma a melhor maneira de se perpetuar.

Tudo isso nos tira a aura que nos emprestamos há milhares de anos e que, talvez, seja uma questão para a qual eu não tenho resposta, nem encontraremos uma resposta esta noite, mas é sempre importante de ser colocada. Desse modo, talvez todas essas correntes que nos diminuem diante de nós mesmos, da imagem que nós temos de nós mesmos e do mundo sejam coisas boas. Talvez não seja a hora mais de transcendermos, porque, ao transcender, ao transformar o mundo à nossa imagem e semelhança, estamos acabando com o mundo. Não é uma abordagem “apenas” ecológica, mas “também” ecológica. O homem, ao se considerar uma espécie acima das outras, ao criar um Deus que o criou à sua imagem e semelhança, transcendeu a tal ponto que o mundo em que vivemos está sendo destruído por nós. Então, talvez a questão não seja mais transcender, mas intoscender, ou seja, voltarmos para dentro de nós mesmos e nos olharmos.

A minha literatura, se é que posso chamar assim, busca tão-somente as paisagens interiores. Eu busco justamente mostrar que todos os sistemas que nós criamos, sejam filosóficos, sejam religiosos, ideológicos, são abstrações que expressam tão e simplesmente essa onipotência das ideias de que fala Freud no seu ensaio e que nos levou até aqui a produzir coisas muito bonitas, mas também a produzir muita feiúra, tristeza e desgraça. Então, a trans-

condência tem também esse aspecto ao situar o homem fora de si próprio; um dado onipotente está nos destruindo e destruindo não só outras espécies, como o próprio mundo no qual vivemos e que é a nossa única moradia.

Comentários

Lya

Eu queria fazer um comentário a isso que o Mário falou, na minha maneira muito simples de ver as coisas, pois tenho muita dificuldade para a teoria, pois sou anti-intelectual, sou uma intuitiva. Acho muito importante isso de que realmente procuramos a transcendência dentro de nós. Numa entrevista há pouco, eu dizia que um dos objetivos de qualquer encontro ligado a livro deveria ser também mostrar para as pessoas o que há dentro do livro como um objeto cotidiano. Assim, na mesa de toda pessoa deveriam estar o café, o pão, o leite, o livro, porque na arte está a nossa transcendência, ou, pelo menos, uma das válvulas de escape da nossa perplexidade diante daquilo que chamamos “transcendência” está na arte. Vou citar só um pequeno episódio. Existe em Porto Alegre um presídio feminino, o Madre Peletier. Há alguns anos me telefonou a diretora dizendo que às apenas, como eles chamam, seria dada uma biblioteca, uma sala-biblioteca. Relatou-me que elas haviam escolhido o meu nome e perguntou-me se eu aceitaria que fosse biblioteca Lya Luft. Respondi: “Claro, imagina.” E me esqueci. Depois de alguns meses pediram que eu fosse inaugurar a biblioteca. Foi esse, talvez, o momento mais difícil da minha vida como escritora. Ali tudo era bonito, placa em bronze eternizada dentro do presídio. Então, pediram que eu dissesse alguma coisa para aquelas

mulheres. Como acredito que todos somos transcendent-tes, inclusive a mais miserável criminosa, prisioneira, não importa o crime que tenha cometido, pensei no que poderia dizer para elas. Primeiro, disse que me sentia horrivelmente mal, porque dali a pouco eu iria sair, mas elas não. Segundo, que naquelas prateleiras estava a única coisa que não lhes poderia ser tirada nunca, que é a liberdade interior, de poder pensar, de poder questionar, enfim, discutir o seu próprio valor, etc. Isso também é transcendência. Todos nós temos dentro de nós essa chama que faz com que desejemos mais, queiramos mais, refletimos sobre esse grande enigma sempre presente: Qual é o sentido da vida? Isso é a transcendência na qual nós todos estamos mergulhados. O primeiro passo que podemos dar é permitir-nos refletir sobre as coisas, e isso é um primeiro abrir de olhos para a transcendência. A resposta não vamos ter nunca; o bom mesmo é procurar.

Alcione

Gostaria de dizer que a fala do Sabino realiza na plenitude a ideia de nossa obsessão por metaforizar o cotidiano. Toda a elaboração que ele fez para dizer da nossa necessidade de trazer para dentro a ideia de uma transcendência para fora foi elaborada a partir de conceitos também teóricos. Portanto, ir para lá ou voltar para cá são movimentos que se nutrem de uma mesma obsessão, de um mesmo desejo de reelaborar o cotidiano, em cuja moldura nós não conseguimos nos conter, porque somos mais do que aquilo que a matéria nos induz a ser; somos mais do que o nosso cotidiano nos mostra que somos. Tanto que não nos satisfazemos nessa moldura e avançamos para o sonho, para a arte, para a fé, em busca de

alguma coisa que esteja além dessa matéria à qual nós sempre nos reportamos, porque ela se nos impõe para além de nosso próprio desejo. Eu queria recuperar isso porque é no âmbito da nossa transcendência, que vai e volta, que se alimenta nossa insatisfação de sermos o que somos. É justo nesse espaço que entra a arte, como aquilo que alimenta o sonho e retroage em nós a possibilidade do que poderíamos ser e que, na verdade, não somos.

Affonso

Dentro desse quadro, na verdade, diante do papel das artes, hoje sobretudo, acho que tem dois tipos de artistas. Tem o artista, que eu chamaria “sintomático”, que é sobretudo sintoma, inconsciente, da parte dele até de certas características da sociedade; ele repercute, reflete uma série de coisas que estão acontecendo na sociedade, mas de uma maneira pouco crítica, como se estivesse repetindo uma melodia, certas imagens que absorve do cotidiano. O outro tipo de artista, que eu chamaria de “mais crítico” e “mais autêntico”, é aquele que, sendo também sintomático, absorve toda essa imundice, toda essa sujeira, toda essa inconstância, incerteza, mas elabora isso criticamente e de outra maneira. Estou querendo ligar isso com algo que falei anteriormente, me indagar e pedir que os escritores e artistas se indaguem a este respeito: Até que ponto estamos apenas refletindo, repetindo uma gramática que existe por aí? Por exemplo, na ficção é uma receita segura fazer um romance ou uma novela com violência e muito sexo. Isso é uma receita, sobretudo uma receita contemporânea, que está nos roteiros de cinema e na literatura; virou uma fórmula de

sucesso. É um chamariz para um ficcionista jovem fazer um romance com bastante violência e bastante sexo, pois sabe que isso vai dar certo, porque está refletindo o que está por aí. Mas será que isto é realmente aquilo que ele poderia fazer no original, pessoal, subjetivo? Ou ele está repetindo uma fórmula como se tivesse aprendido num curso de criação literária meia dúzia de macetes que comovem a audiência? Isso nas artes plásticas, no cinema, em todos os lugares. Portanto, há uma maneira de fazer arte na nossa época que já está mais do que sedimentada e catalogada, porém o artista mais rigoroso tem de procurar ir além disso. Talvez aí haja a transcendência: devemos ir além disso. Nós podemos continuar a fazer no século XXI a arte do século XX, que já está esgotada; ou criamos outros paradigmas, ou vamos ficar repetindo. E o paradigma atual é o do regozijo na imundice e na violência. Como, sem negar isso, poderemos construir uma coisa nova, diferente? Só poderemos talvez começar a fazer algo se tivermos a consciência do que está acontecendo, e isso não cai do céu. Não basta olhar para dentro de mim, fazer a coisa subjetiva. Todos que estudam teoria da literatura, teoria da linguagem, sabem perfeitamente que nós somos organizados enquanto linguagem; nós recebemos linguagem dos outros, dos pais, da sociedade e falamos pensando que estamos falando e estamos falados. É um lugar-comum da teoria da literatura há quarenta-cinquenta anos. Nós não falamos, nós somos falados. No meu entender, a diferença entre o artista e os outros é que o artista fala, não é apenas falado; ele expressa uma coisa nova, diferente, com a qual o público sintoniza. Kafka, ao fazer um sujeito acordar de manhã e se transformar num horrível inseto, mostra-nos algo inconsequente e inviável, no en-

tanto aquilo que não tem nada a ver com a lógica diz uma coisa fortíssima. Então, pergunto: Onde estão as alegorias, as metáforas, que nós os artistas de hoje deveríamos estar criando para sair desse impasse em que nos metemos?

A pergunta sobre por que o público sintoniza com Kafka deve ser respondida por ele, porque ele falou primeiro uma coisa para o inconsciente coletivo, mas falou de uma maneira nova, ou seja, aquilo que ele falou de uma maneira nova outros tinham falado de outra maneira, que já estava assimilada. E o impacto daquela coisa nova, como essa coisa nova que a Clarice trouxe na sua ficção, cria um movimento de maremoto de repercussão dentro dos leitores. É uma transcendência, mas é algo que resultou de uma procura que rompeu com os paradigmas.

Lúcia

Eu tenho um conto que é exatamente o inverso, sobre uma barata que, sem lógica nenhuma, de repente aparece como ser humano, mas um ser humano ainda muito próximo do inseto. E a mulher que tinha pisado na barata – claro que isso aí é alguma coisa que tem a ver com outras pessoas também do mundo da literatura – se sente responsável por aquele ser que começa a surgir dentro da área de serviço dela e começa a sentir uma vontade de fazer com que torne ser humano, mas ela desiste no meio do caminho. Não vou contar a história, pois vocês eventualmente poderão ler, mas o que acontece é que Kafka suscitou uma resposta. A literatura, a arte, suscita uma resposta naqueles que recebem a manifestação artística. Quando fui convidada para falar aqui, fiquei pensando: “É um tema tão grande e eu sou

uma pessoa tão pequena! Como é que vou chegar e abordar arte, transcendência, principalmente num momento tão complicado de minha vida, em que eu me debato muito diante da morte?” Transcendência tem muito a ver com a morte. O Mario Sabino falou: “Nós estamos transcendendo demais.” Eu posso até corroborar isso com uma notícia de jornal que li em Passo Fundo ontem, uma notícia fúnebre, mas em que diziam: “Fulano de tal transcendeu.” Ele não “morreu”, “transcendeu”. Era a notícia de jornal aqui. Nós estamos fazendo uma coisa que banaliza a própria transcendência. Mas voltando à questão, quando vim para cá para falar sobre um tema tão importante, fiquei pensando que, se tivesse que, dentro da literatura brasileira, escolher um ou dois textos, qual escolheria? Escolheria, sem dúvida nenhuma, como minha primeira opção “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, que para mim é o conto que mostra o lugar onde pode, se ocorre, ocorrer a transcendência. Outro texto que escolheria é “Uma faca só lâmina”, onde, apesar de toda aquela busca do concreto, do conceito, de percorrer aquele caminho com João Cabral de Mello Neto, de repente se chega ao final e se descobre a possibilidade da transcendência na palavra utilizada de forma artística.

Minha arte é a literatura, e não existe uma arte mais transcendente do que a literatura, porque é a arte que nos acompanha. Ao vermos um quadro, nós sentimos uma emoção estética com aquela obra e nos encantamos naquele momento, temos aquela epifania. Contudo, quando lemos um texto, este texto se transforma numa coisa nossa para sempre. Nós fechamos o livro, mas o livro continua dentro de cada um de nós. Isso também é um exemplo de transcendência.

Mariana

Lembrei, agora, um conto da Amarília chamado “A jiboia”, no qual há uma cena muito impressionante em que a jiboia está devorando um frango. É uma cena que tem tudo para ser violenta, no entanto a escritora relata com uma sensualidade calma o momento em que o frango vai se tornando jiboia. É uma coisa impressionante, porque é uma transubstanciação sensual; é mais ou menos aquilo que pode acontecer também no ato apaixonado da leitura, na medida em que o poema se torna parte do leitor. A imaginação é parte da nossa memória. Então, as viagens de Ulisses, as mulheres de Neruda, de Vinícius, o ímpeto de Rimbaud, tudo isso faz parte da nossa memória. É uma memória coletiva, sim, mas é também uma memória pessoal.

Alcione

Quando a Lúcia menciona que liga a transcendência à morte, eu pensei exatamente assim. Na verdade, penso que estamos aqui falando de uma transcendência de ordem estética, que não é mero encontro de espíritos, mas na qual participa a imanência, porque eu transcendo no texto, ou seja, vão comigo as minhas emoções, o meu corpo, a minha sensualidade. Não é um encontro de espírito desmaterializado, portanto não tem nada de similar com a morte. Eu estou presente; na verdade, eu me abstraio de mim para entrar em outro e, assim, amplio a moldura da minha própria vida, pois introjeto o outro em mim. E isso se dá através de um texto, que amplia o meu eu para outros eus, agregando vivências que não vivi e que não viverei, mas que agrego a mim.

Portanto, eu me transcendo de mim por meio do próprio texto. Essa é uma forma que, na verdade, responde até à expectativa de um sonho sem sono, um sonho acordado, que é a possibilidade de eu agregar este outro, aqueles outros, as personagens, as experiências. Isso é uma transcendência. Eu estou me deslocando de mim para um outro lugar que não sou eu, que não é o meu. Assim, se de súbito alguém interrompe minha leitura, eu volto ao meu lugar imediato, como alguém que come pipoca no cinema e volta imediatamente àquele lugar em que está pregado, que é o filme que está se projetando. Essa volta ao mundo real é incômoda, pois preferimos retomar o filme onde ela estava.

Lya

Uma pessoa pergunta se os contos do Caio Fernando Abreu são transcendentais. Primeiro, acho que não explicamos nem vamos conseguir explicar o que é transcendência. Cada um tem de pensar um pouco sobre isso. O Caio era um amado amigo meu, uma amizade engraçada porque ele era exatamente dez anos mais moço do que eu: eu faço aniversário dia 15 de setembro e ele, no dia 16. Nós passávamos meses sem nos vermos, tínhamos vidas completamente diferentes, mas de repente ele me escrevia longas cartas. Quando nos conhecemos melhor, ele adaptou meu romance *Reunião de família*, e aí se criou uma amizade mais concreta. Ele tinha já uma vida muito louca, uma coisa autodestrutiva, porém era um sujeito genial, uma alma delicadíssima. Eu já era mãe de três filhos e trabalhava, uma vida muito recolhida, que é a minha vida mesmo. Então, ele brincava: “Lya, eu não entendi nada daqueles personagens,

aquilo é tudo psicografado. A Lya, com esses cândidos olhos azuis, não sabe nada das coisas que ela escreve.” Portanto, penso que tudo que se relaciona com a vida, a morte, a dor, está aberto para a transcendência, que está além e acima de comer, pagar conta, odiar o vizinho, ter inveja do outro. O bilhete que recebi aqui tem a ver com isso, de uma jovem que perdeu há algum tempo seu filhinho de três anos. Então, essa moça sabe sem nenhuma teoria o que é a transcendência, ela está mergulhada nisso. Enfim, todos teremos delícias e êxtases se soubermos escutar o nosso interior, relacionando o que é transcendente dentro de nós, aquilo que está acima do comer, fazer cocô e falar mal do outro.

Lúcia

Perguntam aqui se a literatura, ou seja, a publicação de minha obra, surgiu como uma transcendência na minha vida. Surgiu, porque acho que o escritor só consegue atingir a sua plenitude quando é lido. Nós escrevemos, mas, se não existe o outro lado, se não existe a recepção, estamos escrevendo como quem escreve um bilhete de suicídio, uma mensagem na garrafa. Nós só temos a possibilidade de transcender quando alcançamos o outro e nos dissolvemos nesse outro, passando a viver através da imaginação do próximo.

Mariana

O Vinícius falava que a poesia é, talvez, a mais heróica e a mais modesta das artes, e também a mais generosa delas. E diria que não da poesia, mas da literatura de modo geral, porque ela não pede nada a não ser esse

consentimento poético, essa partilha. E aí não há nenhuma teoria, basta olhar para essa plateia.

Affonso

Uma questão aqui que se refere a uma crônica intitulada “O incêndio de cada um”, na qual tento descrever que cada pessoa – um copeiro, um professor, médico, escritor – tem um momento de glória e de apogeu naquela pequena coisa que está fazendo. E isso me remete, direta ou indiretamente, a uma frase do Quintana: “Quem escreve um poema salva um afogado”. Detalhe: o primeiro afogado é o poeta. O poeta se salvando acaba funcionando como boia para os demais nesse elo com o leitor, que é imprescindível. Alguns anos atrás estive com a Mariana no Irã, onde aprendemos coisas incríveis. Primeiro, que é uma cultura na qual a poesia e a literatura têm uma força que nós desconhecemos aqui. Os poetas de mil anos atrás, do ano mil, cinco grandes poetas, são citados nas conversas dos iranianos como se fossem uma moeda de troca. São metáforas – como temos o Drummond, o Vinícius e outros –, que circulam normalmente tal a perenidade e a transcendência desses versos. No Irã aconteceu um fato muito significativo, de encantamento e de transcendência da própria arte, apesar de seus paradoxos de mostrar no seu avesso uma antiarte. Diz respeito a um episódio em relação a um terremoto que houve numa cidade chamada Eban, a qual foi totalmente destruída. É uma cidade histórica, com as casas todas de barro, as quais foram praticamente todas destruídas. Então, durante vários dias o exército e o corpo de bombeiros trabalharam para tentar resgatar pessoas daqueles destroços. Quatro ou cinco dias depois da tragédia, os bombeiros localizaram debaixo dos escombros um ruído de vida; começaram a afastar os tijolos e a

terra e encontraram um corpo, de uma senhora de 93 anos, que depois de quatro dias sob aqueles escombros ainda estava viva. Ao estar diante da luz do dia, a primeira coisa que ela fez foi declamar um poema da tradição iraniana louvando o criador e a harmonia do mundo. Então me perguntei: “O que faz com que essa velhinha, que frequentou o espaço da morte na escuridão, durante quatro dias, regressando, achasse como senha, como passe, a poesia para expressar sua perplexidade?” Isso é a transcendência da arte.



Da esquerda para a direita: Lúcia Bettencourt, Mario Sabino, Lya Luft, Alcione Araújo, Affonso Romano de Sant'Anna, Mariana Ianelli, Júlio Diniz, Telisa Furlanetto Graeff, Ignácio de Loyola Brandão e José Raul Bertolini

ARTE, MÍDIA E HIPERMÍDIA

Luiz Ruffato



É ensaísta, jornalista e um dos mais reconhecidos autores da literatura brasileira contemporânea. Em 1998 lançou seu primeiro livro *Histórias de remorsos e rancores*; em 2000, *Os sobreviventes*, que foi distinguido com o prêmio Casa de Las Américas de Cuba. Vencedor do prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional e do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte como Melhor Romance de 2001, *Eles eram muitos cavalos* já foi traduzido na França e na Itália. Publicou ainda *Mamma, son tanto felice* (2005), *Mundo inimigo* (2005) e *Vista parcial da noite*, três dos primeiros cinco volumes do romance *Inferno provisório*. Na obra *História de quadros e leitores*, participa com o conto “Mirim”.

Uma coisa que me chama sempre atenção é o fato de, quando uma nova tecnologia aparece, muitos dizerem que o que existe vai desaparecer. Por exemplo, quando o cinema surgiu, no começo do século XX, dizia-se que o teatro iria acabar, que a ópera iria acabar; quando surgiu a televisão, o rádio iria acabar, também o livro e o jornal iriam desaparecer. Contudo, nada desaparece, no sentido em que as pessoas às vezes tentam se expressar. Essas formas de expressão se reorganizam, se recolocam. Então, esta é a primeira questão: o livro, como nós o conhecemos, não desaparece. Por outro lado, vejo que a geração do meu filho tem uma facilidade que nunca terei para lidar com o computador, porque minha infância e adolescência foram desenvolvidas em outros suportes de informação. Por isso, hoje tenho dificuldades de ler coisas de computador e até imprimo às vezes as coisas, pois não consigo ler um livro em computador.

Entretanto, acho que pessoas das novas gerações podem muito bem vir a consumir literatura, ficcional ou ensaística nos suportes modernos. Contudo, o livro, como nós o conhecemos, aquele que colocamos no bolso, que lemos no metrô, no ônibus, no trem, no avião, ou andando, às vezes, parado numa fila, nunca vai desaparecer. Então, não acredito que o livro será substituído, pois a leitura será complementada por novos suportes.

Inimá Simões



Jornalista e psicólogo, com mestrado em Cinema e Doutorado em Jornalismo, conhece bem os bastidores da televisão brasileira, pois trabalhou na Manchete, SBT, Bandeirantes e Rádio e TV Cultura. É professor de História do Cinema na Faap - SP, já participou como jurado de festivais e colaborou em publicações e revistas, como *Isto É*. Atualmente lotado na Secom da Câmara dos Deputados em Brasília, dirige e apresenta programas de rádio e TV, como o *Sintonia*. Tem vários livros editados, entre outros, *O imaginário da boca* (1981), *Sou... mas quem não é?* *Salas de cinema em São Paulo* (1990). Nos seus trabalhos de pesquisa para escrever *Roberto Santos, a hora e vez de um cineasta* (1997), teve acesso a documentos da censura, os quais o inspiraram para escrever *Roteiro da intolerância: a censura cinematográfica no Brasil* (1999), um relato sobre o cinema brasileiro durante os anos de chumbo entre 1965 e 1985.

Como sou péssimo para fazer futurologia, é muito complexo tentar imaginar como daqui a um tempo as coisas serão, para onde vão se encaminhar. Por isso, penso que esse medo que existe, esse receio a novas tecnologias, é uma coisa atávica. Todas as vezes em que há um tipo de avanço tecnológico vêm os profetas do caos: “Agora vai acabar isso, vai acabar aquilo.” Vou dar um outro exemplo. Tenho um amigo que trabalha com cinema e, quando apareceu o VHS, no bairro onde eu morava em cada esquina apareceu uma locadora de vídeo. Então, ele não teve dúvida: decretou o fim do cinema. Realmente, os grandes cinemas da época, aqueles que tinham 1 600 lugares, começaram a fechar. Então, ele me dizia: “Olha, está vendo, eu estou te falando, acabou o cinema e tudo.” E eu acompanhei muito de perto isso porque, da mesma maneira que surgiu uma locadora em cada esquina do meu bairro, elas desapareceram; portanto, não foi o cinema que desapareceu, foram as locadoras. O cinema está muito bem, obrigado. E não houve nenhum problema com relação ao DVD, inclusive houve uma melhora.

É evidente que essas novas tecnologias vão trazer uma coisa muito mais interessante, que são novas maneiras de olhar o mundo. Isso, sim, acho que muda. Contudo, essas novas maneiras de ver o mundo não implicam a morte do livro. As artes plásticas em geral estão sempre à frente, mas os escritores, de uma maneira geral, têm uma dificuldade imensa de perceber as possibilidades que as novas tecnologias trazem para melhorar ou dar uma vida nova ao livro. O que pode acontecer, sem tentar fazer qualquer exercício de futurologia, é que livro, não o livro físico, mas a literatura, pode vir a sofrer algum tipo de impacto, trazendo para dentro dela uma nova dimensão, inclusive uma

nova dimensão de visão de mundo. Nisso, sim, é possível que ela vá interferir.

Na minha adolescência as pessoas ligavam uma para outra por telefone e não escreviam mais; a carta existia lateralmente, mas ninguém escrevia mais. Hoje as pessoas voltaram a ter de escrever. Imagina, um adolescente escreve uma mensagem qualquer no *blog* dele, uma coisa para a namorada dele, e ela responde: “Pô, você escreveu tudo errado. ‘Exceção’, imagina você não sabe escrever ‘exceção’.” Então o cara pensa: “Vou ter que tomar mais cuidado.” Portanto, o *blog* é ótimo para fazer com que as pessoas voltem a escrever, coloquem na tela o que querem, expressem a sua vida. Nós vivemos num mundo de show, no entanto para todas as pessoas que fazem *blog* e que trabalham na hipermídia qual é o grande sonho? Publicar um livro. O trabalho da pessoa pode estar lá para todo mundo elogiar, ter quatrocentos mil entradas na internet, mas ela quer publicar um livro de três mil exemplares, porque é isso que vai dar uma imortalidade para a sua alma. Portanto, acho que essas novas tecnologias só vêm complementar as outras, além de que também se vai modificando tecnologicamente a forma de fazer livro.

João Alegria



Conhecido profissionalmente como “João Alegria”, cursou história em Ouro Preto e tem Doutorado em Educação pela PUC-Rio. Há alguns anos vem se dedicando a estudos no campo que resulta da intersecção entre educação e comunicação. Tem vários artigos publicados e livros sobre literatura infantil. Já atuou como ator e diretor de tevê e atualmente trabalha na Fundação Roberto Marinho como supervisor artístico do Canal Futura.

Tenho feito muitas leituras na tela, que não substitui o livro, mas acho que esse aprendizado de fazer leituras numa outra superfície, num outro objeto, tem acontecido mais facilmente com os mais jovens. No meu caso, é possível falar de uma empatia tecnológica, mas um pouco também de um certo esforço de tentar correr atrás desse tipo de leitura, tentar interagir com esse objeto que é a tela. Há livros inteiros de trezentas-quatrocenas páginas na tela. Por exemplo, a Biblioteca Nacional tem um acervo excelente de obras que foram digitalizadas. São leituras inteiras que se podem fazer tanto na obra escaneada, na qual se vê a imagem da página do livro, como simplesmente numa obra que foi digitada. Quando pego uma imagem da página do livro e vou navegando por ela, acho a leitura na tela mais agradável, talvez por me fazer uma lembrança do objeto físico livro.

Eu queria trazer três ideias que têm a ver com essa conversa que temos aqui. A primeira é a dificuldade que temos para pensar o que é arte, o que é mídia e o que é hipermídia. Isso tudo, neste momento, tem uma fluidez tamanha que ninguém arriscaria fazer uma definição das turmas. O Affonso falava um pouco dessa fluidez, e isso é uma verdade, porque esses campos se entrelaçam, são muito fluidos. Se eu fosse colocar o livro em algum lugar, colocaria em mídia. O que me incomoda nessa migração digital que estamos vivendo, e que vai se acelerar com a migração digital das televisões no Brasil, é a perda de uma dimensão, a dimensão sensorial, porque o nosso corpo, os nossos sentidos, a visão, o tato e tal são uma primeira forma de mediação com o mundo.

Então, acho que na arte contemporânea, na mídia contemporânea, que seria a hipermídia, estamos perdendo essa dimensão da nossa existência que é fundamental,

no meu ponto de vista, que é a dimensão sensorial. Por outro lado, é este um momento muitíssimo interessante para aquilo que chamamos de “expressão criadora”, quer dizer, nunca foi tão possível para qualquer pessoa se afirmar como narrador de suas próprias histórias. A detenção da narrativa é uma questão de poder e de *status*. Então, o processo que vejo nisso é um processo de democratização da narrativa. As pessoas, com suas maquininhas, com seu celular, com o seu computador, seja lá com o quê, comprado nas Casas Bahia em 18 prestações, podem colocar-se em condições de produzir sua narrativa e de compartilhá-la com outras. Isso, para mim, é fundamental e é uma marca superpositiva neste momento. No entanto, isso envolve poder, e o que temos visto é uma ingenuidade muito grande dos jovens no momento de tratar com uma coisa tão poderosa como é contar histórias.

Entretanto, essa questão da relação com o poder, com a política, com a possibilidade de influenciar a pessoas, de criar movimentos, não tem muito a ver com o usar ou não uma tecnologia. Tem a ver com uma outra questão mais de fundo, que está também na relação, por exemplo, com o livro, com a alfabetização no Brasil, que forma semianalfabetos. Portanto, a mesma relação fraca, frágil, ingênua que muitos jovens e crianças estabelecem com a leitura do livro, do objeto livro, estabelecem também com as possibilidades de se tornarem narradores nessas novas tecnologias. Mas isso, para mim, é uma outra questão, a qual perpassa tudo isso.

Outra ideia que queria trazer para vocês é que se fala muito em convergência de mídias, que, na verdade, é um discurso meio torto. Têm sido realizadas algumas pesquisas recentemente na Europa, no Brasil também, as quais

têm identificado um dado um pouco diferente dessa ideia da convergência, que é a seguinte: há uma convergência de *hard*, de equipamentos, com o que o celular pode ser usado para mandar mensagens, para gravar coisas, fotografar, fazer ligações, etc. Mas há uma especialização no uso, ao invés de uma convergência no uso. Esse é um aspecto em que precisamos pensar um pouco, pois para se comunicar, é ótimo o celular; pode ser mensagem de texto, foto, ligação. Porém, dormir com o celular, acordar com o celular, que tem começado a chegar aos oito anos de idade, é demais. Um *e-mail* leva muito tempo: tem de ligar o computador, conectar na internet, escrever a mensagem, enviar. O celular é a ferramenta de comunicação instantânea, de diversão. Não é televisão; é jogo eletrônico que é a grande diversão. E a internet continua existindo como um grande repositório, onde se vai buscar tudo de que se precisa.

O consumo é uma questão que temos de trazer para essa discussão, o descarte, a perda do valor das coisas. Talvez tenhamos de defender que se faça uma educação para o valor das coisas, de todas as coisas. Não é uma educação para o valor, mas uma educação para o valor das coisas, já que os valores também são cambiantes. Não há mais, graças a Deus, aquele conjunto rígido de mandamentos que temos de seguir para ser certo ou errado. Isso é bom, mas nos exige mais. Então, a internet apresenta-se como esse grande repositório onde vamos buscar qualquer coisa: um livro, uma música que acabou de sair, a resposta para o exercício escolar, qualquer coisa, apenas com um *download*. Então, apesar de haver essa convergência de *hard*, o celular, o computador e outras maquininhas, todas fazem esse mesmo conjunto de coisas, porém cada uma tem sido usada de forma especializada.

José Luiz Jobim



Doutor em Literatura, é professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do CNPq, ex-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), é autor de inúmeros livros e ensaios críticos.

Eu gostaria de começar lembrando a futurologia do passado, como no passado se criaram expectativas, previsões de um futuro possível e que tipo de futuro, na verdade, se desenvolveu. No livro editado pelo Miguel Rettenmaier e pela Tania Rösing sobre questões de leitura e hipertextos há um trabalho do professor Roger Chartier, que é um grande especialista nas questões de leitura. Ele lembra que, quando a imprensa foi instituída, ocorreu uma proliferação ilimitada de livros, que passaram a poder ser reproduzidos, a estar disponíveis para o público, de uma maneira geral, ampla e irrestrita, coisa que antigamente não havia – antes, havia um sistema de copistas, muito complicado, custoso, e o público era muito tão mais restrito. Então, houve uma série de manifestações por parte dos agentes culturais da época no sentido de dizer: “Puxa, mas isso aqui banalizou, isso vai prejudicar. Agora ninguém sabe mais o que é o quê, perdeu-se completamente o controle sobre a produção cultural e literária.” Essas manifestações foram feitas não só diretamente por intelectuais da época, tipo Jean Baptist Vico, como por intermédio de personagens de histórias de literatos famosos, como o Roger Chartier cita: o diálogo do Calderon de La Barca. Entretanto, chamo a atenção que, como hoje sabemos, tendo a vantagem de estar alguns séculos adiante daquele momento, não foi nada disso que aconteceu.

Vou falar um pouco sobre a questão da internet e trazer também uma futurologia do passado, do sujeito que dirigiu o projeto que posteriormente iria gerar a internet. Esse sujeito, Licklider, era um psicólogo que trabalhava para uma agência cujo nome era Arpanet, um codinome interessante para Advanced Research Projects Agency. Era em 1968, portanto há quarenta anos, uma previsão mais

ou menos recente. Então, ele disse o seguinte fazendo a futurologia naquele momento: primeiramente, a vida será mais feliz para o indivíduo *on-line*, porque as pessoas com quem se interage serão selecionadas mais pelos interesses e objetivos comuns do que por acidente de proximidade; segundo, a comunicação será mais efetiva e produtiva e, portanto, mais prazerosa; terceiro, grande parte da comunicação e da interação será com programas e modelos de programação que serão, ao mesmo tempo, estimulantes e gratificadores; quarto, haverá muitas oportunidades para qualquer um que tenha dinheiro para comprar um computador, encontrar sua vocação, pois todo o universo de informações, com seus campos e disciplinas, estará aberto a ele, com programas preparados para diálogo ou para ajudá-lo na exploração. É muito interessante vermos essa manifestação do Licklider porque ele foca no indivíduo apesar de estar a serviço de uma agência patrocinada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, responsável por uma série de projetos do período da Guerra Fria. É interessante como a argumentação dele não passa por aí, mas vai para o lado do indivíduo.

Tratando do contexto maior, podemos pensar que a internet pode ser compreendida como um dos meios modernos de comunicação. Nesse sentido, tem afinidade com a imprensa, o rádio, a televisão, que em momentos diversos tiveram também esse papel, embora não da mesma maneira. Contudo, comparado com esses meios anteriores, observamos a possibilidade de intervenção do usuário. A capacidade de intervenção, de inserção desse usuário singular dentro do circuito comunicativo é muito maior do que era nos sistemas anteriores, mas isso não significa que a entrada da internet eliminará outros tipos de circuitos

comunicativos. O que ocorre é exatamente uma coisa diferente, no sentido de que, na verdade, adaptam-se esses outros meios à entrada desta nova formatação. Observamos que os jornais diários, a grande imprensa, também está *on-line*; que os programas de televisão com frequência têm espaço para o sujeito mandar mensagem pela internet, perguntas, intervenções no próprio programa, até em transmissões esportivas.

Então, há uma intervenção no sentido de que não há substituição de uma coisa pela outra, mas alteração daquilo que lá estava para incorporar novas práticas, que se colocam a partir do surgimento do novo meio. Então, o meio digital tem um público que secularmente está ligado à escrita de um determinado suporte; ele importa, inclusive, vocabulário e também as práticas desse outro mundo, que era o mundo não digital. Portanto, o livro também está presente com uma tecnologia de alta eficácia, o que as pessoas às vezes esquecem. O livro ainda hoje é um objeto de alta tecnologia, com a vantagem de que não se tem de ligar em tomada, de olhar em tela; não se precisa nem de eletricidade para ler o livro e dá para transportar para onde se quiser. Portanto, é um objeto de altíssima tecnologia e, na verdade, esses meios *high tech* buscam fortemente reproduzir ou reiterar determinados aspectos daquilo que era o livro nestas novas formas digitais.

Lembro que, quando fiz pós-doutorado em Stanford, havia uma sessão no departamento de ciência da computação da qual toda semana participavam aqueles que estavam inventando coisas novas. Então, fui a uma sessão em que o pessoal do centro de pesquisas da Xerox em Palcalto, que era um centro de alta tecnologia, apresentava o que estava bolando e explicavam. A engenhoca tinha alguma

ligação com o cotidiano do sujeito, do usuário possível, até porque tem de ser vendida para o usuário; não adianta vender algo que não tem nada a ver com a vida do cara. É preciso descobrir as conexões entre o passado. Isso está posto na cultura e formata de alguma maneira a cabeça do consumidor possível das engenhocas que vão ser produzidas. Isso, evidentemente, passa pelas engenhocas que já existem, e o livro é uma engenhoca para lá de boa.

Comentários

Loyola

Hoje de manhã, no noticiário do *Bom Dia Brasil*, uma das notas dizia que algumas escolas de São Paulo e do Rio de Janeiro já estão solicitando, na lista de material escolar, um teclado de borracha, que se dobra e fica minúsculo, e um pequeno monitor que cabe na mochila. Eles preveem que o caderno, daqui a algum tempo, possa desaparecer. De qualquer forma, existe uma outra prancheta, onde a criança escreve com estilete, alguma coisa, e isso é reproduzido na tela. Então, parece que já no primeiro grau está entrando essa tecnologia de informática.

Ruffato

Percebo muito nas pessoas hoje, principalmente nos jovens, a questão do tempo. Muitas pessoas falam que é muito difícil ler porque exige concentração, implica tempo, lugar, uma certa disponibilidade para a leitura. Vejo muito nas pessoas a falta de disponibilidade para a leitura. Essa é uma questão que queria colocar para todos pensarem, ou seja, a dificuldade que as pessoas têm de

ler hoje em dia. Lembro da época de Kennedy, em que a ideia é de que os *papers*, os discursos dos presidentes da república, tinham de ter no máximo duas mil palavras, porque ninguém aguentaria mais do que isso. E isso virou uma tendência universalizada, tanto que hoje os discursos em geral são muito rápidos e curtos, à exceção das de Fidel Castro e, agora, Hugo Chaves. Outra questão que me chama atenção é a da internet. Os internautas pretendem ser interlocutores, todos, boa parte deles. Então, abro a internet às vezes e fico procurando algum blog, alguém que tenha lançado lá um pensamento, que tenha escrito algo. O que vejo é que todo mundo quer ser interlocutor, mas poucas pessoas conseguem ser interlocutores, ou seja, poucas conseguem dar uma contribuição. Talvez seja um pensamento elitista. Lembro, por exemplo, a questão dos BBB, o *Big Brother*. As pessoas falam: “Nossa, mas é um absurdo o *Big Brother*, é uma invasão da privacidade daquelas pessoas que estão naquela casa.” Eu acho o contrário: é uma invasão que aquelas pessoas estão fazendo a mim, porém não tenho o menor interesse em relação ao que elas fazem; logo, elas me invadem. Na internet também, em termos de circulação de ideias, de textos, em tudo há essa invasão. Alguém diz para mim: “Ah, mas o livro é uma relação assim muito definitiva de dois arquivos: o arquivo de quem escreve relacionado com o arquivo de quem lê.” Pode ser que seja até uma relação desse tipo, mas acho que é uma relação direta, e a pessoa lê e quer ler aquilo, diferentemente da internet, onde todo mundo fala de todo mundo, onde todos querem ser interlocutores, querem passar ideias, querem ser redatores, sei lá o quê.

João Alegria

O Pazolini, em 1968, escreveu um pequeno texto que está publicado num livro chamado *Crônicas políticas*, no qual ele perguntava assim: “Ainda há vidas romanescas?” No texto o que ele discutia basicamente nós podemos trazer para cá. Era o seguinte: “De quem nós estamos falando? Que pessoas são estas das quais nós estamos falando?” Pode parecer uma intervenção lateral, mas é importantíssima, porque, quando estamos falando de novas tecnologias, de mudanças de hábitos, consumo, etc., estamos falando, no Brasil pelo menos, de uma minoria que tem acesso, primeiro, à educação, porque é impossível um analfabeto participar deste mundo. O mundo virtual exige minimamente que se seja alfabetizado, e como alguém falou aqui anteriormente, nós não estamos produzindo alfabetizados na sociedade, mas, sim, semialfabetizados. Portanto, é evidente também que, por mais que saibam acessar o computador, ou a internet, a relação dessas pessoas será muito diferente daquelas dos que sabem usar o instrumento, completamente diferente. Assim, os programas do governo de levar um computador para cada criança não significam, absolutamente, em momento algum, que elas participarão da festa da democratização da informação. Também é bastante complexo falar em democratização na internet, que é uma grande balela, porque, na verdade, o que ocorre é uma democratização de passividade, não de participação efetiva. A participação efetiva continua sendo para poucos, que são aqueles que dominam de alguma maneira uma coisa anterior, que é a linguagem, que é a escrita, que é a capacidade da compreensão de um texto escrito, o que não ocorre por acaso. Portanto,

com essa condição ele tem todo um *underground*, uma educação mínima que lhe permite ao entrar na internet ser ativo ou passivo. Diante disso, uma pergunta que teríamos de fazer anteriormente é esta: De quem e para quem nós estamos falando de alta tecnologia? Quem são essas pessoas das quais estamos falando? Aquelas pessoas que, infelizmente, não têm acesso à internet? Não, elas não têm acesso ao livro, quer dizer, elas não chegaram sequer ao século XIV, pois ainda não têm nem acesso ao livro. Passar para a internet sem ter acesso ao livro é algo sem ponte alguma, é uma grande complicação.

Alcione

Percebe-se, portanto, que há sempre uma dependência que antecede o domínio da tecnologia, que é a dependência do pensamento, o que remete imediatamente à educação. Logo, a tecnologia não resolve a nossa questão de educação. É necessário pensar para se comunicar, ter o mínimo de noção de alteridade, ter a ideia do outro em nós. Então, o que nos assusta em relação ao que é novo na tecnologia, no que ela traz, na verdade, nos faz retornar a nós próprios, no sentido de dizer: “O que é que nós sabemos de nós e do outro.” Isso remete imediatamente à educação, ao eu, o outro, o mundo onde estou colocado. Portanto, a internet traz uma questão para a educação. Aí eu passo para a questão do Ruffato, que também vê algo de falso em atribuir à tecnologia a democratização se o sujeito não tem discernimento sobre o que escolhe. Como está lá tudo depositado, ele compra gato por lebre durante todo o tempo e não tem condições de fazer essa distinção. Por isso, a educação dificilmente vai prescindir

dir de um professor, de um mestre, que tem o saber, que produz o discernimento e que faz provocações intelectuais, às quais se deve reagir e nas quais estão subentendidos valores. Há valores, sim, no pacto de convivência, pois é impossível se admitir uma sociedade para a qual matar ou não matar seja a mesma coisa. Há valores, e é preciso afirmar esses valores. Ainda há outras questões, que são de ordem estética, pois estão no espaço de nossa discussão também, que é arte, mídia e hipermídia. Em que ponto, em que momento, se diz que escrevendo em *blog* ou colocando na internet isso não altera a maneira de escrever? Nesse aspecto tenho um depoimento muito singelo, muito particular, que para mim foi elucidativo do novo momento. Eu comecei a escrever crônicas ocupando o lugar do Fernando Sabino. Evidentemente, não era seu substituto, porque ele é insubstituível, mas havia uma diferença. Como éramos amigos e conversávamos sempre, ocupei o lugar dele nos jornais. Ocorre que, quando eu entro, já disponibilizam o meu endereço eletrônico lá. Na época do Fernando, para escrever para a ele, o leitor tinha de pegar a pena, molhar no tinteiro, escrever com uma boa caligrafia, pôr num envelope, colocar no correio, morrendo de medo do escritor, porque não sabia escrever “sessão”. Era uma solenidade para dizer: “Olha, eu li a crônica.” O Fernando lia aquela carta três meses depois da crônica, quando já nem se lembrava mais do texto. Então, quando entrei, saía a crônica no meu endereço, e eu já recebia comentário de todo mundo: “Gostei, não gostei, uma merda, maravilhoso.” Então, eu me vi diante de um mundo que chegava a mim imediatamente todo o dia que saía a crônica. Contudo, o que vem escrito nas cartas, nas mensagens?

“Olha aqui, eu estou com problema com o meu marido e eu achei que você entende muito dessa coisa de relações, não sei o quê. O que você acha? Você acha que vale a pena trair ou não? Ou é melhor se separar?” Uma tremenda confusão acerca do que posso fazer na ficção, numa crônica, e as necessidades que ela projeta em mim. Assim, com o acesso fácil, manda para mim direto. “Olha aqui, ontem eu saí com um cara novo, você acha que é legal?” Isso é endereçado para o cronista, pois ficamos no lugar do astrólogo, do conselheiro sentimental, um lugar que não é nosso. As pessoas ganharam essa facilidade como meio. Isso talvez induza jornais, etc. a dizer: “Atenção, temos que ter um consultório sentimental aqui, porque é uma demanda de problemas sexuais, conjugais e não sei o quê. Tem que botar aí uma astróloga sexual.” Portanto, desloca um pouco o papel do cronista, que não é bem o de resolver problemas existenciais, mas, sim, resolver o dele.

João Alegria

Todo discurso que se faz sobre novas tecnologias geralmente está apontado para as próprias tecnologias, não para as pessoas. Essa é uma virada de mesa que precisamos dar, ou vamos continuar cometendo um determinado conjunto de mesmos equívocos. Por exemplo, qual a escola do Brasil hoje que não tem um aparelho de televisão e vídeo, que foram chegando desde os anos 80-90? Contudo, esses materiais continuam servindo nas faltas dos professores, para entreter os alunos, ou para o professor que não conhece história medieval passar o filme *O nome da rosa* como se fosse história medieval. Ora, isso faz o quê? Na verdade, fortalece, por exemplo,

uma relação que aquelas crianças e jovens já estabelecem com a televisão na sua casa. É de novo a tecnologia no lugar das pessoas. Isso nós temos de virar. Eu queria pensar em escrituras e em leituras. O próprio objeto livro é resultado de muitas escrituras. Não é só texto que existe ali; existe o papel, cortado de um certo tamanho, de uma certa cor, o arranjo da tipografia, a capa ou não sei o quê. Ora, se formos pensar bem, é um determinado conjunto, um determinado léxico, que está aí nesta gramática, que está lá na tela do computador de algum modo, que está também em outros produtos culturais, em cada um, com pesos diferentes para estas coisas. Mas o livro é um produto muito rico enquanto objeto que expressa imagem, ritmo, cheiro e também a história que conta. Não vamos entender o livro só com o que está escrito nele porque não é só isso. E se foi durante muito tempo uma solução, realmente, muito interessante, portátil e possível de ser acessado em inúmeros lugares por onde as pessoas transitavam, hoje efetivamente existem outros objetos que também trazem conteúdos e que, eventualmente, são mais portáteis, mais fáceis. Nós não somos uma cultura do letramento, nós somos uma cultura da narrativa, mas nós não somos uma cultura letrada. Acredito que aqui no Brasil haja muito mais semialfabetizados do que pessoas que usam muito bem o seu celular. Então, precisamos tomar um pouco de cuidado, porque os aparelhos estão chegando numa velocidade muito grande. Não sei se vai chegar ao computador, mas celular já chegou aonde não chegou o computador e outros aparelhos deste mesmo gênero. Portanto, as pessoas estão interagindo com esse instrumento, inclusive produzindo textos. Contudo, temos um resultado que nos incomoda, que é a ingenuidade no uso

da tecnologia, pois não sabemos direito o que fazer com isso. Acredito que hoje, pensando nas possibilidades de expressão narrativa, existem muito mais escritores bons do que no passado. Estive lendo, por exemplo, as cartas das crianças que escrevem para o programa *Mundo da Leitura*, feito pela UPFTV. Separei duas cartas: uma escrita num papel, com caligrafia bonita e caprichada, de um garoto de 11 anos, que escreve uma história; outra um *e-mail*, escrito por um garoto de 11 anos. Cada uma dessas produções explicita uma competência extrema de se colocar em diferentes meios. É uma excelente carta escrita num papel e uma excelente em *e-mail*, com os novos códigos de comunicação que este meio traz. Assim, temos de pensar um pouco nessas coisas que já estão acontecendo. Eu queria tirar a palavra “futuro” de nossas vidas e colocar “presente”, porque isso não vai acontecer, isto já é.

José Luiz Jobim

Retomando um pouco essa questão da internet como agente global, hoje se estima que há cerca de cem bilhões de *sites* na internet. Desses cem bilhões, 87% são *sites* de língua inglesa. Significa o seguinte: são os 13% das outras todas, literalmente. É claro que 13 bilhões, no total, não é um número relevante. Certamente, em relação a este mundo que está posto, a internet é um grande exemplo de globalização, pois todo mundo é igual no espaço do planeta. Que maravilha! Todos estamos conectados. Contudo, não é bem assim. Primeiro, falando em termos materiais, a maior parte das máquinas que processam a internet está em território americano e, evidentemente, pode ser programada para uma

série de atividades que talvez nós não programássemos no Brasil. Cito como exemplo selecionar determinados tipos de mensagens, determinados tipos de usuários, re-dimensionar para a segurança, e isso num período em que nós temos, depois do 11 de setembro de 2001, uma chamada “lei patriótica” lá, que permite o acesso quase ilimitado das autoridades às trocas e transferências das comunicações privadas. Isso tem um significado bastante concreto. Segundo, se vocês já notaram, o endereço eletrônico que utilizam é o primeiro elemento que pode ser um exemplo do tipo de globalização de que estamos falando. Vejamos: o meu endereço no Brasil é *José Luiz Jobim@terra.com.br*; ou seja, a primeira parte é o nome do usuário; depois, @, não sei por que se chama “arroba”, mas significa o domínio, o local onde está; “terra”, que é o nome do provedor do serviço da internet; “com”, que é o tipo de atividade que tem este provedor; “br”; ao final, é de Brasil. Se fosse na França seria “fr”; se fosse na Alemanha, “be”, e assim por diante. Quando eu morava nos Estados Unidos, meu endereço era José Luiz Jobim@aol.com. Cadê a parte final aí? Não tem. Por quê? Porque exatamente, se você é usuário dos Estados Unidos, este país é considerado a sede; logo, não tem nada depois. Essa questão do domínio da internet é, portanto, superimportante. A corporação que dá os endereços para a internet inteira está sediada na Califórnia, embora se chame Icann (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers). Composta por um comitê de governo de 21 pessoas, inclusive com representante do Brasil, fica nos Estados Unidos e é regida pelas leis americanas, mais especificamente californianas, o que, evidentemente, tem um sentido, pois nada disso é à toa. Então,

na verdade, quando falamos em internet, é muito legal imaginar que é sinônimo de globalização, mas acho que não é isso. Globalização aponta para um ambiente global em que nós não somos exatamente parceiros iguais; há diferenças, há hierarquias, há quem manda mais, há quem manda menos, há quem pode impor melhor a sua vontade e quem não tem tanta condição de fazer isso. É extremamente importante, como projeto político, pensarmos num ambiente de produção de *sites* de língua portuguesa, mais especificamente, que sejam veiculadores da cultura brasileira. Isso tem uma razão muito simples: como 87% dos *sites* são de língua inglesa, fazem muito bem essa tarefa de divulgar a cultura anglo-americana planeta afora. Está faltando, portanto, colocarmos uma face mais nossa, de brasileiros, nessa rede. Também chamo atenção para o fato de que, realmente, há uma ilusão em pensar que vou fazer o meu *site*, vou estar aí presente, as pessoas vão olhar o que faço. Ora, há cem bilhões de *sites*, mas quantos vocês acham que já consultaram esses cem bilhões? A maior parte dos *sites* existentes são verdadeiros túmulos internéticos, só consultados pelos próprios autores, sempre em visitas repetidas, pela mãe, pai, filho, namorado, namorada... Não são, portanto, exatamente um público amplo, geral e irrestrito. E uma das coisas que se tem de ensinar, que faz parte da função da escola, é exatamente esta questão: tem muito lixo na internet. Desses cem bilhões aí, se for fazer uma seleção, vai se descartar um percentual altíssimo. E curiosamente aquilo que não é lixo está frequentemente ligado ao ambiente para a internet. Portanto, uma das funções de quem trabalha em escolas e universidades é ensinar o futuro usuário, ou o

presente, exatamente quais são os *sites* confiáveis, onde é que se pode entrar, a informação que se vai ver. Certamente, tem usuário que recebeu milhares desses *spam* terroristas do gênero “não com a mais manteiga, porque manteiga está envenenada”, ou alguma coisa desse gênero, que não contém absolutamente nada em termos de informação relevante. Em relação a esse trabalho de educação, chamo atenção para a experiência que o professor deve ter. Então, a ideia de comprar máquinas, de equipar todas as escolas com máquinas as mais recentes possíveis, de estabelecer padrões mínimos para as máquinas estarem nas escolas, se, por um lado, parece positiva, foi muito criticada nos Estados Unidos. Lá os fabricantes de máquinas, de *software*, adoraram a ideia, mas a questão colocada foi a seguinte: “O que é que se vai fazer com essas máquinas?” Um professor de Stanford publicou um livro chamado *Computadores, vendidos demais e usados de menos*, no qual dizia que o problema das estatísticas produzidas pelo governo era de que ele só considerava quantos computadores em relação a quantos alunos. Com isso, tinha-se um dado numérico sobre o número de máquinas. Mas o que é que se estava fazendo com essas máquinas em sala de aula? Esta é outra resposta, uma resposta qualitativa, que só pode ser respondida por quem analisa. E foi surpreendente o tipo de conclusões a que chegaram com essa pesquisa. A primeira foi curiosa pelo seguinte: quando se introduziu esse programa numa determinada escola, a ideia era de que os computadores ajudariam principalmente nas matérias consideradas tecnológicas, *high-tech*, química, física, matemática, que supostamente teriam mais a ver com esse mundo da ciência. Contudo, a pes-

quisa concluiu que quem usava mais essas máquinas em sala de aula eram os professores de inglês – como os professores de língua portuguesa aqui, se fosse nesse contexto – e basicamente para acessar *sites* com texto. Então, o autor da pesquisa e da obra perguntou aos professores das disciplinas tecnológicas: “Por que vocês não usam mais?” E a resposta, numa pesquisa realizada ainda em 2000-2001, é a mesma presente hoje: “Porque não atende às nossas necessidades, nem os programas, nem aquilo que está posto na net. De maneira que nós usamos pouco, porque nos serve pouco.” É claro que isso mudou desde então, mas, de todo modo, uma coisa certamente permanece verdadeira e não vai ser mudada. No início dos anos 60 começaram a ser criados os cursos de línguas em fita cassete, que era alta tecnologia, como de inglês, francês, alemão, árabe. “Você aprende em casa, não precisa mais de professor.” Ocorreu, então, uma grande discussão: “Meu Deus, acabaram os professores de língua, porque com a maravilhosa tecnologia desses cassetes não precisa mais de professor.” Olha, o que acabou na verdade foram os cassetes, porque os professores continuam aí. A mesma coisa ocorre, e continuará ocorrendo, em relação a esta tecnologia e a outras, na medida em que, na verdade, as máquinas são um detalhe, e isso não é o foco principal da atividade educativa. O foco é aquele que tem de ser sempre trabalhado, em função do qual toda a política de produção e transmissão de conhecimento se dá, que é o professor. Nenhum computador vai substituir o professor.

Júlio

Algumas questões estão na minha cabeça: uma é o lugar-comum de se dizer que o livro é insubstituível; a

outra é em relação a esse fetiche que é a máquina. Acho que temos de separar e esclarecer um aspecto, que é a questão capitalista pura e simples. Não é à toa que é uma questão, como o Jobim levantou, de departamento de estado, ou seja, é uma questão de estratégia, de defesa nacional, de interesse nacional, não só em relação ao circuito da informação, mas à possibilidade, cada vez maior, da lucratividade em relação à indústria da computação, ligada à internet e a todos os novos modelos. Isso é uma questão política, uma questão educacional. O projeto de inserção social é uma ótima ideia, mas uma falácia na prática, por tudo aquilo que foi colocado anteriormente. Há um fetiche enorme da máquina, do computador, como havia um fetiche de colocar uma televisão, um videocassete, uma antena parabólica em cada escola brasileira. Deu tudo errado, e por uma razão: faltam professores, os professores são pessimamente remunerados e não há biblioteca na escola. Isso está ligado a uma segunda ideia, que é complicada, obviamente, mas é a fonte: é a questão da fraude, essa informação deliberadamente errada que todo mundo recebe, como dizendo que tal texto é de Fernando Pessoa, de Clarice Lispector, do Vinícius de Moraes. Os autores são totalmente trocados e o texto está completamente equivocado, errado. Isso leva a quê? Uma das maiores preocupações hoje em relação aos temas escolares, pura e simplesmente, é a cópia, é o plágio; é descer tudo da internet, colocar uma capa e entregar. Uma vez, procurava-se alguém mais sábio para discutir o assunto, ou tinha-se de ir aos livros, ainda que fosse a *Enciclopédia Britânica*. Hoje acho que os meus filhos em dez minutos fazem um trabalho de trinta páginas. Como é que a sociedade lida com isso? Que avanço é esse? É só

rapidez da informação? E como fica a questão dos direitos autorais? O que representa ter um livro na rede? Como é que esse livro na rede pode reverter em direitos autorais para o autor. Ou vai ser sempre pirateado? E uma última reflexão sobre a questão da autoria: O que representa escrever um texto dentro de qualquer *spot* digital, sem autoria. É óbvio que isso é posterior à ideia de crise do autor, à questão de morte do autor, etc. Mas é a questão da assinatura do livro. É o livro de Ignácio de Loyola Brandão, do sr. Araújo, não importa de quem. Como é que fica isso? Pegamos um texto onde cada um costura uma parte. Isso também não é abertura para um outro espaço. Onde está o limite entre democracia e o bom uso desse recurso? Acho que são critérios para nós importantes, é uma discussão muito árdua, muito pesada. A sociedade, e às vezes os próprios intelectuais, está totalmente seduzida pelo fetiche do novo celular, do *high phone*, do MP3, do MP4, da tela do computador cristal líquido. E o conteúdo? A TV digital está entrando agora, mas não tem conteúdo para a TV digital, assim como não vai haver conteúdo para rádio digital, porque mal conseguimos ter algum tipo de conteúdo.

Ignácio

Aconteceu um fato curioso recentemente: a biografia do Roberto Carlos foi proibida. Contudo, imediatamente entrou na internet, está inteirinha na rede. Por um lado, tem se uma obra proibida; por outro, uma obra liberada. Este livro começou a ser acrescido de vários fatos que não existem, que são malucos: assim, o livro já tem um terço a mais de informações sobre Roberto Carlos, porque qualquer louco está pondo nele um dado, uma informação, uma curiosidade. Então, foi pior para o Roberto.

Luiz Ruffato

Vou contar um pouco sobre como tive acesso ao livro, porque moro em São Paulo e percorro muito a periferia, principalmente aquelas cidades-dormitório de São Paulo, conversando com crianças. É uma região paupérrima e eu, obviamente, não vou lá falar da minha literatura: “Oh, eu sou ótimo, maravilhoso.” Eu vou lá falar da minha experiência, para tentar passar para eles alguma coisa de autoestima, que é fundamental para crianças que moram na periferia de cidades. E quando eu conheci o livro? Conheci de uma maneira muito estranha. Nasci numa família muito pobre: o meu pai era pipoqueiro, semianalfabeto; a minha mãe, lavadeira de roupas, analfabeta. Então, obviamente, não tinha livro na minha casa. E certa vez, quando estávamos ajudando o meu pai a vender pipoca lá na praça principal, passou um professor e me falou assim: “Nossa, que menino inteligente, ajudando o seu pai. Onde você está estudando?” Aí eu falei: “No Antonio Amaro.” “Ah, mas esse colégio não é bom. Por que você não vai estudar no Colégio Cataguazes? (era o melhor colégio da cidade). Então meu pai falou: “Todo ano eu vou lá, mas não arrumo vaga.” Ele falou: “Então, você me procura que vou arrumar vaga para você.” Já na segunda-feira o meu pai estava batendo na porta dele: “O senhor falou que ia arrumar uma vaga para o meu filho e tal.” E ele teve de arrumar. Então, fui estudar nesse colégio. Porém, eu me sentia muito mal ali, porque as pessoas eram muito diferentes de mim, eram de classe média alta. Então, o que eu fazia? Eu me enfiava na biblioteca, mas não para ler livro, para me esconder. E a bibliotecária, vendo eu sempre lá sentado, um dia falou: “Esse menino deve querer ler livro, mas tem vergonha de pedir.” En-

tão ela colocou um livro na minha mão e falou: “Leia esse livro.” Eu, muito tímido, peguei o livro, levei para casa e me senti na obrigação de lê-lo. Quando li o livro, tive um impacto, porque minha cidade é tão quente que se diz lá que, quando se morre e se vai para o inferno, só se estranha a comida, porque o calor é o mesmo. Ao contrário, o livro tratava sobre a Ucrânia, com 20 °C abaixo de zero, com nomes para mim impronunciáveis e sobre um massacre de judeus em Odessa, o que era uma violência muito estranha para quem morava numa cidade pacata. Aquele livro me provocou tanto mal-estar que comecei a passar mal, tive febre, etc. No entanto, a partir daquele momento descobri um outro mundo, um mundo absolutamente diferente. Por quê? Porque tive contato não com aquele mundo que existia, mas com um mundo que passei a fazer na minha cabeça. Então, a partir desse momento passei a pensar: “Eu tenho que sair de Cataguazes, tenho que conhecer o mundo.” O grande problema que talvez hoje se coloque para a geração de alunos pobres e crianças é que há um certo “CC” amigo da imaginação, ou seja, celular e computador. Eu sou totalmente favorável a todas as novas tecnologias disso ou aquilo, mas, se não se tiver aberta essa porta para a imaginação, infelizmente será um cidadão muito mais alienado, muito mais fácil de manipular, do que se abrisse as portas para o livro, ou para qualquer outro tipo de arte.

João Alegria

Alguém da plateia escreveu que a televisão, DVD, etc. chegaram às escolas como mais uma “ferramenta”, que, se bem explorada, pode ser muito bom pedagogicamente para construir conhecimentos e aguçar a curiosidade

dos alunos para irem em busca de dados e informações. Nem todos os professores matam tempo com eles. Isso é absolutamente verdade, porém a maioria dos que fazem esse uso em ambientes educacionais ainda o fazem como um substitutivo, não como uma possibilidade expressiva, de imaginação, de criação. Portanto, não fazem uma apropriação dessas tecnologias mais justificável em contextos educacionais. Mas há vários exemplos no Brasil muito interessantes em que isso acontece de forma plena. O estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, é um estado onde se discute muito isso, e há experiências também em São Paulo, no Nordeste, no Rio de Janeiro. Isso acontece num ambiente educacional formal, a escola regular, mas também em outros espaços educacionais, como associações e outros. O Brasil é muito rico em experiências desse gênero, inclusive tem atraído pesquisadores de outros países do mundo, que são muito bons em teoria, mas que não têm uma prática tão relevante como no Brasil. O Departamento de Educação da Uerj é um espaço em que isso está plenamente em discussão; na PUC também há uma preocupação com essas questões. De fato, se não houver uma formação adequada de professores para que esse uso da tecnologia ou das novas tecnologias se dê da maneira como se imagina que seja a melhor, a mais correta, mais produtiva, mais interessante no processo de produção, ou de aquisição do conhecimento, ficará difícil improvisar com aquelas máquinas, que têm milhares de botões, menus e funções. Acredito que somente agora esteja acontecendo em várias faculdades de educação no Brasil uma revisão nos seus currículos, de modo a também incorporar na formação dos novos professores algumas dessas ques-

tões. Porém, estou me referindo à formação em pedagogia; de todas as outras licenciaturas, que são inúmeras hoje, não tenho notícias de que já tenham sofrido reformulação curricular nessa direção, o que é uma pena, porque levar as novas tecnologias, o computador, à escola envolve uma questão de poder. Talvez hoje não seja mais possível produzir uma boa parte do conhecimento que se produz no mundo sem o auxílio de alguns processadores, de alguns equipamentos, que ajudam a dar conta de um grande volume de informações, de dados. Para o desenvolvimento de fármacos, por exemplo, na área biomédica, a maior parte das simulações é feita em ambiente virtual. Portanto, a produção do conhecimento hoje depende, de algum modo, de uma apropriação dessas tecnologias. Então, ou a escola alcança um pouco isso, ou vai ficar segregada como apenas um lugar onde há transmissão. Aliás, transmissão de conhecimento, na nossa sociedade, acontece em todas as direções de forma caótica, tanto que os alunos vão chegar cada vez mais à sala de aula “sabendo” de coisas que não deveriam saber naquele momento e naquela série. Assim, a situação vai ficar cada vez mais complicada para o professor dentro da sala de aula para dialogar em condições interessantes, ou minimamente regulatórias, com seus alunos. Há perguntas aqui também sobre autoria, direitos autorais, que é uma questão muito séria. Eu, por exemplo, ganho tão pouco com direitos autorais de livros publicados que agora vou passar a fazer a experiência de publicação de graça, não *copyright*, porque acho que o preço de capa de 30, 27 reais dos livros tem impedido o acesso ao leitor. Eu já tive livro recusado para publicação de editora infantil, por exemplo, porque o livro para em pé. O livro que para em pé é muito gros-

so e custa muito caro para editar para a criança; logo, não é um bom negócio para a editora. Há ainda a discussão sobre os direitos comuns, quando se perde a autoria e se passa para a ideia de conhecimento colaborativo, portanto, sem problemas de direito autoral, desde que mencionada a fonte, como *on-line*, ou outro tipo de experiência. Temos, por exemplo, o Equiped, o Over mundo, que é uma experiência muito interessante de produção desse tipo de conteúdo e aponta essa discussão para um outro lugar: o lugar de direito de todo o mundo. Então, apesar de achar que a autoria é uma coisa relevante, só quero lembrar que existem outras experiências nesse sentido. E, apesar de algumas vezes eu ter sido um pouco mais enfático aqui, só queria lembrar que minha principal preocupação foi afirmar algumas coisas não em detrimento de outras, mas de forma complementar a outras. Isso no sentido de não continuarmos agarrados a coisas que julgamos legais, bacanas e interessantes, de não termos medo, como como educadores, por exemplo, de avançar em direção a novas coisas já que fazem parte da nossa vida e que tornam o processo educativo mais legal, mais interessante.

Alcione

A maior parte das perguntas direcionadas à mesa diz respeito à utilização da hipermídia, da internet educação. Na verdade, o que nós temos de novo, que foi constatado aqui – até por pessoas especialistas e muito estimuladoras da utilização da internet, da hipermídia em geral na educação –, é que há mais um instrumento, mais uma ferramenta que pode nos fazer avançar, sem, contudo, significar, necessariamente, renúncia ao que quer que já tenhamos, uma vez que temos muito pouco.

Sobretudo, constatamos que, além do pouco que temos, a sociedade brasileira, no seu processo histórico, nunca teve a educação, o conhecimento, como um valor em si. Nós temos esse conhecimento observado de uma forma utilitária. O brasileiro médio quer entrar na escola para aprender alguma coisa para ter um emprego; quer chegar a esse emprego o mais rápido possível, com um salário melhor. Portanto, ao invés de ficar pensando na sua vocação, no seu prazer de trabalhar, ele fica pensando nas oportunidades que determinadas profissões podem lhe dar ao final do seu adiestramento. O que acaba acontecendo? Se não escolhemos o que fazer em função do nosso desejo, estamos caminhando para o fracasso da nossa felicidade, porque apostamos no exercício de uma atividade que não escolhemos, mas que nos foi proporcionada por um mercado. Na verdade, o que a internet oferece é um açodamento na direção daquilo que não se quer. É um reflexo. As questões que estão aqui, que dizem respeito a bibliotecas fechadas, salários aviltados, salários atrasados, na verdade, são reflexo do que a sociedade entende por educação. Se a sociedade entende que educação não tem importância, os políticos, os governantes não dão importância a essa educação. Da mesma forma nós, porque nós escrevemos livros, fazemos arte para uma sociedade que não dá valor à arte. O nosso projeto social é um projeto suicida, não tem significação social, porque ninguém tem interesse nisso, e a educação não ajuda as pessoas a se aproximarem da cultura, uma vez que não é um valor, portanto, não tem autoridade para atribuir valor à cultura. Então, negamos, de uma forma depois da outra, primeiro a educação, depois a cultura. Se vocês se consideram aviltados diante dos salários que ganham, nós nos consideramos condenados ao fracasso, porque todo o nosso empenho de imagina-

ção volta-se para uma elite muito insignificante do ponto de vista quantitativo, e o nosso papel social fica reduzido a quase coisa alguma. Por isso é que discutimos “leitura da arte e arte da leitura”. Se estivéssemos bem, estaríamos aqui discutindo, talvez, economia, futebol, a crise do Botafogo ou da seleção brasileira. O nosso problema é sério porque atinge, na verdade, o centro do desenvolvimento de uma nação, que é a sua educação e a sua cultura. Portanto, avançamos na tecnologia, no acesso ao computador, porém, como diz o João Alegria, o computador não adianta nada se não tem cabeça, se não tem humanidade, se não tem sensibilidade. Onde é que está a sensibilidade do professor, do ser humano, na pessoa, no artista, na cultura? É aí que se forma a sensibilidade, a cidadania. Toda tecnologia, ou está a serviço disso, ou se torna um objeto inútil, como aqui se constatou. Na escola tem uma porção de computadores, porém não são utilizados porque os professores não sabem usá-los. Então, é uma questão que diz respeito a uma transformação na sociedade. É preciso que nós reafirmemos cada vez mais que uma nação existe não porque tem uma economia pujante apenas, nem porque tem as instituições funcionando. Ela existe porque tem pessoas que pensam e agem segundo o seu desejo e querem se realizar na sua plenitude como ser humano, o que significa exercer a sua imaginação no limite do possível e ter espaço para agir dentro da própria sociedade, transformando-a. E o instrumento de transformação é a educação, a informação e a sensibilidade.



Da esquerda para a direita, Inimá Simões, Luiz Ruffato, Júlio Diniz, Miguel Rettenmaier, João Alves Reis Jr. (João Alegria), José Luiz Jobim de Salles Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão

GRANDE CONFERÊNCIA – ARTE E POLÍTICA: DAVID, MARAT

Carlo Ginzburg



Nascido em Turin, iniciou sua trajetória de historiador nos anos 1950 e 1960 pesquisando processos judiciais da Inquisição dos séculos XV e XVI, principalmente da região do Friuli, na Itália. Essas pesquisas deram origem às obras *Os andarilhos do bem* (1987) e *O queijo e os vermes* (1987). No início dos anos 1970 lançou seu famoso e polêmico ensaio *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, que anos depois foi reunido no livro *Mitos, emblemas e sinais* (1987), no qual procurou historiar as origens de seu procedimento investigativo das sociedades passadas e presentes. No entanto, juntamente com Carlo Poni e Geovani Levi, quando lançaram a revista *Quaderni Storici* e dirigiram a coleção de estudos reunindo trabalhos de intelectuais italianos, franceses e ingleses, denominada *Microstorie*, de fato, Carlo Ginzburg deu início ao estudo da micro-história, demonstrando suas insatisfações com relação às interpretações macrossociais. São também de sua autoria as obras *Olhos de madeira*, *Relações de força* e *Nenhuma ilha é uma ilha*, entre outras.

1. Minha fala irá tomar como foco uma pintura famosa que agora se encontra no Museu Real em Bruxelas. Geralmente é chamada de *A morte de Marat*, mas em uma carta o pintor Jacques-Louis David referiu-se a ela, mais precisamente, como *Marat à son dernier soupir* (“Marat em seu último suspiro”). Algumas implicações deste título serão discutidas mais adiante.

Por muitas razões essa é uma obra única. Muito tem sido escrito sobre ela, uma grande carga de evidências contextuais tem surgido, mas a pintura em si, como uma declaração artística e política, mantém-se de alguma forma difícil de captar. Descriverei os termos do presente debate adiantando minha própria interpretação. Além de ser uma ilustração da intricada relação entre arte e política, este estudo de caso levanta algumas questões gerais que têm a ver com o mundo no qual vivemos. Eu as discutirei brevemente no final da minha fala.

Iniciarei com um detalhe: a data da pintura. As palavras *l’na deux*, “o ano dois”, estão inscritas em letras maiúsculas no bloco de madeira no canto inferior direito da pintura, logo abaixo da dedicatória e da assinatura: “a Marat, / David”. Nós estamos em Paris, nos anos cruciais da Revolução Francesa. O novo calendário, efetivo desde 22 de setembro de 1792, primeiro dia da República, havia substituído oficialmente o calendário cristão em 6 de outubro de 1793, dez dias antes da primeira exibição oficial do *Marat* de David no pátio do Louvre.¹ As palavras *l’na deux*, que parecem ser um elemento fundamental na pintura, podem ter sido acrescentadas no último minuto. A data, de acordo com o calendário pré-revolucionário – 1793 –, ain-

¹ TRAEGER, J. *La Mort de Marat et la religion civile*, em *David contre David*, p. 399-419, especialmente p. 413.

da está visível, a metade coberta com tinta (possivelmente reaparecida após uma restauração: eu espero solucionar essa dúvida na minha próxima visita a Bruxelas).

O novo calendário, do qual todos os elementos cristãos desapareceram, trazia uma mensagem libertadora: a República nascida da revolução era um fenômeno sem precedentes, o começo de uma nova era. Podemos parar por um instante para considerar como nossa percepção dessa ruptura deliberada com o passado (e também, indiretamente, nossa percepção da pintura de David) foi afetada pelos eventos do final do século XX. Tem sido dito com frequência – algumas vezes com apreço, outras com pesar – que o ciclo histórico que iniciou em Paris em 1789 foi fechado exatamente duzentos anos depois, em 1989. Afirma-se que o colapso dos regimes comunistas na Europa ocidental trouxe um fim à era das revoluções, concebidas como projetos globais e radicais. Pode ser. Mas as engrenagens da história (para usar essa metáfora batida) não podem andar para trás. A Revolução Francesa, o irrompimento de grupos sociais menos privilegiados (camponeses, artesãos), mudou a história para sempre – apesar de o calendário não cristão introduzido com tanta confiança pelos revolucionários franceses ter durado apenas alguns anos.

2. Entre 1792 e 1793 o processo iniciado em 1789 teve uma aceleração repentina. Em setembro de 1792 uma multidão invadiu as prisões parisienses, assassinando mais de mil pessoas que estavam detidas por várias razões. Os “massacres de setembro”, como o evento foi chamado mais tarde, duraram cinco dias; nenhuma autoridade política tentou deter a multidão. Naquele período, o casal real, Luís XVI e Maria Antonieta, estava encarcerado na prisão Tem-

ple. Suas vidas foram poupadas naquele momento, mas em 11 de dezembro de 1792 o rei foi levado a julgamento e condenado à morte. A Convenção Nacional aprovou a sentença com um voto de diferença para a maioria. David, o pintor, era um dos deputados. Ele se dirigiu à tribuna e proferiu duas palavras: *la mort*. David também estava entre aqueles (a maioria) que votaram contra a suspensão da sentença. Em 21 de janeiro de 1793 o rei deposto foi levado à guilhotina.

No dia anterior, 20 de janeiro, Michel Lê Pelletier de Saint-Fargeau, um aristocrata que tinha tomado o partido da revolução, foi abordado por um homem que lhe perguntou se ele tinha votado pela morte do rei. Lê Pelletier disse “sim”, explicando o motivo. Foi morto a facadas. O evento provocou uma resposta espontânea forte e emocional. Foi pedido a David que fizesse um retrato de Lê Pelletier de Saint-Fargeau. A pintura não sobreviveu: a filha de Lê Pelletier, que o adquiriu de volta em 1826, deve ter destruído o que via como uma lembrança vergonhosa de um ato vergonhoso. Algumas cópias feitas a lápis, assim como uma impressão parcialmente rasgada feita por Tardieu, baseada no desenho de David, dão uma ideia da pintura perdida: uma imagem digna e heróica baseada em um modelo antigo.

Isso era exatamente o que a convenção, e o público em geral, esperava de David. Os revolucionários franceses, inspirados em Plutarco e Rousseau, olhavam para a Roma antiga e Atenas como modelos de virtudes heróicas e cívicas. Em seu importante *Juramento dos Horácios* (1785), David mostrou por antecipação o caráter republicano francês, que ele fortemente ajudaria a delinear alguns anos depois. Assim que a revolução começou, David estava na

linha de frente do cenário político e artístico; seu prestígio e sua influência eram enormes. Ele se tornou secretário e depois presidente da convenção. Durante o período do terror, supervisionava pessoalmente as atividades diárias do tribunal revolucionário. Mas seu comprometimento político não fez esmorecer suas múltiplas atividades como artista. Ele se tornou o mestre de cerimônias da República, planejando e organizando festividades políticas e funerais; desenhou selos e moedas, vestimentas apropriadas para a nova sociedade nascida da revolução, caricaturas políticas; retratou os mártires da República – primeiro, Lê Pelletier e, depois, Marat.²

3. Jean-Paul Marat, o filho de um médico suíço, nasceu nas cercanias de Neuchâtel em 1743. Ele estudou medicina. Depois de viajar por muitos anos por outros países europeus, fora para a França. Assim que a revolução começou, tornou-se uma das figuras mais importantes e radicais do cenário político. Um jornalista influente, especialmente popular entre as classes menos favorecidas no meio parisiense (os ditos *sans-culottes*), Marat foi chamado *l'ami du peuple* (“o amigo do povo”) por um jornal que fundou. Entre o outono de 1792 e a primavera de 1793, ele atacou os inimigos da República – o rei, os aristocratas, os girondinhos – em uma série de artigos violentos. A pena de Marat era tão eficaz quanto uma arma. Não há evidência de que ele tenha organizado pessoalmente os massacres de setembro, mas a matéria que publicou em 19 de agosto, incitando o

² Ver DOWD, D. L. *Pageant-Master of the Republic; Jacques-Louis David and the French Revolution*. N. Y.: Freeport, 1969 (1948); SÉRULLAZ, A. Les projets de costumes. In: *Jacques-Louis David 1748-1825*, p. 296 et seq.

ataque às prisões e o assassinato do maior número possível de prisioneiros, foi suficientemente eloquente.³

A campanha na imprensa organizada por Marat contra os girondinos – o partido que se opunha à política centralizadora dos jacobinos – trouxe um fim a sua vida. Uma garota de Caen, Charlotte Corday, enviou uma carta a Marat prometendo revelações sobre atividades contrarrevolucionárias nas províncias. Marat aceitou receber Charlotte em seu pobre apartamento. O que aconteceu a partir daí é bem conhecido. Marat, que sofria de uma terrível doença de pele, encontrava alívio escrevendo seus artigos imerso em uma banheira. Charlotte Corday entrou no quarto e matou Marat a facadas. Durante o julgamento que se seguiu, recusou-se a ser identificada como contrarrevolucionária. “Eu era uma revolucionária antes mesmo da Revolução ter começado”, disse orgulhosamente. Foi mandada para a *guillotine*.

Em 14 de julho de 1793, um dia após a morte de Marat, durante uma sessão pública na Convenção Nacional, um deputado, chamado Guirault, dirigiu-se a David: “Onde está você, David? Você deu a imagem de Lê Pelletier, morrendo pela pátria, para a posteridade; você tem mais uma pintura a fazer.” “Eu a farei”, David respondeu.⁴ Menos de três meses depois, em 16 de outubro, a pintura estava pronta. David, que havia supervisionado o funeral de Marat, também era responsável por uma apresentação elaborada das duas imagens – a de Lê Pelletier e a de Marat –

³ OZOUF, M. Entrada “Marat”. In: FURET-M-OZOUF, F. (Ed.). *Dictionnaire critique de la Révolution Française*. Paris, 1988. p. 278-285. De acordo com Viola muitos indícios apontam para a responsabilidade de Marat nos massacres de setembro. VIOLA, P. *Il trono vuoto*. Torino, 1989. p. 151-152.

⁴ *Jacques-Louis David 1748-1825*, p. 284. Uma versão ligeiramente diferente em DELÉCLUZE, E. *J. Louis David. Son école et son temps*, Paris: E. J. Mouilleseaux, 1983 (1855). p. 155.

no pátio do Louvre. Um tempo depois elas foram colocadas juntas na parede, por dois anos, na Convenção Nacional.

4. *Marat e Lê Pelletier* foram concebidas (e presumivelmente vistas) como *pendants*, como imagens intimamente relacionadas uma à outra; de fato, de acordo com uma testemunha ocular, tinham as mesmas medidas.⁵ A semelhança entre os dois quadros é inegável, mas um olhar mais apurado revela algumas divergências óbvias:

- a) Enquanto Lê Pelletier está morto, Marat é representado no ato de morrer, “em seu último suspiro”: sua mão ainda está segurando a pena, seu rosto tem um vago sorriso.
- b) Uma cópia da pintura perdida feita por um dos aprendizes de David mostra que o corpo reclinado de Marat foi colocado embaixo de uma espada suspensa no teto. A espada atravessa uma folha de papel na qual estão escritas as seguintes palavras: “Eu voto pela morte do tirano” (*je vote la mort du tyran*).⁶ Como David explicou na convenção, a espada se referia a uma anedota contada por Cícero (*Tusc.* 5, p. 61-62): Damocles, que havia declarado ter inveja da vida de um tirano, foi levado por Dionísio, o tirano de Siracusa, a tomar seu lugar e participar de um esplêndido banquete, sentado embaixo de uma espada suspensa por um fio de crina de cavalo. A mensagem do quadro de David era clara: não apenas os tiranos, mas também os revolucionários, vivem em perigo constante. Também claro é o fato de que a ligação entre o voto de Lê Pelletier e

⁵ SIMON, R. *Portrait de martyr: Lapeletier de Saint-Fargeau. David contre David*, I. p. 349-377, especialmente p. 362.

⁶ *Op cit.*, p. 360.

sua subsequente morte violenta foi apresentado de forma alegórica. No retrato de Marat, ao contrário, não há alegoria: tudo é literal, até o último detalhe – a banheira, o pote de nanquim, o bloco de madeira usado como mesa, as notas de papel-moeda da época (*assignat*) colocadas sobre uma carta endereçada a uma viúva pobre com cinco filhos.⁷ A assassina ausente é evocada através de sua carta, voltada para quem fosse ver o quadro: um apelo à benevolência de Marat (na verdade, essa era uma carta que Charlotte Corday guardou consigo e nunca enviou). No lugar da espada elaborada de Lê Pelletier temos uma humilde faca de cozinha manchada de sangue.

- c) Em 1826, quando o retrato de Lê Pelletier ainda existia, o crítico Pierre-Alexandre Coupin comparou as duas pinturas.⁸ Ele elogiou David por ressaltar a diferença entre os modelos, mostrando suas respectivas classes sociais: Lê Pelletier, o aristocrata, foi pintado de “forma graciosa e delicada”; Marat, “que apesar de sua educação formal manteve o jeito de ser das classes inferiores”, mostrava “uma natureza feia e grosseira”. Na atmosfera da Restauração, quando o nome de Marat foi maldito, essas opiniões eram previsíveis. Outros retratos da época mostram que David, deliberadamente, embelezou o rosto de Marat. Mas, apesar de sua óbvia parcialidade política, a comparação de Coupin faz sentido.

⁷ Rosenblum fala sobre “literalismo de detalhe” (*à propos David’s Death os Socrates*). ROSENBLUM, R. *Transformations in Late Eighteenth Century Art*. Princeton, 1967, p. 75.

⁸ COUPIN, P.-A. *Essai sur J. L. David, peintre d’histoire*, Paris, 1826, p. 27 (citado por R. Simon, “Portrait de martyr”, p. 362). Delécluze afirma que David pintou apenas o rosto de Lê Pelleiter, deixando o resto para Gerard, seu aprendiz. DELÉCLUZE, E. J. *Louis David*, p. 150, nota 1.

Num nível superficial, ambas as pinturas fazem referência ao idioma da Antiguidade clássica. Mais especificamente, devemos lembrar nesse contexto um desenho datado dos anos de influência romana de David baseado num sarcófago representando Meleager em seu leito de morte, rodeado de pessoas em lamentação. David usou a mesma imagem em seu *Andrômaca lamentando a morte de Heitor* (1783) e, depois, na pintura perdida representando Lê Pelletier em seu leito de morte, assim como, até um certo ponto, em *Marat em seu último suspiro*. Eu disse “até um certo ponto” porque os humildes detalhes que já mencionei – a banheira, o pote de nanquim, a tábua usada como mesa – apontam para uma tradição diferente. Em seu grande livro *Mimesis*, Erich Auerbach explorou a tensão, dentro da literatura ocidental, entre a noção hierárquica de estilos herdada da Antiguidade greco-romana e a subversão dessa noção trazida pelo cristianismo. De acordo com a hierarquia clássica, a tragédia narrava, num estilo solene e elevado, os feitos de reis e príncipes; a comédia contava num estilo mais mundano, cheio de detalhes da vida cotidiana, histórias envolvendo personagens humildes; a sátira ficava no meio das duas. O Evangelho subverteu essa hierarquia estilística e social, por contar em estilo simples e direto uma história cujo herói, rodeado de pescadores e prostitutas, era submetido a uma coroação de deboche e morria na cruz como um escravo: uma clara violação ao *decorum* clássico.⁹ Não menos chocante era a representação de um herói morrendo numa banheira. O idioma clássico do *Marat* de David tinha, definitivamente, um sotaque cristão.

⁹ AUERBACH, E. *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*. [1946], Tübingen, 1994. p. 152 ff. e *passim*.

5. A interpretação que estou sugerindo não é nova. Em seu marcante livro *Transformações na arte do final do século dezoito* (*Transformations in late Eighteenth Century Art*), publicado pela primeira vez em 1967, Robert Rosenblum, o historiador de arte, falou do “cadáver santificado de Marat”. “Neste ambiente cripto-cristão”, escreveu Rosenblum, “os objetos inanimados que rodeiam o mártir – a faca, a pena, o pote de nanquim – assumem a qualidade de relíquias sagradas; na verdade, alguns dos materiais que traçam – o bloco de notas, a banheira, a camiseta ensanguentada – o que eram consideradas perdas espirituais irreparáveis foram exibidos no funeral de Marat como objetos de adoração”.¹⁰

A palavra “adoração” deve ser tomada ao pé da letra: um verdadeiro culto de Marat desenvolveu-se após sua morte. Em seu funeral, uma canção que evocava ao mesmo tempo o coração de Marat e o coração de Jesus foi entoada (“O coeur de Jésus! O coeur de Marat!”). Uma brochura comparava Marat e Jesus como vítimas do fanatismo. Essas comparações provocavam reações indignadas de lados opostos. Um certo Brochet rejeitou a ideia de vincular um mártir moderno a uma antiga superstição.¹¹ Dois anos mais tarde, uma hostil gravura em metal mostrava, em uma série intitulada “As pragas do Egito”, um homem ajoelhado supersticiosamente em frente ao busto de Marat. Algo híbrido, que não era facilmente decifrado, começava

¹⁰ ROSENBLUM, *Transformations*, p. 83-84. Ver também LENKHEIT, K.; ALPATOV, M.; TRAEGER, J.; SALA, C. Tra pennello e pugnale: Marat. Charlotte, David. *Il Corpo*, n. s. I, Settembre 1993. p. 66-75.

¹¹ ROSENBLUM, *Transformations*, p. 84. Ver o ensaio bem documentado de A. Soboul “Sentiment religieux et cultes populaires. Saintes patriotes et martyrs de Lea liberte” (1957), em Id., *Paysans, Sans-culottes et Jacobins*, Paris, 1966, p. 183-202, especialmente p. 190-191.

a se mostrar: variações de antigos rituais católicos? Ou rituais inspirados em novas atitudes religiosas?¹²

Como vimos, o *Marat* de David, pintado sob pressão pública, imediatamente se tornou um evento público. Respondeu David, o artista e o político, à repentina e imprevisível emergência de um culto a Marat. Para ser mais específico: podemos interpretar os elementos cristãos, os quais foram detectados na pintura de David, como uma resposta às atitudes religiosas ou quase religiosas dos mais devotos seguidores de Marat?

Em sua análise Robert Rosenblum indiretamente se referiu a essas questões. “Como um jacobino fanático”, escreveu ele, “David logicamente rejeitava o cristianismo, ainda que inevitavelmente persistissem em sua obra veladas tradições cristãs [...]”¹³ “Inevitavelmente”, de acordo com Rosenblum, o uso de formas cristãs por David não era deliberado, nem controlado. Essa conclusão é aceitável?

6. É bem conhecido o ritmo acelerado dos eventos políticos durante a Revolução Francesa. Os três meses que se passaram entre a morte de Marat (13 de julho de 1793) e a exibição pública da pintura de David (16 de outubro de 1793) não foram exceção. Começou uma competição acirrada pelo legado de Marat. O clube dos Cordeliers, que apoiava Hébert, lutou com o clube dos Jacobinos pelo coração de Marat: uma batalha política e simbólica. Os Cordeliers prevaleceram: em 26 de julho decidiram “montar um altar dedicado ao coração de Marat, o incorruptível”.¹⁴ Em 5 de setembro, uma multidão à beira da insurreição, apoiada

¹² SOBOUL, *Saintes patriotes*, p. 190-191.

¹³ ROSENBLUM, *Transformations*, p. 83.

¹⁴ SOBOUL, *Saintes patriotes*, p. 190.

pelos seguidores de Hébert, cercou a convenção. Robespierre, que se sentiu ameaçado e traído por Hébert e seus amigos, condenou-os à guilhotina em abril de 1794. Em julho de 1794, no Nono Termidor, de acordo com o calendário revolucionário, foi a vez de Robespierre.

Logicamente, David, como artista e como político, estava plenamente consciente dessa situação que mudava rapidamente. Os traços estilísticos e iconográficos de *Marat em seu último suspiro* são claramente o resultado de uma série de escolhas deliberadas. O que ele produziu não foi apenas uma pintura política: foi um ato político. David, um admirador de Marat (a quem ele bravamente defendeu em abril de 1793 à frente da Convenção), permaneceu um fiel seguidor de Robespierre até a queda deste, no Nono Termidor.¹⁵ David deve ter se identificado com a política religiosa de Robespierre, inspirada pela “religião cívica” de Rousseau (*religion civile*). O idioma clássico falado com sotaque cristão de *Marat em seu último suspiro* pode ser tomado, como o historiador de arte Klaus Herding afirmou de forma convincente, como um “último apelo à unidade revolucionária”.¹⁶ Numa perspectiva semelhante, Tom Crow falou de um “compromisso implícito” entre “a rejeição da Igreja pela Revolução” e “a hostilidade de Robespierre ao ateísmo e seu desejo de conferir o zelo dos descristianizadores extremos”.¹⁷

7. A maior parte dos historiadores de arte concordou com a presença de elementos cristãos no *Marat* de David.

¹⁵ DELÉCLUZE, *Louis David*, p. 153-154.

¹⁶ HERDING, K. “Davids ‘Marat’”.

¹⁷ CROW, T. *Emulation. Making Artists for revolutionary France*. New Haven and London, 1995, p. 162-169, especialmente p. 166 (outras passagens, como a que trata da *Pietà* de Girodet como uma possível fonte do *Marat* de David, são muito menos convincentes).

Mas há algumas notáveis exceções. Num brilhante ensaio Willibald Sauerländer refutou a ideia de que o culto a Marat fosse marginal e retrospectivo, ressaltando os traços *all'antica* da pintura de David. “Pegue seus pincéis, vingue nosso amigo” (*saisis tes pinceaux, venge notre ami*), foi o pedido explícito feito a David: vingança, não compaixão. O resultado foi um *exemplum virtutis*, Sauerländer insistiu, não uma “*pietà Jacobina*”.¹⁸ Mas no final de seu ensaio, numa parte dedicada à recepção da pintura de David, Sauerländer sutilmente enfraquece sua própria interpretação.

Marat em seu último suspiro permaneceu no ateliê de David. Após sua morte o quadro foi exibido duas vezes: em Londres, em 1835, e em Paris, em 1846.¹⁹ Foi uma obra escandalosa: para a opinião pública (inclusive os liberais) Marat evocava os piores excessos do terror revolucionário. Em 1846 o maior crítico do século XIX, Charles Baudelaire, viu a pintura e escreveu uma página extraordinária sobre ela. Não posso citá-la por inteiro, mas algumas passagens mostrarão como a descrição – *ekphrasis*, como os gregos chamavam – pode se tornar, nas mãos de um poeta (*esse poeta*) um instrumento de conhecimento: “O *divino* Marat, seu braço debruçado para fora da banheira, suavemente segurando sua última pena, seu peito transfixado por uma ferida *sacrilégica*, está exaltando seu último suspiro.”

“Divino” Marat, ferida “sacrilégica”: palavras discretas apontando para as alusões cristãs que tornaram a pintura de David ainda mais escandalosa. “Todos os detalhes”,

¹⁸ SAUERLÄNDER, W. Davids “Marat à son dernier soupir” oder Malerei und Terreur. *Idea. Jahrbuch der Hamburger Kunsthalle*, II (1983), p. 49-87, especialmente p. 73-80.

¹⁹ J. Constable, May 21, 1835 (*Correspondence*, London: R. B. Beckett, 1962-68, III, p. 126, que eu não vi).

continuou Baudelaire, “são históricos e reais como em um romance de Balzac: o drama está presente, vivo em seu horror doloroso, e por um estranho toque de gênio, o que faz dessa pintura a obra-prima de David assim como uma das maiores curiosidades da arte moderna, não há nada trivial ou simples... Cruel como a natureza, essa pintura tem o sabor do ideal”.

Marat mudou, sua feiura desapareceu: “A morte o beijou com seus lábios amorosos, ele descansa na paz de sua metamorfose. Nessa obra há algo suave e pujante ao mesmo tempo; no frio dessa sala, nessas paredes frias, em volta dessa banheira fria e funérea, uma alma flutua”.²⁰

Sauerländer citou algumas passagens dessa página; então, implicitamente, seguindo a condução oferecida pela descrição de Baudelaire, finalizou seu ensaio com um *insight* crítico repentino e magnífico: “No *Marat* de David encontra-se, dentro do ícone jacobino, a sensualidade refinada da pintura pré-revolucionária do século dezoito, o sabor surpreendente de suas imagens de *boudoir* e *toilette*.”²¹

“Algo suave e pujante”, Baudelaire escreveu; “a sensualidade refinada da pintura pré-revolucionária do século

²⁰ BAUDELAIRE, C. *Lê musée classique du Bazar Bonne-Nouvelle. Oeuvres complètes*, ed. U.-G. Paris: Lê Dantec, 1954. p. 599-600: “Lê divin Marat, um brás pendant hors de la baignoire et retenant mollement as dernière plume, la poitrine percée de la blessure sacrilège, vient de rendre lê dernier soupir [...]. Tous ces détails sont historiques et réels comme um roman de Balzac; lê drame est là, vivant dans toute as lamentable horreur, et par um tour de force étrange qui fait de cette peinture lê chef-d'oeuvre de David et une dès grandes curiosités de l'art moderne, elle n'a rien de trivial ni d'ignoble [...]. Cruel commrte. E la nature, ce tableau a tout lê parfum de l'idéal. Quelle était donc cette laideur que la sainte Mort a si vite effacée du bout de son aile? Marat peut désormais défier l'Apollon, la mort vient de le baiser de ses lèvres amoureuses, et il repose dans la calme de sa métamorphose. Il y a dans cette oeuvre quelque chose de tendre et de poignant à la fois; dans l'air froid de cette chambre, sur ces murs froids, autour de cette froide et funèbre baignoire, une ame voltige”.

²¹ Sauerländer, *Dauids “Marat”*, p. 84.

dezoito”, Sauerländer elaborou. Eu gostaria de dar um passo além, sugerindo que David, em seu *Marat em seu último suspiro*, buscou inspiração em sal experiência rococó da juventude. Mais especificamente, eu afirmaria que David teria em mente, entre muitas outras coisas, uma estátua policromática que Pierre Legros, um brilhante escultor do fim do período barroco ou início do período rococó (tais rótulos são irrelevantes), concluíra em 1703.²² A estátua representava o beato Stanislas Kostka, um jesuíta da Polônia, que morreu aos dezoito anos. É mostrado em seu lugar original: a sala onde Kostka morreu, no noviciado atrás da igreja de Sant’Andrea al Quirinale em Roma.

Uma comparação entre a estátua de Legros e o *Marat em seu último suspiro* de David mostra divergências, assim como convergências. Stanislas Kostka veste um mantel negro ou um *peignoir*, ao passo que Marat está seminu; a inclinação das duas cabeças é semelhante, apesar de não ser exatamente a mesma; a mão esquerda de Kostka está um pouco levantada (ele está dando seu último suspiro) para segurar uma imagem sagrada, num gesto de certa forma comparável a Marat segurando a carta de Charlotte Corday na mão esquerda; em ambos os casos um sorriso imperceptível sugere o momento exato em que a vida está deixando o corpo. “Algo suave e pujante”: a observação de

²² F. Haskell, “Pierre Legros and a Statue of the Blessed Stanislas Kostka”, e *Burlington Magazine*, 97 (1955), p. 287-291; M. Conforti, “Pierre Legros and the Role of Sculptors and Designers in Late Baroque Rome”, *Burlington Magazine*, 1977, p. 557-562; N. Penny, *The Materials of Sculpture*, New Haven and London, 1993, p. 96-98; G. Bissel, *Pierre Legros 1666-1719*, Chippenham, 1997, especialmente p. 73-79; E Levy, “Reproduction in the ‘Cultic Era’ of Art: Pierre Legros’s Statue of Stanislas Kostka”, *Representations*, 58 (Spring, 1997) p. 88-114; P Julien, “Pierre Legros, sculpteur romain”, *Gazette des Beaux-Arts*, t. CXXXV, 142 (2000), p. 189-213, especially p. 198.

Baudelaire sobre o *Marat* de David pode ser aplicada também à estátua de Legros.

A possibilidade de que David, enquanto estava em Roma entre 1775 e 1778, tenha se interessado pelo trabalho de um conhecido escultor francês como Pierre Legros não parece distante. Eu diria que a lembrança da estátua de Stanislas Kostka, o beato jesuíta, surgiu novamente na memória de David assim que ele começou a trabalhar no memorial de Marat: o objeto de um culto quase religioso e percebido como uma espécie de santo secular. O resultado foi um *exemplum virtutis* num sentido muito especial, tomando *virtus*, virtude, em seu duplo sentido: clássico e cristão.

8. Essa conclusão tem maiores implicações, como outra abordagem dissonante do *Marat* de David irá mostrar. Em 1999 T. J. Clark publicou um livro ambicioso intitulado *Farewell to na Idea. Episodes from a history of modernism (Adeus a uma ideia. Episódios de uma história do modernismo)*. O primeiro ensaio – “Pintura no Ano 2” – tratava do *Marat* de David como a pintura “inaugural” do modernismo. “Pois minha ideia é”, explicou Clark, “que o que marca esse momento de pintura diferentemente dos outros (o que faz com que seja inaugural) é precisamente o fato de que é governado pela contingência. A contingência entra no processo de criação de pinturas. Ela o invade. Não há outra substância da qual as pinturas podem agora ser feitas – não há tendências, não há materiais e matérias como sujeitos, não há formas, não há passados a serem usados. Ou nenhum mais sobre o qual um possível público possa concordar”.²³

²³ CLARK, T. J. “Painting in the year 2”, em *Farewell to an idea. Episodes from a history of modernism*. New Haven, 1999, p. 14-53, especialmente p. 18.

Ao explorar o modo no qual “a contingência entra no processo de criação de pinturas”, Clark confrontou-se com a evidência a respeito do culto a Marat, o qual ele achou confusa: “Quanto mais se examina o culto a Marat, menos claro fica qual tipo de fenômeno estamos estudando. De que história ele é parte? De que religião popular ou formação de estado? De improvisação dos *menu peuple* ou manipulação pelas elites? A questão se aplica ao episódio de descristianização como um todo. E a resposta é obviamente ambos. O culto a Marat existe na intersecção entre uma contingência política de curta duração e um desencantamento do mundo de longa duração.”²⁴

Na introdução de seu livro Clark volta ao “desencantamento do mundo”, a famosa expressão que Max Weber tomou de Friedrich Schiller para definir “modernidade”, o mundo no qual vivemos (a genealogia dessa expressão é de fato mais complicada, mas não tratarei disso agora).²⁵ O resultado desse “desencantamento do mundo” é, afirma Clark, “secularização’... uma boa palavra técnica”: “significa especialização e abstração; a vida social guiada por um cálculo de chances estatísticas de larga escala, com todos aceitando (ou ressentindo-se de) um alto nível de risco; tempo e espaço tornaram-se variáveis nesse mesmo cálculo... esse agrupamento de traços parece-me ligado a, e impulsionado por, um processo central: a acumulação de capital, e a disseminação cada vez maior de mercados capitalistas no mundo e no tecido das relações humanas”.

Essa figura do nosso “mundo desencantado” não envolve maiores tensões ou contradições. Antecipando uma possível objeção, Clark afirma num período entre parêntese-

²⁴ CLARK, *A Farewell*, p. 30-31.

²⁵ Balthasar Bekker; Christian Thomasius; Friedrich Schiller.

ses: “(E claro que não é nenhum argumento contra a tese de Weber dizer que ‘vivemos em meio a um retorno religioso’, que o Marxismo tornou-se um horrível messianismo secular no século vinte, que a vida cotidiana ainda está permeada de restos de magia e assim por diante...)”²⁶

9. T. J. Clark tornou o *Marat* de David um estudo de caso para a interpretação da modernidade. Eu iria na mesma direção, mas minhas conclusões são amplamente diferentes das de Clark.

Sem dúvida, a contingência desempenha um papel decisivo na produção e recepção do *Marat* de David. A pintura foi feita num contexto altamente específico e referia-se a circunstâncias altamente específicas, dos quais ambos, David e seu público, faziam parte (para um público contemporâneo eles não são mais tão transparentes). Mas dizer que “não há tendências, não há materiais e matérias como sujeitos, não há formas, não há passados a serem usados”, que estavam envolvidos na criação do *Marat* de David, parece, à luz dos dados, ambos visuais e contextuais, que eu venho discutindo até então, injustificável. David abordou um evento recente e contingente como o assassinato de Marat usando um idioma baseado em tradições diferentes e distantes: a Grécia antiga, a Roma antiga, o cristianismo. Uma das primeiras pinturas datadas de acordo com o novo calendário revolucionário, ausente de conotações cristãs ou clássicas, articulava novos conteúdos usando formas clássicas e cristãs. A suposta “pintura inaugural modernista”, de acordo com a definição de Clark, claramente contradiz sua definição de modernismo como uma completa ruptura com o passado.

²⁶ CLARK, *A Farewell*, p. 7.

De fato, o que está em jogo aqui não é simplesmente “modernismo”, mas “modernidade”, tomada como um sinônimo da “disseminação cada vez maior de mercados capitalistas no mundo” – um mundo secularizado. Mas “secularização” não é uma noção autoevidente. De acordo com T. J. Clark, é um fenômeno sólido, ordenado, conquistado, consistente. Eu o vejo, ao contrário, como um processo doloroso, lento e contraditório o qual ainda está em construção. O *Marat em seu último suspiro* de David é uma ilustração efetiva dessa contradição. Marat foi celebrado – por Robespierre, por David, e assim por diante – como um mártir da religião civil (*religion civile*) inspirada por Rousseau. Um de seus poucos dogmas, Rousseau, explicou no final de seu *Contrato social* (*Du contrat social*) que era “la sainteté du contrat social et des lois”, o cunho sagrado do contrato social e das leis.²⁷ A Revolução Francesa, aquela tentativa inaugural e radical de começar um mundo secularizado, justifica-se por invadir o domínio do sagrado.

Essa relação intrincada e conflitante com a religião é parte da secularização desde então. Este é, se não estou enganado, o mundo no qual vivemos.

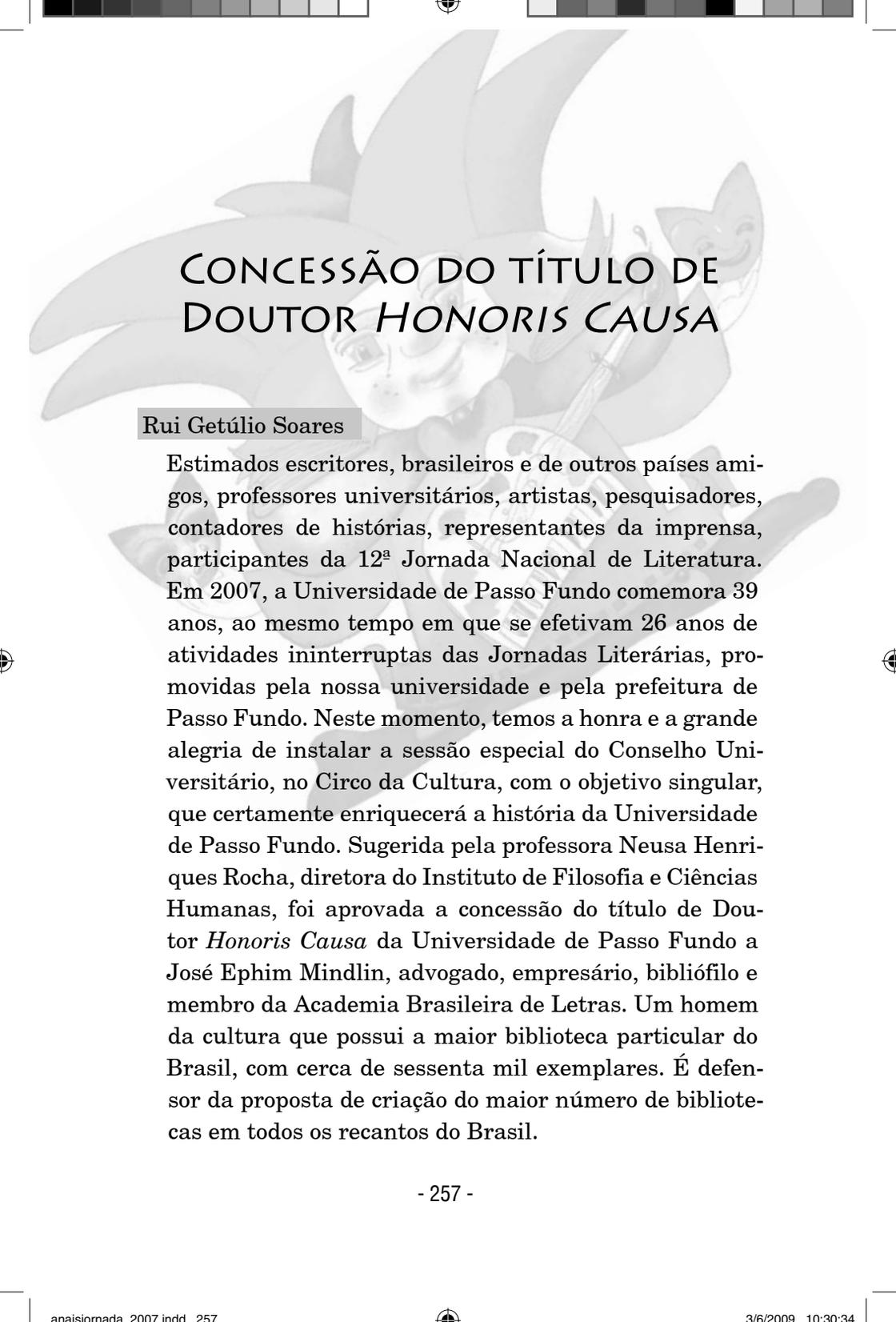
²⁷ ROUSSEAU, J.-J. *Du contrat social*. Paris, 1962. ch. VIII. p. 327-336: “De la religion civile”, p. 335. Ver também p. 330: “De tous les auteurs chrétiens, le philosophe Hobbes est le seul qui ait bien vu le mal et le remède, qui ait osé proposer de réunir les deux têtes de l’aigle, et de tout ramener à l’unité politique, sans laquelle jamais Etat ni gouvernement ne sera bien constitué... Ce n’est pas tant ce qu’il y a d’horrible et de faux dans la politique, que ce qu’il y a de juste et de vrai, qui l’a rendu odieuse”. Machiavelli’s *Discorsi*, the starting point of those pages, are never mentioned.

Comentários

Astor

A obra de Carlo Ginzburg, como todos nós sabemos, é vasta e ilustra temáticas que vão desde os processos inquisitoriais do século XV, século XVI, na Itália, e passam pela micro-história, pela relação entre história e literatura, história e ficção, história e modernidade. São temas que o nosso professor Carlo Ginzburg sempre procurou perseguir através dos rastros do passado, rastros que teimam em brincar de esconde-esconde com o historiador, ou todo aquele que se atrever a buscá-lo. Suas obras, como o *Andarilho do bem*, *O queijo e os vermes*, *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, *Mitos, emblemas e sinais*, *História noturna*, *Olhos de madeira*, *Relações de força*, *Nenhuma ilha é uma ilha*, *O fio e os rastros*, entre outras, mostram a vitalidade extraordinária na capacidade de pesquisa, de interpretação do passado e, sobretudo, na forma como Ginzburg apresenta essas narrativas para o seu público. Eu diria, são representações genuínas de um modo de fazer história. Encontra-se em Ginzburg uma atitude espiritual visível desde os seus primeiros escritos, nascidos das contradições irredutíveis que nele existem, entre o sentimento da vida e a tomada de consciência da realidade; desvendar o passado por caminhos não convencionais; olhar nas entrelinhas; compreender o particular; refletir sobre a distância; fazer-se detetive como se fosse um Freud da alma ou um Sherlock Holmes; abandonar as histórias estruturais e superficiais em nome de uma espécie de mergulho nas profundezas dos vestígios, dos rastros e, por que não, da própria alma

humana. Poder-se-ia perguntar, na verdade: Aonde Carlo Guinsburg quer chegar? Se eu consigo entendê-lo, Guinsburg quer se aproximar ao máximo da verdade, superando os esquemas lineares da macro-história, porém sem cair em modismos, muitas vezes fáceis, de um certo debate da pós-modernidade, ou mesmo do lirismo. Ginzburg consagra a esperança de consertar, sem descanso, o que foi ferido num mundo injusto. Isso faz dele uma espécie de humanista que não se esquece das belezas tais como foram reveladas pelas luzes de suas fontes tão bem trabalhadas. O significado dos acontecimentos está na distância entre eles e entre as várias formas de vê-lo. Tudo isso faz do conjunto de sua obra um convívio enriquecedor entre o passado e o presente. No Brasil, como no mundo, suas obras se tornam referência, sendo utilizadas em dissertações e teses, na medida em que nos estimulam o interesse pelo mundo literário e, de forma audaciosa, nos levam a pensar sobre as questões da vida. Não tenho dúvidas de que Carlo Ginzburg nos impele ao mundo fantástico de ser historiador.



CONCESSÃO DO TÍTULO DE DOUTOR *HONORIS CAUSA*

Rui Getúlio Soares

Estimados escritores, brasileiros e de outros países amigos, professores universitários, artistas, pesquisadores, contadores de histórias, representantes da imprensa, participantes da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Em 2007, a Universidade de Passo Fundo comemora 39 anos, ao mesmo tempo em que se efetivam 26 anos de atividades ininterruptas das Jornadas Literárias, promovidas pela nossa universidade e pela prefeitura de Passo Fundo. Neste momento, temos a honra e a grande alegria de instalar a sessão especial do Conselho Universitário, no Circo da Cultura, com o objetivo singular, que certamente enriquecerá a história da Universidade de Passo Fundo. Sugerida pela professora Neusa Henriques Rocha, diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, foi aprovada a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Passo Fundo a José Ephim Mindlin, advogado, empresário, bibliófilo e membro da Academia Brasileira de Letras. Um homem da cultura que possui a maior biblioteca particular do Brasil, com cerca de sessenta mil exemplares. É defensor da proposta de criação do maior número de bibliotecas em todos os recantos do Brasil.

Convidamos a professora Neusa Henriques Rocha e a professora Dr. Tania Rösing, coordenadora da 12ª Jornada Nacional de Literatura, para que acompanhem o Dr. José Ephim Mindlin até o palco do Circo da Cultura. Convido a professora Neusa Henriques Rocha, diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas para fazer a saudação ao homenageado Dr. José Ephim Mindlin.

Neusa Rocha

Excelentíssimo sr. professor Rui Getúlio Soares, reitor da Universidade de Passo Fundo e presidente do Conselho Universitário, senhores vice-reitores, senhores conselheiros, sr. José Ephim Mindlin, nosso homenageado e familiares, ilustríssima professora Tania Rösing, coordenadora das Jornadas de Passo Fundo, autoridades civis e acadêmicas, acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, escritores, conferencistas, artistas que nos prestigiam com sua presença, convidados especiais, participantes da 12ª Jornada Nacional de Literatura. É com imensa satisfação e com muita honra que nos reunimos hoje, o Conselho Universitário da Universidade de Passo Fundo, Coordenação da 12ª Jornada Nacional de literatura, autoridades representativas dos diferentes âmbitos municipal, estadual e federal, convidados especiais, escritores, livreiros, editores, artistas, estudiosos, educadores, leitores, para concessão do título de Doutor *Honoris Causas* a José Ephim Mindlin. Inicialmente, consideramos oportuno afirmar que há 26 anos as Jornadas Literárias de Passo Fundo estão presentes nas vidas de muito de nós que aqui estamos. A cada dois anos, o mês de agosto tem sido palco de um grande encontro, encontro marcado, entre escritores e

leitores, entre milhares de pessoas da região, de fora do estado, de outros países e centenas de intelectuais que aqui vêm para renovar os nossos anseios de construirmos juntos uma sociedade mais reflexiva, mais pensante, mais leitora. É importante frisarmos também que as Jornadas promovidas pela Universidade de Passo Fundo, e que desde 1991 vêm contando com a parceria da prefeitura Municipal de Passo Fundo, tem viabilizado a vinda de escritores, artistas e intelectuais, pesquisadores, professores e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, os quais têm contribuído para que o evento ultrapasse o seu caráter acadêmico que se transforme num elemento agregador de cultura e numa movimentação cultural permanente. É nesse contexto que a Universidade de Passo Fundo se consolida como uma referência na busca de formação de leitores, intervidores de diferentes linguagens e de distintas manifestações culturais e o município se notabiliza como Capital Nacional de Literatura, que chegamos à 12ª edição da Jornada Nacional de Literatura, cujo tema norteador, “Leitura da arte e arte da leitura”, reforça o propósito de perceber o leitor como um artífice atuante de múltiplas interpretações diante dos produtos da cultura. Devemos destacar que a relevância das Jornadas já permitiu que o Conselho Universitário concedesse o título honorífico a dois grandes homens que aqui estiveram. O título de Professor *Honoris Causa* ao intelectual francês Edgard Morin, em 2003, e o título de Doutor *Honoris Causa* ao escritor, professor e pesquisador Ariano Suassuna, em 2005. Com muita justeza o Conselho Universitário concede no dia de hoje o título de Doutor *Honoris Causa* a José Ephim Mindlin. O tema leitura da arte e arte

da leitura tem ma relação muito próxima com o nosso homenageado, José Ephim Mindlin, que teve aprovação por unanimidade do Conselho Universitário, quando da indicação do seu nome para receber o título de Doutor *Honoris Causa*. Mindlin representa o homem que viveu, e vive, a arte e a leitura. Mindlin representa a utopia, que foi cantada e representada na abertura dessa Jornada. A utopia, fonte de motivação que gera esperança, e que ao mesmo tempo é recriada pela esperança. Para mim, como conselheira e proponente da concessão do título honorífico a José Ephim Mindlin, sobram razões para regozijo. Em primeiro lugar, considero justo resgatar que a feliz iniciativa nasceu de uma moça, tal como foi denominada na noite de ontem, a professora Tania Rösing, pela escritora Lya Luft. E a professora Tania, como todos sabem, faz parte do corpo docente do curso de Letras e do Mestrado em Letras, cursos que integram o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do qual sou diretora, com muita honra. E, em segundo lugar, porque neste ano de 2007 dois cursos de nossa unidade celebram seu jubileu de ouro, o curso de Letras e o curso de Filosofia. Consideramos oportuno evidenciar que a concessão de título honorífico exige que o nome indicado tenha, por meio de sua obra, contribuído de forma decisiva para a transformação da sociedade brasileira. Conceder o título de Doutor *Honoris Causa* a um homem como José Ephim Mindlin significa não apenas homenagear o cidadão, de reconhecimento nacional, o intelectual respeitado, o escritor renomado, o leitor contumaz, mas também, qualificar a própria universidade de Passo Fundo, e consolidar o seu perfil, como uma instituição que está atenta ao trabalho desenvolvido por grandes intelectuais que promovem a cultura e

a formação de leitores. Como escolher dentro de tantos dados do seu currículo, algumas informações relativas ao chamado “homem-biblioteca”

Biografia de José Ephim Mindlin

Vamos começar dizendo que José Ephim Mindlin é um ser humano admirável, extremamente jovem, entusiasta, de um humor implacável; afirma ele que não faz nada sem alegria. Casou-se com Guita, falecida em 2006, com quem viveu durante 67 anos. Tem quatro filhos, Bety, Diana, Sergio e Sonia, dez netos e sete bisnetos. É advogado, empresário e homem de cultura. Sua grande relíquia, a maior biblioteca particular do Brasil, reúne cerca de quarenta mil títulos, algo próximo a sessenta mil exemplares, muitos deles verdadeiras raridades. Sua luta pela sensibilização de autoridades brasileiras a criarem bibliotecas em todos os recantos do Brasil é de extrema relevância.

O maior bibliófilo brasileiro nasceu em São Paulo, em 8 de setembro de 1914, completando, portanto, no próximo mês, 93 anos de idade. Concluiu seu curso superior, bacharel em direito, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1936. É acadêmico da Academia Brasileira de Letras desde 2006. Filho de pais russos, imigrados para o Brasil no começo do século passado, tornou-se colecionador de livros aos 13 anos de idade. Até poucos anos atrás, Mindlin lia entre seis a oito livros por mês. Agora, com problemas de visão, precisa recorrer a uma lupa, dificuldade que reduz um pouco esse volume, mas não o impede de continuar sendo um apaixonado por livros. Sua preferência é por ficção e crítica literária. Sua coleção agrega,

no entanto, livros de diferentes temas e áreas, dentre as quais destacamos história natural e geografia.

Mindlin se notabilizou como empresário à frente da indústria Metal Leve, empresa de autopeças fundada em 1949, que foi símbolo da indústria automobilística e que nos anos 60 foi responsável por equipar motores de aviões americanos. No final dos anos 90, a fábrica sofreu os reflexos da globalização e acabou sendo vendida a um grupo alemão. A fábrica nunca foi vista por Mindlin apenas como uma indústria, uma empresa; ao contrário, o empresário fez com que sua fábrica assumisse também outro papel social, ou seja, a promoção da cultura, a promoção da literatura. A empresa, por exemplo, patrocinou edições fac-símile de documentos sobre a literatura brasileira, resurgindo, assim, publicações como *A Revista*, editada por Carlos Drummond de Andrade, e a *Revista de Antropologia*, um dos mais importantes documentos do modernismo brasileiro.

O intelectual foi secretário do Estado da Cultura, Ciências e Tecnologia, de São Paulo e membro do Conselho Deliberativo do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fez parte da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi, entre outros cargos de atividades empresariais, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Atualmente é presidente do Conselho Editorial do jornal do *Estado de São Paulo*, membro colaborador da Academia Brasileira de Ciências e integra inúmeros colegiados e instituições nacionais e internacionais voltadas para as artes e as letras, como a Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Conselho Nacional do Museu de Arte Moderna de New York, Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Museu

Lazar Segall de São Paulo, Museu Imperial de Petrópolis, além de outras instituições culturais localizadas nos Estados Unidos e na França.

Mindlin tem uma vida intelectual intensa, consciente de que o acervo literário formado ao longo de quase oito décadas não poderá ser refeito caso se disperse; já traçou planos para a organização desse material. Atualmente cuida da transferência de cerca da metade dos títulos para a Universidade de São Paulo, cujo acervo será abrigado, futuramente, pela Biblioteca Guita e José Mindlin, obras essas que, juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, estão em andamento. Nosso homenageado afirma que quem gosta de ler sente prazer em transmitir esse gosto para outras pessoas. Defende que o incentivo à leitura é papel de todos, já que a sociedade não pode ser vista de forma compartimentada. Nesse esforço conjunto, segundo ele, a escola tem uma função de extrema importância, em especial os professores. Os professores têm de ler, gostar de ler, para assim transmitir o prazer de ler e formarem em seus alunos o hábito de ler.

O nosso homem-biblioteca recebeu inúmeras condecorações, homenagens, medalhas, prêmios e títulos. Dentre as condecorações destacamos as Ordens do Mérito do governo do Chile, da França, do Japão e de Portugal. No Brasil, podemos citar as condecorações Gran Cruz da Ordem do Rio Branco, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, em 1995; Gran Cruz da Ordem do Mérito Cultural, concedido pelo governo federal, também em 1995, e Gran Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida pelo presidente da República do Brasil, em 1996. Recebeu o título de Senhor 88, homenagem prestada pela revista *Isto É*, em 1988. Foi agraciado com a grande medalha Ordem da Liberdade, oferecida pelo Laboratório de Imu-

nologia, do Instituto do Coração, em 1980. No ano de 94, recebeu a medalha Joaquim Nabuco de responsabilidade da Fundação Joaquim Nabuco. Por sua brilhante atuação nos âmbitos culturais, científicos, tecnológicos e literários, recebeu importantes prêmios, entre os quais Prêmio João Ribeiro, oferecido pela Academia Brasileira de Letras, em 79; Prêmio do Mérito Tecnológico, com o qual foi distinguido pela Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Industriais, no ano de 89; Prêmio Jornal o Globo, em reconhecimento ao seu trabalho em prol da cultura, concedido em março desse ano.

O reconhecimento por sua atuação nas diferentes áreas do conhecimento o fez merecedor de muitos títulos: Professor *Honoris Causa*, pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo; Doutor *Honoris Causa*, pela Braum University; diploma de Benemérito pelo Museu Paraense Emilio Gueldi; Administrador Emérito, pelo Conselho Estadual de São Paulo; Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade Federal de Tocantins; Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade de São Paulo. Como vimos, o trabalho de José Mindlin é reconhecido no mundo acadêmico, na arte, na literatura, na tecnologia, na área industrial, na pesquisa, enfim, em todos os espaços onde atuou. Por onde passou deixou marcas e discípulos, disseminou cultura. Por isso, nós, da Universidade de Passo Fundo, nos sentimos honrados ao lhe prestar tão merecida homenagem.

Para encerrar gostaríamos de lembrar as palavras do presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinicius Vilaça, que afirmou na solenidade de abertura desta Jornada que cultura se faz com desenvolvimento econômico e social. O senhor José Mindlin faz cultura em todas as suas dimensões, com muita propriedade, com muito vigor e com muita sensibilidade. Nossos cumprimentos.

José Ephim Mindlin



Magnífico reitor Rui Getúlio Soares, senhores membros do Conselho Universitário da Universidade de Passo Fundo, professora Neusa, que me cumulou de gentilezas com suas palavras, apesar de um exagero atribuível à amizade; professora Tania, coordenadora deste extraordinário evento; minhas senhoras e meus senhores. É difícil enumerar pessoas diferentes que aqui se encontram. Peço desculpas pelos motivos mencionados pelo magnífico reitor, de dificuldade de leitura, de estar me dirigindo informal-

mente nesta cerimônia, mas vou recompensar os aplausos falando pouco.

Neste momento, tão honroso para mim e de tanto orgulho e contentamento, não posso deixar de evocar a memória de minha mulher, que o destino me arrebatou no ano passado. Quando recebi há poucos anos o título de Doutor Honorário da Universidade de São Paulo, pedi ao reitor da USP que o doutorado fosse dividido em duas partes iguais, uma para a minha mulher e outra para mim. Eu sabia da impossibilidade prática do atendimento desse pedido, apesar de o reitor ter dito que por ele concordava, mas dependia do Conselho Universitário. Eu estou contando essa história sem pretender fazer esse título semelhante, mas para poder mostrar a ligação que nos uniu durante quase sessenta e oito anos. Tivemos uma parceria e um companheirismo de vida inteira e eu estou procurando continuar – não direi sozinho porque eu tenho os meus filhos aqui presentes – o trabalho que ela e eu estávamos fazendo no curso da vida em prol da cultura, do desenvolvimento cultural brasileiro.

Dito isso, meus amigos, quero agradecer profundamente sensibilizado o título que estou recebendo nesta noite. Pelo que me diz respeito, para mim foi uma manifestação do acaso que presidiu quase todos os acontecimentos de minha vida. Nunca ambicionei coisa nenhuma, nunca planejei distinções ou reconhecimentos, mérito ou coisa equivalente, nem, menos ainda, procurei por isso. Tudo o que aconteceu na minha vida, praticamente tudo, me veio por acaso, sem que eu tivesse ambicionado ou procurado. Meu percurso de vida seguiu por caminhos variados, alguns independentes um do outro, outros entrelaçados.

Comecei minha vida, e não vou dizer que foi por acaso, porque tudo o que eu vou contar aconteceu mesmo por acaso. Em 1930, tendo terminado o ginásio, mas não tendo idade para fazer o vestibular na Faculdade de Direito, pedi ao meu pai que conseguisse um trabalho para mim, fosse ele qual fosse. Tive a grande surpresa, poucos dias depois, de ele me dar a informação que eu iria entrar para a redação do *Estado de São Paulo*. Eu entrei em maio e em setembro completei 16 anos, me tornando o redator mais moço da história do jornal. Foi uma experiência insubstituível, pois aprendi a escrever com clareza, com simplicidade, numa linguagem acessível a um público médio. Fiz preciosas amizades, fiquei conhecendo os bastidores da sociedade e da política, que naquele ano estava especialmente agitado com a conspiração da revolução de então. E essa experiência me valeu para a vida toda. Fiquei no jornal durante quatro anos.

Nesse meio-tempo, em 1932, entrei para a Faculdade de Direito. Essa carreira não foi propriamente escolha minha, e aí, neste caso, também não foi por acaso, porque desde criança parece que estava estabelecido na família que eu seria advogado. Eu falava muito e um tio meu até me chamava de Rui Barbosa. Então, o destino já estava traçado, e eu me formei em 1936 e advoguei durante quase 15 anos. Pelas voltas que o mundo dá, de repente, me tornei empresário, sem, na realidade, ter tido vocação para isso, mas assim mesmo durante 45 anos, por aí, fui empresário. Pela fundação da Metal Leve, procurei fazer um trabalho eficiente, mas não me deixei envolver pela atividade industrial.

O interesse central de nossa vida, de minha mulher e meu, era a formação da biblioteca. Eu comecei esse afã em 1927 quando, no ano anterior, 1926, tinha lido obras

do Alexandre Herculano e mais algumas obras do tipo chamado de “livros sérios”. Então, em 1927 comecei a frequentar os sebos de São Paulo, comprando livros de autores de quem eu tinha ouvido falar e que comecei a ler com intensidade. Mas eu não tinha planejado fazer uma biblioteca, os livros eram comprados em função da leitura, o que foi acontecendo pelo resto da vida. Contudo, quando se entra num sebo ou numa livraria, compram-se muito mais livros do que se consegue ler, sempre dentro da ilusão de que se lerão todos eles. Eu costumo dizer que apareceu em 1927, provavelmente por uma semente lançada pela leitura dos livros de Alexandre Herculano, uma tenra plantinha, que foi crescendo no curso dos anos e que estava crescida em 1938, quando nos casamos, transformando-se em poucas décadas numa árvore frondosa e, em mais algumas décadas, numa verdadeira floresta. Sempre nos causou alegria a formação da biblioteca.

Então, coleções surgiram no seio dessa biblioteca e nessa floresta, nesse ambiente cultural, cresceram meus filhos, meus netos estão começando a crescer, bisnetos. Foi preciso que eu me dedicasse na garimpagem. Como no século XVIII, no Brasil, fazia-se garimpagem do ouro e de diamantes, durante todos esses anos fiz uma garimpagem dos livros raros que gostaria de ter. E neste ano a formação da biblioteca completou oitenta anos. Iniciada em 1927, embora sem planejamento, é hoje um conjunto muito maior do que eu poderia pretender, mas sempre com uma leitura incansável.

Quando entrei na Faculdade de Direito, os professores, alguns ainda do século XIX, costumavam ler as suas preleções numa voz monótona durante cinquenta minutos, coisa que eu, nas apostilas, lia em casa em 15 minutos. Então, eu me sentava no fundo da sala e lia boa literatura.

Não sei se é uma coisa adequada para contar no ambiente da universidade, mas, quando eu faço uma palestra e alguém no fundo da sala, ou está lendo, ou adormece, eu não fico aborrecido. E foi assim que Montaigne entrou na minha vida. Li os ensaios de Montaigne, onde há uma passagem sobre livros e leitura em que ele diz que, quando encontra dificuldade numa obra, faz uma ou duas tentativas, mas depois abandona o esforço, porque estaria perdendo tempo. Ele tinha um espírito de compreensão imediata, de modo que aquilo que ele não podia compreender desde logo, compreenderia ainda menos insistindo. E aí vem a frase de Montaigne: “Não faço nada sem alegria.”

E nesses cinco anos de faculdade eu li muito, muita literatura de ficção, mas nada de literatura jurídica. Esta eu estudava em casa e, naturalmente, porque não podia deixar de fazer. Em recente evento na Faculdade de Direito de São Paulo eu disse isto: “Durante o curso aprendi muito mais de literatura do que de direito.” Mas, brincadeira à parte, é claro, eu estudava muito, mas conservava a biblioteca jurídica no escritório, não em casa; em casa as leituras eram de natureza puramente cultural.

Li muita poesia, porque tive a sorte de minha mulher e eu gostarmos de poesia em voz alta: eu lia e ela preferia ouvir a ler. Desse modo, o que se leu de poesia em casa foi uma coisa imensa. E o nosso interesse pela biblioteca foi se consolidando, transformando-se num interesse central de vida. Isso naturalmente sem falar na vida familiar, que era muito boa entre nós e nossos filhos, dos quatro: a Beti, a Diana, o Sergio e a Sonia, que estão aqui presentes, de quem eu me orgulho. E o mesmo acontece com netos e bisneto de cinco anos, que já vive manuseando livros infantis.

Mas chegou o momento em que pensamos no que fazer com a parte mais importante da biblioteca, que era a cha-

mada “brasileira”. Então, resolvemos, de comum acordo com nossos filhos – que apoiaram a ideia sem ter qualquer pensamento relativo à possibilidade de herança – em doar essa biblioteca à Universidade de São Paulo, porque a preservação desse conjunto era uma coisa imperiosa. Minha mulher participou da assinatura do termo de doação, de modo que essa decisão nossa passou a ser irrevogável, e a universidade está construindo, como foi dito, um prédio para recebê-la. Assim, ela não só tem a sua perenidade assegurada, como também tem o seu crescimento e já está sendo uma fonte de referência apreciável para estudos brasileiros.

Então, a biblioteca estará na universidade, juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros, que tem um excelente acervo, a melhor fonte universitária de estudos de coisas brasileiras – não estou querendo com isso diminuir o trabalho que se desenvolve nas outras universidades, inclusive aqui. Será o acervo mais importante das universidades brasileiras para o estudo de nossas coisas. Isso nos causou e continua causando um prazer insubstituível. O perigo que correm as pessoas quando eu começo a falar de livros e da biblioteca é de eu não conseguir parar. Mas, evidentemente, eu acho, que o que é importante foi dito e espero que o recebimento desse título não fique apenas nesta cerimônia de hoje à noite e que meu contato com a Universidade de Passo Fundo seja estreito daqui por diante, para que eu possa, com uma colaboração, troca de ideias e acompanhamento de trabalhos, retribuir, ao menos em parte, a grande distinção que a Universidade de Passo Fundo me está fazendo com a outorga desse título.

Eu gostaria de oferecer à biblioteca da universidade, na pessoa do magnífico reitor Rui Getúlio Soares, um catálogo que fizemos dos destaques da nossa biblioteca. São

dois volumes de destaques da biblioteca, que nós chamamos de “indisciplinada”, porque, apesar de ter algumas vertentes específicas, quando encontrávamos alguma obra que não entrasse nessas vertentes, mas nos interessasse, nós a adquiríamos, porque o livro é feito para nós, não nós para os livros. Então a biblioteca passou a ser chamada de “biblioteca indisciplinada”. Eu me sinto muito feliz que esse acaso que fizemos para comemorar oitenta anos da biblioteca faça parte também da biblioteca da Universidade de Passo Fundo. Mais uma vez, magnífico reitor, muitíssimo obrigado, um agradecimento emocionado, e agradeço a atenção e a paciência do público. Diz-se que a comoção dificulta a voz da gente, nesta noite eu senti que é verdade.



Da esquerda para a direita: Nelson Germano Beck - Vice-Reitor Adm., Eliane Lúcia Colussi - Vice-Reitora de Graduação, Neusa Maria Henriques Rocha - Diret. IFCH, José Ephin Mindlin, Rui Getúlio Soares - Reitor, Cléa Bernadéte Silveira Netto Nunes - Vice-Reitora de Extensão, Hugo Tourinho Filho - Vice-Reitor de Pesquisa, Tania Rösing - Coord. Jornadas Literárias

ARTE DE RUA



Reginaldo Ferreira da Silva, escritor e *rapper*, nasceu no Capão Redondo, bairro de periferia de São Paulo, região marcada por altos índices de violência. Para Ferréz, a literatura funcionou como uma saída de emergência, uma espécie de salvação. Trabalhou como balconista, vendedor de vassouras, auxiliar geral, mas nunca se afastou dos livros. Ligado ao movimento *hip-hop*, Ferréz também é fundador do Idasul, movimento que promove eventos culturais em bairros de periferia. Ministra palestras em escolas e em comunidades e tem crônicas publicadas em jornais e revistas. Em sua prosa ágil e seca, com doses igualmente fortes de revolta, perplexidade e esperança, Ferréz reivindica voz própria e dignidade para os habitantes das periferias das grandes cidades brasileiras. É autor dos livros *Capão pecado*, *Manual prático do ódio*, *Ninguém é inocente em São Paulo*, bem como do livro de poesias *Fortaleza da desilusão*.

Já escrevi cinco livros desde 1997, quando lancei o primeiro livro, *Fortaleza da desilusão*. A dona da firma em que eu trabalhava me ajudou a fazer esse livro, que é de poesias. Eu espalhava poesias pela empresa toda, até que um dia a dona Ana mandou me chamar. Ela era uma mulher muito severa, de quem as pessoas tinham medo, porque por qualquer motivo mandava o sujeito embora. Ela chegava à empresa, onde mantinha uma criação de cães, olhava os cães primeiro e depois decidia se cumprimentava algum funcionário. Mas essa mulher gostava bastante de poesia, depois fui descobrir isso.

Eu espalhava as poesias pela firma, e meu chefe, que me chamava de “peão”, um dia me falou: “Peão, uma hora você vai ser mandado embora. Essa coisa de pôr poesia em painel, banheiro, ninguém aguenta mais. Por todo lugar que a gente vai que tem um aviso da empresa, você tira e põe uma poesia!” Então, quando a dona Ana me chamou pra ir à sala dela, ele falou: “Tá vendo? Eu falei para você. Agora você arrumou, já era.” Eu tinha dois anos e meio de empresa. Fui à sala dela, onde ela disse: “Olha, essas poesias que andam espalhadas pela empresa, foi você que pôs?” Eu falei: “Fui eu sim, dona Ana.” “Você gosta de fazer poesia?” Eu falei: “Gosto.” Então ela falou: “Eu adoro poesia. Você quer escrever um livro?” Eu falei: “Não, eu estou com um livro pronto.” Ela falou: “Beleza, traz o livro amanhã para mim ver.”

Era numa sexta-feira. Eu falei: “Beleza, dona Ana.” Fiquei sexta, sábado e domingo reescrevendo o livro todo, com medo de que estivesse ruim, tentando corrigir as coisas. Não era só a chance de ser um poeta publicado, mas o medo de perder o emprego também. Então, na segunda-feira, falei para o meu patrão: “Está vendo? Ela quer ver o

livro.” E ele: “Agora já era, você é semianalfabeto, peão!” Aí eu falei: “Mas vai melhorar, não esquenta.” Cheguei, mostrei o livro e ela falou: “Deixa aqui que eu vou dar uma olhada.”

Na segunda-feira à tarde, fui na quebrada onde eu morava, na favela Santiago, e falei para os meus amigos: “Oh, levei o livro para a dona Ana.” E os meus amigos conseguiram me desanimar, porque tem algumas pessoas que moram ali que nem te cumprimentam de tanta preguiça que têm. Você fala “bom-dia”, o cara mexe uma sobranceira para o alto; ou passa de moto, buzina, mas o cara não mexe a cabeça, por preguiça. Eles disseram: “Não, isso não vai dar certo, não. Eu conheci um monte de cara que já tentou samba e está passando fome.” Eu falei: “Mas é literatura.” “Pior, não conheço ninguém que lê, só o Moisés da rua de cima, que lê a Bíblia. O resto não conheço ninguém que lê. E você sabe, Ferréz, o que estão falando de você?” Eu falei: “O quê?” “Estão falando que você vai virar professor, ou bicha, porque quem lê aqui é bicha, professor ou vira crente. Não tem outro caminho.” Eu falei: “Quem disse que leitura tem a ver com ser bicha, com ser professor ou virar crente? Eu não sei qual das três coisas é pior. Então, eles me desanimaram naquele dia, e eu pensei: “Nossa, agora estou perdido.”

Então, na terça-feira já não fui trabalhar, na quarta também não, na quinta também não. Desanimei mesmo: “Agora já perdi o emprego, perdi tudo.” Na sexta liguei para o meu chefe, só queria saber quando iria pegar os meus direitos e tal. “Que direito, porra? Você está doido? A mulher está com o livro corrigido, querendo te encontrar e você não veio. Você está maluco?” “Ela não me mandou embora?” “Não, acho que ela gostou do livro. Vem para cá.” Então, na

sexta mesmo peguei o ônibus, cheguei lá e falei para todo o mundo que estava doente. Aí, a dona Ana estava com o livro. Eu juro por Deus, não tinha uma palavra que não estivesse marcada, nenhuma. Era poesia, mas toda palavra tava marcada. Eu falei: “Nossa.” E meu patrão, para me estimular: “Agora você se lascou.” A dona Ana marcou comigo às 2 horas da tarde. Eu descí e falei: “É o livro, a senhora viu?” “Eu vi. Eu só queria te perguntar uma coisa: “Isso é poesia concreta?” Eu falei: “É, é poesia concreta.” Ela falou: “O que você fez aqui é licenciamento poético, ou está tudo errado mesmo.” “Licenciamento poético, dona Ana.” Era a primeira vez que eu ouvia falar em licenciamento poético na minha vida. “Ah, então é maravilhoso, porque até o prefácio está errado, porque está separado e o sinal está invertido, o acento.” Eu falei: “É para a senhora ver, é de propósito mesmo, para poder causar uma impressão.” Ela falou: “Beleza, nós vamos publicar o livro. Vamos fazer uma edição, uma tiragem de 1 500 exemplares, e vamos fazer um lançamento.”

Então, peguei o livro falei para o Lismar, o meu patrão: “Ela vai publicar o livro.” Ele virou para mim e falou: “Eu estou há vinte anos nessa empresa, nunca me deram uma folga direito e vão publicar um livro do vagabundo? Não, isso aí é demais!” A partir daí, todo cara que queria patrocínio da empresa – porque havia os que corriam, que andavam de bicicleta – começou a me tratar mal; ninguém almoçava mais comigo. Mas a empresa patrocinou o livro.

Na época eu já estava lendo a *Batalha da vida*, do Máximo Gorki, e o *Jogo das contas de vidro*, do Hermann Hesse. Então, todo dia eu chegava à empresa, que era uma empresa de vigilância, e ia ler *Jogo das contas de vidro*, que é um calhamaço danado. Eu não estava entendendo

nada, mas continuava lendo, porque a narrativa do livro me prendera; embora eu não entendesse a história profundamente, não queria largar o livro. E meu patrão me avisava: “Uma hora você vai ser mandado embora. Você não arquiva mais nota fiscal, você não faz mais revisão, você não faz mais nada, só fica lendo essa porcaria desse americano.” Eu falei: “Não é americano, é alemão.” “Tanto faz, não é brasileiro, não tem nada para passar para a gente.” Quando chegou o dia do lançamento, a dona Ana foi, tirou fotos com o livro; foram todos os meus parentes, o pessoal todo da favela. Não entenderam nenhuma poesia, mas falavam para mim: “Olha, o que você está fazendo é importante.” Dona Ana falou assim para mim: “Parabéns, os livros estão ali no canto, você é um ótimo autor, a gente fez o que pôde. Você está despedido, você é um péssimo funcionário.” No dia do lançamento! Então falei: “Mas dona Ana...” E ela: “Agora já vai como escritor tocar a sua vida.” Fui para casa e falei para minha mãe: “Oh, mãe, tem mil e poucos exemplares aqui, a empresa ficou com quatrocentos para dar para os clientes.” E ela: “Eu estou tão orgulhosa!” “Mas fui mandado embora.” “Tá bom, agora você vai escrever.” A gente pensa que vai viver de literatura, acredita nisso. É impressionante como se acredita, mas descobri que a realidade é muito diferente.

Então, fui vender os livros na rua, fui em algumas palestras do Arnaldo Antunes e de outros autores, tirava fotos com eles para pelo menos as pessoas olharem para a minha cara. Quando estava com o livro na rua, eu dizia: “Olha, eu sou amigo do Arnaldo Antunes, está aqui uma foto com ele.” Mostrava as fotos às pessoas e muitos falavam assim: “Eu vou comprar para te ajudar.” A pior coisa que se pode fazer para um autor é dizer “vou comprar para

te ajudar”. Outros falavam assim: “Ah, eu vou gastar o dinheiro da minha cerveja num livro? Não dá, deixa para a próxima.” E aí eu comecei a vender livro na Paulista e na avenida Santo Amaro, onde o pessoal que tem um poder melhor sempre passa. E fiquei uns seis meses tentando, porém se vendi cinco exemplares foi muito. As pessoas não respeitam quando se está na rua vendendo livro. E uma coisa muito triste, não se é reconhecido. Também deixei vários livros em livrarias, mas quando ia buscar, não tinham o livro nem dinheiro, além de dizerem que não tinham pego livro meu, pois nunca pedi um recibo.

Então, enfrentei vários problemas, a ponto de, depois de passar um ano todo tentando vender o livro e não conseguir, desistir de escrever. Pensei: “Chega, acabou.” Na época, eu estava escrevendo um romance, que ia se chamar *Capão pecado*, mas já tinha vendido até o computador para poder pagar as contas, porque quando se está desempregado, tem-se de continuar mantendo a casa; então, vende-se o que se conquistou em dez anos de serviço num ano. Quando eu fiquei só com o sofá e os livros, disse: “Não, agora eu parei com esse negócio de escrever, não dá.” Também procurava emprego, mas não arrumava. Fui passando toda aquela dificuldade. Enquanto eu escrevia meu romance lá em casa, ouvi minha mãe falando para o meu pai: “Olha, eu vou falar uma verdade para você: isso aí é uma desculpa para ele não trabalhar. Não é possível! Esse cara não conseguiu nada com esse livro e vai escrever outro, para quê?” Ninguém acreditava. Eu tinha um amigo meu que hoje trabalha comigo, o Fábio, de apelido “Cebola”, que era o único que acreditava em mim. Ele saía comigo para vender os livros; nós não ganhávamos nada, mas ele ia todo

dia comigo. Hoje ele trabalha comigo, e eu tenho orgulho de trabalhar com ele.

Até que um dia um rapaz de uma distribuidora do Braz me ligou e falou assim: “Oh, a gente está querendo comprar uns livros de poesia. Você pode trazer para cá?” Eu aluguei um carro e levei os mil e poucos livros para lá. O rapaz falou assim: “Olha, o meu patrão já está chegando. Quem te ligou?” Eu falei: “Foi o Almeida.” “Mas aqui é do seu Rakin – um nome turco que eu não entendi – e ele não compra livro de poesia.” Tinha havido um engano, pois o Almeida era de outra distribuidora e ele estava representando o seu Rakin. Ele ligava para os autores e pedia oito livros para poder fazer a divulgação para ver se vendia, mas no dia ele falou oitocentos para mim, e eu levei os mil e poucos livros lá para a distribuidora.

Seu Rakin chegou às 14h – eu já estava lá desde as nove da manhã. Pobre quando se anima com as coisas é uma beleza! Eu não tomei nem café, nem dinheiro para condução para voltar eu tinha, porque havia alugado o carro. O seu Rakin chegou e falou: “O que é isso?” “É um livro de poesia.” Aí ele abriu o pacote: “Mas o que é isso aqui tudo?” “Pediram para trazer o livro”, expliquei. “Não, é algum engano. Merda de poesia! Poesia não vende não, pô. Você está doido, poesia é merda”, falou. Então eu disse: “Mas seu Rakin, o livro é meu!” “Ah, você é o autor do livro? Então desculpe, foi mal, mas é osso para vender. Mas quem mandou você trazer?” Foi o Almeida. Ele ligou e falou com o Almeida: “Ah, foi engano, eu pedi só oito livros.”

Então fiquei com os livros lá na porta da distribuidora. Se eu já estava começando a desanimar mesmo, esse foi um chute a mais para desanimar. Nisso chegou um dos funcionários, um menino que tinha uns 16 anos, que falou assim:

“Eu falei com o Rakin para pôr esses livros lá em cima para você buscar depois, porque não tem como você levar, mas ele não aceitou, porque ele tem nota fiscal. Então você vai ter que tirar os livros da loja.” Eu falei: “Mas eu não tenho onde pôr esses livros!” – eram uns quarenta pacotes mais ou menos. Ele disse: “Eu não posso fazer nada”, e foi me ajudando a tirar os livros para fora da loja. Resumindo a história, às 17h30min a loja fechou, e fiquei lá fora com os livros. Então pensei: “Tenho que arrumar algum amigo meu que tenha carro.” Contudo, quando se está passando por adversidade, não se tem amigo. São duas situações em que não se tem amigo: quando se tem sucesso, porque o sucesso é um ato solitário, ou quando se tem fracasso total. Então, aí ligava para um amigo meu: “Alô, Roberto, tudo bom? Você está trabalhando? Eu precisava de um carro aqui.” O cara: “Alô, alô”, e desligava. Dois amigos meus que tinham carro desligaram na minha cara. Então, fiquei lá, sentado em cima dos livros, às 19h, pensando: “Acho que é Deus avisando que não vai dar para ser escritor.” Nisso passou um catador de papel e olhou para mim. Acho que ele falou: “Até a meia-noite este cara já saiu daí, e eu vou pegar tudo para mim.” Eu falei: “Aí já é demais.” Olhei para o céu e falei: “Jesus, se você existe mesmo, pelo amor de Deus, me ajuda.” Foi quando lá de cima do céu caiu uma gotinha bem na minha testa, começou a garoar. Eu falei: “Obrigado, Senhor, era a resposta que eu queria mesmo.” Peguei os livros e comecei a transportar para um lugar coberto de telhas.

Então, um dono de bar viu e disse: “Põe os livros aqui e vem buscando. Pode deixar no canto do meu bar, ali perto do banheiro, eu vou proteger os livros.” Fiquei um mês e meio indo no Brás de ônibus, passando por baixo e pegando

os livros e trazendo. Aí desisti de escrever. Foi quando um amigo meu, o Leandro, falou: “Oh, Ferréz, eu peguei esse *notbook* da minha mãe, ela não sabe, eu posso deixar aqui toda sexta, sábado e domingo. Na segunda ela volta para casa, aí você me devolve.” Falei: “Mas para quê?” “Para você escrever seu novo livro.” “Não, eu desisti de escrever.” Mas como você pode desistir só porque um turco filho-da-puta que fez isso com você?”

Foi quando comecei a escrever o *Capão pecado*, onde o Rakin tem o nome Salim e é o dono do mercado. Na história eu tenho vontade de explodir o mercado dele. Foi uma forma de vingança. E eu jurei para mim mesmo que eu ia escrever um romance tão bom que ele não ia chegar a distribuir, porque não ia ter mais romance para ele. Então, fiz de tudo para dar a volta por cima, recuperei a autoestima, comecei a escrever o livro. O *Capão pecado* vendeu mais de quarenta mil cópias, foi um orgulho tremendo para mim.

Comentários

Júlio

Eu acabei de dar um curso no Rio sobre literatura brasileira contemporânea, onde um dos livros analisados foi exatamente o *Manual prático do ódio*, do Ferréz. A reação de metade dos alunos era de estar diante de uma coisa completamente nova, com uma linguagem diferente, porque não era aquele imaginário de violência que estavam acostumados a ver, por exemplo, na literatura do Rubem Fonseca, ou da Patrícia Melo, ou de alguns autores urbanos. Ao mesmo tempo, eles revelavam um preconceito, porque eram de classe média alta, da zona sul do Rio de Janeiro, e estavam diante de um romance

de um autor para eles praticamente consideravam analfabeto, culturalmente falando. Então, a minha provocação não é esse lugar estanque entre centro e periferia, mas como esse trânsito é possível. A pergunta clara é: Como vocês estão lidando exatamente com a aceitação desse lugar, dessa produção, e, ao mesmo tempo, com uma coisa que é anterior a isso, que é o preconceito em relação a esse lugar da periferia, que sempre está condenada a ser uma repetição do que se faz em relação ao centro?

Ferréz

O meu personagem explode, na mente dele, o mercado do turco safado. Na ficção temos esse poder na mente do personagem. Porém, a intolerância, tanto de um lado quanto do outro, é o que ferra tudo. É intolerância não aceitar o diálogo. A periferia sofre a intolerância de inúmeras maneiras. As pessoas pensam que nos conhecem, mas ninguém conhece a periferia, que é um mundo próprio, gigantesco, de cultura, de qualidades. Pensa-se que o cara que canta *rap* é preto, mas tem um aqui de olho azul; pensa-se que o cara de cabelo grande é do *reagge*, mas é do *rapper*. Nós somos uma infinitável mistura de culturas, porque somos um caldo cultural de tudo que é resto. Nós somos o *kit* favela, o barraco, o córrego. E isso conseguimos transbordar em forma de cultura. Hoje na periferia tem livros lançados por vários autores, livros de pequenas tiragens, quinhentas-seiscentas, mas todo mês tem um lançamento. É uma forma de criar cultura e expandir, porque a dor, o sofrimento é um grande mestre. Nós não podemos mais baixar a cabeça perante a vida; temos de erguer a cabeça sempre, porque não tem

outra chance. Se eu falhar como escritor, não tenho uma empresa do meu pai para administrar. Então, tenho de dar certo nisso, e só tenho uma chance. Tenho de fazer três vezes melhor do que qualquer um, de me esforçar mais para parecer que eu sou mediano. Contudo, uma coisa é certa: nós não pedimos licença, nós arrombamos a porta. Não pedimos legitimidade para ninguém, nem queremos. A legitimidade que eu quero é, quando acabar uma palestra desta, o cara que está montando o som, ou a senhora que varre lá fora, me pare e fale: “Eu li um livro seu.” Essa é a legitimidade que tenho hoje. Quando vou fazer um programa de televisão e, ao final, a senhora que serve o café me diz assim: “Meu filho lê os seus livros, porque ele entende o que está escrito.” Não estou fazendo uma linguagem que ele não consegue ler, porque hoje o que a maioria das pessoas está fazendo neste país é assassinato cultural. A pessoa compra um livro na livraria e tem nojo de literatura. Na 5ª, na 4ª série, empurram uns livros que se fica traumatizado, nunca mais se quer ler livro na vida. É um tipo de linguagem para a qual a maioria dos professores não prepara o aluno. Então, o mais importante em vir a Passo Fundo é a preparação, é as pessoas conhecerem o nosso trabalho.

Crivello/Marava

É, estamos até ocupando espaços com algumas oficinas nos bairros do município; conseguimos algumas parcerias com a própria Secretaria de Cultura aqui do município, o que é interessante porque estamos conseguindo romper com uma prática até então não vista em Passo Fundo. Estamos conseguindo entrar em empresas, man-

ter contatos na periferia de Passo Fundo, no subúrbio. É só o povo da periferia se organizar que as coisas começam a mudar, e prova disso é hoje isso aqui.

Alcione

Seria interessante para quem está aqui, distante de São Paulo, e que não tem a mínima ideia do que é periferia paulistana, que vocês situassem, descrevessem geograficamente, fisicamente, como é o lugar; como se vive lá; quem vive lá; como é a violência; como é a relação entre as pessoas; como é o divertimento; como é a relação da periferia com a própria cidade. Enfim, descreva o que é essa coisa de periferia, onde se fala muito da violência, mas tem pessoas normais. O que é a normalidade, o que é o dia-a-dia, o que é o cotidiano? Quem trabalha, quem não trabalha, quem não faz nada, enfim, trace esse panorama.

Ferréz

Quando eu era criança, nós morávamos de favor na casa de uma tia minha. Aí, aos três anos de idade, o meu pai falou assim: “Compramos uma casa, nós vamos mudar daqui.” A casa da minha tia tinha laje, onde nós tínhamos que tirar o sapato para poder entrar. Ela sempre foi empregada doméstica e sempre gastou todo o cruzeiro que ganhava na casa. Aliás, as pessoas que têm menos condições sempre gastam todo o dinheiro na casa, porque o seguro de todo brasileiro é ter a casa. Nos outros países não se dá essa importância à casa, mas aqui é sagrado. Por isso, o Silvio Santos fica rico com o negócio de leiloar a casa. Então, nessa ilusão de montar casa, pegamos um caminhãozinho, pusemos todas as coisas

dentro – que não era muito: uma mesa, duas cadeiras e um guarda-roupa; o fogão iria ser comprado dali a 15 dias. Até então eu morava na favela do Galo Velho, uma favela mais urbanizada, mais construída. Quando chegamos à outra favela, olhei as casas de madeira e falei: “Não, tomara que não seja aqui.” Aí meu pai parou o caminhão e começou a descarregar num barraquinho de dois metros por dois metros quadrados, com uma janela mais larga que a porta, de chão batido, telha de zinco. Eu falei: “Pai, é aqui?” “É.” Comecei a chorar, porque eu não queria morar ali, queria voltar para a casa da minha tia. Meu pai então me explicou: “Isso aqui é o que a gente pode pagar.” E foi ali que aprendi que íamos ter só uma cama, de solteiro, onde teríamos de dormir meu pai, minha irmã, minha mãe e eu; que aprendi por que o meu pai às vezes deixava de comer para nós podermos comer. Meu pai falava: “Eu não estou com fome não.” Mas eu, com quatro-cinco anos de idade, já tinha noção de que ele não estava comendo porque não tinha tanta comida assim. Então, foi ali que fui vendo uma família sendo construída, a minha família. Com 12 anos de idade, como todo cara da periferia, tive de trabalhar, porque as roupas que eu ganhava não dava mais para sair na rua. Então, chega uma hora em que se tem de trabalhar para poder comprar a própria roupa, ajudar na alimentação de casa. Se nós comprávamos uma pizza, meu pai falava que era luxo, porque se passava muita dificuldade. Hoje os filhos de muitos crescem comendo pizza desde o começo, já têm celular; por isso não dão valor para o que o pai está passando ou para o que o avô, o bisavô passaram para poder ter. Então, a periferia é um negócio muito complicado. Com 13 anos, meus

amigos tinham mobilete, roubando, e eu, trabalhando, não tinha uma bicicleta. É assim que se entra na marginalidade. O que nos separa de um marginal é só o ato criminoso. Então, o que me separava disso tudo era a ética do meu pai. Eu olhava para o meu pai e falava: “Não é possível, meu pai se ferrando e eu vou partir para esse mundo, não posso.” Eu nunca tive a capacidade de roubar, nem para traficar, nunca consegui fazer isso. Eu consegui trabalhar, consegui escrever. Alguns dizem que eu não escrevo, mas tudo bem. Eu nunca consegui participar desse mundo criminal, nunca tive competência, que também não é uma coisa fácil. Ser ladrão, ser traficante, não é fácil, não. Os caras falam que é vida fácil. Como é fácil? Você tem de ficar numa avenida 15 dias esperando um caminhão passar com um carregamento para jogar sua vida como alvo, correndo o risco de ser assassinado. Então, não é uma vida fácil, é muito mais difícil. Você sai para ficar aleijado, para morrer, ou para ganhar dinheiro. Não tem outra opção, ou pode ser preso. Então, a periferia tem milhões de pessoas, e só tem um único caminho, não outros caminhos. Por exemplo, eu apanhei muito para poder ler. Chegou um tempo que eu ia comprar uma coleção de livros, passava na rua e jogavam pedra em mim. Ninguém entendia o que eu estava lendo dentro de casa. Então é muito difícil. Na verdade, as pessoas que hoje moram nas periferias do Brasil todo têm mais escolhas, porque antigamente tinha um campinho de futebol para você jogar bola, tinha os bares. Então, vocês veem dona de casa indo para o bar, que é uma coisa que ninguém põe em livro e ninguém pensa. E a mulher da periferia? Todo mundo só fala do homem, que é um marginal, outro que trabalha,

outro que rouba, mas e a mulher? A mulher de periferia faz o quê no final de semana? Enquanto o cara vai para o bar jogar esnuque, vai jogar futebol, a mulher de periferia faz o quê? Ela engorda tomando anticoncepcional e assistindo às novelas. A mais infeliz de tudo isso é a mulher de periferia, e a mulher de terceira idade de periferia é mais infeliz ainda. E a mulher negra, a criança negra é mais infeliz ainda, porque o homem negro de periferia, quando ganha dinheiro, quer ter uma loira também. Nem a mulher negra ele quer, é verdade. Então, só para resumir, vivemos num país onde o governo finge que governa, o povo finge que é governado; onde o cara da periferia quer ser classe média, o cara da classe média quer ser elite e a elite quer ser cidadão do mundo. Então, ninguém é feliz, todo mundo quer ser alguma coisa que não é. Temos de parar de querer ter as coisas e começar a ser. Eu aprendi que tenho cem milhões de reais de conhecimento na minha cabeça. Eu tenho livros do Hermann Hesse que paguei dez reais, mas que me deram dez mil de lucro na minha cabeça. Então, o conhecimento é uma coisa que ninguém toma.

Alcione

A sociedade brasileira, da metade do século passado para cá, passou a considerar como artista um tipo de modelo de artista de classe média, ao qual sempre se atribuiu um certo êxito financeiro e social, não se sabe por quê. Eu estou dizendo que desde a metade do século passado para cá, quando se criou um sistema de comunicação no Brasil, de rádio e televisão, atribuiu-se ao artista um certo modelo, com o qual sempre há a expectativa ou a certeza de que vai significar o sucesso, ganhar dinheiro,

um modelo de vida. Isso é um vício brasileiro, porque a arte não tem nenhuma ligação com o êxito de dinheiro, o êxito de felicidade. A arte brota nas pessoas por uma necessidade interior incontrollável, que exige da pessoa que, a despeito de qualquer sacrifício, siga o seu destino. Esse êxito, essa coisa, é algo irrelevante na opção e secundário no resultado, porque, na verdade, muitos artistas conseguem inicialmente romper alguma coisa e obter algum êxito, mas nesse êxito muitas vezes repousa o seu sepultamento. Obteve o êxito, chegou lá no alto, mas começa a parar de produzir, como se a inquietação adviesse exatamente do sofrimento. Eu considero muito relevante que o que nos faz crescer como pessoas e como artistas não é a alegria, nem o sucesso, mas o sofrimento; é a dor que nos leva a compreender o outro. Eu internalizo a alteridade, eu trago para mim o outro na medida em que consigo compreender onde ele está, como ele está, do jeito que está. E o papel do escritor é o seguinte, como disse o Ferréz: “Eu olhei para o meu pai e disse: ‘Eu não posso me comportar de uma maneira que não seja a ética do meu pai, porque o meu pai está se sacrificando.’” Ninguém disse nada, ninguém ensinou nada, mas ele, como artista, percebeu esse modelo de referência; não foi traficar, nem fazer nada que significasse um crime e passou a ter um olhar crítico, sem sair do lugar dele. O que quero dizer com isso? Quero dizer que a vocação de artista não se move, não surge por algum valor exterior a ele. Ele nasceu assim, perseguiu isso e vai conseguir o que tem conseguido, que já é um êxito; isso não significa ganhar dinheiro, não significa morar em tal ou qual lugar. No Brasil hoje se confundiu o êxito artístico com popularidade, fama, e

criou-se esta coisa absurda que se chama “celebridade”: algo que não produz nada, que não faz nada e que tem uma importância pública completamente desnecessária para o país, que precisa de cultura.

Crivello/Marava

O movimento *hip hop*, ora movimento social, ora movimento cultural, envolve quatro elementos a princípio: o MC, que canta, que aderiu também ao *rapper*, ao repente, à embolaba; o grafite, que é o artista plástico, o qual está ali, já com a lata de *spray* na mão; o DJ, que é o da parte técnica, que coloca a base para o pessoal; e o *big boy*, que é o dançarino. É um movimento giratório, parte do corpo quebrado, também fruto dos movimentos da guerra do Vietnã, da qual o pessoal vinha mutilado e com o corpo quebrado; então, começaram a inventar movimentos. O giro com a cabeça, com os pés, é o peão, que significa a hélice do helicóptero, a rotação, enfim; depois também tem os grupos formados por *big boys*, por grafiteiros, que se uniram. Hoje dá para se dizer que é mais ou menos um quilombo urbano, pois o pessoal se uniu e está unificado para isso. Falando da periferia de Passo Fundo, hoje se vê que as coisas estão acontecendo aos poucos, começando a ganhar espaço. Passo Fundo tem muita coisa para ser ampliada, tem muitos espaços ainda para ocupar, mas aos poucos estamos ganhando valorização, reconhecimento. É interessante falar do movimento *hip hop* hoje, que não é só cultural; o *hip hop* hoje é movimento social, porque está na rua, pautando a luta pela transformação social. É um dos maiores movimentos nacionais hoje, que é o movimento *hip hop*, da juventude excluída da periferia; não é só formado por

negro, pois tem os de olho branco, cabeludos, carecas, ou seja, é multi, é muita cultura junto unificada.

Ferréz

O *hip hop* do Brasil é o movimento mais bonito do mundo. Por quê? Porque temos as melhores letras do mundo; os nossos artistas estão fincados, coligados com movimentos sociais. Por exemplo, em Pelotas havia cinco sujeitos que curtiam *rapper* há dois anos atrás; hoje há um grande trabalho na comunidade. Pode haver cem artistas de várias coisas que não têm trabalho, mas se tiver um do *rapper*, ele vai fazer trabalho com as crianças, na escola, na cadeia. O movimento *hip hop* no Brasil tem essa diferença. Este movimento não foi criado nos Estados Unidos, mas na Jamaica, onde o estilo do *hip hop* surgiu, tanto a batida como o MC cantando; depois, os americanos fizeram o que eles fazem de melhor, que é se apropriar da cultura dos outros e carimbar de novo. Então, prostituíram o *hip hop* de uma forma que os filhos de vocês não podem assistir a nenhum clipe mais, porque só fala de matar, de roubar, com as meninas dançando peladas. Então, o negócio se desvirtuou de uma maneira tão grande que o *rapper* americano hoje faz o que o conquistador europeu fez conosco, que é chegar, massificar, dominar os meios de comunicação, passar clipe na televisão. Assim, escutamos música americana o tempo todo, e a nossa cultura não consegue aflorar. Portanto, só queria deixar bem claro isto: que a cultura brasileira, de *hip hop* brasileiro, é a melhor em termos de letra. Estamos melhorando as bases, mas o conteúdo pode ser dado em sala de aula sossegado.

Júlio

Questões endereçadas ao Ferréz: “Parabéns pela sua caminhada de superação através da expressão de tuas revoltas, que são também as revoltas de toda classe popular, da qual a maioria de nós, professores, faz parte. A questão que quero trazer é a seguinte: é possível perceber aqui em Passo Fundo a presença muito singela do movimento *hip hop* nas ruas do centro? O que podemos observar é que existem sempre nessas manifestações a articulação de mecanismos resistentes ao sistema. Mas até que ponto esses jovens podem, além de expressar sua revolta, agir efetivamente na sociedade, se não têm uma formação escolar crítica, nem mesmo espaço para através do trabalho socializar sua cultura?”

Ferréz

Acho que há três estilos de vida pelos quais você pode optar: ser pobre, rico ou criativo. Graças a Deus, em Passo Fundo, a maioria é a terceira opção, são os criativos, pelo que eu estou vendo até agora. O *hip hop*, os grafiteiros que estão grafitando ali, o cara que vai dançar daqui a pouco são os criativos, porque o sistema não deu isso a eles, não deu uma lata de *spray* e ensinou-os a fazer um desenho. O sistema deu o quê? O básico para ele poder dirigir um ônibus, para poder varrer o chão; se ele se formar no terceiro colegial, quem sabe consegue atender um balcão. É para isso que o sistema treina hoje: para trabalhar como mão-de-obra barata, não para ser um profissional qualificado. E há outra coisa: se conseguir fazer faculdade, parabéns, você vai ser uma mercadoria que está aí para o mercado de trabalho. Quem

se prepara para o mercado é mercadoria, alguém que vai lá pega, troca de lugar, repõe. Então, através da literatura, através do *hip hop*, ou através de qualquer outra arte, como dançar balé, tocar violino, vai se aprender muito mais do que só o básico que o sistema dá. A escola já vem num padrão que é para formar pessoas para uma vida medíocre, tanto que apenas um ou outro professor se destaca, que são os heróis, que querem mais do aluno; o resto já entrou no sistema e está querendo só o seu salário. Há muitos professores, a maioria, que já não estão ligando mais para nada, que já desistiram, esqueceram que ser professor é vocação, não é profissão. Tem profissões em que temos de ter um compromisso, e o *rapper* é um compromisso, não é “viagem”, como dizem. O *rapper* é compromisso; a literatura é compromisso; a arte, como tocar um violino, tocar um violão, cantar, é um compromisso, pois com isso começamos a aprender. Eu sou um cara que era para ter o básico do básico. Por que li os clássicos? Por que li romance alemão, romance europeu? Por que estudei os autores brasileiros? Porque senti a necessidade de não ter só aquilo que o sistema me deu.

Então, é o que aconselho a vocês: querem fazer a diferença? É o que estamos fazendo. Eu estou indo para Berlim daqui a dois dias, a cultura te leva a lugares inimagináveis. Lá em casa havia troca de tiros à noite, enquanto eu estava lendo *Madame Bovary*, e hoje posso passear nos mesmos jardins da França. Li no livro e depois fui conhecer, porque eu estava lá dentro parando a bala com a fala, estava tentando ler, tentando aprender. Então, a escolha é de cada um: quer ter uma vida medíocre, pode ter; quer ter uma vida criativa, vai buscar. Vai aos sebos,

vai aos teatros, vai absorver cultura, vai fazer a diferença na sua vida. Você pode ser um autor de sucesso? Pode ser um bailarino de sucesso? Não, mas menos medíocre do que você é, com certeza, você vai ser.

Crivello/Marava

O grafiteiro está ali, é sinal de que está descontente; está botando o *spray* ali, do que está saindo o inconformismo, porque chega de estar de cabeça abaixada e com os olhos fechados. O negócio é estar na rua, pautar realmente a luta do *hip hop* nas comunidades.

Júlio

Duas questões aqui são importantes: “Acho a arte do grafite lindíssima, mas há o lado feio como em tudo, aquele lado de pichar lugares que gostaríamos que ficassem limpos. Como vocês poderiam trabalhar isso, para diminuir a pichação, ou como todos poderiam ajudar?” “Quer dizer que baile *funk*, com as cachorras e os trens, e releitura da classe dominante, seja ela qual for, para destruir uma comunidade, que perde assim sua autoestima?”

Ferréz

É engraçado que, quando falo do *funk*, às vezes meus parceiros falam: “Ferréz, você não pode falar mal do *funk*. Os caras são pobres que nem nós, estão tentando ganhar dinheiro e tal.” “Está bom, mas minha irmã de dez anos tem que ganhar um filho por causa disso, para ter alguém para ganhar dinheiro?” O *funk* é uma coisa que surgiu dentro das comunidades para ser a voz da

mulher; porém, quando essa voz foi ouvida, foi uma resposta erotizada. O *funk* não teria essa dimensão toda e teria se arrumado, ido para uma letra mais ideológica, falando para as meninas se precaverem e tal, se a mídia não estivesse estimulado. Contudo, a mídia estimulou. Basta ver que a Xuxa mudou o padrão do seu programa e pôs um padrão que tem a ver com *funk*, todo mundo dançando, isso há cinco anos. Então, a imprensa, de uma forma geral, motivou esse *funk* que está aí, que bate no *rapper*. Os dois não se dão, não têm como se dar. E quem está perdendo? O *rapper*, porque o *rapper* não é tão erotizado, não tem um clipe onde as meninas mostram tudo. Portanto, quem perde mais com isso é a periferia, porque acaba sendo vista como carne de primeira em vez de ser vista como uma resposta das mulheres; em segundo lugar, quem perde é o *rapper*, porque a mídia valorizou só o *funk* e deixou o *rapper* de lado. Você acha que a mídia ia atirar na própria testa? Iria levar à imprensa os que falam mal da própria estrutura? Jamais. Por sua vez, *funk* não fala nada. O Mister Castra deu entrevista na semana passada dizendo que tem vinte filhos, e o pessoal da MTV: “Que legal, o cara tem vinte filhos.” Num país como este, quem tem vinte filhos tem de ser amarrado e receber uma surra, para que pague as vinte pensões. Então, não tem como comparar o *funk* com o *rapper*. E nós estamos fazendo o quê? Não estamos maltratando o *funk*; estamos chegando e dando ideias: “Oh, meu irmão, isso aí não vai muito longe, essa coisa de mostrar as mulheres peladas. Você tem que ir para o outro lado.” O *afro reggae*, por exemplo, é cultura africana, é a nossa raiz, diferente de uma coisa erotizada. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, quando

há as feiras de eventos literários ou a escola se prepara para a semana de cultura, as meninas vão dançar axé ou *funk*. Assim, está todo mundo se rendendo e deixando acontecer. Por isso falo do compromisso de não ter de abrir mão da cultura para não misturar as coisas.

Crivello/Marava

Em relação à questão da pichação dos monumentos, estamos com uma campanha em Passo Fundo, “Abaixo a Pichação”, para alertar o pessoal, pois fazemos grafite, mas com autorização, como no muro de uma empresa, de uma casa que o pessoal queira ceder para fazer este projeto. O grafite eleva a arte, valoriza o artista, e com essas autorizações, sim, vamos conseguir o nosso espaço e reconhecimento.

Ferréz

Eu queria também complementar dizendo que para cobrar a pichação nós temos, primeiro, que cobrar também os políticos, porque a pessoa que às vezes fala da pichação é a mesma que deixa o político pôr o nome bem grandão no muro dela, que autoriza para ver se depois ganha algum favor com isso. Então, poluição é poluição. O menino da favela quer também pôr o nome dele na história, mas não tem onde se expressar; então, ele se expressa na rua. Hoje o traço do piche de São Paulo, por exemplo, é um dos melhores do mundo, tanto que vem até japonês estudar o estilo do piche. Então, muitas vezes o que as pessoas chamam de “vandalismo” não é vandalismo, apenas não é feito no lugar certo. Se tivesse o poder público agido de forma certa, deixando as pessoas se expressar, elas não pichariam monumentos,

mas pintariam quadros, fariam grafite numa feira de literatura.

Ferréz

O Máximo Gorki fez um livro chamado *A batalha da vida*, quando trabalhava num cais carregando caixas. Então, é um livro que me emociona bem mais, porque ele estava vivendo aquilo. Isso não quer dizer que ele faz só um relato da vida dele, ele faz uma ficção, mas num momento em que estava vivendo uma fase difícil. Todos sabem que o Fernando Pessoa começou a escrever melhor quando passou pelas adversidades de continuar viajando e ficar doente. O Hermann Hesse passou por uma crise de espiritualidade gigante para poder escrever *Demian* e *Sidarta*. Esses autores parecem ter tirado mais deles depois que passaram por essas crises, mas não quer dizer que só leio o que o autor vive. Literatura é ficção, é claro. Eles são os meus preferidos justamente porque passaram por condições parecidas com a minha. Sobre a revista *Caros Amigos*, tive uma entrevista com seus produtores, que, depois disso, receberam muitas cartas pedindo um texto meu lá. Então, mandei um texto, e eles publicaram; depois, pediram outro, porém falei-lhes que preciso sobreviver também do que eu trabalho, por isso deveria receber pelo texto. Eles toparam pagar, e comecei a escrever para a revista, porque achava que era um meio de comunicação legal. Assim, ganhei um dinheiro para poder comprar minha comida, pois o meu cachê era exatamente o preço das minhas compras. Então, escrevendo para a revista, no começo de 2001 me dei conta de que eu era sozinho na revista como autor de periferia, um autor da quebrada, tanto que as pes-

soas reclamavam: “Pó, Ferréz, tenho que aturar trinta caras xaropes para chegar no seu texto; depois aturo mais vinte caras chatos para chegar no Ardex, que é um texto que dá para entender; depois aturo mais cinco textos para chegar na Marilene, que é um texto que consigo entender também.” Assim, falei: “Já que vocês são um público que veio para a revista por causa de mim, vou bolar uma revista especial, que tenha textos meus e de autores que sejam que nem eu, que estão em periferias.” E comecei a elaborar a revista. Eu falei para a editora da *Caros Amigos*, mas foi alegado que não havia dinheiro. Então, propus pagar a metade, dinheiro que consegui vendendo o carro. O primeiro número saiu em 2001. Começamos a convidar autores de periferia e de várias outras cidades. Então, eu vim aqui para Pelotas e conheci colônias de pescadores da Z3, entre eles dona Laura, que é um talento, uma escritora formidável, com 84 anos de idade, que se alfabetizou aos 79-80 anos por aí, mas escreve muito bem. Ela é uma das autoras que agregamos, porque quando cheguei em Pelotas, ela me disse: “Olha só, vim te ver porque você é literatura marginal que nem eu, eu sou marginalizada. Eu sou mulher numa colônia de pescadores, que os homens não contam.” Então, resolvi pagar a ela e a vários outros autores, lançamos a revista e ganhamos o prêmio da PCA com a primeira, o que foi um enorme desgosto para os outros caras de revista, como da Editora Abril, da Editora Globo, que estavam fazendo revista há dez anos. Então, ganhamos o prêmio, o que nos deu legitimidade para fazer a segunda, com a qual eu perdi o pouco de dinheiro que tinha na poupança; com a terceira consegui perder o meu carro, perder a casa, perder o resto

que tinha. Mas eu lancei a revista e muitos autores novos. Hoje tenho orgulho, porque lançamos 49 autores novos, dos quais pelo menos 41 já têm livros publicados depois que escreveram na revista. Eles não tinham referência, ninguém os considerava de literatura contemporânea ou dos novos autores da geração 90. Agora, estão na literatura periférica ou na literatura marginal. É uma revista de que me orgulho muito por causa disso, embora tenha me falido também, totalmente. Acredito que estamos construindo um templo: um templo para a cultura, um templo para a música; os grafiteiros vão e engrafitam o templo, enquanto os *big boys* dançam na frente e atraem todo tipo de gente. É uma mistura, não tem limite entre a poesia, o *rapper*. Um moleque que mora num barraco de dois por dois ou de um por um, que não tem nada, pega um caderno e escreve uma letra de 11 páginas, depois canta essa letra. Isso é o quê? Nossos antepassados, quinhentos anos atrás, não tinham a escrita, só a fala, coisa oral, de contar histórias. Por isso, as letras do *rapper* são de 15 minutos. Todo moleque de comunidade sabe cantar uma letra inteira, porque ele se identifica com aquilo. É o dom da palavra. A palavra não é uma coisa que tem de ficar numa torre de marfim; a palavra é um pão que eu posso dividir com você, e você, com outro. A literatura é um café com leite, não é um *stroganoff* chiquíssimo; a literatura não é um prato raro, tem de ser dividida, senão não tem sentido. Se não mudarmos a vida do outro com a palavra, não tem sentido. Vai se fazer livro para guardar e ganhar prêmio.

Crivello/Marava

A letra de *rapper* hoje contesta direto, vai no rim do sistema, vai na carne, vai no osso, rói tudo o que está aí, denuncia e mostra realmente a necessidade do povo de periferia, que é o povo mais excluído hoje. A letra de *rapper* transcende tudo o que está aí colocado para nós hoje, vai até a Lua e volta, aponta perspectivas ainda de transformação. A letra de *rapper* transborda, coloca criatividade, autoestima, perseverança; é para quem está a fim de conquistar, de botar a cara para bater, de ter coragem de trilhar um caminho realmente novo.



Da esquerda para a direita: Ignácio de Loyola Brandão, César Augusto A. dos Santos, Juliano Crivello de Oliveira, Alcione Araújo, Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz), Júlio Diniz

COORDENADORES DOS DEBATES



Ignácio de Loyola Brandão

Conhecido internacionalmente, autor de obras traduzidas para várias línguas, como alemão, coreano, inglês e italiano, é premiado no Brasil e em países da Europa. Entre os prêmios conquistados citam-se o prêmio Pedro Nava, da Academia Brasileira de Letras, o da Associação Paulista de Críticos de Arte e o prêmio Jabuti. Um dos escritores mais lidos do país, já lançou cerca de trinta livros, entre romances, contos, crônicas, vários deles adaptados para cinema. Viveu alguns anos na Europa,

foi editor de revistas no Brasil, entre elas a *Vogue*, e hoje escreve semanalmente para *O Estado de São Paulo*. Estreou na ficção em 1965 com *Depois do sol*, livro de contos, no qual já se mostrava um observador curioso da vida, bem como de seus personagens. Entre suas obras infanto-juvenis mais recentes citam-se *O segredo da nuvem* (2006) e *O menino que vendia palavras* (2007). Já seus leitores maiores não se esquecem de *Zero*, prêmio de Melhor Ficção da Fundação Cultural do Distrito Federal, *Veia bailarina*, *O verde violentou o muro*, *O homem que odiava a segunda-feira*, prêmio Jabuti de Melhor Livro de Contos (2000), *Cartas e Não verás país nenhum*.

Alcione Araújo

Mineiro, Alcione Araújo é um dos mais engajados intelectuais do Brasil. Radicado no Rio de Janeiro há mais de trinta anos, é romancista, dramaturgo, roteirista de cinema e televisão, cronista e ensaísta. Sua obra teatral está reunida em três volumes com o título geral de *Teatro de Alcione Araújo*. São 13 peças teatrais, entre elas, *Vagas para moças de fino trato*, *A caravana da ilusão*, *Doce leite* e *Muitos anos de vida* – prêmio Molière de Melhor Autor. Escreveu 14 roteiros cinematográficos de longa-metragem, entre os quais *Nunca fomos tão felizes* (prêmio de Melhor Roteiro nos festivais de Gramado e Brasília). Depois de consagrar-se como autor teatral e roteirista, estreou na literatura em 1998, com *Nem mesmo todo o oceano*. Em 2004 publicou *Urgente é a vida* – prêmio Jabuti de 2005; em 2006, *Escritos na água e Este seu olhar*. Como ensaísta participou, entre outros, dos livros *Os sete pecados do capital*, *Para entender o*

Brasil, Nossa paixão era inventar um novo tempo. Em 2008 publica *Pássaros de vôo curto*. Alcione conquistou também um verbete no prestigiado *Dicionário de Literatura da Língua Portuguesa*, publicado em Portugal, o qual inclui escritores, dramaturgos e filósofos das sete nações de língua portuguesa.

Júlio César Valladão Diniz

Pós-Doutor em Literatura Moderna pela Universidade de Salamanca, Espanha, é professor associado da PUC-Rio, coordenador acadêmico de projetos do Instituto Memória Musical Brasileira. Foi coordenador de pesquisa do *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Escritor, crítico e ensaísta, é também especialista na área de leitura e interface música/literatura/cultura. Tem inúmeros artigos e ensaios publicados em revistas, jornais, trabalhos publicados em anais de congressos e em livros especializados no Brasil e no exterior.





Parte III

Cursos





CURSO 1

O QUE É CULTURA SURDA

Karin Lilian Strobel



É pedagoga e especializada na área de surdez. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, foi professora de surdos por quase 19 anos em Curitiba, onde reside. É diretora regional da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis), no Paraná, órgão sem fins lucrativos, que atua na defesa dos direitos das pessoas surdas. Tem participação ativa em seminários, encontros e cursos na área da cultura surda, com vários artigos publicados em revistas especializadas e em jornais. São de sua autoria *Uma menina chamada Kauana* (1995) e *Aspectos lingüísticos de libras* (1998).

CURSO 2 CURSO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS (DEFICIENTES VISUAIS)

Elisete Lisboa



Professora, mineira, Elisete Lisboa é deficiente visual, mas isso não a impediu de desenvolver-se intelectual e culturalmente. Aos nove anos aprendeu braille e descobriu o mundo da leitura. Estudou inglês, piano e formou-se em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora de português para crianças. São bastante conhecidos seus livros *Quero brinca, Rosa e o galo*, *Que será que a bruxa está lavando?* e *A bruxa mais velha do mundo*, escrito em tinta e em braille.

CURSO 3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Mark Badger



Mark Badger participa ativamente da indústria de histórias em quadrinhos há mais de uma década. Ele já produziu alguns clássicos para a Dark Horse como 'Masque' e 'Hellwalk'. Também já trabalhou em uma grande variedade de títulos para a DC Comics, tais como 'Batman: Run, Riddler, Run' e 'Batman: Jazz' special. Badger também é professor de programação, histórias em quadrinhos e desenvolvimento da Web na Academy of Art University em São Francisco, Califórnia, além de estar envolvido em diversos projetos humanitários.

CURSO 4 COMO FORMAR O LEITOR DO TEXTO TEATRAL

Reinaldo Montero



Cubano, é autor de numerosas obras de teatro, roteiros de cinema, livros de narrativa e de poesia. Participou como jurado em certames nacionais e internacionais, incluindo o Casa de Las Américas. Também ministra palestras, atua em seminários em vários países, como Alemanha, Argentina, Brasil, Bulgária, Canadá, Colômbia, Espanha, Cuba, França, entre outros. Entre as suas obras publicadas destacam-se *Donjuanes* (1986) – prêmio Casa de Las Américas; *Trabajos de amor perdidos* – prêmio Juan Rulfo - 1997; *Misiones* – prêmio de La Crítica - 2001; *Los equívocos morales* – prêmio Castilla-La Mancha - 1992; *Medea* – prêmio Ítalo Calvino - 1996 e prêmio de La Crítica - 1997 e *Fausto* - 2003. No Brasil publicou *Mulheres e As afinidades*. Em junho de 2007, conquistou o prêmio Fray Luis de Leon por sua obra teatral *Liz*, concedido anualmente pelo governo da região de Castilla e Leon com o objetivo de promover a criação literária.

Patrícia F. de Mendonça



Mestra em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-Rio), é graduada em Discipline Delle Arti, Della Musica e Dello Spettacolo, pela Facoltà di Lettere e Filosofia da Universidade de Bolonha, Itália, com ênfase em artes cênicas. De 1993 a 2005, enquanto morou na Europa, principalmente na Itália, estudou com mestres de teatro, dança e canto de vários países ocidentais e orientais, aprofundando seus estudos práticos e teóricos sobre a dramaturgia do ator. Em 1997 encontrou o diretor teatral Eugenio Barba e passa a frequentar regularmente os encontros internacionais promovidos pelo Odin Teatre, como a International School of Teatre Anthropology. A convite de Eugenio Barba, tornou-se sua tradutora oficial, sendo a responsável pela tradução do livro *A terra de cinzas e diamantes*. Atualmente é consultora dramática do GrupoTeatral Moitará, que tem sede no Rio de Janeiro.

CURSO 5 O BRASIL DE TARSO DE CASTRO: A ARTE DA LEITURA & FEITURA DE *O PASQUIM*

Francisco Carlos dos Santos Filho
Mauro Gaglietti



Francisco Carlos dos Santos Filho. É psicólogo, especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialista em terapia de casal e família, mestre em Saúde Mental, professor de Teoria e Técnica de Entrevista, de Psicologia Clínica na Universidade de Passo Fundo, fundador e diretor científico do projeto Associação Científica de Psicanálise.

Mauro Gaglietti. É Doutor em História, professor, pesquisador e autor de vários artigos, ensaios e livros, tais como *PT: as ambivalências de uma militância*, *Envelhecimento humano: saberes e fazeres* (2006), *Ratos de biblioteca: itinerários de leitura*, juntamente com Francisco Carlos dos Santos Filho. É de 2007 a sua obra *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*.

CURSO 6

A FICÇÃO BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Flávio Carneiro



Com pós-doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais, é professor de literatura, crítico literário e escritor. Escreve textos para crianças e jovens, bem como roteiros para cinema. Sua obra *Lalande* (2000), com ilustrações de Rui de Oliveira, conquistou o Altamente Recomendável para o Jovem, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O prêmio Octavio de Farias de Melhor Livro de Contos, pela União Brasileira de Escritores, deve-se à obra *Da matriz ao beco e depois* (1994). Dentre as suas publicações mais recentes citam-se *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI* (2005), sobre a literatura brasileira no século XXI, e a novela policial *A confissão* (2006).

CURSO 7

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E TÉCNICA DO CARTAZ E INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E TÉCNICA DA ILUSTRAÇÃO DE LIVROS

Rui de Oliveira



“Tenho sempre em minha bolsa, ou pasta, um bloco onde anoto e desenho o que no momento me ocorre [...]. Cada página é uma página, cada desenho é só um desenho. Só e coletivo, ao mesmo tempo. O que sempre quis é que eles expressassem unicamente o prazer de desenhar, algo compulsivo em minha vida.” Doutor em Comunicação e Estética do Audiovisual, estudou cinema de animação no estúdio húngaro Pannónia Filn. Trabalhou na Rede Globo e na TV Educativa - RJ. Conquistou 16 prêmios como ilustrador no Brasil e no exterior, entre eles o prêmio Jabuti de Ilustração, com o livro *A bela e a fera*, e o prêmio Noma-Unesco - Japão, com o livro *Manu, a menina que sabia ouvir*, de Michel Ende. Em 2006 foi indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil ao prêmio Hans Christian Andersen, patrocinado pelo International Board Four Young People.

CURSO 8

A FORMAÇÃO DO LEITOR: MÍDIA E SEIS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Bethânia Sampaio Marianira



Com doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, tem experiência na área de linguística, com ênfase em teoria e análise linguística, atua principalmente com temas de análise do discurso, discurso jornalístico-político, ideias linguísticas no Brasil, colonização linguística. Publicou diversos artigos em revistas científicas e capítulos de livros. São de sua autoria, entre outros, *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, *Colonização lingüística: Brasil (séculos XVI a XVIII) e Estados Unidos da América (século XII)*.

CURSO 9

TÓPICOS DE ESTILÍSTICA DISCURSIVA: A DESCRIÇÃO DO ESTILO COMO ÉTHOS, VOZ, TOM DE VOZ E CARÁTER

Norma Discini



Com doutorado pela USP, é professora da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas e professora Titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de letras, com ênfase em língua portuguesa. É autora de importantes pesquisas e obras didáticas, além de ter escrito artigos para revistas especializadas. Também é autora de *O estilo nos textos*, *Comunicação nos textos*, *Intertextualidade* e *Leitura do mundo*, em coautoria com Lúcia Teixeira.

CURSO 10 CURSO AVANÇADO DE MARKETING CULTURAL

Manoel Marcondes Neto



Tem doutorado em Ciência da Comunicação e é consultor de empresas desde 1980, tendo participado dos quadros da Accenture por oito anos, na função de especialista em comunicação e *marketing* para a América Latina. Produtor cultural, empreendeu, com e sem incentivos fiscais, livros, discos e espetáculos de poesia, teatro, dança e música instrumental para organizações públicas, privadas e do terceiro setor. É autor do livro *Marketing cultural: das práticas à teoria* (2005).



Parte IV

Encerramento





Elisa Lucinda



Menino São José

Toda a criança me arrebatava
Toda criança só por me amar
Me arregaça as mangas do amor
E desse amor morro de emoção
Há nisso mais do fato de criança ser igual a flor
Mais do que criança ser da vida a metáfora das coisas
E ser verdadeiro valor
Ver José pousando sobre a casa
As asas dele mudam o episódio lar
Abraço José em todo riso
E mesmo quando não tenho no colo todo o tempo
É vento de criança soprando a casa

Eu fico com as pernas bambas
quando quem me aponta é uma criança
José, Julia, Carolina, Pedro, Antonio, Clara,
José, todas as galáxias de meninos
Porque são só verdades, belas verdades
Límpidas eternidades
Tenho vontade de defendê-las das injustiças
Dos ditos maiores, dos esticados
Que aprisionados querem aprisionar
Por todo e sempre e agora
Toda criança quando chora, eu respondo
O que foi, quem não te tratou direito
Toda criança quando chora
Eu acho que me diz respeito
Quero as palavras delas
Quero as conversas delirantes e sábias
Quero os descobrimentos que trazem
Em sua transparência natural
José voa na casa
E eu pulso no ventre
Como uma grávida perene meu Deus
Todo o filho do mundo é um pouco filho meu
Como me amolece o coração
Barulho, som de grito de infância
No colégio de manhã
Como é para o meu frio, lâ
Uma mãozinha pequenininha dentro da minha
Como dia carregando a noite sem luar
E aquela vizinha sem gastar
Me pedindo com carinho e desamparo
Me leva lá
Não mimem crianças ao invés de amá-las
Para não adoecê-las, para não encurraçá-las
Não usem crianças na minha presença
Tomarei partido delas
Não terão minha parcimônia
Não vou compactuar
Não cunhe nelas a tirania
Que eu vou denunciar
Sou maternal do universo
Mil crianças caminham comigo
Sou árvore cuja semente se chama umbigo

Ai toda criança quando grita, mamãe
Respondo que foi
Acho que é comigo.

Dei um gelo nela

Estava há uma semana vazia
Fazia dias que ela não gelava senão água
Até que choveu na minha conta outro dia
Então sai comprei peixes, aves, lagostas, camarões
Olhei para ela estava cheia
Xuxus sorriam para mim, a quanto tempo diziam
Uvas e beterrabas batiam palminhas do reencontro
Até a galinha morta era feliz por mim
Dormi só pensando em receitas boas
Vocês acreditam que de manhã um
carrasco havia sido pago pelo vala
Ela que não tinha sido totalmente minha
Liguei para a dona
Me humilhei sozinha
Dentro do discurso justo
Digo eu sou artista e por isso inconstante
Na economia
E a dona nada, não cedia
O carrasco ia levar a minha deusa
Minha neve possível
Minha geada de estimação
A hora marcada chorei agarrada aquela Cònsul
Mimada de mais por mim
Tão afetiva, tão adotiva, eu agarrada a ela
Pedia, gemia e ela nada
Ela fria, desligada
Já não me dava nem gelos
Fiquei sem patrimônio, sem preservação de alimentos
Fiquei sem centro a zombar de mim
Até que meu pai me lembrou dos meus bens
A coragem, a beleza, a força, a poesia, as certezas
Coisas que não se encontram em Pontos Frios
Coisas que não são substituíveis por um isopor
Então eu já amanheci pondo os quantros nas jarras
Como se fossem flores
Curei minhas dores sem congelamento

Me virei foi por dentro onde tudo é mantido quente
E vivo tirei tudo de letra e de ouvido
Como quem tira uma música

Uma lembrancinha do tempo

Desde menina a poesia escolheu meu coração
Através de sua inconfundível mão
colheu e o fez se certificando da oportunidade
e da profundidade da ocasião
Como era um coração ainda razo de criança
Que se deixa fácil levar pela mão
Sabia ela que o que era fina superfície clara
Até então, seria um dia um fundo misterioso do porão
Desde menina a poesia fala ao meu coração
E escuto sua prosa, quase tudo em verso
Escuto como se eu fosse ainda miúda
E depois, só depois é que eu dou a minha opinião
Desconfio que minha mãe me entregou a ela
A suspeita, a desconfiança, pode ter sido um fato
Se a mão materna que já aos onze me
levou a aula de declamação
Não foi de minha memória uma delicada ilusão
Desde pirralha e sapeca a poesia
esperta me chama ao quintal
Me seqüestra, apontando o meu olho crepúsculo
Fazendo-me reparar dentro da paisagem graúda
Um sutil detalhe do minúsculo
Distingue para mim a figura do seu fundo
O retrato de sua moldura
E meu deu muito cedo a loucura de
amar as tardes com devoção
Talvez por isso eu me entrelace, eu me
embarace, eu me abraçe desesperada
As saias dos acontecimentos
Almejando detê-los em mim
Querendo fixá-los, porque eu sei que passarão
A poesia em que desde sempre, desde quando analfabeta
Das letras ainda eu era me freqüenta
Faz com que eu escreva
Para trazer a lembrança de cada instante
Assim desse modo até hoje ela me tenta

E se tornou um jeito, um modo de eu fazer durar o durante
De eu esticar o enquanto da vida e
fazer perdurar o seu momento
Desse encontro eu trago um verso como um chaveirinho
Trazido de um passeio a uma praia turística
Um postal vindo de um museu renascentista
Um artesanato de uma bucólica viva
Uma fotografia gótica de uma arquitetura de convento
Uma xicrinha, um pratinho com a data e o
nome do estado daquele sentimento
Ah é isso a poesia, meus amigos, um souvenir moderno
Quer dizer uma lembrancinha moderna,
uma lembrancinha eterna do tempo.

A fúria da beleza

Estupidamente bela
a beleza dessa maria-sem-vergonha rosa
soca meu peito essa manhã!
Estupidamente funda,
a beleza, quando é linda demais,
dá uma imagem feita só de sensações,
de modo que, apesar de não se ter a consciência desse todo,
naquele instante não nos falta nada.
É um pá. Um tapa. Um golpe.
Um bote que nos paralisa, organiza,
dispersa, conecta e completa!
Estonteantemente linda
a beleza doeu profundo no peito essa manhã.
Doeu tanto que eu dei de chorar,
por causa de uma flor comum e misteriosa do caminho.
Uma delicada flor ordinária,
brotada da trivialidade do maro,
nascida do varejo da natureza,
me deu espanto!
Me tirou a roupa, o rumo, o prumo
e me pôs a mesa...
é a porrada da beleza
Eu dei de chorar de uma alegria funda,
quase tristeza.
Acontece às vezes e não avisa.
A coisa estarrece e abre-se um portal.

É uma dobradura do real, uma dimensão dele,
uma mágica à queima-roupa sem truque nenhum.
Porque é real.
Dou a flor em mim tanto e com tanta força
que eu dei de soluçar
O esplendor do que vi era pancada,
era baque e era bonito demais!
Penso, às vezes, que vivo para esse momento
indefinível, sagrado, material, cósmico,
quase molecular.
Posto que é mistério,
descrevê-lo exato perambula ermo
dentro da palavra impronunciável.
Sei que é dessa flechada de luz
que nasce o acontecimento poético.
Poesia é quando a iluminação zureta,
bela e furiosa desse espanto
se transforma em palavra!
A florzinha distraída
existindo singela na rua paralelepípeda esta manhã,
doeu profundo como se passasse do ponto.
Como aquele ponto de gozo,
como aquele ápice do prazer
que a gente pensa que vai até morrer!
Como aquele máximo indivisível,
que, de tão bom, é bom de doer,
aquele momento em que a gente pede pára
querendo e não podendo mais querer,
porque mais do que aquilo
não se agüenta mais,
sabe como é
Violenta, às vezes, de tão bela, a beleza é.

Só de sacanagem

Meu coração está aos pulos.
Quantas vezes minha esperança será posta
à prova? Tudo isso que está aí no ar: malas,
cuecas que voam entupidas de dinheiro.
Do meu dinheiro, do nosso dinheiro. Que reservamos
duramente para educar os meninos mais pobres que nós.
Para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus pais.
Esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade e eu não
posso mais.
Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais? É certo
que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o aprendiz.
Mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros venha a
Quebrar no nosso nariz.
Meu coração tá no escuro. A luz é simples, regada
ao conselho simples de meu pai, minha mãe, minha
avó E dos justos que os precederam: Não roubarás.
Devolva o lápis do coleguinha. Esse apontador não é
seu, minha filha. Pois bem, se mexeram comigo, Com
a velha e fiel fé do meu povo sofrido. Então agora
eu vou sacanear: mais honesta ainda vou ficar!
Só de sacanagem. Dirão: Deixa de ser boba, desde Cabral
que aqui todo o mundo rouba E eu vou dizer: Não importa,
será esse o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez.
Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos. Vamos pagar
limpo a quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês.
Com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau.
Dirão: é inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde o
primeiro homem que veio de Portugal. E eu direi: Não
admito, minha esperança é imortal. E eu repito: Ouviram?
imortal
Sei que não dá para mudar o começo. Mas, se a
gente quiser, Vai dar para mudar o final!

Revolução a passos fundos

Elisa Lucinda

Acabo de chegar duma lona de circo, cinco mil pessoas ouvindo a palavra, gritos, torpor. Estamos no Rio Grande do Sul e o frio aqui é papo de gente grande. No entanto, uma magia poderosa e revolucionária aquece e enriquece o interior desse estado de modo a dar inveja a muitas grandes capitais por aí. É a festa da literatura, aqui. A palavra não fica presa às estantes eternamente ou enredada em ambientes pretensiosos e excludentes. Não. A arte mágica de criar realidades, a poderosa força da escrita de várias culturas nacionais e internacionais fica sendo moradora de Passo Fundo. A escrita do mundo habita os bares, os comércios, você vai numa farmácia e lê um verso de Marina Colasanti, um trecho do Mia Couto, uma beleza de Antônio Skármeta. Há poesia dentro dos coletivos, nas paredes das paradas, num ônibus-biblioteca especial chamado Fabuloso, que vai a todos os lugarejos desembarcando em praças com uma vida nova dentro de milhões de páginas. Sem contar que seis meses antes da grande festa, toda a população daqui, de entorno, lê as obras dos visitantes-escritores que vão chegar. Ônibus vêm das cidades vizinhas onde muitas vezes não há cinema, nem teatro, entupidos de crianças cada uma de uma escola como times, professores do ensino fundamental e universitários, estudantes de letras, tudo pulsa em torno da palavra, ta tudo dominado! De modo a não ser segredo para ninguém que a revolução que aguarda o Brasil é educacional. Aquele espetáculo, fervente das cinco mil pessoas aplaudindo o pensamento de todos nós da mesa, dando gritinhos e assobios de

contentamento aos pés da poesia, me remeteu à jornada íntima de minha vida que me fez e me faz voar até aqui nas asas da poesia.

Lembro de eu gostar de palavra. Desde pequena era como um brinquedo pra mim. A partir daí uma seta cruza o tempo e o motor é dela, e o avião é dela, e a vela é dela, o barco, o trem. 21 anos de Rio de Janeiro e no desenho vejo seu amadrinamento de mim, o modo requintado e muito simples com que pousou como um pássaro na janela do meu olhar e me expôs às mais duras provas sob a sua guarda. Salas de aula, bares, teatros, recitais, livros feitos em casa e, à mão, primeiro em pequena escala, mas sempre dela é que veio meu pão. A poesia é um ato de compaixão, uma declaração de amor de um homem para o outro. A humanidade respira no verso do outro, no verso do irmão. Tiro por mim: como divindades feitas de puro verbo, quantos Quintanas já salvaram meu peito? Quantas vezes já rezei Adélia, Bandeira, Drummond? Quantas vezes não morri porque garrei na mão de Manoel de Barros? Dormi no colo de Cecília, não me perdi por pertencer ao rebanho de Caetano e aprendi com a angústia como uma Clarice. É bom ter poema para cada ocasião, é mágico como um oráculo, a mesma poesia num outro dia ganha outro sentido, por isso nunca se acaba de ler um livro de poema, é leitura infinita.

São milhões de identidades e emoções cujos personagens somos nós autores-poetas e toda a humanidade que representamos e a qual damos voz. Quando dei por mim, de tanto escolher a poesia percebi que ela tinha me escolhido também; é professora de minha atriz, responsável por mim nas telenovelas, cinema, teatro, em-

presas, escolas, palestras e festas. É meu pistolão, faz *lobby* pra mim e eu sou empresário dela. A Escola Lucinda de Poesia viva já está no Espírito Santo a ensinar os professores a fazer da poesia aula, show.

Uma menina me pergunta, naquele circo vivo de arte, se eu vou me inspirar e registrar de algum modo a Jornada. Me vejo nela.

Vou, eu disse, sem saber que aquela Jornada revolucionária é o motivo da minha revolução. Obrigado Passo Fundo, um beijo.

Mário Pirata



Por onde voam os dinossauros
Subtítulo Alcione, é como se forma um poeta palhaço,
um palhaço poeta

Lição número um, falar menos do que sentir, falar menos com a razão, sentir menos com o coração

Substrato básico, deem uma chance ao mundo, acreditando nos versos do poema e tirem do coração um beijo para quem pensa que a alma é pequena. Deem uma chance à paz, mas não esqueçam a arte de guerrear, pois a vida anda distraída como os ginacos dessa canção. Deem uma chance ao silêncio e tenham mais paciência com as crian-

ças que brincam nas ruas e querem apenas a lição do vento. Deem uma chance para mim, que guardo o tricô da minha avó e as histórias reinventadas na bengala mágica do meu avô.

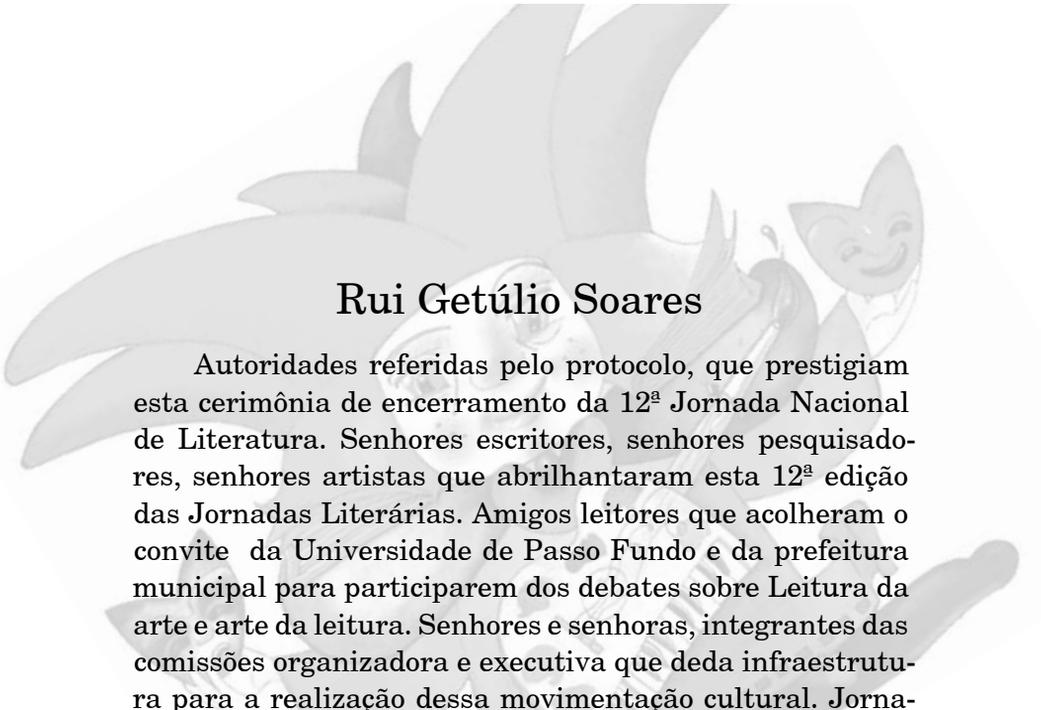
Substrato número dois, hay kay para o terceiro mundo. Criança dormindo na rua, quem finge que não vê, acaba não vendo que finge. Acaba não vendo que finge. Meninos mexendo na lata da fome, meninos mexendo na fome do lixo, meninos mexendo no lixo da lata, meninos mexendo na lata do lixo.

Substrato número três, estamos chegando ao final, aí eu vou pedir a ajuda da Elisa, para eternizarmos, para poder contracenar pela segunda vez contigo.

É assim quer ver, bem fácil. (canta) “Sol, no meio-dia, não tem comida tem barriga vazia”. Agora é assim, vocês certamente lembrarão: “um, dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato”. É assim pedagogia contemporânea. A gente fala e vocês repetem. Vamos lá: um dois, feijão com arroz, três, quatro, filé no prato, cinco, seis, frango xadrez, sete oito lata de biscoito, nove dez, comer pastéis. Agora é assim. “Cem, duzentas, trezentas mil quantas crianças com fome no Brasil, sem que estejam lançados os dados do imaginário, todo e qualquer sistema político, todo e qualquer evento, todo e qualquer momento é ineficiente e precário. Alegria é nosso salário. O nome dela é Elisa e o meu nome é Mário.”



Mário Pirata e Elisa Lucinda



Rui Getúlio Soares

Autoridades referidas pelo protocolo, que prestigiam esta cerimônia de encerramento da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Senhores escritores, senhores pesquisadores, senhores artistas que abrilhantaram esta 12ª edição das Jornadas Literárias. Amigos leitores que acolheram o convite da Universidade de Passo Fundo e da prefeitura municipal para participarem dos debates sobre Leitura da arte e arte da leitura. Senhores e senhoras, integrantes das comissões organizadora e executiva que dedica infraestrutura para a realização dessa movimentação cultural. Jornadetes, editores, imprensa em geral, tão comprometida com a divulgação deste evento, desde o período de preparação durante a realização da 12ª Jornada e de seus resultados.

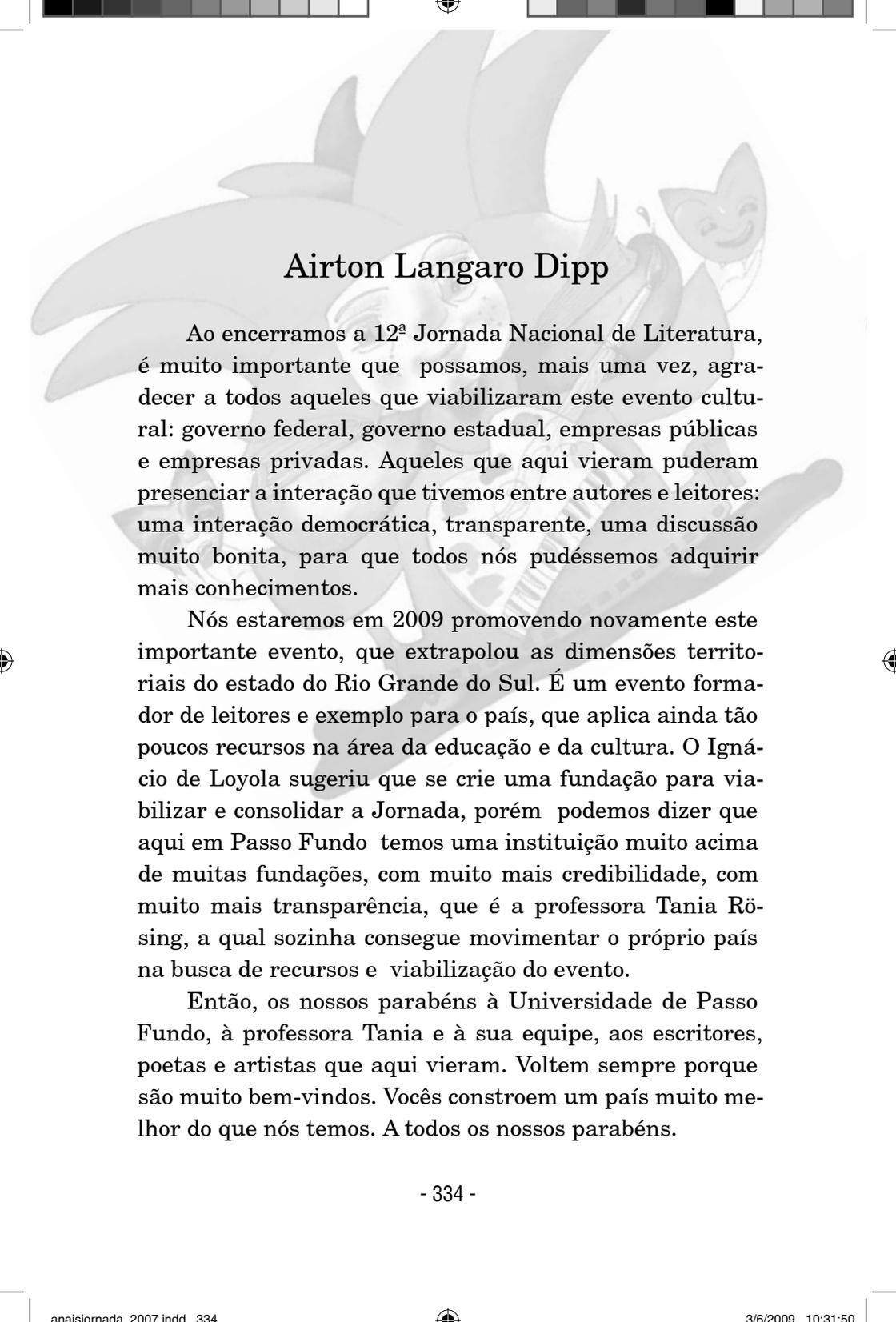
Durante quatro dias e uma noite inesquecíveis construímos mais uma etapa da história das Jornadas Literárias promovidas pela Universidade de Passo Fundo e pela prefeitura municipal. Estamos todos muito felizes, embora o cansaço comece a marcar as fisionomias. Agradecemos a participação de todos os senhores e senhoras, agradecemos a confiança que depositaram na qualidade da extensa programação que constituiu a 12ª Jornada Nacional de Literatura. Todos puderam perceber e vivenciar a diferença entre um evento e uma movimentação cultural, com desdobramentos significativos nas escolas, nas universidades, entre professores e alunos, nas publicações da UPF Editora, resultantes de pesquisas nas mais diferentes áreas do conhecimento ligadas aos objetivos das Jornadas Literárias, que se realizam plenamente há 26 anos, na apreciação das exposições que compuseram o grande painel da variedade

de linguagens, na expressão do cotidiano, na abrangência dos participantes pertencente a diferentes faixas etárias.

Esperamos tê-los conosco em 2009, por ocasião da 13ª Jornada Nacional de Literatura. Retornem a suas cidades na certeza de que foram tocados pelos debates aqui desenvolvidos e estimulados a promover transformações em suas comunidades na perspectiva de construir um país melhor para todos. A presença e a participação de todos contribuíram para que todos entendam por que fomos agraciados com a lei federal que transforma Passo Fundo na Capital Nacional de Literatura.

Estamos felizes, o momento é de agradecimento aos patrocinadores, aos apoiadores, que viabilizaram financeiramente a realização de mais uma edição das Jornadas. Desejamos contar com todos os senhores em 2009. Estamos juntos construindo uma história diferente, consistente e inovadora. Agradecemos aos escritores, aos pesquisadores, aos artistas, que acolheram o nosso convite para ampliarem o brilho dessa Jornada, vindo de diferentes países e distintas regiões brasileiras, suas honrosas presenças e singulares participações, nos diferentes segmentos propostos foram muito significativas.

Agradecemos ao governo federal e ao governo estadual através da Lei de Incentivo à Cultura, estadual e federal; também, especialmente, o nosso agradecimento à comissão organizadora e à comissão executiva. Continuem com esse fôlego, com essa garra no processo de formação de leitores, continuem apoiando todos os passos dessa trajetória exitosa. O trabalho de todos os senhores é referência nacional e internacional. A trajetória ininterrupta de 26 anos dedicados à organização das Jornadas Literárias e seus desdobramentos é a prova desse esforço. Uma boa viagem de retorno, voltem sempre à Capital Nacional de Literatura. Muito obrigado.

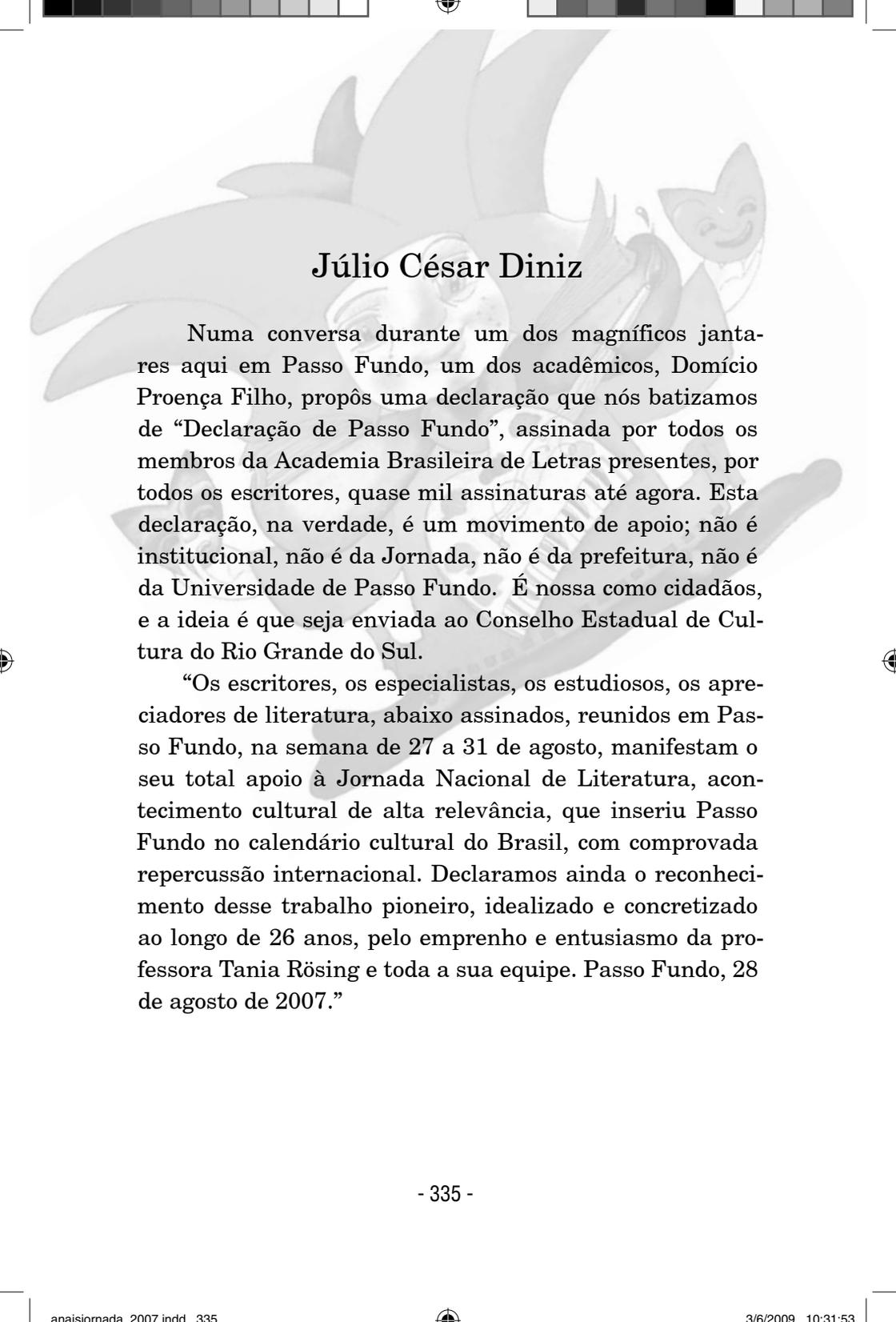


Airton Langaro Dipp

Ao encerramos a 12^a Jornada Nacional de Literatura, é muito importante que possamos, mais uma vez, agradecer a todos aqueles que viabilizaram este evento cultural: governo federal, governo estadual, empresas públicas e empresas privadas. Aqueles que aqui vieram puderam presenciar a interação que tivemos entre autores e leitores: uma interação democrática, transparente, uma discussão muito bonita, para que todos nós pudéssemos adquirir mais conhecimentos.

Nós estaremos em 2009 promovendo novamente este importante evento, que extrapolou as dimensões territoriais do estado do Rio Grande do Sul. É um evento formador de leitores e exemplo para o país, que aplica ainda tão poucos recursos na área da educação e da cultura. O Ignácio de Loyola sugeriu que se crie uma fundação para viabilizar e consolidar a Jornada, porém podemos dizer que aqui em Passo Fundo temos uma instituição muito acima de muitas fundações, com muito mais credibilidade, com muito mais transparência, que é a professora Tania Rössing, a qual sozinha consegue movimentar o próprio país na busca de recursos e viabilização do evento.

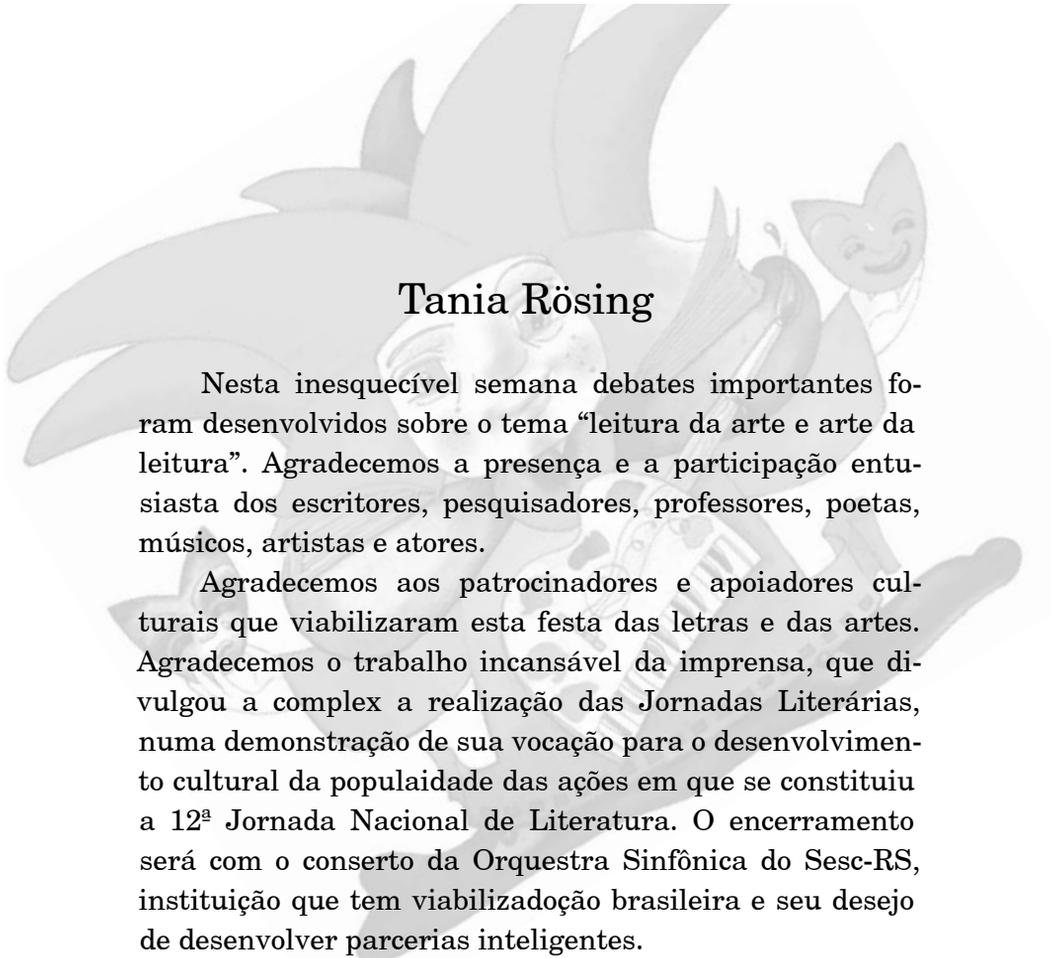
Então, os nossos parabéns à Universidade de Passo Fundo, à professora Tania e à sua equipe, aos escritores, poetas e artistas que aqui vieram. Voltem sempre porque são muito bem-vindos. Vocês constroem um país muito melhor do que nós temos. A todos os nossos parabéns.



Júlio César Diniz

Numa conversa durante um dos magníficos jantares aqui em Passo Fundo, um dos acadêmicos, Domício Proença Filho, propôs uma declaração que nós batizamos de “Declaração de Passo Fundo”, assinada por todos os membros da Academia Brasileira de Letras presentes, por todos os escritores, quase mil assinaturas até agora. Esta declaração, na verdade, é um movimento de apoio; não é institucional, não é da Jornada, não é da prefeitura, não é da Universidade de Passo Fundo. É nossa como cidadãos, e a ideia é que seja enviada ao Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul.

“Os escritores, os especialistas, os estudiosos, os apreciadores de literatura, abaixo assinados, reunidos em Passo Fundo, na semana de 27 a 31 de agosto, manifestam o seu total apoio à Jornada Nacional de Literatura, acontecimento cultural de alta relevância, que inseriu Passo Fundo no calendário cultural do Brasil, com comprovada repercussão internacional. Declaramos ainda o reconhecimento desse trabalho pioneiro, idealizado e concretizado ao longo de 26 anos, pelo empenho e entusiasmo da professora Tania Rösing e toda a sua equipe. Passo Fundo, 28 de agosto de 2007.”



Tania Rösing

Nesta inesquecível semana debates importantes foram desenvolvidos sobre o tema “leitura da arte e arte da leitura”. Agradecemos a presença e a participação entusiasta dos escritores, pesquisadores, professores, poetas, músicos, artistas e atores.

Agradecemos aos patrocinadores e apoiadores culturais que viabilizaram esta festa das letras e das artes. Agradecemos o trabalho incansável da imprensa, que divulgou a complexa realização das Jornadas Literárias, numa demonstração de sua vocação para o desenvolvimento cultural da população das ações em que se constituiu a 12ª Jornada Nacional de Literatura. O encerramento será com o concerto da Orquestra Sinfônica do Sesc-RS, instituição que tem viabilização brasileira e seu desejo de desenvolver parcerias inteligentes.

Obrigada, pelo carinho. Não fossem vocês, não estaríamos, toda a comissão organizadora, interinstitucional, trabalhando por mais de um ano e meio para chegar a esse momento. Foi uma semana belíssima, uma semana abundante, plena de magia e de energia. Nós todos aqui colocamos os nossos corações a serviço da arte, por isso foi uma semana diferente nas nossas vidas. Queremos agradecer a todos – empresários, editores, apoiadores culturais, escritores, artistas, poetas, contadores de história, autoridades que nos apoiaram –, mas, especialmente, a vocês leitores, a vocês professores. Se não forem vocês e nós esse Brasil

não terá mais leitores. Certamente, ainda teremos alguns obstáculos, mas fica a certeza de que em 2009 estaremos todos aqui de novo, com mais força, com mais arte, com mais cultura. Muito obrigada e até 2009.



Público no encerramento



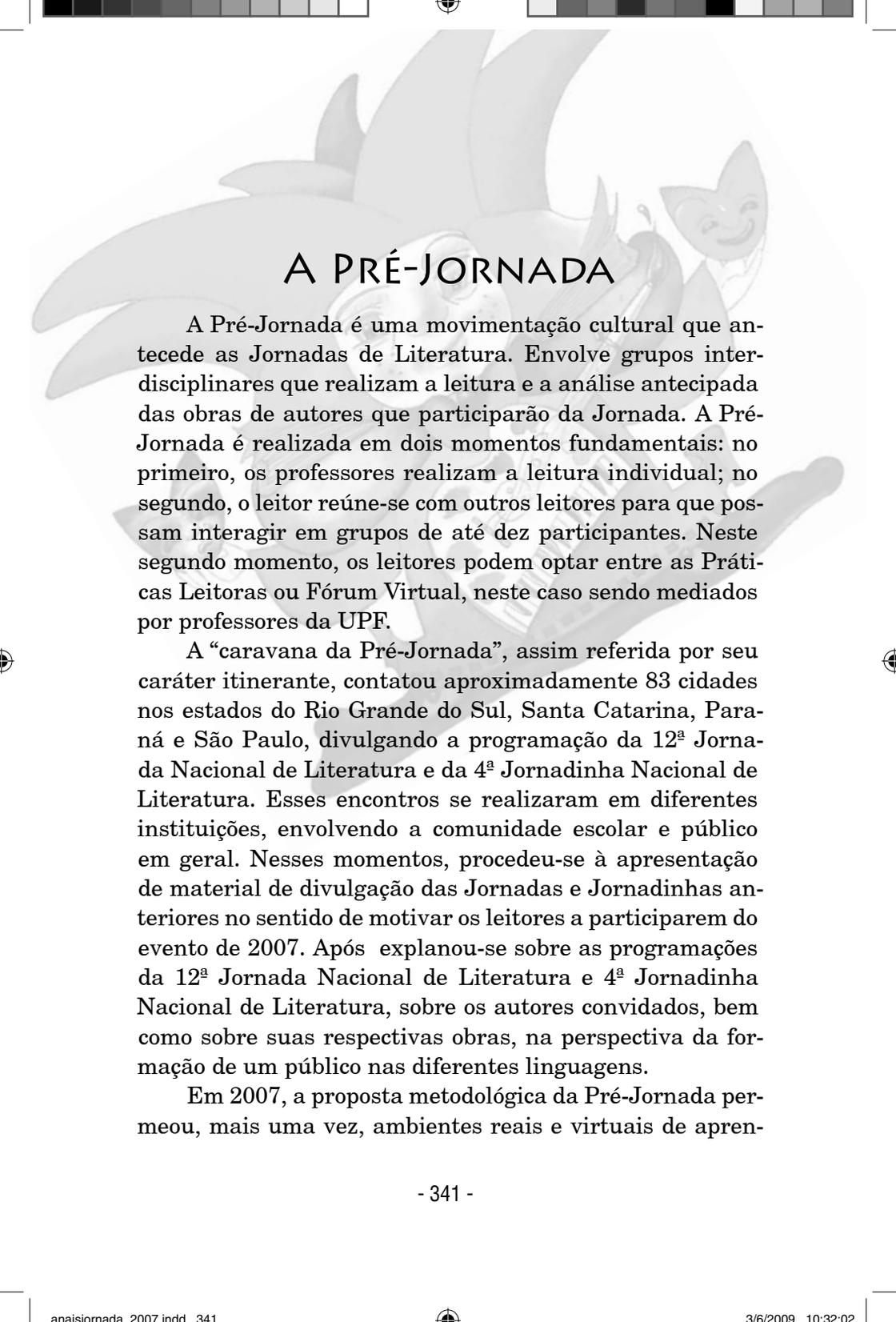


Parte V

Registro fotográfico







A PRÉ-JORNADA

A Pré-Jornada é uma movimentação cultural que antecede as Jornadas de Literatura. Envolve grupos interdisciplinares que realizam a leitura e a análise antecipada das obras de autores que participarão da Jornada. A Pré-Jornada é realizada em dois momentos fundamentais: no primeiro, os professores realizam a leitura individual; no segundo, o leitor reúne-se com outros leitores para que possam interagir em grupos de até dez participantes. Neste segundo momento, os leitores podem optar entre as Práticas Leitoras ou Fórum Virtual, neste caso sendo mediados por professores da UPF.

A “caravana da Pré-Jornada”, assim referida por seu caráter itinerante, contactou aproximadamente 83 cidades nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, divulgando a programação da 12ª Jornada Nacional de Literatura e da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura. Esses encontros se realizaram em diferentes instituições, envolvendo a comunidade escolar e público em geral. Nesses momentos, procedeu-se à apresentação de material de divulgação das Jornadas e Jornadinhas anteriores no sentido de motivar os leitores a participarem do evento de 2007. Após explanou-se sobre as programações da 12ª Jornada Nacional de Literatura e 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, sobre os autores convidados, bem como sobre suas respectivas obras, na perspectiva da formação de um público nas diferentes linguagens.

Em 2007, a proposta metodológica da Pré-Jornada permeou, mais uma vez, ambientes reais e virtuais de apren-

dizagem com as práticas leitoras e o fórum, mediado pelos professores dos cursos de Letras (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), Jornalismo e Artes Visuais da UPF.

Com um trabalho permanente de acompanhamento às Pré-Jornadas e ao fórum, além do envio de material de divulgação e outras orientações, possibilitou-se a troca de conhecimentos e de experiências, preparando e motivando os participantes da Jornada de Literatura para interagir com os escritores convidados e com as diversas linguagens propostas pelas Jornadas Literárias.



Atividades desenvolvidas com professores na Pré-Jornada



Atividades desenvolvidas com professores na Pré-Jornada



FESTERÊ LITERÁRIO

Constitui-se num movimento cultural que prepara a comunidade passo-fundense e regional para a realização das Jornadas de Literatura. Em 2007, o Festerê Literário aconteceu entre 4 e 18 de agosto, em vários espaços, tais como nos shoppings Bella Cittá e Bourbon, ônibus Coleurb, praças e ruas principais da cidade.

A comunidade pode assistir a diversas atividades culturais, tais como apresentação de grupos de dança, grupos de poesia, de teatro, grupos de música, desfile de modas, exposições de trabalhos de alunos, arte nos muros, entre outros. Além do trabalho de sensibilização de toda a comunidade, o Festerê Literário divulga a programação paralela e gratuita da Jornada Literária, que a cada ano amplia o leque de opções para o público, inscrito ou não. Em 2007 as atividades paralelas trouxeram como atrações exposições diversas, feira do livro, conferências, mostras fílmicas, fotográficas, espetáculos musicais e teatrais, conversas paralelas com escritores desta 12^a edição.



Apresentação de poesia e música nos ônibus, Grupo Viramundos



Exposição dos trabalhos de Pré-Jornadinha no Bourbon Shopping Passo Fundo



Apresentação do grupo Suzuki de violino da UPF



Desfile de moda e arte na rua Moron, Passo Fundo

SESSÕES DE AUTÓGRAFOS



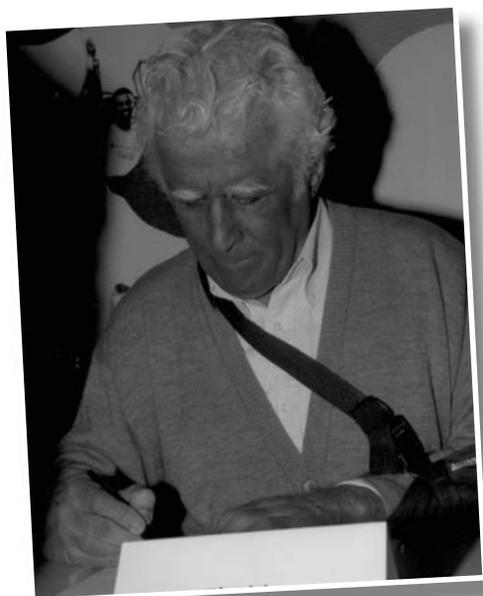
Lya Luft



Nilma Lacerda



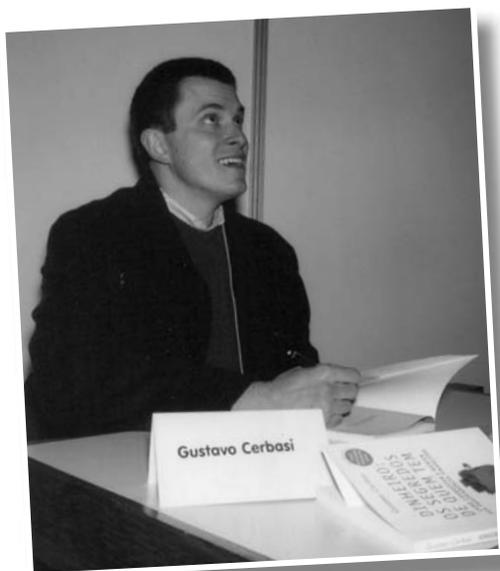
Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant'Ana



Ziraldo



Luiz Ruffato



Gustavo Cerbari



Milton Hatoum (à dir.)



Fabiano Tadeu Grazioli



Francisco Carlos dos Santos Filho, Doris M. Wittmann dos Santos e Mauro Gaglietti



Dionísio Jacob

PROJETO ARTE NO MURO





Verceli de Freitas Filho, Lambe-Lambe

CONFERÊNCIAS



Da esquerda para a direita: Tania Rösing, Luiz Eduardo Dikesch, Edemilson Brandão e Ronaldo Fraga – “O uso da linguagem artística como adereço do vestuário”



Gustavo Cerbasi, Roseli Bosquini, presidente da Câmara Brasileira de Letras – “Como conquistar e manter sua independência financeira”



Da esquerda para a direita: Gilson Grazziotin, Nino Machado, Nelson Germano Beck e César Augusto de Andrade Peixoto - Sesi – “A arte do varejo: o pulo do gado está na venda”



Da esquerda para a direita: Marcos Montoia, Luiza Helena Trajano e Nelson Germano Beck – “Ética e liderança: condição para o sucesso nas vendas”

CONVERSAS PARALELAS



Sergio Capparelli



Nelson Motta



Mariana Ianelli

ESPETÁCULOS



Peça Till, Grupo Viramundos



Peça Till, Grupo Viramundos



Show de Oswaldir e Carlos Magrão



Grupo de música brasileira da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF



Apresentação de Alegre Corrêa



Apresentação do violino núcleo Suzuki da UPF



Show Os Invasores, poesia ao pé do ouvido



Julio Adrião, *A descoberta das Américas*



Apresentação do Coral da UPF



Grupo Afro Reggae, Show *Afro lata*



Orquestra Sinfônica do Sesc - RS



Café Filosófico – Palestra com Ignácio de Loyola Brandão –
Centro de Eventos - UPF



Da esquerda para a direita: Washington Novaes, Ignácio de
Loyola Brandão e Henrique Lian, gerente da RGE



Rodacine – Patrocínio da RGE

EXPOSIÇÕES



Rui de Oliveira, "30 anos de ilustrações de livros"



História de Passo Fundo no olhar de Deoclides Czamanski



"Roupa é letra", Ronaldo Fraga



Cidades imaginadas de Erico Verissimo



“Ler é para cima”, Editora Projeto



Salamanca do Jarau, Sesc



Contido e não contido, exposição de Miriam Quaresma



Alunos do curso de Artes Visuais, professor Adilson Mesquita



Exposição Pré-Jornadinha



Uso da internet na Jornada

PATROCINADORES



ÁREA EXTERNA



Área externa do Circo da Cultura





Parte VI

Registros da imprensa





Autor era um dos mais esperados

Ziraldo apresenta o livro sobre meninas

As crianças que participam da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura ficaram mais felizes nessa quarta-feira, com a chegada de um dos autores mais aguardados no evento. O escritor e cartunista Ziraldo Alves Pinto chegou à Passo Fundo às 9h. Os pequenos fãs aproveitaram para assediar o escritor que apresentou, no palco do Circo da Cultura, sua obra mais recente: "Menina das estrelas". Explicou que este é o seu primeiro livro que fala de meninas.

Ziraldo disse que já tem um novo livro planejado, a ser lançado no ano que vem. Segundo ele, esta história surgiu numa viagem que fez a Vitória, capital do Espírito Santo, quando, em uma visita a uma escola, foi questionado por uma menina por ter dado nomes de garotos a todos os planetas no seu livro "Menino da Lua". Ziraldo respondeu então que, como havia nascido menino, não entendia muito de meninas. A garotinha argumentou, no entanto, que não era nada daquilo. Na verdade, acrescentou a pequena leitora, os meninos eram os planetas e as meninas, as estrelas.

REPRODUÇÃO/CP



Buflão é o mascote da 12ª Jornada

Exposição mostra a obra de Rui Oliveira

O ilustrador Rui de Oliveira, criador do mascote da 12ª Jornada Nacional de Literatura, o Buflão, é o grande homenageado deste ano em Passo Fundo. Conhecido por seu estilo refinado, um traço versátil que valoriza os detalhes e mestre na exploração de contrastes, Rui é realmente uma pessoa visual, pouco dado a conversas. Tanto que se recusou a falar durante debate ao qual foi convidado a participar.

Rui de Oliveira disse que não usa o computador, pois compromete o traço, a elaboração do espaço e das cores. "vulgarizando a ilustração". Ele já ilustrou 120 livros e fez aproximadamente 400 capas para as principais editoras de literatura infanti-juvenil do Brasil. Um conjunto delas está à mostra em Passo Fundo, na exposição "Rui de Oliveira - 30 anos de ilustração de livros".

12ª JORNADA DE LITERATURA

Pintando e bordando

Alunos do curso Superior de Tecnologia em Produção do Vestuário criam 16 looks em preparação à Jornada Nacional de Literatura, homenageando Ronaldo Fraga. Desfile foi ontem à noite.

Usar as diversas artes em uma só. Este foi o desafio proposto pela equipe de coordenação da 12ª Jornada Nacional de Literatura aos alunos do curso Superior de Tecnologia em Produção do Vestuário da Universidade de Passo Fundo. Os acadêmicos aceitaram o convite para produzir 16 looks completos inspirados no tema da Jornada, "Leitura da arte & Arte da leitura", em homenagem ao estilista Ronaldo Fraga, que integra a programação da movimentação cultural, com início neste dia 27.

Os cortes, costuras e bordados darão forma aos tecidos que representarão várias artes em uma só, pelo visó da moda. O resultado pode ser conferido ontem à noite no desfile organizado pelas estudantes, onde foram apresentadas as criações. Na oportunidade também aconteceu a palestra com o estilista Ronaldo Fraga, com o tema "O uso da linguagem artística como adereço do vestuário".

► O processo de criação

A coordenadora da 12ª Jornada, Tania Rösing, justifica a presença de Ronaldo Fraga pelo estilista possuir coleções em que usa textos literários de Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Para a produção das roupas foram selecionadas manifestações culturais de poesia, teatro, música, circo e pintura. A partir de cada tópico, os alunos fizeram pesquisas em busca de referências para as criações. "To-



Alunos do curso de Produção e Vestuário confeccionaram peças exclusivas para o desfile

dos os trabalhos foram apresentadas para a coordenação da Jornada", disse a professora Cícera Lago, que coordena o processo de desenvolvimento das criações.

► Peças

Entre os looks selecionados está uma peça alusiva ao poema "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias. "Na composição aparece versos da poesia de Gonçalves Dias. O tema delas foi inspirado na obra 'Carteiro', de Van Gogh, e entre os materiais utilizados em

seu confeção estão cerca de 300 envelopes que serão aderidos à camada do vestido", revelou ela. O aluno do 4º nível do curso, Alex Fernando Girardi, integrante do grupo que teve um trabalho inspirado na obra de Van Gogh selecionado, destacou a importância de poder participar de uma manifestação cultural das propostas da Jornada. "Essa é uma oportunidade muito importante de mostrar as nossas criações e também o nosso curso", completou. "As peças darão destaque às suas inspirações, mostrando-as de forma mais explícita, já que foram produzidas para serem concebidas. Peças que não são usadas, mas que são adequadas na criação de pe-

► Objetivo

Na opinião da coordenadora da atividade, professora Cícera, a participação na Jornada não só valorizará o trabalho do aluno, como também servirá para dimi-

nuir antigos estereótipos. "Nós queremos incluir a ideia de que a moda é fiável, já que ela está ligada às outras artes e mostra tanto a personalidade de seu criador quanto a da pessoa que a está usando", lembra. Para a confecção das peças foram utilizados diversos materiais, entre eles cetim, pedrarias, flores, aplicações e veludo. Cada etapa conta com supervisão dos professores da área, desde a criação, passando pela modelagem, corte, costura e finalizações. Colaboraram as professoras Dalciêta Arauz, Daniela Sterni, Gévia Frizon, além do professor e coordenador do curso de Produção do Vestuário, Luiz Eduardo Diksch.

Decisão judicial não chega ao Conselho de Cultura

O presidente da entidade, Gilberto Herschdorfer, diz que só vai se manifestar depois que receber informação oficial sobre o pedido de liminar da Fundação UPF. Conselho nomeou novo relator, mas não vai divulgar o nome para que ele não receba pressões.

O silêncio foi adotado ontem pelas duas partes, de um lado organizadores e assessores jurídicos da Jornada de Literatura. De outro, Conselho Estadual de Cultura. Ao final da tarde de ontem o Conselho não havia recebido informação oficial relativa à liminar da justiça determinando o julgamento do recurso da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Segundo o presidente da entidade, Gilberto Herschdorfer, nenhuma oficial de justiça foi até o órgão. Ele afirma que permaneceu no local o dia todo. Já a assessoria jurídica da Fundação UPF,

produtora cultural das jornadas literárias informou que o oficial de justiça não encontrou o presidente do Conselho e por isso não pôde entregar a decisão.

Hoje será realizada sessão do Conselho. "Não posso fazer nenhuma colocação antes de ser informado da decisão. A única afirmação a fazer é que o processo da Jornada de Literatura foi redirecionada para outro conselho, que não é um dos indicados pelo governo estadual para que não receba pressões", disse. A liminar foi pedida pela Fundação Universidade de

Passo Fundo, promotora cultural do evento e concedida pelo juiz Fernando Carlos Timm Diniz, da 1ª Vara da Fazenda Pública de Porto Alegre. Ele afirmou que a UPF não pode exigir que o recurso seja defendido, mas pode defender que o prazo para avaliação ocorra em tempo hábil, já que faltam apenas quatro dias para o início da Jornada. A coordenadora da Jornada, Tania Rösing, diz que está totalmente envolvida com a organização da Jornada e que o assunto do recurso está com a assessoria jurídica da Fundação UPF.

O Conselho Estadual de Cultura é o órgão que avalia se um evento pode ou não receber recursos através do sistema LIC (Lei de Incentivo à Cultura). O ex-conselheiro Luiz Faccioli – que deu parecer contrário à destinação de R\$ 844 milhões para a 12ª Jornada de Literatura através da LIC no dia 25 de julho – foi afastado do órgão em 15 de agosto, pela secretaria de cultura, Mônica Lenz. O conselho nomeou outro relator para avaliar o recurso, pedido no início do mês pela Fundação UPF.



DIÁRIO
CONEXÃO

SABADO E DOMINGO 2 e 3 JUNHO 2007

Circula em
Passo Fundo ◀
Carazinho ◀
Erechim ◀

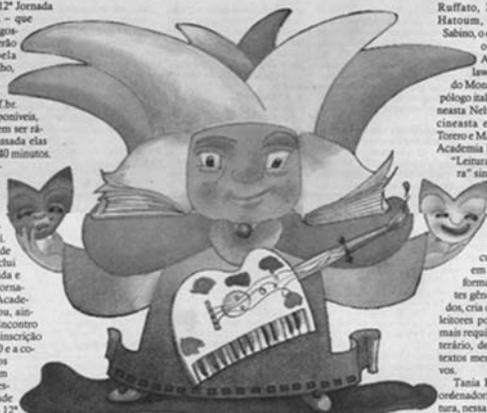
■ JORNADA DE LITERATURA

Inscrições nesta segunda-feira

As quatro mil vagas disponíveis devem ser preenchidas em poucos minutos. Interessados devem se inscrever através do site www.jornadadeliteratura.upf.br

As inscrições para a 12ª Jornada Nacional de Literatura – que acontece de 27 a 31 de agosto em Passo Fundo – serão realizadas apenas pela internet, no dia 4 de junho, a partir das 8 horas da manhã, no site www.jornadadeliteratura.upf.br. São 4.500 mil vagas disponíveis, mas os interessados devem ser rápidos, pois na edição passada elas se esgotaram em apenas 40 minutos. A Jornada é uma realização da Universidade de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMoF) através do Centro Cultural: Petrópolis, Correios, Coca-Cola e Fonte Lujã.

Há duas modalidades de inscrição. A primeira inclui participação na 12ª Jornada e num dos cursos; na 12ª Jornada e no 2º Encontro da Academia Brasileira de Letras; ou, ainda, na 12ª Jornada e no Encontro Estadual de Escritores. A inscrição individual custa R\$ 100,00 e a coletiva R\$ 800,00 (grupos com dez participantes têm preço de R\$ 80,00 por pessoa). A segunda modalidade abrange a participação na 12ª Jornada e no 6º Seminário Internacional de Pesquisa em Literatura e Patrimônio Cultural. Os participantes poderão apresentar comunicações durante o seminário. A inscrição individual custa R\$ 120,00 e R\$ 140,00 incluindo a apresentação de comunicação. A inscrição coletiva sai por R\$ 1.000,00. No caso de grupos de



dez participantes, o preço é de R\$ 100,00 por pessoa e R\$ 120,00 com comunicação. Para fazer a inscrição, os interessados dispõem de computadores instalados na Central de Atendimento da UPF (Campus I) e na estrutura multicampi nas cidades de Soledade, Carazinho, Sarandi, Palmeira das Missões, Caxca e Lagoa Vermelha.

Com o tema "Leitura da Arte & Arte da Leitura", a 12ª Jornada Nacional de Literatura reunirá escritores como Lya Luft, Affonso Romano de Sant'Anna, Mariana Ianelli, Marina Colasanti, Ferréz, Ziraldo, Luiz

Ruffato, Nelson Motta, Milton Hatoum, Eliza Lucinda, Mario Sabino, o espanhol Santiago Yubero, o argentino Federico Andahazi, o polonês Mirosław Buiko, o cubano Reinaldo Montero, o historiador e antropólogo italiano Carlo Ginzburg, o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o cineasta e escritor José Roberto Torres e Marcos Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras.

"Leitura da Arte & Arte da Leitura" sintetiza o principal objetivo das Jornadas Literárias: formar leitores que se envolvem com linguagens peculiares às diferentes manifestações culturais. Ao mesmo tempo em que o evento promove a formação de leitores dos diferentes gêneros textuais mais difundidos, cria oportunidades para que tais leitores possam apreciar linguagens mais requintadas próprias do texto literário, desenvolvendo o gosto por textos menos rotineiros, mais criativos.

Tania Rösing, idealizadora e coordenadora do evento, explica: "A leitura, nessa concepção, ultrapassa a letra e o impresso e amplia-se nos múltiplos signos da arte; o leitor, mais do que um mero receptor, passa a ser um ativo (re) construtor dos sentidos, mantendo valores como a subjetividade e a emoção". Informações complementares podem ser obtidas no site www.jornadadeliteratura.upf.br ou pelo e-mail jornada@upf.br.

PRÊMIO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA

Divulgados os finalistas

Mia Couto, José Saramago, Milton Hatoum, Luiz Ruffato, Ana Maria Gonçalves e Daniel Galera estão entre os finalistas do 5º prêmio

O autor do melhor romance em língua portuguesa só será anunciado na abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura, mas as apostas já começaram. A Universidade de Passo Fundo acaba de anunciar, em Porto Alegre, os 11 finalistas do concorrido 5º Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, que vai dar ao vencedor R\$ 100 mil, a mais alta premiação do país.

Das 215 inscrições inscritas, continuam na disputa: Adriano Linsardi (Corpo estranho), Ana Maria Gonçalves (Um defeito de cor), Antônio Torres (Péio fundo da galinha), Daniel Galera (Musa de cavalo), Flávio Carneiro (A confissão), Helder Macedo (Sem nome), José Saramago (As intermitências da morte), Luiz Ruffato (Vista parcial da noite), Maria Valéria Rezende (O vó do guará vermelha), Mia Couto (O outro pe da serena) e Milton Hatoum (Casas do Norte). "Trabalhamos de forma racional. A primeira consulta foi feita à comunidade acadêmica brasileira, o que permitiu uma primeira triagem."

Depois foi utilizado um sistema de notas para se chegar aos finalistas. É uma tarefa gratificante porque analisa os jurados sobre a produção em língua portuguesa. Espero que a escolha final agrade a todos", disse Regina Zilberman, presidente da comissão julgadora da premiação. Ela é doutora em pós-graduação Heideberg (República Kaabi), professora colaboradora do Instituto de Letras da UFRGS e professora pesquisadora na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

Além de Regina Zilberman, integram a comissão julgadora do 5º Prêmio Zaffari & Bourbon: legista de Leopoldo Brandão, escritor Benjamin Abbada Junior, professor titular da FFLCH da Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq, José Luis Jónes de Salles Fonseca, doutor em Letras (Cadeira de Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do Capes, e Paulo Ricardo Becker, doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor da Universidade de Passo Fundo. Marina Trindade e Michelle Hassack, da Audiolibri, são as avaliadoras da premiação. Eric Máximo Costa de Lima, gerente de marketing da Cia Zaffari & Bourbon, "é um privilégio estar junto com a UFF, a Prefeitura e o povo de Passo Fundo no ofere-

cimento do prêmio. Isso completa a missão da Cia Zaffari & Bourbon de incentivar cada vez mais a cultura no estado e no Brasil". Tania Köning, coordenadora da Jornada Nacional de Literatura, destaca

que este é o maior prêmio em língua portuguesa e que completa, nesta edição, 10 anos (5º prêmio).

A Jornada, marcada para 27 a 31 de agosto, é uma realização da Universidade

de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura Municipal de Passo Fundo, com patrocínio cultural de Petrópolis, Baurani, Caixa RS, Eletrobrás, RGE, Coca-Cola, Pionei e Grazziotin.



Comissão Julgadora apresenta os finalistas do prêmio em um momento de autocrítica e outras etapas de seleção.

OBRA	AUTOR	EDITORA
Corpo estranho	Adriano Linsardi	Rocco
Um defeito de cor	Ana Maria Gonçalves	ECL Record
Fora da noite	Antônio Torres	ECL Record
Musa de cavalo	Daniel Galera	Cia das Letras
A confissão	Flávio Carneiro	Rocco
Sem nome	Helder Macedo	ECL Record
As intermitências da morte	José Saramago	Cia das Letras
Vista parcial da noite	Luiz Ruffato	ECL Record
O vó do guará vermelha	Maria Valéria Rezende	Quem
O outro pe da serena	Mia Couto	Cia das Letras
Casas do Norte	Milton Hatoum	Cia das Letras

Vencedores das outras edições

O primeiro prêmio, na 1ª Jornada (1997) ficou para Sérgio Medina, gaúcho radicado em São Paulo, autor do romance "Tratado de abertura das estrelas". Depois, na 2ª Jornada (2000), dividiram o prêmio os californianos Selen Maguire e Daniel Antônio Torres, com os romances "Nas nuvens da infância" e "Meu Quarto Cantar". O romance "O Rio da Agulha", do gaúcho Flávio Carneiro, levou o 3º Prêmio Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura na 3ª Jornada (2003). "Budaque", de Chico Buarque, conquistou o prêmio de R\$ 100 mil. Chico fez questão de ir a Passo Fundo receber o prêmio.



DIÁRIO DA MANHÃ

INSÍSSO FUNDO SEXTA-FEIRA 31 AGOSTO 2007 ANO 72 EDIÇÃO 185 R\$ 1,50 Jornalismo com Responsabilidade

www.diariodamanha.net



GUARDIÃO DAS LETRAS É HOMENAGEADO

Outorgado com o título de Doutor Honoris Causa, José Mindlin é um verdadeiro guardião de obras raras em um caso de amor com as letras, construído ao longo de 80 anos e 38 mil títulos. Ele recebeu ontem à noite, em sessão solene durante a Jornada Nacional de Literatura, o título máximo concedida pela instituição. O Reitor da UPE, Rui Getúlio Soares, conduziu a cerimônia. Mindlin homenageou a esposa falecida no ano passado, depois de 67 anos convivendo juntos. Disse que nunca ambicionou méritos e que a Jornada é o mais extraordinário evento que já viu.

⇒ DM CULTURA

JORNADA NACIONAL DE LITERATURA 2007

"Leitura da Arte e Arte da Leitura"

Entre os dias 27 a 31 de agosto de 2007 acontece a 12ª edição da Jornada Nacional de Literatura e a 4ª Jornada, com o tema "Leitura da Arte e Arte da Leitura". Em fase final de organização, a coordenadora das Jornadas Literárias de Passar Funda, professora Tânia Rêling, esteve no programa Agenda de Notícias, da Super Rádio AM 570, e falou sobre o evento. "Mais do que nunca, os profissionais das diferentes áreas do conhecimento, precisam se dar conta que não podem ser leitores apenas de suas áreas. Além disso, hoje, a maioria da população brasileira só tem acesso à indústria cultural, de massa. O nosso desejo é sensibilizar as pessoas para que elas aprendam, e possam ter acesso ao que se chama de cultura letrada, que valoriza, além dos livros, a dança, pintura, escultura, fotografia, arquitetura, entre outras", disse.

Expectativa

Após 25 anos de Jornadas Literárias, Tânia Rêling acredita que todo o esforço das equipes interdisciplinares e interinstitucionais envolvidas valeu a pena. Segundo ela, há uma grande expectativa em relação ao tema

do objetivo que norteou esta convocação (cultura pluralidade 1981), com a intenção de formar um leitor que aprecie e possa se envolver com a literatura.

"Mas que seja uma pessoa 'atendida', que leia qualquer gênero textual em seu cotidiano, em suas ações diárias. Além disso, capaz de interpretar as linguagens das diferentes manifestações culturais. Que seja entendedor da dança, da pintura, do teatro, da escultura, da fotografia, entre outras. Com este tema, pretendemos aprofundar o nosso movimento qualificador, e, assim, as jornadas", afirmou.

Programação

Atualmente, 34 autores estão confirmados para participar da Jornada e mais de 80 estarão participando da Jornada. Entre eles, acontece mais uma edição do Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, além da

Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, com Universidades Espanholas e Portuguesas. Segundo a coordenadora, este ano haverá um seminário chamado "A criação literária gaúcha em debate", com a participação de 16 autores gaúchos que, no tempo da manhã, estarão reunidos e debatendo sua criação literária. Outra novidade apontada por Tânia Rêling é a presença de pesquisadores integrantes do Grupo de Trabalho que estuda Literatura infantil na Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Linguística e Letras.



Tânia Rêling, coordenadora das Jornadas Literárias

Além disso, os cursos terão novas dimensões, alguns deles se dirigem ao público com necessidades especiais. Um aos cegos, e outro ao público com deficiência física. "Na questão das exposições e do artista plástico homenageado será uma grande surpresa", comentou. Além disso, todos os autores do livro do mês para este ano, já estão confirmados.

Qualidade

"Sempre nos preocupamos em trazer escritores, sociólogos, críticos de arte, poetas e toda variedade de pessoas. Quando divulgamos toda a programação, todos ficaram surpresos com a qualidade. Quando os leitores entram em contato com os livros que estão indicados para a pré-jornada, vemos que tivemos um cuidado de escolher autores que fazem livros-arte", afirmou a coordenadora das Jornadas. Segundo ela, toda a sociedade tem direito a entrar em contato com estes materiais artísticos e de qualidade.

"O nosso desejo é sensibilizar as pessoas para que elas aprendam, e possam ter acesso ao que se chama de cultura letrada, que valoriza, além dos livros, a dança, pintura, escultura, fotografia, arquitetura, entre outros."

On-line

Outra novidade para a pré-jornada será a realidade on-line. Conforme professora Tânia, a equipe da pré-jornada vai se dirigir a 20 cidades, em parceria com o Sesc nacional. Após, será possível optar em faterap pré-jornada on-line, onde cada participante terá um link dos autores e livros indicados. Também haverá perguntas que o participante deverá responder.

Parcerias

De acordo com Tânia Rêling, para a Jornada que acontece este ano, as editoras mediram o comportamento. Este ano, elas estão sendo parceiras, não apenas indicando seus escritores, mas também financiando a vida dos autores. De um lado há uma divulgação das obras e, de outro, os editores fazem boas vendas. "Há também um grande interesse da coordenação geral do Plano Nacional do Livro e da Leitura, pertencente ao Ministério da Educação e da Cultura, que tem apoiado o evento. Já iniciamos a fase de captação de recursos e o projeto já está aprovado na Lei de Incentivo à Cultura Federal, e estamos aguardando a aprovação da Lei estadual", salientou.

"A Jornada on-line será uma das novidades deste ano"

DM CULTURA

QUARTA-FEIRA 29 de Agosto de 2007

Não pode ser vendido separadamente

Jornada Nacional de Literatura

ENCONTRO ESTADUAL DE ESCRITORES DO REGIONAL AO UNIVERSAL

Novidade este ano, encontro pretende divulgar a produção gaúcha e ampliar a visão que se tem de uma literatura injustamente conhecida como regional. Discussões abrem com a literatura infanto-juvenil.

FÁBIO ROCKENBACH
observatorio@diariomedia.net

O Projeto das Jornadas de Literatura nasceu essencialmente regional. Quando foi organizada, em 1981, se chamava Jornada de Literatura Sub-Regional, e contou com a participação de vários escritores gaúchos de peso no cenário estadual e nacional. A Jornada evoluiu, tornou-se nacional, mas não esqueceu da produção gaúcha. Luis Augusto Fisher é autor de "Quatro Negros", escolhido o Livro do Mês da Capital Nacional da Literatura em maio de 2006. E foi Fisher um dos catalisadores que levaram à realização do Encontro Estadual de Escritores, que tem sua primeira edição este ano na Jornada Nacional de Literatura. E a professora Tânia Rösing quem lembra: "O Encontro nasceu de uma conversa com Luis Augusto Fisher e a coordenação da jornada em maio do ano passado."

Segundo a coordenadora das Jornadas, um dos motivos que levaram à realização do encontro foi uma pesquisa sobre conhecimento de escritores gaúchos realizadas em ambiente escolar, que segundo Tânia, teve resultados "desastrosos". Na abertura do encontro, na manhã desta terça-feira no auditório do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFFP, a professora Tânia defendeu a indicação de obras gaúchas nas escolas, como forma de incentivar o maior conhecimento do público com os escritores do Rio Grande do Sul.

Essa necessidade de um maior conhecimento da produção literária do Estado através da divulgação junto às escolas e por parte do público também orienta a opção da vice-reitora de graduação da UFFP, Eliane Colombi: "Há uma lista dos escritores gaúchos para serem conhecidos como universais, e não apenas regionais", explica ela, antes de enfatizar a importância do encontro – e da própria Jornada – por uma frase emblemática: "Hoje o mundo pode ser dividido entre quem lê e quem não lê."

ENCONTRO PREENCHE UMA LACUNA

É entre aqueles que Mem, o público leitor gaúcho é o maior do país. Porto Alegre, por exemplo, apresenta um índice de 5,8 livros lidos por ano por pessoa – acima dos 6,5 de Plano Paulista, mas muito acima da média nacional de 2,3. E pela visão de Porto Alegre, também, que o coordenador do debate, e um dos responsáveis pela realização do encontro durante a Jornada, exemplifica a importância de começar a debater a literatura gaúcha dentro do maior evento da literatura nacional. "Posso explicar a percepção da Jornada pelo ponto de vista de quem mora em Porto Alegre", explica Luis Augusto Fisher. "É uma percepção de admiração, algo contagiante, e ao mesmo tempo distante. Está muito ligada à relação que se faz da Feira do Livro". Segundo Fisher, a Feira do Livro em Porto Alegre é marcada pela informalidade de se encontrar em meio a estandes diversos escritores e poder com eles trocar ideias. "Por ser uma feira, é um ponto de encontro rotineiro. Havia por parte de muitos escritores gaúchos um pensamento distante – também geograficamente – em relação à Jornada, do tipo: Por que não posso estar lá? Acho que esse encontro responde à angústia de quem exerce literatura no Rio Grande do Sul e até agora só vive as jornadas de longe. Eles agora podem vir à Jornada e pensar em voz alta com seus leitores". A ideia da coordenação das Jornadas é consolidar a realização de eventos a partir de 2007 ampliando em outras edições o número de escritores gaúchos.



Literatura infanto-juvenil e suas escolas for tema do encontro, iniciado no seu primeiro dia



Público atento e atento



Luis Augusto Fisher. Escritores gaúchos em debate em encontro para ampliar a visão da literatura

LITERATURA INFANTO-JUVENIL ABRE OS DEBATES

Com o tema "Literatura para o público infantil e infanto-juvenil, literatura na escola" o primeiro dia do Encontro reuniu Cássio Riber – vencedor em 2004 do Prêmio Açorianos de Literatura Infanto-Juvenil e no ano seguinte, o 1º Prêmio Barão de Vitor da Literatura Infantil e Juvenil – Marcelo Camargo da Cunha (autor de várias publicações desde 1987 e ganhador de vários prêmios, 2º colocado na lista de clássicos para brincar com o público e os próprios colegas) e Paulo Bencastro (escritor, poeta e crítico, autor de, entre outros, "Bodas de Ouro", "O Casar das Fabianas" e "As Romãs da Rita") e a crítica pública e escritora Paula Mastropieri ("Artista pública e escritora por acaso", brinca ela, autora de obras como o livro "Requinta, com verbetes poemáticos de contos de fábulas clássicas de Andersen, dos irmãos Grimm e de tradições medievais"). O Encontro Estadual de escritores prossegue hoje, a partir das 08h30min, no auditório da UFCH, com o tema "Literatura de emergência" discutido por Adriano Aquino, Cibulka Tiesi, Paulo Roberto e Sérgio Caspary, sempre com a coordenação de Luis Augusto Fisher.

LITERATURA

Anunciados os finalistas do 5º Prêmio Zaffari & Bourbon

Anúncio do vencedor será na abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura, no próximo dia 27, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul

Tuca Vieira/Divulgação



Mia Couto com "O Outro Pé da Sereia" é dos 11 escritores selecionados

Equipe da Folha

Curitiba -O 5º Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura entra na reta final. Foram anunciados nesta semana, em Porto Alegre, os 11 romances finalistas que concorrem ao prêmio de R\$ 100 mil. O anúncio do vencedor será na abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura, no próximo dia 27, em Passo Fundo (RS).

Dos 215 autores inscritos, continuam na disputa: Adriana Lunardi (Corpo estranho), Ana Maria Gonçalves (Um defeito de cor), Antônio Torres (Pelo fundo da agulha), Daniel Galera (Mãos de cavalo), Flávio Carneiro (A confis-

são), Helder Macedo (Sem nome), José Saramago (As intermitências da morte), Luiz Ruffato (Vista parcial da noite), Maria Valéria Rezende (O Vôo da Guará Vermelha), Mia Couto (O Outro Pé da Sereia) e Milton Hatoum (Cinzas do Norte).

"Trabalhamos de forma racional. A primeira consulta foi feita à comunidade acadêmica brasileira, o que permitiu uma primeira triagem. Depois foi utilizado um sistema de notas para se chegar aos finalistas. É uma tarefa gratificante porque atualiza os jurados sobre a produção em língua portuguesa. Espero que a escolha final agrade a todos", disse Regi-

na Zilberman, presidente da comissão julgadora da premiação.

Além de Regina, integram a comissão julgadora: Ignácio de Loyola Brandão, escritor; Benjamin Abdala Junior, professor titular da Universidade de São Paulo; José Luis Jobim de Salles Fonseca, doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense; e Paulo Ricardo Becker, doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor da Universidade de Passo Fundo.

10
Informe Municipal

PASSO FUNDO
Cultura e ensino na
jornada sesquicentenária

www.upf.br
UPF

LANÇAMENTO



Um Livro de Passo Fundo - 88
- de 3 a 711/2004 -
Lançamento em agosto e entrega à comunidade em Setembro

O município Passo Fundo, emancipado em 1957, teve sua formação em 1827, quando o cabo Manoel Apê das Neves recebeu uma área de terras de quatro léguas quadradas que logo se tornou um povoado. Seu território original hoje abriga 107 municípios.

Nesses 150 anos Passo Fundo tornou-se um destaque principalmente por sua gente, que fez do município um dos melhores e mais desenvolvidos do Estado em termos de agricultura, comércio, infra-estrutura, saúde e sobretudo nas áreas de educação e cultura. Pessoas como a professora Dra. Tânia Rösing, coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo e o reitor da Universidade de Passo Fundo, Rui Getúlio Soares, contribuíram para esse reconhecimento.

"Certamente a história da Universidade de Passo Fundo, no contexto dos 150 anos da cidade de Passo Fundo assume uma dimensão nacional e internacional especialmente com as Jornadas Literárias em seus 20 anos de atividades ininterruptas em escolas, bibliotecas, gerando ações promotoras de livre mercado especialmente. Fazer da leitura e da literatura um estímulo à formação de leitores de arte como um todo deveria ser compromisso de todas as instituições educacionais de diferentes naturezas.

Talvez outras áreas do conhecimento sejam, na comunidade educacional, mais promissoras. De que valem os inventos, os novos conhecimentos, se não estiverem à disposição do processo de transformação da sociedade? Os autores, pesquisadores e artistas que por aqui passaram debateram depoimentos de viva voz, inscritos em papéis, migrados em meio eletrônico e no coração dos participantes destacando a importância da leitura na construção da riqueza interior das pessoas de todas as camadas da sociedade. Trabalhar educação e cultura sincronizadas é o grande desafio que assumimos desde 1981 e os resultados são visíveis. A tentativa de reprodução da metodologia que desenvolvemos em outras cidades e estados brasileiros constitui-se no reconhecimento de todo esse esforço ímpar na concretização de uma movimentação cultural que não se confunde com acontecimentos do livro e da leitura eventuais. Não é por acaso que recebemos o título de Capital Nacional da Literatura através da Lei Federal nº 11.264".

Professora Dra. Tânia Rösing
Coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo



www.jb.com.br

Idéias & Livros

1

SÁBADO
25 DE AGOSTO DE 2007

JORNAL DO BRASIL
Médias@jb.com.br

ABC de Ariano Suassuna
A porta de entrada para conhecer a vida e a obra do autor

Braulio Tavares
TEL: (21) 2565-2071 **OS OLYMPIOS**

DEBATES LITERÁRIOS



Carlos Gimberg



Milton Hatoum



Daniel Galera



Mosey Siller



O poder transformador de Passo Fundo

12ª Jornada Nacional de Literatura deslumbra escritores e leitores

Vivian Rangol

Uma palavra parece acompanhar cada escritor que faz sua estreia na Jornada Literária de Passo Fundo: deslumbramento. É como se, na pequena cidade gaúcha, o poder transformador da literatura saísse do plano das idéias e ganhasse forma sem as amarras do pragmatismo. Ou a interpretação empírica de que livros podem ser decisivos na vida de leitores sensíveis. Na 12ª Jornada Nacional de Literatura, que começa na segunda, mais de 100 escritores e 15.500 leitores discutem as relações entre arte e literatura, forma e conteúdo, teoria desta edição. Debates da já tradicional base das letras ensaio e historiador italiano Carlo Gimberg, o dramaturgo brasileiro Ronaldo Lessa, o romancista João Mota Couto e os brasileiros Milton Hatoum e Mosey Siller, entre outros.

A peculiaridade da jornada é a mescla de debates literários, seminários acadêmicos, shows musicais e mostras de arte com o acervo de cidade pequena mantido pela família e idealizada do próprio Tania Ringol. Nesta edição, ela tem um trabalho extra. As vitórias da jornada, o Conselho Estadual de Cultura ainda não liberou o patro-

cinário organizado - a evento conta ainda com recursos federais e do professor. Para Tania, o poder é motivado por um grupo de escritores gaúchos que gostaria de ver a jornada com um caráter mais local.

A ausência desse patrocínio não abate a programação, já está toda organizada - tranquiliza a organizadora. - A jornada é nacional e já tem reconhecimento internacional, não pode fechar-se em barcos dos escritores do Sul, os autores escolhidos este ano têm em comum livros que são consistentes em conteúdo e atitudes na forma.

Os gaúchos, por sinal, fazem na jornada o primeiro encontro estadual de escritores, com Mosey Siller e Daniel Galera. Galera é um dos indicados ao Prêmio Jabuti de Literatura, ao lado de José Saramago, Mia Couto, Luis Rubite e Milton Hatoum. O melhor romanceista recebeu R\$ 100 mil, na cerimônia de abertura da Jornada. Em 2005, o recluso Chico Buarque viajou até Passo Fundo para ler um texto e ler, o que aumentou as expectativas para este ano. Na agenda de segurança, um misterioso conteúdo surpresa atoa a curiosidade dos que lá estarão.

Ao redor dos livros há também uma exposição em homenagem ao ilustrador Rui

de Oliveira, pinturas individuais com inscrições como Luiz Ruffato e Nelson Motta e shows, com apresentação do Abstralgos, Afonso Lata e Malala (mais detalhes em www.jb.com.br/ideias/plb). Na programação há ainda a Jornada Nacional de Literatura, onde os preparos conversam sobre os livros estudados desde o ano passado e o 12º Encontro da Academia Brasileira de Letras - Revisitando os Clássicos II.

- Além dos grandes nomes deste ano, nome o historiador Carlo Gimberg, que fala sobre arte e política, e o poeta Lado Iv, que em sua obra arregaça mantos entusiásticos jovens, há mais crises a celebrar nesta edição - afirma Tania. - Como o presidente da Academia Brasileira de Letras conquistando leitores em turmas de clássicos e a presença maior das editoras, inclusive com livros gratuitos. No ano passado, com o projeto Livro da Mãe, nembras autor vendeu menos de 500 obras, e que para as tiragens médias localizadas de 1 mil livros é representativo.

Ana Maria Krennack, gerente de relações institucionais do Record, faz coro. Para ela, a jornada é o maior evento literário do país e não faltam escritores interessados em participar.

- A jornada tem um peso editorial cada vez maior, os escritores que tem estar lá para encontrar leitores e não apenas críticos, como muitos que circulam pela Brasil apenas para ver suas - comenta Anna.

Ao lado de escritores veteranos (como Ignácio de Loyola Brandão, em depoimento de abertura) Milton Hatoum estreia na jornada falando sobre morte, erotismo e arte.

- Escrita adota de Jorge Costad e Machado de Assis, textos em que os personagens são guiados por objetivos morais - afirma o escritor.

Está ansioso em encontrar jovens que tenham seus livros para serem e de vez a jornada trazer para o nome-chão o valor da literatura. Seria ótimo se também em Minas houvesse uma Tania Ringol - brinca.

Jornada, um boing no ar

Ignácio de Loyola Brandão

Não existe quem não sinta um impacto ao primeiro contato com a Jornada de Passo Fundo. Lembrou-se de Joazeiro Gaudier ficar paralisado, virar para o público e exclamar: "Má, o que é isso? Nunca vi nada igual! Como conseguem?" C'era a vez, no aeroporto de Porto Alegre, encontrou Otis Lara Resende, Antonio Callado, Fernando Sabido e Milton Fernandes, Cheggwin de Passo Fundo. E o que é isso?

Indaguel, Otto: "Escritor que não foi a Passo Fundo não é consagrado". Pôde não ser, mas a consagração pode se dar até diante de 5 mil pessoas que, nos meses anteriores, leram as obras de todos os convidados, conhecem quem está no palco e sabem o que perguntar. Felizmente, a Jornada se abriu para o Brasil inteiro, para o mundo, rompeu o gelo literário. Não há como descrever a sensação de estar na platéia, a pessoa fica a cada ano vinculado e humor na interação palco-platéia. Passo Fundo provoca conexões, diálogos, associações. Não é um, nem dois, mas dezenas de escritores que mantêm anuais, coletâneas, pedem à Tania, ao Alcione Araújo, ao Juliano Deiz: "Como faço para participar? Você tem de dar um jeito". Experiência única, é uma espécie de Oscar no setor literário. Formado que modifício o estilo artístico das literatas. Foras de livros, a Jornada é um sonho louco, que se realiza a cada ano vinculado, obstáculos incalculáveis. Neste ano

mesmo, a Jornada sofreu um baque. O Conselho Estadual de Cultura recusou-se a liberar o patrocínio, com alegações macabrotáveis. Galcho não apostando gancho significativo algo esperantoso. São 20 anos e onze jornadas, agora começa a 12ª. Cem mil pessoas participam por mês e, no mínimo, 300 escritores. Quando decida, o Conselho não se com um plano de vôo bem estruturado. E mail o livro subiu, Tania já está pensando na próxima.

Literatura

A Jornada em capítulos

Para Fandi
CARLOS ANDRÉ MORRIN, CLÉBER BERTONCELLO e LARISSA BOSSO

Introdução

Com o palco principal da 12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo localizado sob uma tenda de circo, as despedidas do evento costumam obter uma impressão de fim de temporada. Os convidados partem, o número de atividades diminui, até que, de fato, ocorre a festa de encerramento. Depois, fica tudo para passatempo como *Série do Amante*. 29 anos, responsável por colocar o piscadinho em ordem no intervalo entre os debates, apresentações e homenagens. É o momento em que o Circo da Cultura, vazia, apresenta um ar de abandono – o que representa tristeza também para Sérgio. Desempregado desde março, mãe de três filhos e com o marido aposentado por invalidez, ele foi contratado como temporário para trabalhar na equipe de limpeza. Vê-la a procurar emprego ao fim da festa. – Fiquem muito felizes por trabalhar aqui – diz. A seguir, uma seleção dos momentos mais importantes desta 12ª edição da Jornada.



Despedida: funcionários limpam o Circo da Cultura no último dia da Jornada

4) Ginzburg



O historiador italiano Carlo Ginzburg

Maior estrela da Jornada, o historiador italiano Carlo Ginzburg apresentou na noite de quinta uma densa e crítica análise do quadro *A Mãe de Marat*, do pintor francês Jacques-Louis David (2), que retrata o assassinato de um dos principais nomes da Revolução Francesa. Para manter as relações entre arte e política, Ginzburg remonta a história da pintura, feita no calor dos acontecimentos, na ocasião da comemoração provocada pelo assassinato de Marat (3). Segundo Ginzburg, David retratou o revolucionário agrariante usando elementos das pinturas sacras da Cristandade, com o claro objetivo de estabelecer na figura de Marat um mártir da religião política representada pela Revolução.

5) Livro maldito

Quem não passou o último ano correndo demais deve se lembrar das tantas emoções provocadas pela circulação em torno da biografia Roberto Carlos em Detalhes, do jornalista Paulo César de Araujo, mandado para o inferno em processo movido pelo cantor Roberto alguns que havia tido sua privacidade desrespeitada, entrou em um acordo e aprendeu para si toda a edição impressa pela Planeta. Foi o livro em um item que ainda podia ser encontrado no estande da Livraria da UFPA na Jornada, ao preço de R\$ 39,90. Um item misterioso havia um exemplar, que ficou em cinco dias de estante ali, dando-se, sem compêndio.

Dedicatória

ATÉ AS ÉPOCAS
CONTINUA NINGUÉM
DESCOBRIR QUE ERA
LIZA LIZY A ANTEA
DA DEKARTSEIA DO
JARDIM CADEMO DA
CULTEIA A PARELTO.
O TUBO DE QUINTA
ERA DE MILTON HEARD.

1) Mia, o gato



O escritor moçambicano Mia Couto

Durante a cerimônia de abertura da Jornada, ele permaneceu quietinho e incólume entre as primeiras filas da plateia. Assim que foi anunciado como vencedor do 5º Prêmio Passo Fundo Zeffari B. Bourbon de Literatura, na segunda fila, subiu ao palco e manteve-se apenas tímido – surpreso, então, o principal inspirador dos surtos da grande maioria feminista do público. Fe poucas palavras e tom de voz baixo, o escritor moçambicano Mia Couto descolou-se pelo retratamento e se desdobrou em elogios ao Brasil, não dispôs os autores fundamenteis para sua formação. O autor de *O Outro FV da Sereia* foi sempre atencioso com pedidos de autógrafos.

Notas do tradutor

1 É o primeiro volume de uma trilogia sobre o fim do regime capangista russo. O segundo, *O Turvo Iluminado*, será publicado no Brasil também este ano.

2) Polêmica polonesa

A maior polêmica da 12ª Jornada foi motivada por um escritor que, ao contrário dos demais, não havia tido sua obra trabalhada na pré-jornada de literatura. O polonês Mirosław Bułko, que em Passo Fundo estava lucrando seu primeiro livro traduzido para o português, o romance *Tom de Ouro* (1), participou do painel sobre Arte, Marat e Estante na tarde da quarta-feira quando recebeu um bilhete no palco. Vinda de um grupo de estudantes poloneses em intercâmbio, a nota, escrita no idioma natal do escritor, dizia para que ele se calasse por estar "emergendo" os poloneses ao falar sobre sexo. O escritor respondeu que, se estava emergendo alguém, seria ele próprio.

Mas tarde no mesmo dia, a organização da Jornada disse que o incidente havia sido resultado de uma tradução equivocada do bilhete. Mas os dois acompanhantes do escritor polonês, um deles o tradutor de seu romance para o Brasil, defenderam o que haviam interpretado do texto da nota.

3) Colecionador de lágrimas



O bibliófilo paulista José Meilán recebeu o título de Doutor Honoris Causa

Ninguém provocou mais emoção na Jornada do que o bibliófilo José Meilán. Geral e cordato, o empresário de 93 anos, dono da maior biblioteca privada do Brasil, fez um pronunciamento breve na noite de quarta-feira em sua despedida pela plateia do Circo da Cultura nove vezes – três delas com a audição de plé. Emocionado com a outorga de título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Passo Fundo, descolou-se pelas tribunas de visão que

o impediram de ler um agradecimento e o obrigaram a se dirigir ao público de maneira informal. Narrou passagens de sua vida, como os cinco anos na Faculdade de Direito ("L'equattro e o professor italiano, eu ficava no fundo da sala lendo *bo bo literario*"), e lembrou da mulher, Gusta, com quem foi casado por 60 anos, até a morte dela em 2006. Pensou lágrimas na plateia feminista quando disse: – The sorte de gerar de le poesia em me alta e de le gerar de me corar.

2 Prêmio francês, Jacques-Louis David viveu entre 1748 e 1825 e foi partidário da Revolução Francesa.

3 O sulista Marat era porta-voz de sua mais radical das revoluções francesas, e foi morto a pauladas em sua casa pela católica Charlotte Corday.

Literatura Evento:

Jornada de Passo Fundo discute formação literária

Evento começa hoje, com a presença de 111 escritores vindos de nove países

Ubiratan Brasil

A famosa tenda já está montada para mais uma Jornada Nacional de Literatura - a partir de hoje e até sexta, a cidade gaúcha de Passo Fundo vai justificar o título de capital nacional de literatura ao reunir, em sua 12ª edição, 111 escritores e pesquisadores, mais de 200 artistas e 16.500 leitores. "A jornada justifica seu caráter nacional, não se fechando apenas em torno dos escritores do Sul", argumenta Tania Rösing, idealizadora e principal incentivadora do projeto desde seu início.

Uma dimensão respeitável que seu principal prêmio, o Zaffari & Bourbon, será divulgado hoje em meio a candidaturas de diferentes pontos do planeta. Concorrem nos R\$ 100 mil os brasileiros Milton Hatoum, Luiz Ruffato, Daniel Galera, Adriana Lunardi, Ana Maria Gonçalves, Antônio Torres, Flávio Carneiro, Maria Valéria Rezende, além dos portugueses José Saramago e Helder Macedo e do moçambicano Mia Couto. Nem todos têm presença garantida, mas boatos assopram que uma surpresa está reservada aos presentes, que poderia ser a própria vinda de Saramago.

Algo semelhante à edição de 2005, quando Chico Buarque de Holanda foi escolhido o vencedor e o próprio foi a Passo Fundo, dois dias depois, receber o prêmio.

Com um total de 25 debates, a jornada terá diversos destaques - como a presença do historiador italiano Carlo Ginzburg, que faz palestra amanhã em São Paulo, na USP, e na quinta-feira, em Passo Fundo. Ele vai lançar seu livro *O Fio e os Rastros* (Companhia

das Letras) e fazer uma palestra sobre arte e política. Já Milton Hatoum, além de concorrer ao prêmio, vai a Passo Fundo para falar sobre moral, erotismo e arte.

Ele estará ao lado do polonês Miroslaw Bukko, que aproveita a jornada também para lançar seu primeiro romance traduzido para o português, *O Trem de Ouro* (Record). "A descrição do amor carnal sempre me causou prazer", comenta ele, já anunciando discussões polêmicas. "Todas as cenas de erotismo de minhas histórias eu mesmo vivenciei. Particpei do amor de duas lindas lésbicas, então sobre isso eu sei falar bem. Neste momento a escrita sobre o amor me causa um grande prazer."

A jornada também será marcada por homenagens - como o título de Doutor Honoris Causa a ser entregue, com justiça, ao empresário e bibliófilo José Mindlin (a homenagem ocorre na quinta-feira).

Outro nome lembrado é o do illustre escritor Rui de Oliveira, que vai apresentar uma amostra de seu trabalho em uma exposição, *30 Anos de Ilustração de Livros*, que vai reunir 150 trabalhos originais.

Já o poeta francês Henri Dehuy, o ganense Meshack Asare e a escritora espanhola Beatriz Osés são alguns dos participantes do 6º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, que vai discutir, entre outros temas, a origem da formação literária. Finalmente, a Academia Brasileira de Letras, em seu trabalho de aproximação com o leitor, promove um encontro em que alguns imortais discutem seus clássicos preferidos. ●



HATOUM E MIA COUTO - Eles concorrem hoje ao prêmio de R\$ 100 mil

[EVENTO] [EVENTO] [EVENTO]

‘Escrever com imagens’

O ilustrador Rui de Oliveira é homenageado na 12ª Jornada de Passo Fundo

ENTREVISTA

Rui de Oliveira

• Um dos mais importantes e atuantes ilustradores brasileiros, Rui de Oliveira será o autor homenageado da 12ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, que começa segunda-feira. Amanhã, porém, já será inaugurada a exposição “Rui de Oliveira – 30 anos de ilustração de livros”, mostrando um pouco da belíssima arte do carioca, que está indicado para a edição 2008 do Internacional Hans Christian Andersen, o principal prêmio da literatura infanto-juvenil, já conquistado por Lygia Bojunga e Ana Maria Machado. O artista, que criou o cartaz do evento, fará quatro palestras na Jornada.

Márya Millen

O GLOBO: São 30 anos trabalhando com imagens e acompanhando de perto o processo de criação dos escritores. Como avalia a evolução da literatura infanto-juvenil brasileira no período?

RUI DE OLIVEIRA: O livro brasileiro para crianças e jovens, do ponto de vista gráfico, conceitual, literário e industrial evoluiu muito. As relações se tornaram mais profissionais e especializadas. Este gênero é hoje uma realidade cultural e industrial. Quando estamos em uma Bienal do Livro, ou no recente Salão do Livro para Crianças e Jovens, podemos constatar a expansão e o profissionalismo deste segmento. Possuímos grandes editoras, excelentes escritores e ilustradores, um conjunto de fatores que nos faz muito otimista. A leitura é o exercício da individualidade e do nacional ao mesmo tempo. O livro deve ser encarado como objeto de arte sim, mas também como um objeto industrial e fomentador de riquezas materiais. Um não inválida o outro. Sintome feliz pelo fato de há mais de 30 anos estar exercitando de forma ininterrupta a ilustração de livros. E, sinceramente, espero que estas imagens, de uma forma ou de outra, possam compor o mosaico do imaginário e a memória feliz das pessoas, principalmente das crianças e jovens.

• A importância da ilustração na literatura para crianças é inegável. E alguns escritores que tiveram livros ilustrados por você costumam comentar que seu trabalho é até mais importante que o deles. Como se dá essa parceria?

OLIVEIRA: Sempre tive grande



Reprodução

Xavier de Oliveira/Organiza



RUI DE OLIVEIRA (no alto) e suas criações: Ilustração do livro “Magalona” e o cartaz da Jornada

admiração pelos escritores e pela literatura. O que me faz ilustrar é o prazer que eu tenho de ler. Tudo o que venho desenhando para crianças e jovens, mesmo na TV ou no cinema, sempre se origina das palavras. Neste sentido, considero-me um parceiro dos escritores. A diferença é que procuro escrever com imagens, lato é literatura também. Na verdade, tanto o escritor quanto o ilustrador são oriundos das palavras, mas trabalham com as suas linguagens específicas. A origem, no entanto, é a mesma.

• Hoje, numa época de tanta informação visual, chamar a atenção dos pequenos leitores para os livros é mais difícil?

OLIVEIRA: Esta é uma das grandes funções da ilustração, se contrapor à brutalidade da imagem, à massificação e vulgaridade dos games, de algumas séries de TV, mas principalmente da urgência, da interação mecânica que descarta a contemplação e a reflexão. Está faltando olhar natural na ilustração, existe um excesso de memória, um desmando do virtual e, por consequência, pouca observação da natureza, por exemplo.

• Qual o papel da tecnologia em sua arte?

OLIVEIRA: Não uso nenhum

recurso infográfico nas minhas ilustrações. Mesmo na animação considero-me um artesão que usa a tecnologia. Hoje é impossível pensar em desenho animado sem o computador. Mesmo assim, a maior tecnologia que temos é nossa mão. O desenho é o fundamento de tudo.

• Você também é autor de diversos livros, alguns apenas de imagens, outros com texto. É mais difícil trabalhar sobre o texto alheio ou sobre o seu?

OLIVEIRA: Vejo a criação de um ilustrador muito próxima do processo de um ator. O texto é como se fosse uma partitura de música. Interpretamos o texto, não psicografamos o escritor. O ator elabora um personagem, mas não é o personagem. No livro de imagem ou no livro de texto, o fundamental é a ilustração despertar a verbalização.

• Apesar de ser mais reconhecido como ilustrador, você começou trabalhando com animação. Como andam seus projetos na área?

OLIVEIRA: O cinema de animação exerce uma grande influência no meu trabalho como ilustrador, mas no sentido contrário esta influência também é real. Pretendo no ano que vem terminar o terceiro capítulo da trilogia “América Morena”. ■

Leitura e prêmios

• Com o tema “Arte da leitura e leitura da arte”, a Jornada de Literatura de Passo Fundo vai reunir, entre os dias 27 e 31, numa programação extensa, mais de 100 autores brasileiros e estrangeiros, entre eles o moçambicano Mia Couto, o italiano Carlo Ginzburg, o polonês Mirosław Bujko e os brasileiros Ferréz, José Roberto Torero, Mariana Ianelli, Nelson Motta e Ziraldo.

Na abertura do evento serão anunciados os vencedores do 5º Prêmio Passo Fundo Zairiri & Bourbon de Literatura, que tem 11 finalistas (Adriana Lunardi, Ana Maria Gonçalves, Antônio Torres, Daniel Galera, Flávio Carneiro, Luiz Rufato, Maria Valéria Rezende, Milton Hatoum, Mia Couto e os portugueses Helder Macedo e José Saramago) e do 10º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.

É recorde

Venda de livros supera Jornada anterior. Ziraldo lidera a lista dos mais vendidos, com o livro *Kit menina das estrelas*

REDAÇÃO ON

Uma das grandes maravilhas da Jornada Nacional de Literatura é que ela permite que o público mantenha contato com os escritores mesmo depois do final das palestras. É para garantir essa comunicação que, já na entrada do Circo da Cultura, encontram-se as livrarias, onde se pode adquirir os livros dos autores.

Com o término da 12ª edição da Jornada, a livraria da UPF disponibilizou a lista dos livros mais vendidos. O representante da livraria, Vilmar Camargo, explica que as vendas aumentaram em relação há dois anos. "As vendas superaram nossas expectativas", comemora.

Ao todo, foram mais de 12 mil exemplares vendidos, de um total de 5 mil títulos diferentes.

O grande campeão foi Ziraldo, com o livro *Kit menina das estrelas*, que vendeu 357 exemplares. O autor mineiro superou o vencedor do prêmio Zaffari Bourbon de Literatura, Mia Couto, com o livro *O outro pé da sereta*. O livro vendeu 178 exemplares. O gato Galli-leu garantiu o terceiro lugar para Paulo Becker. *Aventuras e desventuras do gato Galli-leu* passou pelos caixas da livraria da UPF 133 vezes. Elisa Lucinda ficou em quarto lugar com *A fúria da beleza*.

De acordo com Camargo, em torno de 80% das pessoas que passaram pela livraria nesses cinco dias de Jornada adquiriram os livros. "A movimentação foi fantástica. Mas as crianças continuam comprando mais livros do que os adolescentes", ressaltou.



2009 é logo aí

O maior evento cultural do sul do país chega ao fim, mas a 13ª Jornada já começa a ser planejada

REDAÇÃO ON

O evento que agitou a cidade durante cinco dias e possibilitou a troca de experiências entre crianças, adultos e escritores chegou ao fim na sexta-feira. A próxima Jornada da Literatura está marcada para 2009.

O palco de debates, as tendas da jornadinha e os espaços paralelos que foram espaços para muitas histórias e ficaram durante toda a Jornada lotados de pessoas, foram desmontados durante o sábado e o domingo por uma empresa

do Paraná, a mesma que organizou a montagem.

A Jornada é um evento que envolve muitas pessoas, em que muitas amizades surgem e outras se fortalecem durante o evento. Um exemplo disso é entre os escritores, muitos deles se conheceram durante a Jornada e ficam felizes em poder voltar e celebrar a leitura, os livros, as palavras com seus companheiros.

Buscando mostrar a importância que o evento representa para a sociedade, os coordenadores dos debates, Ignácio de

Loyola Brandão, Júlio Diniz e Alcione Araújo, divulgaram um manifesto em apoio às Jornadas Literárias, que já conta com mais de mil assinaturas.

As Jornadas Literárias não terminaram com a festa de encerramento. Segundo os organizadores, a próxima edição já está sendo preparada.

O evento deixará saudades não só para os mais de 200 artistas e escritores nacionais e internacionais, mas também para os milhares de leitores que participaram da movimentação cultural.

■ Jornada Nacional de Literatura

Os anjos da guarda

Mais de 180 voluntários, também chamados de jornalbetes, vão contribuir com a realização do evento

REDAÇÃO ON

Com a organização da 12ª Jornada Nacional de Literatura em ritmo cada vez mais acelerado, a função dos voluntários, batizados pelo evento de jornalbetes, passa a ser cada vez mais importante. Com a missão de assessorar na organização, segurança e bom andamento das atividades do evento, os jornalbetes terão a oportunidade de colaborar na realização de um dos maiores festivais literários do país.

Segundo Eliana Teixeira, integrante da organização do evento, os voluntários da Jornadainha estarão distribuídos em comissões, que se responsabilizam pelo palco, plateia, recepção do público e programação paralela à Jornadainha de Literatura deste ano. A Jornadainha tem um sistema de redição, em que os autores se apresentam ao mesmo tempo,

em quatro liras organizadas por cores, revezando-se até terem passado por todas elas. "O grupo de jornalbetes responsável pelo palco terá a responsabilidade de direcionar e assessorar os convidados, para que seja possível cumprir os horários planejados", explica Eliana Teixeira. A equipe responsável pela plateia terá a missão de coordenar a entrada das turmas nas liras, de acordo com as cores estabelecidas para cada escola, além de manter o público em silêncio e acomodado em seu lugar.

"Os jornalbetes têm ainda a função de acompanhar os alunos ao banheiro, quando necessário, já que por questão de segurança, nenhum participante sai das liras sozinho", conta a professora.

O grupo destinado à recepção dos alunos permanecerá na parte de fora das liras, próximo ao local onde os ônibus serão estacionados, para acom-

panhá-los ao local da Jornadainha. "Um grupo de voluntários foi destinado a esse serviço para reforçar ainda mais a segurança das crianças que estarão presentes", explica Eliana, resultando que além dos jornalbetes, haverá toda uma equipe de segurança contratada para o evento.

As atividades paralelas à Jornadainha possuirão uma equipe de voluntários destinada exclusivamente ao auxílio dos eventos realizados em diversos locais do campus. O grupo fará a assessoria tanto aos escritores quanto aos alunos, colaborando na coordenação de debates com escritores nas sessões de autógrafos.

"Essa programação é toda destinada a aqueles que não tiveram a chance de se inscrever na Jornadainha e que não farão parte do evento", conta Eliana Teixeira.

A professora conta ainda que será disponibilizado aos

alunos 20 computadores, onde eles poderão interagir com a informática e conhecer mais profundamente o símbolo da Jornada deste ano, ressaltando o tema Lettura da arte & arte da leitura. A atividade será realizada todos os dias, às 12h, sob o comando do professor Adriano Teixeira e com a colaboração dos alunos do curso de Ciências da Computação. Além

das atividades realizadas durante o evento, os jornalbetes colaboraram com a montagem das pastas destinadas aos alunos inscritos na Jornadainha e na Jornada.

A abertura da 12ª Jornada Nacional de Literatura acontecerá no dia 27, às 19h30, no Círculo da Cultura. A abertura da 4ª Jornadainha será no dia 28, às 9h.



Passo Fundo, terça-feira, 14 de agosto de 2007 - O NACIONAL

12ª Jornada de Literatura traz opções culturais a Passo Fundo

Contagem regressiva para o início de uma das maiores movimentações culturais da América Latina. De 27 a 31 de agosto, no Circo da Cultura, acontece a 12ª edição da Jornada Nacional de Literatura. Preparando essa movimentação, desde o dia 4, a comunidade passo-fundense e regional é convidada a se integrar no clima, através do Festerê Literário, que teve nova edição no sábado (11). Desta vez, os shoppings Bella Città e Bourbon foram o palco das apresentações de canto, música e dança. O Festerê Literário tem o

objetivo de divulgar as ações culturais desenvolvidas no município e as atividades paralelas e gratuitas da Jornada, já que, mesmo quem não conseguiu se inscrever pode participar de parte da programação, que é aberta ao público. Entre as principais atrações, conversas com os escritores presentes e sessões de autógrafos, mostra de filmes, feira do livro e exposições, além dos espetáculos musicais e teatrais. A relação completa da programação paralela pode ser conferida no site <http://jornadadeliteratura.upf.br>.

(FOTO: CRISTIANE SOSSIELLA)



Momentos culturais aconteceram no sábado à tarde, nos shoppings Bella Città e Bourbon

8 Jornada de Literatura

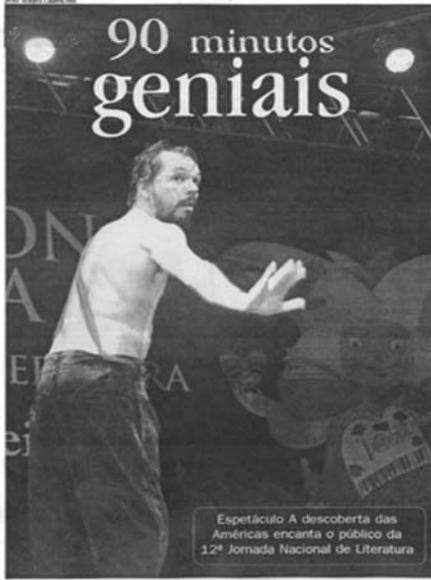
Paseo Fundo, quinta-feira, 30 de agosto de 2007 - O NACIONAL

REMAÇÃO

Genial. Não há outra palavra que defina melhor as noventa minutos que a relação do Circo da Cultura percorre no no lardo do entre. Um ato ou mesmo, um ato ou espetáculo, também cenário. Esse dava lugar as fantasias acrobáticas, literalmente vistas, pelas pessoas que compunham o ato público, transmutadas através da voz do ator solitário. Talvez não se possa chamar de solitário, já que com ele havia 5 mil índios que viviam e uma tropa de desbravadores espanhóis, selecionados por outro e sangue. Uma comédia sem igual, um monólogo de mil vozes, um texto extremamente inteligente e um ator genial, capaz de prender a atenção de uma multidão até o último segundo de sua febre narrativa.

O espetáculo A descoberta das Américas é baseado no texto de Duro Fo, dirigido por Alessandro Vannucci e apresentado por Jullio Adriano, que interpreta Johan Fadon, um joan-minguito que embarca por engano em uma das caravelas de Cristóvão Colombo. A partir daí, surgem índios, porcos, cavalos, porcos, maribeiros, cambuis e espanhóis, todos trazidos ao palco denominado através de uma gigantesca variedade de sons, gritos e ruidos que, durante grande parte da encenação, roubam o lugar do texto.

A transformação que se dá entre o momento em que se dá o espetáculo e o momento em que uma pessoa qualquer toma conta do palco é impressionante. Não há dúvida, por ali passaram milhares de pessoas, animadas e impetuosas, o que se reflete no próprio ator, completamente baseado em suas ideias de tanta aventura. A forma é como a maravilhosa narrativa de Johan se desvenda lenta e plausivelmente, já que esse sobrevivente a tudo com o tempo



objetivo, de não morrer sem transmitir a alegria que a incrível viagem. O riso é quase constante e provém de um traço importante, que nunca falha. Torna-se então um espetáculo obrigando que se divirta total até o fim, apesar de ser desvirtuado que passou pelo palco os espetáculos, índios e a história.

Mais do que um simples espetáculo de comédia, A descoberta das Américas é uma homenagem a quem que preservam e amam sua terra, um presente da arte ilhada à história, e principalmente uma lição das mais necessárias, que deve ser carregada no coração de cada um daqueles que têm o privilégio de presenciar a obra espantosa de ruidos e expressões.

Em suas últimas palavras, ele conta a grande lição, quando Johan dá adeus aos europeus e diz "aquei lá avós". Mas não fica. Johan Fadon e suas histórias maravilhosas serão levadas pelas mentes de cada uma das pessoas que passaram os seus momentos dentro do Circo da Cultura, dividindo com o ator Jullio Adriano as angústias, alegrias e emoções, passadas através de um genial monólogo.

A incrível descoberta das Américas através dos olhos de Johan pode ser vista mais uma vez, oportunidade que não deve ser desperdiçada de maneira nenhuma. Johan volta ao palco hoje, às 12h30, no Circo da Cultura, em uma apresentação destinada ao público em geral. Depois de assistir, com toda atenção e prazer, a Jullio Adriano durante uma hora e meia, uma coisa pode ser dita com toda certeza: A descoberta das Américas ao fim, indubitavelmente, um dos melhores momentos da 12ª Jornada Nacional de Literatura e trouxe em sua trilha a maior lição: dar sempre valor às artes, mesmo que elas não sejam as suas.

■ Concurso de contos Josué Guimarães

Vencedora é carioca

Concurso teve 1.125 inscritos de 25 estados brasileiros e do exterior

REDAÇÃO ON

Criado em 1988, o concurso de contos Josué Guimarães já está em sua décima edição e homenagem ao escritor gaúcho que, juntamente com a professora Tania Rönig, foi um dos maiores estimuladores da Jornada Nacional de Literatura. O concurso começou a receber as inscrições de 25 estados do Brasil e também de Portugal, Argentina, Alemanha e Itália. O Rio Grande do Sul foi o estado com mais inscritos, 337, seguido por São Paulo com 268 e depois o Rio de Janeiro com 179 participantes.

A vencedora foi a carioca Lúcia Oliveira Lima de Andrade Bettemcourt desde pequena gostava de escrever poesia e contos e apesar de sempre ter se considerado escritora, só teve seu primeiro livro publicado após ganhar o prêmio Sesc de Literatura. Sem seguir um único tema, ela organizou contos que estavam guardados em gavetas e resolveu participar do concurso Sesc. Entre seus autores preferidos estão, além de Josué Guimarães, Marcel Proust e José Luis Borges.



Escritora já venceu três concursos de contos

curso Oumar Lima de Contos, a escritora esteve pela primeira vez em Passo Fundo.

Em conversa com a reportagem de ON, Lúcia disse estar empenhada com o recebimento de seu trabalho. "Estou honrada, principalmente, porque o patrono do prêmio é uma pessoa que tem uma obra tão importante e expressiva na cultura do Rio Grande do Sul, que é Josué Guimarães", riu. Sobre a Jornada Nacional de Literatura, Lúcia disse estar deslumbrada e afirmou que eventos como esse deveriam existir em todos os lugares do país. "Isso é uma maravilha, todas as cidades deveriam ter esse entusiasmo pelas coisas que realmente valem a pena, como é o caso da literatura", concluiu.

Como prêmio, a escritora recebeu das mãos do reitor da UFF,

Rui Getúlio Soares, R\$ 5 mil, o troféu Vasco Prado e uma viagem para Santiago da Compostela, que era o prêmio surpresa. O segundo lugar ficou com o escritor Bruno Dierigatti, que recebeu R\$ 3 mil e o troféu Vasco Prado.

A ganhadora

A professora carioca Lúcia Oliveira de Andrade Bettemcourt desde pequena gostava de escrever poesia e contos e apesar de sempre ter se considerado escritora, só teve seu primeiro livro publicado após ganhar o prêmio Sesc de Literatura. Sem seguir um único tema, ela organizou contos que estavam guardados em gavetas e resolveu participar do concurso Sesc. Entre seus autores preferidos estão, além de Josué Guimarães, Marcel Proust e José Luis Borges.

Modelo para o Brasil

Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícios Vilaça afirma que as Jornadas Literárias servem de exemplo para o país



O presidente da Academia Passou-Fundense de Letras, Márcio Duarte, com o presidente da ABL, Marcos Vinícios Vilaça

SILVIA BRUGNERA/ON

Em visita à Academia Passou-Fundense de Letras, o presidente da ABL (Academia Brasileira de Letras), Marcos Vinícios Vilaça, revelou que as Jornadas de Literatura têm um prestígio nacional muito grande, por apontar o que é considerado bom para o Brasil, que é o comprometimento da reflexão. "Isso faz com que Passo Fundo sirva de estí-

mulo para outras promoções no país. Esse exemplo serve muito à ABL, neste período em que a academia está comprometida a ser brasileira cada vez mais, na forma com se envolve com as expressões culturais do Brasil inteiro", argumenta Vilaça.

Segundo Marcos Vilaça, a ABL está em todas as cidades do Brasil, onde existe um núcleo de pensamento. Não se trata, à ABL, se dispõe a esta-

belecer a mais pronta ligação e a mais forte comunhão de trabalho para a maior expressão da língua portuguesa e da cultura deste país.

Paralelo à Jornada, o presidente e os demais acadêmicos - Domício Proença Filho, Evaraldo Bochara, Antônio Carlos Sechin, Léo Ivo, Moscyr Scliar e Mário Melo Filho - estarão presentes no 2º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, até 31 de agosto. Sob o tema 'Revisitando os clássicos', o Vilaça falará sobre a obra do escritor e sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, autor de Casa-Grande e Senzala.

Centenário da morte

de Machado de Assis

Durante o encontro, Vilaça convidou os imortais da Academia Passou-Fundense de Letras a integrar, juntamente com a ABL, as atividades do centenário da morte de Machado de Assis, que acontece no próximo ano. "Gostaria que a academia promovesse algo para dar ao país a notícia de que Passo Fundo está ajeitada ao grande, ao maior de todos os nossos escritores, no centenário de sua morte", frisou Vilaça. Na oportunidade, o presidente da ABL anunciou que irá encaminhar à Academia Passou-Fundense de Letras 500 volumes das diversas edições da Academia Brasileira de Letras.

■ Autor surpresa

Mistério revelado na lona

Um dos momentos mais aguardados da abertura apresentou escritor com 42 obras publicadas

REDAÇÃO ON

Centenas de pessoas aguardavam ansiosas pela divulgação do autor surpresa da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Após os pronunciamentos e divulgação dos ganhadores dos concursos, Ignácio de Loyola Brandão assumiu a tribuna e depois desaprovou a não concessão de recursos pela Lei de Incentivo à Cultura e o anúncio de Gabriel Chaila. Natural de Cachoeira Paulista, Chaila tem 38 anos, é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC SP, membro da Academia Paulista de Letras e ex-secretário de Educação de São Paulo.

O paulista já tem 42 livros publicados, entre eles Educação e Solução está no alicerce e Pedagogia do amor.

Algumas de suas obras já foram publicadas na Argentina, Chile e Espanha e ainda neste ano devem chegar a Portugal. Como político iniciou sua carreira aos 19 anos, como vereador e presidente da Câmara Municipal de Cachoeira Paulista, em São Paulo. Ao assumir o microfone, de forma críativa, ele prendeu a atenção



Gabriel Chaila surpreendeu o público ao cantar bastões de vôlei

dos espectadores. Ele contou histórias e levou o público a uma viagem, que só não teve fim, porque ele deixou todas as expectativas. Chaila não contou o final e estimulou todos à leitura da obra de Machado de Assis. Contando passagens de sua vida e da família simples, Gabriel Chaila não decepcionou e levou a platéia às palmas diversas vezes. Diferente de como foi apresentado na Jornada Nacional de Literatura, o escritor mostrou que o sucesso não foi uma surpresa, mas sim um trabalho ao longo dos anos.

REDAÇÃO ON

Com o objetivo de atingir a todos, a Jornada Nacional de Literatura quer se consolidar não apenas como um evento, mas sim como um movimento. Para isso, a organização propõe que o espetáculo ultrapasse as fronteiras da Jornada. A programação paralela, montada em diversos locais da cidade, quer integrar a população e demonstrar de forma prática o tema do evento: *Letras da arte à arte da leitura*.

Para consolidar o objetivo, diversas exposições foram montadas em locais como o centro de eventos da UFF, saguão da Biblioteca Central e Museu de Artes Visuais Ruth Schneider. As montas apresentam fotografias, projetos arquitetônicos, obras plásticas, ilustrações e roupas. As obras são de artistas locais e nacionais.

Além de assuntos relacionados ao tema da Jornada também estão expostos trabalhos que contam um pouco da história de Passo Fundo. Quem quiser aprofundar ainda mais o assunto literário pode participar, sem necessidade de inscrição, das conversas paralelas, realizadas diariamente com autores presentes na Jornada. As conversas aconteceram nas faculdades da UFF, no centro de eventos, na Academia Passo-Fun-

Muito além da lona

Programação paralela é aberta a todos e propõe integração entre a arte e a literatura



Exposições são gratuitas e acontecem em vários locais da cidade

dense de Letras e no Bourbon. A Jornada também propõe outra forma de integração entre arte e cultura, com a exibição de filmes e espetáculos musicais e teatrais. Para mais informações sobre a programação paralela acesse o site www.jornadadeliteratura.uff.br. O Nacional apresenta algumas eventos da programação paralela com entrada franca.

Centro de eventos
Outras quatro exposições também aconteceram no centro de eventos da universidade.

• **A História de Passo Fundo sob o olhar de Drededich Czarnanski** - coleção de 50 fotografias do acervo pessoal do fotógrafo que procura demonstrar a trajetória de 150 anos de Passo Fundo.

• **Exposição de projetos arquitetônicos e fotografias de espaços de leitura** - São 11 trabalhos de alunos de ensino superior de diversas instituições do estado. Os trabalhos objetivam apresentar espaços ideais de leitura.

• **Letra e pra cima** - Exposição que comemora os 15 anos da Editora Projeto.

• **A salamanca do Jarau** - Presenta uma homenagem a Síndes Lopes Neto, nos 90 anos de sua morte, através de uma interpretação plástica da lendária homênia, publicada na obra *Lendas do Sul*, em 1913.



Proprietário da maior biblioteca particular do Brasil recebeu ontem o título de doutor honoris causa da Universidade de Passo Fundo

Jose Mendlin faz o discurso a receber o título honorífico da UFF

A arte de homenagear a leitura

REDAÇÃO ON

Demonstrando os sinais da idade, José Elyas Mendlin, de 92 anos, foi condecorado ao palco de homenagem da 12ª Jornada Nacional de Literatura pelas professoras Jania Klingsing, coordenadora do evento, e Neusa Rocha, diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Mendlin, que possui a maior biblioteca particular do país, foi a terceira pessoa a receber um título honorífico da Universidade de Passo Fundo. O primeiro foi o intelectual francês Edgar Morin, na Jornada de 2003 - como professor honoris causa -, e o segundo o escritor pernambucano Ariano Suassuna em 2005, doutor honoris causa. O título é concedido a pessoas que tenham contribuído de forma decisiva para a transformação da sociedade brasileira.

De acordo com Neusa Rocha, a concessão do título vai

além. "Não significa apenas homenagear um cidadão de reconhecimento nacional, um intelectual respeitado. Significa também qualificar a UFF e consolidar o perfil como instituição que está atenta ao trabalho desenvolvido por grandes intelectuais que promovem a cultura e formação de leitores", afirmou em seu pronunciamento.

Mendlin afirmou que receber esse título aconteceu como tudo em sua vida, com muita alegria. "Estou bastante satisfeito com a homenagem e me sinto muito feliz de estar ao lado de Edgar Morin e Ariano Suassuna", afirmou.

História
Conhecido como Homem-biblioteca, José Mendlin começou aos 13 anos a comprar livros em feiras de São Paulo, mas entendeu não imaginava que viria a se tornar o maior bibliófilo do Brasil. Filho de pais russos, imigrados para o Brasil no co-

mércio do século passado, advogado fundador do Metal Leve (fabricante de autopeças), repórter de O Estado de São Paulo e ex secretário de Cultura de São Paulo, Mendlin define as etapas do processo em que se estabeleceu a compulsa pelos livros. "Primeiro se começa com as edições comuns. Depois vem o interesse pelo livro bonito, com ilustrações e bem diagramados. A próxima etapa é a busca das primeiras edições de um determinado título. Passa-se, então, a procurar e exemplares autografados. A última etapa é a consecução da raridade. E aí você está definitivamente perdido", afirma ele. Já tem pouco tempo de lista de seis a oito livros por mês, agora com problemas de visão precisa usar uma lupa, por isso o número era um pouco. Mesmo assim, marcam uma pilha de obras na estante e uma sempre próxima à mão, que lhe permite ler "em uma semana de pequenos períodos".

12ª edição da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo tem início hoje, discutindo o diálogo entre a literatura e as demais expressões artísticas



Desfiló pelas ruas de Passo Fundo realizado na manhã de sábado serviu como próvia da Jornada Nacional de Literatura, que tem hoje sua cerimônia de inauguração

As cores das letras

Passo Fundo/Zero Hora
ELLEN BORTOLUZZO

Ao cair da noite de hoje, ganha vida a 12ª Jornada de Literatura de Passo Fundo. Com abertura oficial marcada para às 19h, o evento, esta vez a mais eclética de todas as edições do evento. Aos 26 anos, a grande festa das letras também abriga performances musicais e teatrais, para o teatro para o cinema e para a música, entre outras manifestações culturais. Tudo girando em torno do importante Ciclo da Cultura, organizado no campus 1 da Universidade de Passo Fundo (UPF).

O tema escolhido para este ano já define o eixo conceitual: A Literatura e a Arte e a Arte da Literatura, segundo os organizadores, a grande proposta da programação literária é renovar leituras críticas, mas com diferentes linguagens pelas quais a arte se manifesta. Na avaliação do jornalista Ignácio de Loyola Brandão – que já participou de 10 edições –, esta

maneira representa “a evolução dos encontros literários de Passo Fundo”.

Um desafio temático, realizado na manhã de sábado pela Rosa Murray – principal do centro de estudos de 190 anos habitares –, serviu como próvia das atividades. Realizando debates, encontros e painéis, figurantes acompanharam contações de histórias do Município de Lajeado, da UPF que foram tocadas de livros pelas crianças e alunos de língua, despertando curiosidade e encantamento entre os presentes.

Os escritores – nacionais e estrangeiros – vão debaterem de vez em quando sobre a Jornada. Ao longo da semana, eles e os públicos terão acesso a oportunidades de um contato direto, com debates sobre obras, sobre arte e sobre a literatura como expressão do mundo. Ela talvez o maior desafio de como colocar autores e leitores frente a frente e permitir uma intensa troca de ideias e experiências entre eles.

A 12ª edição também irá proporcionar palestras, que promoverão o país em carismáticas histórias, estimulando a leitura de obras de au-

tores conhecidos. Outra atividade preparatória foi o Festival Literário, que teve desde leitura de livros em árduas sessões até reuniões públicas ao longo das últimas semanas. Foram 160 inscrições por professores e estudantes, vindos de várias partes do Brasil, o público-alvo da Jornada será composto a cerca 100 pessoas. Um total, mais de 50% serão de crianças, parte inscritos da 4ª Jornada de Literatura. Não há mais inscrições à venda. Sobre os participantes já se tem reservado previamente.

Serão o maior evento literário da América Latina. A edição contou dias e noites gratuitas e de acompanhamento geral. Sobre isso:

De hoje até sexta-feira, o maior grande se torna oficialmente o centro cultural do Estado. E Passo Fundo, mais uma vez, faz jus ao título oficial de Capital Nacional da Literatura. Informações sobre o evento podem ser obtidas pelo telefone (54) 3316-8168 ou no site www.jornadadetalentosa.com.br

QUATRO NOMES PARA VER NA JORNADA

- 1 Carlo Ginzburg italiano, é um dos principais historiadores da etnohistória e prprio se pode ler em seu livro, intitulado *O Que é O Que é História*. Sobre ao palco de debates na quarta-feira, às 19h.
- 2 Bernardo Monteiro italiano, é autor de várias obras de teatro, entre as quais a de narrativa, sobre o número de crimes. Sobre ao palco de debates amanhã, às 14h.
- 3 Mia Couto: romancista moçambicano, é um dos nomes mais conhecidos da atual literatura em português publicada na África. É autor, entre outros, de *Barro Soturno*, *Admirável de Ferganyer* e *O Quarto de Simão*. Sobre ao palco de debates na quinta-feira, às 14h, em uma mesa sobre Arte e História.
- 4 Mirzadeh Shukri: polonês, é diretor em Ciências Humanas, escritor, jornalista, musicólogo e publicista. Está no palco de debates da 14h de quarta-feira.

Zero Hora – Segundo Caderno, 02/06/07

*Na próxima
segunda-feira, serão
abertas na Internet
as inscrições para a
12ª Jornada
Nacional de
Literatura*



O bafão, criação de Rui de Oliveira, ilustrador homenageado nesta edição da Jornada, simboliza o tema do evento: A Arte da Leitura e a Leitura da Arte

Jornada começa na Internet

Passo Fundo/Casa Zero Hora
CLEBER BERTONCELLO

Quem pretende participar da 12ª Jornada Nacional de Literatura terá de acordar cedo na próxima segunda-feira, dia 4 de junho: às 8h, abrem-se as inscrições para o evento. São 4,5 mil vagas, disponíveis somente por meio do site www.jornadadeliteratura.upf.br.

A Jornada ocorre de 27 a 31 de agosto, no campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), no norte gaúcho.

Na edição anterior, há dois anos, todas as vagas para participação se esgotaram em 40 minutos. Depois de realizar o cadastro na Internet, os interessados têm 24 horas para efetivar o pagamento da taxa de inscrição na rede bancária. Se isso não ocorrer, a vaga não é confirmada e retorna ao site, podendo então ser obtida por outra pessoa. Existem duas

modalidades de inscrição (veja quadro abaixo), com diferentes preços e atividades.

O encontro deste ano tem como tema A Leitura da Arte e a Arte da Leitura. Na avaliação da idealizadora e coordenadora da movimentação cultural, Tânia Rösing, este é um dos mais abrangentes temas já propostos ao longo dos 26 anos de história do evento.

A Jornada está se transformando de um debate literário em um debate cultural. A arte, como um todo, está interligada a muitas outras áreas – analisa a doutora em Letras.

Tânia coordena uma equipe permanente de 15 pessoas na preparação do evento. Este ano, se realizará pela primeira vez o Encontro Estadual de Escritores: Criação Literária Gaúcha em Debate. Também está confirmada a 5ª edição do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, que destina R\$ 100 mil para o autor do melhor romance publicado em língua portuguesa. Em 2005, o ganhador foi Chico Buarque, com *Budapest*.

Como se inscrever

As inscrições para a 12ª Jornada Nacional de Literatura começam na próxima segunda, dia 4 de junho, às 8h, somente pela Internet, no site www.jornadadeliteratura.upf.br

> A primeira modalidade de inscrição custa R\$ 100 (individual) ou R\$ 800 (grupos com 10 participantes) e dá direito a estar na Jornada e a escolher a participação em uma de três atividades (os cursos oferecidos, o 2º Encontro da Academia Brasileira de Letras ou o Encontro Estadual de Escritores).

> A segunda modalidade de inscrição abrange a participação na Jornada e no 6º Seminário Internacio-

nal de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural. Os inscritos nela poderão apresentar comunicação durante o seminário. O preço individual é de R\$ 120 (sem comunicação) ou R\$ 140 (com comunicação). Para grupos de 10 pessoas, o preço é R\$ 1 mil (sem comunicação) ou R\$ 1,2 mil (com comunicação).

> **INFORMAÇÕES:** www.jornadadeliteratura.upf.br ou (54) 3316-8368.

Autores confirmados

Alguns destaques da Jornada que já confirmaram presença:

> **Federico Andahazi (Argentina)** – Autor de romances destacados como *O Anatomista* e *As Piedosas*.

> **Milton Hatoum** – Três vezes ganhador do Prêmio Jabuti, o aclamado romancista venceu ainda o Portugal Telecom com *Cinzas do Norte*.

> **Luiz Ruffato** – Escritor e crítico. Já lançou três romances – de uma série prevista para cinco – sobre a evolução do proletariado no Brasil urbano.

> **Carlo Ginzburg (Itália)** – Historiador italiano especialista na Europa Medieval, é autor de *O Queijo e os Vermes*, sobre o julgamento de um moleiro por heresia.

> **Ferrez** – Rapper, agitador cultural paulista, poeta e escritor. É autor de *Manual Prático do Ódio*.

> **Gerard Jones (Estados Unidos)** – Autor de *Brancando de Matar Monstros*, que analisa os prováveis efeitos da violência em videogame e desenhos de TV, e *Homens do Amanhã*, sobre quadrinhos.

> **Flávio Carneiro** – Professor, crítico e autor de ensaios. Recentemente, lançou a ficção policial *A Confissão*.

jornada literária

Leitura antecipada das obras garante diferencial

Num domingo do mês de abril de 1981, a professora do curso de letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) Tânia Rösing, durante um bate-papo informal com o jornalista e escritor gaúcho Josué Guimarães, manifestou o desejo de criar um evento com a participação de escritores sul-rio-grandenses, empregando uma metodologia diferenciada: a leitura prévia de suas obras. "Desenvolva esse tipo de jornada, que eu convindo os escritores e comprometo-os a vir a Passo Fundo", assegurou-lhe Josué.

No mesmo ano, com 750 inscritos, a Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, ocorreu com clima de festa e a participação de escritores como Mário Quintana, durante o mês de agosto. O sucesso da primeira edição, projetou a jornada e fez com que se tornasse um evento nacional. Assim, em 1983, acontece a I Jornada Nacional de Literatura, com um público de 1.100 pessoas.

Nos primeiros anos o pagamento das inscrições viabilizava o evento. O número cada vez maior de inscritos fez com que a jornada fosse transferida do play center de um clube da cidade para o Circo da Cultura, local onde já ocorria o Festival Internacional de Folclore. Hoje a jornada conta com a ajuda de empresas estatais e privada através das leis de incentivo à cultura federal e estadual. A Prefeitura Municipal da cidade de Passo Fundo, só a partir de 1991, passou a contribuir financeiramente para a viabilização da jornada.

Para a preparação de cada edição é preciso mostrar o que foi a anterior, comprovar as ações e seus resultados. Então, através de relatórios, de um bom conjunto de imagens fotográficas, da produção em vídeo do evento, as empresas são sensibilizadas a participarem novamente da viabilização financeira.

"Defendi na condição de criadora e de coordenadora, intuitivamente, um trabalho interdisciplinar, que passava mais pelo entusiasmo de realizar algo diferenciado, capaz de trazer resultados palpáveis numa área tão difícil mas tão necessária a distintos segmentos da sociedade" diz Tânia Rösing. Para o ZERO, acrescentou que não tem dúvidas em relação ao que ocasiona o sucesso do evento que idealizou: "Cada vez mais, nós estamos desenvolvendo a metodologia de leitura antecipada das obras e por isso ela se amplia, porque isso funciona".

Após a morte de Josué Guimarães, o jornalista e escritor Ignácio de Loyola Brandão, transformou-se em um dos coordenadores dos debates, constituindo-se embaixador das jornadas literárias desde 1988, função que ocupa até hoje a convite da comissão organizadora. Também contribuem na posição de mediadores dos debates o romancista, dramaturgo, roteirista de cinema e televisão, cronista e ensaísta, Alcione Araújo e o doutor em Literatura e Língua Portuguesa, com Pós-Doutorado em Literatura Moderna, Júlio Diniz. Este também é escritor, crítico, ensaísta e especialista na área de leitura e na interface música/literatura/cultura. Ambos colaboram com a comissão organizadora na elaboração do programa e na efetivação dos contatos com escritores e artistas.

Professores de diferentes áreas de conhecimento foram se agregando ao movimento, distintos segmentos da comunidade passaram a respeitar a ideia e a sua caminhada crescente recebeu diferentes formas de apoio de autoridades governamentais, educacionais e culturais – desde 1981 os professores da rede estadual são liberados do ponto para participar do evento.

A equipe responsável pela organização de cada jornada e a comissão executiva trabalham em sintonia para alcançar o objetivo que sustenta essa movimentação cultural. Desenvolvem parcerias inteligentes com diferentes instituições para garantir a qualidade da programação.

As ideias são postas na mesa, tudo é discutido e decidido de forma a promover o evento com resultados palpáveis nas áreas da educação e da cultura, em uma perspectiva interdisciplinar e crítica. As ações nas escolas entre uma jornada e outra, são constantes. Sobre isso Tânia Rösing analisa: "Nós entendemos que o leitor que compreende do texto escrito e do texto apresentado em diferentes suportes, do texto literário e das linguagens das manifestações culturais e artísticas é crítico, é um cidadão de verdade".

A Jornada Nacional de Literatura consolidou Passo Fundo como um dos maiores centros literários do Brasil fazendo de um município com 200 mil habitantes, no Noroeste do Rio Grande do Sul, a Capital Nacional da Literatura. Segundo o IBOPÉ, em pesquisa realizada no segundo semestre de 2006 encomendada pela Câmara Rio-Grandense de Livros, a cidade apresenta hoje o maior número de obras lidas por habitante ao ano, 6,5. Em Porto Alegre são 5,8 livros lidos ao ano por pessoa, e a média brasileira não passa de 2,3. AB

Literatura

A Jornada em capítulos

Por **Paulo Fonda**
 CARLOS ANDRÉ MOREIRA, CLAUDIO BERTINELLO e LARISSA ROGO

Introdução

Com o palco principal da 12ª Jornada Nacional de Literatura de Paulo Fonda localizando sob uma tenda de circo, as dependências do evento costumam deturpar uma impressão de fim de temporada. Os convidados partem, o número de atividades diminui, até que, de fato, ocorre a festa de encerramento. Depois, fica tudo para pessoas como Sérgio de Amantim, 29 anos, responsável por colocar a plateia em ordem no intervalo entre os debates, apresentações e homagens. É o momento em que o Circo da Cultura, viciado, apresenta um ar de abandono – o que representa tristes também para Sérgio. Desacompanhado desde março, vive de 205 filhos e com o marido aposentado por invalidez, ele foi contratado como temporário para trabalhar na equipe de limpeza. Vê-la a procurar emprego ao fim da festa.

— Fui aqui muito feliz por trabalhar aqui — diz.

A seguir, uma seleção dos momentos mais importantes desta 12ª edição da Jornada.

1) Mia, o gato



O escritor moçambicano Mia Couto

Durante a cerimônia de abertura da Jornada, ele permitiu que o público se aproximasse dele e o abraçasse em um momento íntimo da plateia. Assim que foi anunciado como vencedor do 5º Prêmio Paulo Fonda Zaffari de Honras de Literatura, em seguida, foi, sob o palco e mantendo-se apenas tímido — sempre tímido, o principal inspirador das páginas de grande matéria feminista do público. Em poucas palavras e tem de vez mais, o escritor moçambicano Mia Couto desenvolveu seu belo pensamento e se desdobrou em elogios ao Brasil não depois os autores fundamentais para sua formação. O autor de O Reino da Lua branca foi sempre atencioso aos pedidos de autógrafos.

1 É o primeiro volume de uma trilogia sobre a história do negro brasileiro. O primeiro livro, intitulado "O Reino da Lua Branca", será publicado no Brasil neste ano.

2) Polêmica polonesa



O bibliófilo polonês José Mindlin recebeu o título de Doutor Honoris Causa

A maior polêmica da 12ª Jornada foi motivada por um escritor que, ao contrário dos demais, não havia sido sua obra trabalhada na pré-jornada de literatura. O polonês Mindlin José Mindlin, que em Paulo Fonda estava lançando seu primeiro livro traduzido para o português, o romance *Tom de Chão (1)*, participou do painel sobre Arte, Moral e Estímulo na tarde da quarta-feira quando recebeu um bilhete no palco. Vinda de um grupo de estudantes poloneses em intercâmbio, a nota, escrita no idioma natal do escritor, dizia para que ele se calasse por estar "impreparado" no polonês ao falar sobre sexo. O escritor respondeu que, se estava envergonhando alguém, seria ele próprio.

Mais tarde no mesmo dia, a organização da Jornada disse que o incidente havia sido resultado de uma tradução equivocada do bilhete. Mas os dois acompanhantes do escritor polonês, um deles o tradutor de seu manuscrito para o Brasil, defenderam o que haviam interpretado de texto da nota.

2 Pastor francês, Jacques-Louis David viveu entre 1748 e 1825 e foi pintor da Revolução Francesa.



Despedida funcionária Ingrid e Circo da Cultura na última dia da Jornada

3) Colecionador de lágrimas



O bibliófilo polonês José Mindlin recebeu o título de Doutor Honoris Causa

Ninguém provou mais emoção na Jornada do que o bibliófilo José Mindlin, Gentil e cordato, o empresário de 93 anos, dono da maior biblioteca privada do Brasil, fez um pronunciamento breve na noite de quinta-feira e foi aplaudido pela plateia do Circo da Cultura com o coro — até delas com a audácia de pai.

Emocionado com a entrega do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Paulo Fonda, discursou sobre os problemas de visão que

o impulsiona de ser um apaixonado e o obrigaram a se dirigir ao público de maneira informal. Narrou passagens de sua vida, como os cinco anos na faculdade de Direito ("Truqueamento por professor falado, eu fizeti no fundo da sala lendo boa literatura") e lembrou de sua infância. Gostou, quem foi casado por 60 anos, até a morte dele em 2006. Promoveu legítimo na plateia lágrimas quando disse:

— Tive sorte de gostar de ler poesia em sua alta e de não gostar de me ouvir.

3 O livro Marat era parte vital de sua mais radical das manifestações literárias, e foi muito trabalhado em sua obra pelo escritor Claudio Coutinho.

4) Ginzburg



O historiador italiano Carlo Ginzburg

Muito antes da Jornada, o historiador italiano Carlo Ginzburg apresentou no mês de quinta uma ótima e crítica análise do quadro *A Mãe de Marat*, do pintor francês Jacques-Louis David (2), que retrata o assassinato de um dos principais nomes da Revolução Francesa. Para marcar as relações entre arte e política, Ginzburg, momento a história da pintura, fala no calor dos acontecimentos, na sucesso da criação provocada pelo assassinato de Marat (3). Segundo Ginzburg, David tentou o rescaldo de apresentar o momento das pinturas sacras do Cristianismo, com o claro objetivo de estabelecer na figura de Marat um modelo de religião política representada pela Revolução.

5) Livro maldito

Quem não passou o último ano comendo demais deve se lembrar das tantas emoções provocadas pela cerimônia em torno da biografia de Roberto Carlos em Detalhes, da jornalista Paulo César de Araújo, mandada para o inferno em processo movido pelo cantor. Roberto alega que havia sido sua privacidade desrespeitada, embora em um acordo e aprendeu para si toda a edição impressa pela Planeta. Foi o livro em um livro que ainda podia ser encontrado no estande da Livraria da LUV na Jornada, ao preço de R\$ 39,90. Um livro recente: só havia um exemplar, que ficou em circulação do evento, dando lugar, sem compor.

Dedicatória

ATÉ AS LÁZIMAS
 ENTÃO, NINGUÉM
 DESDEU QUE ERA
 LYA LURT A AVULSA
 O ÚLTIMO CASAMENTO DO
 GUSTAVO CAZEMIRO DA
 JORNADA. A PRIMEIRA
 O TERÇO DE QUINTA
 ERA DE MILTON HEERD.

Passo Fundo e o Mundo

O cartão (desses chamados “de visita”) do hotel onde me hospedei, para participar da mais uma vez excelente Jornada de Literatura de Passo Fundo, traz no verso um mapa esquemático da cidade. Não sei se o leitor sabe, mas a terra de Teixeira e da Jornada se distribui em quarteirões bastante homogêneos e ortogonais; há uma avenida central, chamada nada menos que Brasil, que atravessa a cidade de fora a fora, e em torno dela se espalham as demais, ou paralelas, ou a noventa graus. Isso quer dizer que o mapa do cartão é um agregado de quadradinhos, coisa fácil de visualizar e entender. O que me chamou a atenção foi que em cada uma das pontas da avenida Brasil, neste mapinha, há listas de cidades a que se vai, conforme se saía para lá ou para cá.

Que cidades? Numa ponta se lê: “Pelotas, Chuí, Porto Alegre, Soledade, Carazinho, Argentina”. Bem, dirá o atento leitor, há uma desproporção aí, porque entra um país numa seqüência de cidades; sim, mas é mais, porque na lista das cidades mesmo a geografia está embaralhada - cidades próximas e remotas entraram na lista sem maior cuidado. E na outra ponta o grupo de nomes vem assim: “São Paulo, Curitiba, Erechim, Vacaria, Lages, Florianópolis, Camboriú”. Igualmente aqui a coisa parece meio desencaixada, pelos mesmos motivos. Fiquei pensando no sujeito desprevenido que pega este cartão: como é que ele lê es-

sas informações?

Não se trata aqui de uma crítica ao cartão, nem ao hotel, por sinal de ótima qualidade (melhor que ele ainda é o bufê do Clube Comercial, onde almoçamos e jantamos todos os dias com grande prazer gastronômico). O que me chamou a atenção é que essa espécie de desproporção, que está no mapinha, no fundo é uma marca de Passo Fundo. Por exemplo: lá funciona, há décadas, um jornal interessante chamado nada menos que “O Nacional”. Nome sem medo, convenhamos, porque o mais típico para uma cidade interiorana normal é qualquer coisa de muito mais acanhado, digamos, por exemplo, “O Regional”.

Desproporção que assume ares superiores quando se vive a Jornada. Numa cidade de 190 mil habitantes, centro intelectual de uma região que terá meio milhão de almas, a Universidade local promove um evento literário que não faria feio em qualquer megalópole, na América ou na Europa. Palestras para milhares, encontros para poucas dezenas, sessões de autógrafos, tudo vai-se sucedendo para vários públicos, sempre com uma energia notável, que já deu frutos e ainda vai gerar muita riqueza para a cidade e a região - que tem, segundo recente levantamento confiável, o melhor índice de leitura do Rio Grande do Sul, que é por sua vez o maior do Brasil. É pouco? Palmas e mais palmas para Passo Fundo, sua universidade, sua prefeitura, seu povo.

O escritor e professor de Literatura Luís Augusto Fischer escreve quinzenalmente no Segundo Caderno

▶ NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA: CLÁUDIO MORENO

Estréia literária tardia, mas ainda a tempo

Coledonadora de prêmios importantes, Lúcia Bettencourt se orgulha de, aos 54 anos, estar na Geração 00

Leonardo Lichstein

A cada aniversário ou Natal, a membra Lúcia podia livros de presente. Devorava todos os que tinha em casa — menos um, o "albanês erótico", página a página de suas mãos. "Com os galantes das mãos e uma noite", que teve arrancado das mãos quando tentava folhear. Aos 9 anos, escrevia histórias em quadrinhos para distribuir entre os colegas. "Uma futura escritora", articularam alguns, apontando no lábil. Dificil era prever que sua estréia seria apenas aos 54 anos, em 2005, quando publicou o conto "Mimosa" no livro "A secretária de Borges", como prêmio de concurso Osmar Lima, em Recife.

Demorei, mas, a partir de então, Lúcia Bettencourt não parou. Aos 54, publicou o livro "A secretária de Borges" (resultado de outro prêmio, o Sesc de Literatura) e acaba de ganhar mais um concurso, o José de Guimarães — resultado no fim de agosto, na Jornada Literária de Passo Fundo. Em 2006, publica pela editora Record "Linha de sombra", de contos. Hoje, aos 55 anos, ela se diverte com a possível identificação com os jovens escritores agrupados sob o termo "geração 00" — ela é, inclusive, uma das signatárias do folheto "Manifesto 00" ("Abandonamos manifestos, fim de um era treche").

— É a sensação estar na geração 00 — diz, rindo, a escritora, que mantém o blog "Linha de sombra" (na internet, em www.linhadensombra.blogspot.com) — Afinal, não sou velha, apenas tenho uma boa quilômetros.

Seu perfil desce quilômetros, ela costea, há gasta em meio a livros. Formada em literatura pela UFPA e com doutorado curando na Universidade Yale, nos Estados Unidos, Lúcia dá aulas particulares sobre clássicos como "A divina comédia" (Dante Alighieri), "Ulisses" (James Joyce) e "Grande sertão, veredas" (Guimarães Rosa). É o universo onde se sente à vontade. Depois dos Monteiro Lobato da infância, conheceu Primit, Cervantes, Cortá-

zar, Borges, Dostoiévski e Kafka ("Mimosa tornou-se clássica", autodefiniu). Sua referência apareceu declaradamente em muitos de seus contos. "A secretária de Borges" visita o universo estético da literatura ao imaginar a fictícia personagem-fantasma, autora de obras do escritor. "O invertebrado" bebe em Kafka, com a história de um inseto que vive humano. "Os três últimos dias de Primit" mostra o francês se relacionando com seus personagens.

— O que mais me inspira são minhas leituras — diz — Mas minhas vivências também me mostram seus contos. Os ambientes de "A secretária de Borges" são de Copacabana, onde passei a maior parte de minha infância adormecida. E contos como "Mimosa" são dançava charleston" são totalmente pessoais, baseados em lembranças.

O conto, gênero que rendeu prêmios a Lúcia, é visto pela escritora como um formato literário perfeitamente adequado à rapidez da vida contemporânea.

— No livro como eu ainda liem romances — exagera. Nas narrativas curtas, Lúcia revela suas obsessões temáticas. Os três contos premiados em Passo Fundo dão uma boa ideia dos universos que a artista gosta de visitar. A literatura aparece em "A mãe de Primit", que, baseado em correspondências entre o escritor francês com sua mãe, fala da relação dos dois com a homossexualidade feliz, nunca assumida. O processo criativo em si é abordado em "Mimosa".

"A caixa" revela a face mais pessoal de sua obra. O conto é dedicado ao marido — vivia desde 2005, ele ainda se emociona ao falar dele. — O povo saadi, da Escandinávia, acredita que cada pessoa tem uma música, única, que somente depois que ela morre, se cantam essa canção, nos aproximamos dela — conta. — "A caixa" é sobre isso: no novo livro há uma forma de reser-ctir meu marido através das palavras. A literatura é, também, uma maneira de corrigir o mundo à nossa volta. ■



LÚCIA BETTENCOURT recebe o prêmio José de Guimarães na Jornada de Passo Fundo. Borges e Primit como personagens e memórias pessoais

Um gênero do século XXI ou porta para 'oba-oba'?

Escritores de diversas gerações discutem papel da narrativa curta na literatura brasileira do hoje

Lúcia chama a atenção para a adequação do conto aos tempos atuais. A primeira vista, parece ter razão. O gênero, que experimentou um boom nos anos 70, sendo reaquecido desde o fim dos anos 90. E, pelo menos em parte, isso parece se deve à internet, que abriu espaços, como blogs, para sua publicação. O problema, porém, não é simples assim. Na visão de escritores de várias gerações, se a nova onda do conto existe, não é necessariamente positiva. Alguns chegam a questionar a importância de técnicas tecnológicas nesse processo. É o caso de Inés Cortés, que publicou seu primeiro livro de contos em 1966.

— Se você escreve e tenta por conta da aceitação do conto, não precisa escrever. O ponto leitor acelerado não vai para a literatura, que, mesmo quando breve, é reflexiva. O clássico literário Silvano Santiago lembra que Machado de Assis tentou o gênero sobre

o Brasil. Mas, vê com desconfiança os mais recentes herdeiros do livro do Conde Valde. — Acho simpático o novo. Um adolescente é sempre simpático. Mas isso não atenta que idade — avalia. — O século XXI já marcado pelo construtivismo radical. Hoje, há o humor pelo humor, a informalidade, a espontaneidade. Há um certo exagero de liberdade na que sempre existiu sua razão de ser: a eficácia de execução do conto existe, não é necessariamente positiva. Alguns chegam a questionar a importância de técnicas tecnológicas nesse processo. É o caso de Inés Cortés, que publicou seu primeiro livro de contos em 1966.

— Se você escreve e tenta por conta da aceitação do conto, não precisa escrever. O ponto leitor acelerado não vai para a literatura, que, mesmo quando breve, é reflexiva. O clássico literário Silvano Santiago lembra que Machado de Assis tentou o gênero sobre

Galvão — diz Mourão, que defende que romance e conto não devem ser vistos numa escala de valores. — Há uma ideia equivocada de que o conto é uma passagem para o romance. Representante da geração 70, Maury Sicler vai além. — Escrever um bom conto é mais difícil que escrever um bom romance. Sérgio Sant'Anna segue a mesma linha e acrescenta uma menção à obra de Carlos Drummond de Andrade, essencialmente contista, como o melhor escritor vivo do Brasil. Em sua opinião, "leitores e escritores de ponta" preferem narrativas breves. E isso não teria a ver com a internet.

— O conto se adequa à internet, mas não é ela que determina a literatura hoje. Borges nasceu no século XIX e era contista. Para o jovem escritor Marcotín Freire, a internet abriu a escrita, como a máquina de escrever há faz um dia.

— O herético é a luz do computador como efeito colateral. No uso — analisa ele. — Desse do romance mesmo sem escrever romances. Não tenho paciência para ficar muito tempo com um personagem no juízo. É tanta coisa para fazer TV a cabo, DVD, sites poronológicos. Marcela Mirisola — que se diz generosa da nova "onda contista" — classifica o atual momento como "oba-oba". — Muitos se deram bem há dois séculos, escrevem romances contrapontos em jornais, vão às crônicas do diário público, organizam-se em sociedades hebraicas e lutaram uma boa guerra por conta disso. Vão prêmios Jaldá, Passo Fundo, Portugal Telecom.

— Para o autor, em blogs entram nessa dinâmica. — Há coisas excelentes em blogs. O problema é que, antes de ir, as pessoas erravam noções. Exatidão é preciso. Hoje erra e acerta não é julgado em público, quase instantaneamente. ■

Guitarra



REDAÇÃO ON

Em uma fusão bombástica de música brasileira, jazz e folclore sul-americano, que leva inspiração popular, o compositor, guitarrista, arranjador e violonista Alegre Corrêa realizou criações e interpretações de alto teor melódico, técnico e rítmico raras ao público que lotava a

lona principal na terceira noite da Jornada de Literatura.

A música que inspira e está presente há anos na vida desse passo-fundense encantou a plateia. Reconhecido mundialmente como um dos mais conceituados músicos da atualidade, carrega consigo uma grande bagagem cultural. Alegre Corrêa está em Viena

desde 1988, onde constrói uma carreira de muito sucesso, já tendo lançado nove CDs instrumentais. É também guitarrista titular da Viena Art Orchestra, a mais criativa big band da Europa. Integrante da nova formação do Zavaloni, já dividiu o palco com João Gilberto, na Ópera de Viena, e também com Renato Borghetti, no Fergy e Boss Jazz Club. Em 2003 foi eleito Melhor do Ano na Áustria, premiação entregue em Viena. Conquistou o prêmio Hans Keller Preis na categoria Melhor Álbum Instrumental (um dos prêmios mais importantes da Áustria) com o seu disco Mauve. E agora voltou a Passo Fundo para participar de um dos maiores eventos culturais do sul do país. Confira a entrevista.

O Nacional - Como você se sente ao voltar para Passo Fundo e de participar de um evento tão importante para a cultura brasileira e gaúcha como é a Jornada?

Alegre Corrêa - É emocionante, fico muito feliz. Toda a cidade deve estar feliz por ter um evento cultural tão forte e impor-

Com um talento inegável, o passo-fundense Alegre Corrêa emocionou a plateia com uma interpretação perfeita de música instrumental

& emoção

tante como é a Jornada, principalmente em uma cidade que teria tendências a ter coisas mais tradicionalistas, porque Passo Fundo sempre foi tradicionalista. E ter um evento cultural maravilhoso como esse é muito importante. Realmente fico muito feliz.

ON - Qual a relação da música com a literatura?

AC - A música e as palavras sempre foram muito unidas, mesmo que a música seja instrumental, ela tem uma história. Essa história as pessoas imaginam de acordo com aquilo que pensam e desejam no momento. Eu acho que a música instrumental em si é como um livro, do qual é possível imaginar várias coisas. A música e os poemas musicados já têm um tom mais direcionado. Eu acho que a união da música com a palavra é a coisa mais perfeita que existe.

ON - Como é possível ler a música?

AC - Bem, a música instrumental, ou qualquer música, por exemplo, se você escuta uma

música de uma língua que você não entende, ela vai te levar a algum lugar. Então essa história que você vive, você mesmo cria as palavras necessárias para a sua própria história.

ON - Qual o estilo musical que você gosta mais de ouvir?

AC - Não escuto música já há muitos anos. Eu não tenho CD, nem CD player. Eu escuto discos dos meus amigos, uma vez pelo menos. Mas eu não escuto música, porque acredito que o músico deve deixar um espaço aberto para poder ouvir a música interna, aquela música que você escuta no som da natureza, no som dos passarinhos, no som dos carros, essa música que, se você deixa espaço para isso, você acaba ouvindo muita coisa. Mas, como músico, você tem obrigação de se voltar mais para dentro de si do que pegar elementos de fora, porque assim é mais fácil de criar um estilo, de encontrar o seu estilo, e isso não é só para a música, quanto mais você olhar para dentro de si, mais você escuta as coisas com o universo.

Click



Literatura.

Grandes escritores se encontram de hoje a sexta-feira na 12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS). Com o tema *Leitura da Arte & Arte da Leitura*, o evento reúne nomes como Milton Hatoum (foto), Marina Colasanti, Ziraldo, Luiz Ruffato, José Roberto Torero, o argentino Néstor García Canclini, o cubano Reinaldo Montero, o francês Ronan Priigent e outros.

Jornada incentiva leitura do conhecimento do mundo

Durante cinco dias, evento de P. Fundo ensinou a milenar arte do conhecimento por meio dos livros

Paulo Mendes
A 12ª Jornada Nacional de Literatura, que chegou ao fim ontem à noite em Passo Fundo, cumpriu de forma magistral seu propósito deste ano, o de estimular a leitura da arte através do conhecimento do mundo. "Não basta apenas ler, é preciso saber ler e assim conhecer a si próprio e todas as coisas que nos rodeiam", ensinou o bibliófilo José Mindlin, de 92 anos, que na noite de quinta-feira recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Passo Fundo. Durante os debates concentrados no palco do Circo da Cultura, cujos temas foram "Arte da leitura", "Arte e entretenimento", "Arte, moral e erotismo", "Arte, mídia e hipermedia" e "Arte de rua", com a presença de escritores e artistas de todas as áreas, os participantes tiveram um amplo leque de ideias sobre as novas formas de leitura. Primeiro, a necessidade de se ler de forma básica em meio ao crescimento exagerado de novas mídias. Segundo, que é preciso saber



Orquestra do SesoRS fez o espetáculo de encerramento, separar o que é literatura do que é apenas informação, muitas vezes desnecessária.

Os seminários específicos contribuíram para aprofundar questões sobre o patrimônio cultural. O Encontro Estadual de Escritores, coordenado

por Luis Augusto Fischer, reuniu autores gaúchos que discutiram aspectos da literatura contemporânea produzida no Estado. Até o uso dos pronomes tu e você no texto literário foi abordado. Os escritores do Rio Grande do Sul falaram também da importância de construir uma obra que alcance a universalidade, mesmo tendo o sotaque e as características regionais. Como a magistral frase do russo Tolstói, "carre a tua aldeia e serás universal".

Se o livro foi a grande vedete da Jornada, a festa das letras foi marcada pela presença de músicos, atores, cartunistas, fotógrafos, jornalistas, caricaturistas, dançarinos, cantores, pintores e até estilistas de moda. Sem falar na presença marcante das crianças. Os imortais da Academia Brasileira de Letras revisitaram os esquecidos clássicos da literatura brasileira, obras do século XIX e renovaram o enfoque e as visões. "Tem autores que sempre serão modernos", disse o presidente da ABL, Marcos Vilaça.

Debate literário com alegria na Jornadinha

Os quatro dias da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura foram marcados pelo debate literário, num clima de alegria e descontração entre escritores e estudantes. O ambiente no Circo da Cultura mais parecia um verdadeiro playground, com pa-

lhaços, dirigidos, música e dança de prata. O grupo de teatro paulista XPTO, o Gato Gal-Leu e o poeta autôntico intitulado brincadeira, Mário Pirata, foram as atrações à parte.

A Jornadinha teve debates sérios com escritores e poetas, nos quais os alunos não se limitaram a ouvir ou fazer perguntas. Otávio Muxfeldt Arns, 10 anos, por exemplo, deixou a timidez de lado numa conversa com a escritora Leusa Araújo e pediu para declamar uma poesia que havia feito em homenagem à sua mãe. Declamou e foi muito

palavaleio. O pequeno Otávio, residente em Ijuí, acabou virando celebridade, com direito a conceder autógrafos. O escritor e cartunista Zairão, grande xodó da garotada, disse que sonha com um Brasil de muitos leitores. Marina Colassanti assegurou que nunca viu tantas crianças juntas falando sobre livros.

A coordenadora-geral das Jornadas Literárias, Tânia Rösing, frisou que as crianças e os jovens que participaram da 4ª edição da Jornadinha de Literatura eram privilegiados, mas lamentou os excluídos do mundo das letras. A frente de um coro com mais de 3 mil vozes presentes no Circo da Cultura, ela mandou um recado à Brasília: "Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos mais leitores no Brasil".



Artistas divertiram pequenos leitores no Circo da Cultura



Tania já pensa nas inovações para 2009

A coordenadora-geral das Jornadas Literárias, Tânia Rösing, disse, ao avaliar a 12ª Jornada Nacional de Literatura, que já pensa em inovações para a próxima edição. Prevê que o evento pode crescer, não em número de pessoas, mas em atividades paralelas. Afinal, no entanto, que a preocupação maior é manter a qualidade do evento.

Para Tânia Rösing, após devolvidas permanentemente, além do tema escolhido - Leitura da Arte & Arte da Leitura - abrangendo desde os clássicos até a arte popular, garantiram o sucesso desta edição da Jornada. Ela prevê que na próxima semana, depois dos relatórios finais, já se iniciam os preparativos à 13ª Jornada Nacional de Literatura, que deve ocorrer em 2009. Segundo ela, já é grande a lista dos autores que querem participar da próxima edição.

Atores divertem público infantil

A programação da 12ª Jornada Nacional de Literatura, além dos debates literários, conversas com escritores, sessões de autógrafos e shows, oferece uma série de atividades alternativas, que encantam em especial o público infantil. É o caso das apresentações do grupo Os Invasores -Poesias ao pé do Ouvido. Durante todo o período de realização do evento, no intervalo para o almoço, atores do grupo transformarão suas tendas, armadas ao lado da praça da alimentação, no centro das atenções das crianças, que estão participando da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura. Com músicas e cantoria improvisada, os atores interagem e arrancam gargalhadas dos pequenos espectadores, num espetáculo popular, gratuito, alegre e descontraído.

TIAGO LERMEN / ESPECIAL / CP



Espectáculo gratuito acontece nos intervalos para almoço

O grupo Os Invasores-Poesias ao pé do Ouvido ganhou o Prêmio Palco Habitasul de Melhor Montagem em 2006. Agora, está conquistando o público da Jornadinha. Nessa quarta-feira, a apresentação atraiu também expressivo número de adultos. As crianças posaram para fotos junto com os pais e os atores.

AUSÊNCIA — O músico Elomar Figueira de Melo está hospitalizado em Porto Alegre e não poderá se apresentar na 12ª Jornada Nacional de Literatura. O espetáculo "Res concertant" será apresentado hoje, às 21h, no Palco dos Debates, sob o comando de seu filho João Omar de Carvalho Melo. O baiano Elomar, cantor e violero, seria um dos destaques da Jornada Literária.